

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Programa de Pós-Graduação em História Social

Maria Elizabeth Cosmo Melo

O Pão (1892-1896)
Amor e trabalho nas fornadas da sociedade artístico-literária
Padaria Espiritual:
O engajamento da irreverência cearense em uma proposta lúdico-literária

Mestrado em História

São Paulo
2021

Maria Elizabeth Cosmo Melo

O Pão (1892-1896)

Amor e trabalho nas fornadas da sociedade artístico-literária

Padaria Espiritual:

O engajamento da irreverência cearense em uma proposta lúdico-literária

Mestrado em História

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em História, sob a orientação da Profa., Dra. Vera Lúcia Vieira.

São Paulo

2021

Banca Examinadora

O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil. Processo: 134054/2019-9 e da CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Processo: 88887.313624/2019-00.

Dedico este trabalho às minhas eternas precisões:

A Francisco Melo Junior, pelo amor de segurar a minha mão nos bons e nos maus caminhos.

Aos meus pais Antônio Cosmo e Maria Eloina Ricardo, por terem me dado as possibilidades do caminho.

Aos meus irmãos, por brincarem comigo durante o caminho.

Ao meu filho Arthur Cosmo Melo, por me fazer ser criança na seriedade do caminho.

AGRADECIMENTOS

A gratidão é a memória do coração!

Sem o apoio da Capes e CNPQ este trabalho não seria possível! Obrigada!

Tal como uma festa da colheita onde muitas pessoas trabalham e cantam celebrando a vida que se renova com a fartura do alimento, eu pretendo reunir aqui todos aqueles que me ajudaram a juntar as forças necessárias para que esta pesquisa fosse possível.

Sucede que o florescimento do trabalho se deu durante uma tempestade, e isso fez o sabor deste alimento mais rico ainda. Este trabalho foi desenvolvido durante a luta da autora contra um câncer em meio a uma pandemia, assim exigiu do produtor e dos coletores que a ajudaram sempre com apoio incentivador e leituras uma descomunal perseverança.

Agradeço primeiramente a minha orientadora Vera Lucia Vieira, que me confortou e me incentivou desde a primeira linha e me manteve incentivada a escrever mesmo em maio, ao furacão da doença, plantou em mim a semente rica do trabalho difícil e prazeroso da pesquisa.

Agradeço aos professores José Lucio Menezes e Yvone Dias Avelino pela leitura atenta e as sugestões precisas, que me levaram a arar a terra para sustentar uma pesquisa forte.

Agradeço as dicas e sugestões de sempre do professor Claudinei Cassio Rezende pois foi ele a colocar adubo na terra ainda inculta e natural, sendo meu primeiro orientador nos anos de especialização.

Agradeço a Professora Maria do Rosário Peixoto, Antônio Pedro Tota, Luiz A. Dias, Carla Longhi e Estefânia Knotz pela rigorosidade das conversas e a importância do método histórico, arrancando ervas daninhas que se formam e dispersavam minha alma virgem de pesquisadora.

Agradeço ao programa de Pós-graduação em História da PUC-SP e em especial ao secretário William Fernando nas resoluções e apoio a toda necessidade de ordem burocrática.

Agradeço a leitura atenta de Breno Amparo e Bruna Oliveira, sempre separando boas e más possibilidades de sementes.

Agradeço aos meus amigos que estiveram nos cafés felizes e fartos da PUC-SP e me ajudaram a plantar as hortas de grandes aprendizados: Sharley Cunha, Alex Santos, Cibele Fabichak, Cintia Moller, Elizabeth Mitiko, Beatriz Guarnieri, Thiago Wesley, Dani Preta, Felipe Cação, Marina Celestino, Suelen Girote, Renata Cotrim e tantos amigos que a jogaram sementes em meu solo.

Durante todo o inverno, quando foi difícil manter minha alma alimentada, me deram o pouco que tinham com sua amizade próspera Vanessa Goulart e Eduardo Tavolaro.

E em meio à escassez de esperança regaram minha vida com a água benta do companheirismo Juliana Monteiro, Caroline Weeden, Adriana Santos, Shaiene Carvalho, Alessandra Chelest.

À minha família, que me mostrou o valor de raízes fortes e preparadas para grandes furacões.

Agradeço ainda ao meu médico oncologista Noam Fabel Pondé que, provavelmente por ser filho de filósofo, me deu uma alternativa humanizada de lidar com a doença. Me mostrou o lado lúdico da situação e por muitas vezes, mesmo sem imaginar, me fez forte, pois me deu as piores notícias com os melhores sorrisos brincalhões.

Agradeço sempre a Deus, seja lá a forma como ele se apresenta na magia cotidiana das coisas. E vamos à festa!

*“Tome cuidado com o vazio, de
uma vida ocupada demais”*

Sócrates

(...) O edifício da Padaria achava-se embandeirado e adornado de festões de flores naturais e retratos de celebridades artísticas. Tocava nos intervalos banda de música do Batalhão de Segurança do Ceará. Acabou-se a fornada às 8 ½ da noite. Depois de retirarem-se os cidadãos ignaros, serviu-se cerveja aos Padeiros que fizeram espírito até 10 da noite. Todos saíram então à rua acompanhados de violinos, flautas e violão, e dirigiram-se em serenata ao Café Tristão onde tomaram café. Percorreram diversas ruas e chegaram afinal à Avenida Ferreira, onde cada qual tomou seu rumo. E foi assim que realizou-se a primeira fornada da Padaria Espiritual.

Eu, Frivolino Catavento, que o digo, é porque o vi.

Forno da Padaria Espiritual no dia
30 de maio de 1892

RESUMO

Esta dissertação versa sobre a importância do ócio como atividade produtiva capaz de realizar as potencialidades inerentes ao ser humano, conforme expresso nos escritos do jornal O Pão, editado de 1892 a 1896. Os autores deste jornal, os “padeiros-escretores” intitulavam-se homens das artes e das letras e criaram o grupo Padaria Espiritual com o objetivo de sacudir o ambiente provinciano cheio de retórica de Fortaleza no final do século XIX, e ambicionaram repercutir para além do Ceará. A proposta era levar o pão de espírito para as pessoas em geral, e para isso, percorreram as praças e ruas da cidade e do interior do seu Estado, misturando-se e somando-se aos demais, valendo-se para isso de uma proposta lúdico-literária. A pesquisa se ampara nas evidências contidas nos textos do jornal O Pão, a partir da análise imanente das fontes. Neste sentido, o jornal foi catalogado e suas categorias foram agrupadas de acordo com suas especificidades, ramificando as subjetividades dos escritos por toda a pesquisa, mesclando os mais variados gêneros de texto e estilos literários. E assim, promover uma discussão interdisciplinar.

Entendemos que o grupo se propôs a uma missão didática pois ao mesmo tempo que alarmavam sobre os problemas sociais e políticos vividos em um meio desumano, buscavam um resgate ao espírito e a importância das relações de amor e amizade que estavam sendo perdidas. A contragosto ou não, tiveram que embarcar no trem da modernidade, e envoltos na sedução das novidades, almejaram idealizar um mundo e um trabalho em que pudessem se encontrar como indivíduos.

PALAVRAS-CHAVE: O Pão; Padaria Espiritual; Lúdico; Ócio; leitura; Ceará XIX.

ABSTRACT

This dissertation talks about the importance of idleness as a productive activity capable of performing the potencial inherent in the human being, according to writings in the newspaper O Pão, edited between 1892 and 1896. The authors of this newspaper, the “baker-writers” called themselves men of the arts and the letters and created the group called Padaria Espiritual aiming to shake the provincial environment full of rhetoric of Fortaleza in the end of the XIX century, and ambitioned to resonate beyond Ceará.

The proposal was to take the bread of the spirit to everyone in general, and for that, went through squares and streets of the city and the interior of the state, mixing and adding up with everyone else, using a playful and literary proposal. The research supports itself in evidences found on the paper O Pão, from the immanent analysis of the sources. In that sense, the paper was cataloged and its categories were classified according to its specificities, spreading the writing subjectivities along the research, uniting the various genres of text and literary styles. In that way, promoting an interdisciplinary discussion. We understand that the group proposed themselves with a didactic mission because, at the same time they were loud about social and political issues experienced in an inhumane environment, they sought to rescue the spirit and the importance of love and friendship relations, that were being lost. Unwillingly or not, they had to board the modernity train, and wrapped around the seduction of new things, they longed for idealizing a world and a type of work in which they could find themselves as individuals.

KEYWORDS: O Pão; Spiritual Bakery; Ludic; Idleness; Lecture; Ceará XIX.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Embarque de algodão no porto de Fortaleza nas primeiras décadas do século XX.....	37
Figura 2 - As ruas se enchiam de sobrados, palacetes e mansões que harmonizavam com os aparatos da modernidade, possíveis apenas a uma parcela bem ínfima da sociedade. Foto da Rua Major Fecundo fachada Hotel de France.....	38
Figura 3 - Membros da Academia Francesa, entre eles o historiador cearense João Capistrano Honório de Abreu, na Academia Cearense de Letras.....	41
Figura 4 – Capa do jornal A Quinzena, órgão do grupo Clube Literário. Edição fac-similar No. 2, publicada em 30 de Janeiro de 1887.....	44
Figura 5 - A primeira fase da Padaria Espiritual com Antônio Sales no centro, sentado em pose de chapéu, disposto a fazer das letras “uma coisa diferente, que sacudisse”.....	47
Figura 6 - A Padaria Espiritual em sua segunda fase, com Rodolfo Teófilo ao centro expressando ser um líder disposto a uma forma de arte mais engajada nos problemas da seca.....	48
Figura 7 – Estandarte original da Padaria Espiritual, em exposição no museu do Ceará.....	49
Figura 8 – Capa do programa de instalação da Padaria, enviado e publicado nos principais jornais do Brasil. Foto do exemplar enviado a Olavo Bilac.....	51
Figura 9 – Fac-similar da do jornal O Pão, número 1, primeira fase, publicado em 10 de julho de 1892.....	55
Figura 10 – Fac-similar do jornal O Pão publicado em 01 de janeiro de 1895, segunda fase, com mais textos e autores.....	56
Figura 11 - Fac-similar da edição n. 7, publicada em 01 de janeiro de 1895. Na foto, vemos os anúncios que se iniciaram a partir da segunda fase do jornal.....	58
Figura 12 - O Café Java, de Manuel Pereira dos Santos (Mané Côco), na Praça do Ferreira, onde nasceu a ideia da Padaria Espiritual.....	61
Figura 13 - Uma vacina sem revolta possível com a missão de letras do Padeiro Rodolfo Teófilo.....	68
Figura 14 - Foto das primeiras décadas do sec. XX do Clube Iracema. Criado em 1884 como opção de lazer “democrática” contra o elitista Clube Cearense.....	76

Figura 15 - Primeiro plano Passeio Público	79
Figura 16 - Fortaleza e sua campanha de alinhamento social e cartográfico. Planta da cidade de Fortaleza e subúrbios por Adolfo Herbster, 1875.....	81
Figuras 17, 18 e 19 - Da imponente catedral metropolitana da Sé, com influência Gótica na capital Fortaleza aos pequenos vilarejos nos confins cearenses a presença da Igreja e o poder dos Padres são marcantes na sociedade.....	92-93
Figura 20 - Como podemos observar, o estado era tomado de grande número de nações indígenas. No Ceará essa herança se faz presente através dos seus sinais materiais na sociedade (rede, tapioca, pilão, cuias), como também podemos observar as cidades que hoje levam os nomes originários dos aldeamentos jesuíticos: Caucaia, Icó, Crateús, Canindé, Pacajús, Cariri, Aracati.....	95
Figura 21 – Homenagem dos amigos Padeiros a X. de Castro, uma edição toda dedicada à sua memória, com muita poesia.....	109
Figura 22 - Um exemplo de Ata, em forma de comunicado para o “cidadão governador” exigindo a alteração dos horários da biblioteca. Nota-se na parte superior o símbolo da associação uma pena e um ramo de trigo cortados, ao lado o cabeçalho jocoso do documento “Forno da Padaria Espiritual no dia de ...”.....	115
Figura 23 - Membros do Centro Literário, surgida após dissidência da Padaria Espiritual, fundada pelos ex-padeiros Álvaro Martins e Temístocles Machado.....	119
Figura 24 - Foto do bloco Maracatu Az de Ouro.....	121
Figura 25 – Antônio Sales em seu gabinete.	129
Figura 26 - Livio Barreto, o jovem poeta simbolista movido por a arte das paixões.....	133
Figura 27 – o Padeiro Honorário Juvenal Galeno aos 92 anos de idade ao lado da esposa, ditando uma de suas últimas produções a filha. O também padeiro Antônio Sales considerava o escritor como o criador da poesia popular brasileira.....	150
Figuras 28 e 29 – Fachada da casa de Juvenal Galeno construída em 1888 e que foi transformada em sede Cultural de eventos em 1919. Hoje a casa é tombada patrimônio cultural, e abriga museu, biblioteca, editora e salões para eventos literários e culturais.	151
Figura 30 - Divulgação da cajuína do Padeiro Rodolfo Teófilo, com explicação científica do método desenvolvido pelo farmacêutico.....	164
Figura 31 - Os contrastes de uma vida refletidos na arte. Obra: Água . Ceará. Óleo de João José Rescale. Museu Nacional de Belas Artes.....	176
Figura 32 - Visões possíveis da luta pelo O Pão, seja ele do corpo ou do Espírito. Obra: Leitura de Almeida Junior. Pinacoteca do Estado de São Paulo-SP.....	177

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1. DAS PRECISÕES DO ESPÍRITO: OS PRAZERES DA ALMA.....	35
1.1. PADARIA ESPIRITUAL E O PÃO DO ESPÍRITO, VOCÊ TEM FOME DO QUE?.....	36
1.2. TRANSFORMAÇÕES, CIDADE E O LAZER.....	60
CAPÍTULO 2. DAS PRECISÕES DA VIDA: LÚDICO OU PRAGMÁTICO, VARIAÇÕES ENTRE ARRUMAR A VIDA OU ARRUMAR UMA VIDA	84
2.1. TRABALHO LÚDICO: O FERMENTO DA MASSA D'O'PÃO.....	85
2.2. BRINCAR, JOGAR E BRIGAR RECHEIOS DA MESMA MASSA.....	101
2.3. O PADEIRO UM BUFÃO, CARNAVALIZAÇÃO PARA A VIDA!.....	119
2.4. O PADEIRO TRISTE: LUCAS BIZARRO, UM PIERRÔ.....	130
CAPÍTULO 3. DAS PRECISÕES DAS LETRAS: MASSA AZEDA, PÃO DOCE! A OBRA NOSSA DE CADA DIA, ÓCIO FELICIDADE DO ESPÍRITO.....	137
3.1. TRABALHO E LEITURA A FELICIDADE DO ÓCIO.....	137
3.2. ENTRE O ÓCIO, TRABALHO PARA A VIDA E TRABALHO, NECESSIDADE IMPOSTA PELA VIDA.....	161
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	178
FONTES.....	184
BIBLIOGRAFIA.....	210
ACESSO ELETRÔNICO.....	220

INTRODUÇÃO

“A literatura, como toda arte, é uma confissão de que a vida não basta”¹

Fernando Pessoa

Todo estudo, fruto de uma pesquisa histórica, tem por objetivo contar uma pequena parte da História, trazendo nova vida aos rastros e representações sociais de uma época e, em sua maioria, essas pesquisas nascem costuradas à uma narrativa pessoal, e tal como uma grande colcha de retalhos, se finalizarão em uma peça maior.² Esses trabalhos são alinhados a uma trama na qual devem andar juntos e no mesmo sentido o documento, o método e o argumento. Seguiu-se, nesta dissertação, um ponto forte de zigue-zague, tal como um sobe e desce próprio da vida, tecendo esta costura histórica que agora apresento.

Ter oportunidade de escrever este estudo histórico cerziu minha alma, saturando com camadas de novos tecidos os sentidos da minha existência. Questões como identidade, os porquês do ficar ou partir e até mesmo sentidos para uma nova luta se amarraram dentro de mim. Dessa forma, eu, cearense, vivendo em São Paulo por força das migrações compulsórias tão comuns à população nordestina, sentia-me

¹ “Erostratus” In: PESSOA, Fernando. **Páginas de Estética e de Teoria Literárias**. Lisboa: Ática, 1966. p. 285.

² Amparada nos estudos do escritor Umberto Eco, em “Como se faz uma tese”, expresso neste trabalho o envolvimento pessoal com o tema relatando as experiências que emergiram a este estudo no corpo da dissertação, assumindo-se assim trabalhar com o tema em que se tem afinidade. Além dessa colocação, também cita o autor: “Se escolheu um tema que lhe interessa, se decidiu dedicar realmente à tese, o período, mesmo curto, que lhe foi prefixado (sugerimos um limite mínimo de seis meses), verá agora que a tese pode ser vivida como um jogo, como uma aposta, como uma caça ao tesouro”. Ver mais em: ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 22ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2009. pp. 7-32, p. 173.

perdida entre as repetições de “grandes não lugares” nos quais me sentia vivendo, em meio à Terra da Luz³ e a Terra da Garoa.⁴

A pesquisa, além de outras feridas, costurou rasgos em mim e o principal deles foi entender que não serei a paulistana, às vezes amando, às vezes odiando viver nesta “Pauliceia”,⁵ tão pouco serei a cearense encantada com o lugar em curtos períodos de férias. Contudo, tal realização me fez reconhecer, existir, e reviver de forma crítica essas memórias e histórias de um lugar com o qual me identifico, mas nunca vivi.

Obter um interim histórico no qual separamos realidade e saudosismo nos faz passar a limpo nossa existência, nos tornando críticos e conhecedores da nossa realidade e a entendendo como um todo. Se a Literatura nos remete a momentos que nem ao menos vivemos, a História nos mostra a verdade entre essas fantasias da lembrança. Dessa forma, escolhi a literatura que, ao mesmo tempo, é arte e história para dialogar com essa forma de perceber as coisas reais de um mundo fantasioso.⁶ A literatura cearense é minha escolha para entender este caminho histórico, e assim rememorando Casimiro de Abreu (1839-1860) quando canta sua terra:

Todos cantam sua terra,
Também vou cantar a minha,
Nas débeis cordas da lira
Hei de fazê-la rainha⁷

Antes de prosseguir nos motivos desta dissertação, é certo afirmar que um fascínio me trouxe até aqui: os livros. E foi graças ao amor e sentir literário que foram

³ O epíteto “Terra da Luz”, terra da liberdade é uma homenagem ao abolicionista José do Patrocínio ao estado do Ceará, por ter sido o primeiro estado brasileiro a libertar seus escravos em 1884. MENEZES, Djacir. Debate sobre o abolicionismo cearense. **Revista do Instituto do Ceará**, 1967. Disponível em: <http://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1967/1967-DebatesobreAbolicionismoCearense.pdf> Acesso em: 23 out. 2020.

⁴ Me referindo na forma de trocadilho, cito a cidade de São Paulo por um de seus apelidos famosos, ligando à frase o conceito de um não lugar. O termo é cunhado pelo antropólogo francês Marc Augé, apropriando-me aqui do sentido essencial deste estudo, reflito sobre o esvaziamento do significado aos espaços que um indivíduo utiliza sem sentir o pertencimento ou a ligação ao local. Ver mais em: SÁ, T. Lugares e não lugares em Marc Augé. **Tempo Social**, 26(2), pp. 209-229, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702014000200012>. Acesso em: 10 mar. 2020.

⁵ Pauliceia, apelido da cidade de São Paulo, herdado da obra modernista de Mário de Andrade, poemas escritos em um cenário de mudanças da capital que abandonava sua paisagem natural e se tornava cada vez mais urbana. Ver mais em: ANDRADE, Mário de. **Paulicéia Desvairada**. São Paulo: Novo Século Editora, 2017.

⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Este mundo verdadeiro das coisas de mentira: entre a arte e a história. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n. 30, 2002, pp. 56-75. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2176/1315>. Acesso em: 20 dez. 2020.

⁷ Do livro As primaveras 1859. Poema integrante da série I. In: ABREU, Casimiro de. **Grandes poetas românticos do Brasil**. v. 1. São Paulo: LEP, 1959.

possíveis as superações e as descobertas desta pesquisa através dos sentidos que expressam meu objeto de estudo, descritos com a divisa Amor e Trabalho.

A paixão por leitura se originou, acredito eu, da minha vontade de entender este meu não-lugar,⁸ e me fez desde muito nova ir ao encontro dos livros. Esses, para mim, sempre foram sinônimos de aventura e fascínio, e assim escolhi as bibliotecas de bairro como um dos meus lugares favoritos no mundo, sendo suas estantes espécies de portais literários a me levarem muito além de onde realmente poderia ir. Os professores dos anos iniciais me incentivaram a entrar no mundo da leitura em um tempo no qual as aventuras da série Vagalume⁹ faziam a cabeça aventureira de muitas crianças e jovens, a década dos anos 1980. Clássicos como “A ilha perdida”¹⁰ ou “O escaravelho do diabo”,¹¹ por exemplo, dominavam nossa imaginação e moldaram não só a minha, mas, a cabeça de, pelo menos, três gerações de leitores. Durante a adolescência, as literaturas clássicas nacionais tomaram o lugar das grandes aventuras e encheram meu universo de discussões, desse modo me deparei com o grande enigma que vez ou outra permearia meu inconsciente: o que fez os olhos dissimulados de Capitu e, afinal, traiu ou não traiu?¹²

Ávida por literatura, morando em um cortiço - tipo de moradia comum a muitos migrantes nordestinos nas décadas de 1980 - no bairro da Mooca, pude me perceber e identificar as permanências da confusão social que era aquele amontoado de casas onde eu vivia. Reconheci no nosso proprietário um típico quitandeiro, tal qual João Romão, personagem de “O cortiço”, ambos portugueses e ambiciosos, que lucravam de todas as formas possíveis. O autor Aluísio de Azevedo deu voz à diversidade de

⁸ A teoria do “não lugar” consiste no oposto de lar ou lugar não personalizado, se caracteriza como espaços de passagem onde não mantemos conexão, esta teoria busca a resignificação dos lugares públicos através de integração local e uso com mais significado. Aqui me aproprio da ideia desta teoria expressando um não pertencimento. Ver mais em: AUGE, Marc. **Não Lugares**. São Paulo: Papirus, 2017.

⁹ Aqueles que passaram pelos bancos escolares brasileiros nas décadas de 1970, 1980 e 1990, possivelmente possuíram, pelo menos, um título da série Vagalume. O sucesso da coleção era o baixo preço dos seus exemplares, assim, as altas tiragens facilitaram a adoção escolar. Com um roteiro com questões, era geralmente usado nos trabalhos e provas escolares. SANTO, Rodrigo Espírito. Coleção Vaga-Lume: a curiosa história de um sucesso nostálgico. **Estante Virtual**. Disponível em: <https://blog.estantevirtual.com.br/2015/09/14/colecao-vaga-lume-a-curiosa-historia-de-um-sucesso-nostalgico/> Acesso em: 15 mai. 2020.

¹⁰ DUPRE, Maria Jose. **A ilha perdida**. São Paulo: Ática, 1979.

¹¹ ALMEIDA, Lucia Machado de. **O escaravelho do diabo**. São Paulo: Ática, 1974.

¹² “Olhos de cigana oblíqua e dissimulada”, assim se referiu José Dias, um dos personagens de Dom Casmurro, à jovem Capitu, que carregou a eterna dúvida da paternidade de seu filho, bem como a suposta traição a Bentinho. Machado de Assis publica “Dom Casmurro” em 1899, ambientado no Rio de Janeiro do Segundo Império. Veja mais: ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1992.

gênero, às classes sociais e às patologias humanas em seu, ou melhor, em nosso cortiço.¹³ A cidade de São Paulo descrita de “As Meninas”¹⁴ é a minha favorita. Me vi na personagem Lia, a nordestina que veio para a cidade estudar e se envolve com a luta armada. Os sofrimentos de ver seus amigos torturados me abalaram, e os horrores da ditadura que ela viveu perpassaram minha vida, gerando memórias de uma mulher revolucionária que só vivi através de Lygia Fagundes Telles.

O casal Zélia e seu Amado (literalmente e redundantemente me expressando aqui), me explicaram, mesmo de formas diferentes, sobre “comunidades anarquistas”. Comunidades que possuem suas próprias regras de luta e resistência, seja nas areias de Salvador ou nos primeiros bairros paulistanos. Olhos vigilantes nas cidades que não dormem, seja na grande São Paulo em transformação ou na cidade baixa dos capitães da areia.¹⁵ Em poucas palavras, Mário de Andrade ajudou-me em uma pontinha de dor que se arrastava desde a infância, a predileção sutil na qual os pais lançam os filhos, propositalmente ou não, e assim compreendi e aceitei. Aquele pequeno rancor escondido de não ser a “filha favorita”, coisas que só quem ama intransitivamente entende: “são sempre assim os pais: quando as esperanças se projetam sobre um filho, o resto são sombras mal reparadas. Que vivam, e Deus os abençoe! Amém.”¹⁶

Às vezes, ao observar um bichano a cochilar espalhado pelo chão, me ponho a imaginar seus sonhos e, graças a descrição magistral de Graciliano Ramos, me ponho a pensar em Baleia e seus desejos de um céu farto de gordos preás. Aquela descrição nunca esgotará em minha mente as sensações do que se trata a fartura e a escassez. Não vivi a dor da necessidade, contudo, essas sensibilidades foram partilhadas em uma casa com quatro crianças, como foi a minha. Isso me faz, até

¹³ Considerada uma das obras mais marcantes do naturalismo brasileiro, o livro tem como cenário um conjunto de habitações. O romance é amparado na tese que explica o comportamento de seus moradores segundo a influência do meio, o determinismo social. O autor discute temas sociais ainda hoje ácidos, temas históricos de raça, ficando claro na obra a visão científica realista e o rompimento com a idealização romântica. Veja mais em: AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1979.

¹⁴ Lygia Fagundes Telles (1923 -), paulista indicada ao prêmio Nobel de Literatura em 2016, umas das primeiras mulheres a formar-se bacharel em Direito no Brasil. No romance *As Meninas* (1973) a escritora ousa abordar temas ácidos do cotidiano de três estudantes na São Paulo de 1969, em meio a ditadura militar. Ver mais: TELLES, Lygia Fagundes. **As meninas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

¹⁵ Referência ao casal Jorge Amado (1912-2001) e Zélia Gattai (1916-2008) e aos livros: AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 e GATTAI, Zélia. **Anarquistas graças a Deus**. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

¹⁶ ANDRADE, Mário de. **Amar, Verbo intransitivo**. Barueri: Novo Século, 2017. p. 26.

hoje, refletir as não ditas palavras dos meus pais sobre as precisões de uma vida, além da quase compulsão por fazer questão de ter uma mesa cheia de comida ou, quem sabe, apenas afastar as recordações de uma vida seca de amor, de falas, de oportunidades, de recursos.¹⁷

Estive de volta ao Ceará no romance “O quinze”,¹⁸ de Raquel de Queiroz, e confundi a personagem Dona Inicia com minha avó, fazendo sua novena das seis da tarde (a hora da Ave Maria), rezando para a chuva voltar a cair. Porém, ao crescer vendo os modernos mapas coloridos da seca do Nordeste no noticiário, quase um século depois da primeira edição desse livro, percebi que há um projeto para a situação da seca, um projeto arquitetado e com bases sólidas no longo descaso. Afinal, como cita o historiador Durval Muniz de Albuquerque Junior, a História da seca é a nossa história, é a biografia que se construiu sobre o discurso-imagético de atraso atribuído ao lugar e ao sujeito nordestino, fruto de uma fala construída por imagens e textos, colocando esse fenômeno climático como problema central dessa área, que chama a atenção dos grandes meios de comunicação:

O Nordeste é, em grande medida, filho das secas; produto imagético-discursivo de toda uma série de imagens e textos, produzidos a respeito deste fenômeno, desde que a grande seca de 1877 veio colocá-la como problema mais importante desta área. (...) é a seca que chama atenção dos veículos de comunicação, especialmente dos jornais do Sul do país.¹⁹

Muitos livros depois, em 2015, tive a oportunidade de morar na Colômbia, onde vivi meu sonho literário latino,²⁰ fui abraçada por cidades com cafeterias, História e livros sem fim. Certa vez, ao caminhar pelo centro da cidade de Bogotá, me deparei com uma enxurrada de velhas e novas livrarias, e não só isso, muitos vendedores ambulantes de livros também. Descobri com um deles que ele conseguiria “*cualquier*

¹⁷ O capítulo nono de Vida Secas, “Baleia”, é um dos mais emblemáticos da obra de Graciliano Ramos. No livro, a animalização do ser humano (zoomorfização) é marcante, principalmente, no personagem Fabiano, e a humanização do animal (antropomorfização) na cachorra Baleia que faz parte da família, sendo dela a narrativa mais humana de toda a obra. No contexto de sofrimento e de injustiças são apresentados os personagens. Todos revelados fisicamente derrotados pelo sol e moralmente humilhados pelas desigualdades sociais. Devido à falta de expectativa de vida, os sertanejos se submetem à uma rotina em busca da saída da miséria. Ver mais em: RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 63ª ed. São Paulo: Record, 1992.

¹⁸ QUEIROZ, Raquel de. **O Quinze**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2004.

¹⁹ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 28.

²⁰ QUIJANO, Aníbal. «*coloniality and modernity/rationality*». **Cultural Studies**, vol. 21, Issue 2-3: Globalization and the De-Colonial Option, pp. 168-178, 2007. Acesso em: 30 de novembro de 2020.

libro, nuevo o viejo”, me falou assim em tom baixinho, como se estivéssemos compartilhando um crime revolucionário-literário francês dos escritos de Robert Darnton.²¹ Quanto ao sonho literário latino, me refiro ao desejo de conhecer mais a fundo a literatura latino-americana. Acabamos não compartilhando essa experiência de identidade e pertencimento por estarmos atrelados à uma tradição de costumes e estudos ligados à uma massiva cultura de valorização europeia. Essas discussões são pertinentes à teoria da decolonialidade, que pode ser entendida como uma escola de pensamento utilizada essencialmente pelo movimento latino-americano emergente que tem como objetivo libertar a produção de conhecimento da episteme eurocêntrica. Criticando a suposta universalidade atribuída ao conhecimento ocidental e o predomínio da cultura ocidental, as perspectivas decoloniais veem essa hegemonia como sendo a base do imperialismo ocidental.

Abri meus olhos para uma língua, para outro mundo e pela primeira vez me senti realmente latina. Do amor à solidão, me vi em García Márquez,²² vivi o realismo mágico²³ que só nossa alma latina poderia criar. No diário de confissões da vida de Neruda,²⁴ me emocionei com seus últimos dias, enquanto Mario Benedetti²⁵ me fez questionar os relacionamentos humanos e a felicidade. Todavia, foi Eduardo Galeano,²⁶ com seu “Livro dos Abraços”, que me levou ao desejo de ir além da literatura e estudar História, impulsionada por uma obra na qual o autor entrelaça suas memórias às da América Latina, tratando a memória como algo vivo, nos mostrando que a história se escreve a partir de pequenos momentos:

²¹ Robert Darnton (1939 -), estadunidense especialista em história da França do século XVII um dos pioneiros nos estudos sobre história dos livros.

²² Gabriel García Márquez (1927-2014), escritor, jornalista, editor, ativista e político colombiano. Referência às obras: GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Amor nos tempos do cólera**. Rio de Janeiro: Record, 1986; GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Cem anos de Solidão**. Trad. Eliane Zagury. 17ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

²³ O surgimento da corrente literária denominada Realismo Mágico inicia-se no começo do século XX, também pode ser chamada Realismo Fantástico ou Realismo Maravilhoso (esse último assim conhecido na Espanha), mas é considerada uma característica própria da literatura latino-americana. Sua principal característica é unir o universo mágico à realidade, expondo elementos irreais ou incomuns como se fossem habituais e corriqueiros, os elementos mágicos são apresentados de forma intuitiva, ou seja, sem explicação. Ver: GARCÍA MÁRQUEZ, G. op. cit., 1976.

²⁴ Pablo Neruda, pseudônimo de Ricardo Eliécer Neftalí Reyes Basoalto, foi um poeta chileno, considerado um dos mais importantes poetas da língua castelhana do século XX. Referência à obra: NERUDA, Pablo. **Confesso que vivi**: Memórias. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

²⁵ Mario Benedetti (1920-2009) escritor e poeta uruguaio. Referência à obra: BENEDETTI, Mario. **A trégua**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

²⁶ Eduardo Hughes Galeano (1940-2015) jornalista e escritor uruguaio. Referência à obra: GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 1995.

Os funcionários não funcionam.
Os políticos falam, mas não dizem.
Os votantes votam, mas não escolhem.
Os meios de informação desinformam.
Os centros de ensino ensinam a ignorar.
Os juízes condenam as vítimas.
Os militares estão em guerra contra seus compatriotas
Os policiais não combatem o crime, porque estão ocupados
cometendo-os
As bancarrota são socializadas, os lucros são privatizados
O dinheiro é mais livre que as pessoas.
As pessoas estão a serviço das coisas²⁷

Ao retornar ao Brasil, compreendendo que o mundo literário abriu meu universo para muitos conhecimentos, deixei meu trabalho em uma grande instituição financeira e iniciei a especialização no curso de “História, Sociedade e Cultura” na PUC-SP. Entendi que o gosto mais profundo e real das discussões só poderia ser alcançado pesquisando, aprendendo e ensinando, ou seja, me unindo, de alguma forma, aos saberes da História. Essa ciência,²⁸ que deve ser problematizada e documentada, vai muito além da estética e liberdade de criação, cabendo ao historiador encontrar a melhor maneira e forma de como seu texto pode olhar e reconstruir o passado, mas nunca poderá inventá-lo. Assim, como afirma Roger Chartier, todo documento, seja ele literário ou de qualquer outro tipo, é representação do real que se apreende e não se pode desligar de sua realidade de texto construído. Assim, o documento é pautado em regras próprias de produção inerentes a cada gênero de escrita, do testemunho que, cria “um real” na própria “historicidade de sua produção e na intencionalidade da sua escrita”.²⁹

O crítico e historiador de literatura brasileira Alfredo Bosi também chama nossa atenção para nos atermos à busca da compreensão do tempo em que a obra foi forjada, e não tanto daquele que por vez se refere.³⁰ Quando recorremos à literatura

²⁷ Ibid., p. 129.

²⁸ Lima, Ana Paula dos Santos. História é ciência? Algumas considerações sobre teoria e metodologia. **Anais do XX Ciclo de estudos históricos**, 2009, Ilhéus. Disponível em: http://www.uesc.br/eventos/cicloshistoricos/anais/ana_paula_dos_santos_lima.pdf; PAYEN, Pascal. A constituição da história como ciência no século XIX e seus modelos antigos: fim de uma ilusão ou futuro de uma herança? **Revista História da Historiografia**, Ouro Preto, nº 6, março, 2011, pp. 103-122; AVELAR, Alexandre de Sá; BENTIVOGLIO, Julio. **Afirmção da história como ciência no século XX: De Arlette Farge a Robert Mandrou**. São Paulo: Ed. Vozes, 2016.

²⁹ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990. pp. 62-63.

³⁰ BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 176.

para produzir o conhecimento histórico, temos que refletir sobre ela, questionando, historicizando e interpretando-a, sempre a partir do tempo no qual ela foi criada, seja ela um conto, poesia ou romance. Dessa forma, aponta Sidney Chalhoub sobre os emaranhados de ler historicamente a sociedade nas entrelinhas da literatura:

a proposta é historicizar a obra literária, seja ela conto, crônica, poesia ou romance -, inseri-la no movimento da sociedade, investigar as suas redes de interlocução social, destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social – algo que faz mesmo ao negar fazê-lo.³¹

Assídua frequentadora de bibliotecas e livrarias, sempre com um livro nas mãos, me tornei mais crítica em relação à liberdade literária e o compromisso com a verdade histórica. Percebi que o mercado editorial estava repleto de publicações em torno do gênero literário denominado “romance de época”, e iniciei uma pesquisa com a pretensão de escrever um ensaio sobre as diferenças entre os chamados “romances de época” e “romances históricos”,³² e suas aplicabilidades para o ensino de História para adolescentes. Para compor esse ensaio, tomei por base duas obras de autoras em voga desses gêneros, o primeiro, “O Duque e Eu”, descrito como romance de época da escritora Julia Quinn,³³ e outro definido como ficção histórica, “A sociedade literária e a torta de casca de batatas”,³⁴ das autoras Mary Shaffer e Annie Barrows.

³¹ CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. Apresentação. In: _____ (org.) **A história contada: Capítulos da história social da literatura**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. pp. 7-13.

³² Os romances históricos surgiram no início do século XIX. Podemos entender que são obras ambientadas anterior a 1950, resgatar os hábitos, a linguagem, as leis e as estruturas político-sociais, econômicas, culturais e religiosas de determinado recorte ou época, com esse objetivo, os autores mesclam figuras reais e ficcionais em uma trama geralmente imaginária, respeitando a veracidade do contexto histórico. A primeira obra deste gênero foi Waverley, de 1814, escrita por Sir Walter Scott. *O romance de época é uma subcategoria deste gênero literário, não se prende a fatos históricos importantes, preocupando-se em mostrar como viviam e se comportava uma sociedade em um determinado tempo*, de simples compreensão costuma destacar e focar na história de amor de personagens centrais. No artigo O romance histórico ainda é possível? Permite a reflexão sobre a importância dos grandes romances históricos e a transformação do mercado editorial em torno deste tema. JAMESON, Fredric. O romance histórico ainda é possível? **Novos estudos CEBRAP**, n. 77, São Paulo, mar. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002007000100009&script=sci_arttext&tlng=pt Acesso em: 20 mai. 2020.

³³ Julia Quinn pseudônimo de Julie Pottinger, estadunidense (1970 -), começou a trabalhar em seu primeiro romance logo após sua graduação e mantém produção ininterrupta, vendeu mais 8 milhões de exemplares, sendo mais de 1 milhão só no Brasil. Seus romances já foram lançados em 29 países. Julia foi a autora mais jovem a ser incluída no Romance Writers of America's Hall of Fame, a Galeria da Fama dos Escritores Românticos dos Estados Unidos. Ver mais em: JULIA QUINN. **Editora Arqueiro**. <http://www.editoraarqueiro.com.br/autores/julia-quinn> Acesso em: 05 jan. 2019.

³⁴ O livro que depois viria a se tornar um filme, com o mesmo nome, romance das escritoras britânicas Mary Shaffer e Annie Barrows, sobre a ocupação alemã numa ilha britânica, escrito como pano de fundo no contexto da Segunda Guerra Mundial, mostra como o hábito da leitura através de um “clube

O segundo livro, contextualizado na Segunda Guerra Mundial, tem enredo simples, porém muito inspirador, entrelaçando os personagens através da criação de um clube de leitores e a resistência física e mental aos horrores relacionados à dominação nazista a partir da comunhão criada nos encontros de uma sociedade literária. Contudo, iniciada a pesquisa, sequer cheguei a concluí-la, pois interessei-me pelo tema das sociedades literárias abordadas no livro de Shaffer e Barrows, e acabei encontrando meu objeto geral e a temática para esta pesquisa de mestrado.

Hoje, percebo que a trama que direciona uma pesquisa se desdobra em muitos caminhos, e dessa forma a primeira pesquisa se transformou em outra, o que me possibilitou unir as paixões pela leitura e a aprendizagem através dela de forma lúdica, na minha busca de ser um ser social mais emancipado. Curiosamente, a frase que abre o livro e me inspirou, a princípio com a pretensão de um simples ensaio, parece ter vindo a mim de forma intuitiva, como a autora expressa: “Talvez haja algum instinto secreto nos livros que os leve aos seus leitores perfeitos. Se isso fosse verdade, seria encantador”.³⁵

No ano de 2018, conclui minha pós-graduação e conciliava minhas pesquisas com um negócio familiar. Tínhamos, eu e minha família, uma pequena padaria artesanal no bairro de Itaquera e, de certa forma, foi através da minha padaria que, inusitadamente, a “Padaria Espiritual” entrou em minha vida. A administração do negócio acabou se tornando insustentável por uma série de razões, e ao final da sociedade, com muitas desvantagens, perdas emocionais e financeiras, fiquei livre para seguir na área com a qual realmente me identificava: a docência e a pesquisa.

Justamente no dia em que assinei o contrato do fim da minha padaria, me coloquei a pesquisar os clubes literários e, ao entrar no banco de teses da PUC-SP - com a cabeça cheia e ainda lamentando o desfecho de todo este processo empreendedor - digitei erroneamente no campo de buscas “padaria literária”, ao invés de “sociedade literária” e, de forma inesperada, encontrei a minha verdadeira padaria, a “Espiritual”. Através da dissertação do historiador Gleudson Passos Cardoso sobre

de leitura” ajudou moradores a superarem seus problemas de isolamento humano, a fome e abusos na ascensão do Terceiro Reich. Ver: SHAFFER, Mary Ann; BARROWS, Annie. **A sociedade literária e a torta de casca de batatas**. São Paulo: Rocco, 2009.

clubes literários cearenses, conheci a obra “Padaria Espiritual: Biscoito Fino e travoso”,³⁶ que aguçou minha curiosidade e afã por estudar o tema.

Surpreendida pelo erro “certeiro”, continuei a pesquisa, percebendo que, mais uma vez, o livro certo chegou às minhas mãos. Certo porque me motivou a esta pesquisa, pois me encantei com as reflexões de Cardoso sobre o grupo literário de Antônio Sales³⁷ e as ideias que propagava em fins daquele século XIX. Preocupado com as problematizações da posteridade, argumenta Sales em um de seus textos que compõem o livro de atas de seu clube:

É para vós, Posteridade soberana, que aqui fica esta nota para que, quando tiverdes de remexer no passado intelectual do Ceará, não sejais induzida nos deploráveis erros que tendes recheado a história dos povos antigos atribuindo-lhes ações e intenções que nunca praticaram nem acariciaram.³⁸

Com todo o cuidado, me propus a remexer o passado desses homens das artes e das letras, encontrando em seus escritos e atitudes minha inspiração para o sonhado projeto de mestrado, além de meu incentivo para discutir as muitas questões pertinentes a esse trabalho. Assim surgiu esta pesquisa, que tem como objetivo analisar a produção que esse grupo de jovens boêmios, aspirantes ainda a intelectuais, mas muito centrados nos problemas enfrentados, cotidianamente, pela sociedade cearense e nos acontecimentos do Brasil Republicano naquele final do século XIX, legou para a posteridade.

No Ceará, como em tantos outros pontos do Brasil, três temas moveram os seguimentos urbanos na segunda metade do XIX: o fim da escravidão, o ideal republicano e as letras, sendo esse último tema encarado como uma missão da intelectualidade. Com o crescimento de Fortaleza, graças à dinamização econômica advinda das exportações de algodão, o Estado pode vivenciar em algumas regiões

³⁶ CARDOSO, Gleudson Passos. **Padaria Espiritual**: Biscoito fino e travoso. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto no Ceará, 2002.

³⁷ Antônio Sales (1868-1940) é romancista e poeta brasileiro, atuou como jornalista, Deputado Estadual, Secretário do Interior e do Tesouro Nacional no Rio de Janeiro. Colaborador de grandes jornais e revistas do país, foi poeta e prosador, sendo o romance, o conto, o ensaio e o memorialismo suas principais formas de expressão. Teve uma atuação marcante na literatura cearense, fundador e um dos principais divulgadores da sociedade de letras e artes Padaria Espiritual. Nesta dissertação discutiremos ao longo do texto o importante papel do escritor para as letras brasileiras. Ver: CORDEIRO, Jaqueline Aragão. Antônio Sales. **Coisa de Cearense**. Disponível em: <http://coisadecearense.com.br/antonio-sales/> Acesso em: 10 fev. 2019.

³⁸ AZEVEDO, Sânzio de. **Atas da Padaria Espiritual**. Transcrição e atualização ortográfica por Sânzio de Azevedo/Sânzio de Azevedo. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015. p. 15.

uma euforia em torno dos ideais da modernidade, a chamada *Belle époque*.³⁹ Conforme Airton de Farias, a intelectualidade que escrevia era composta por políticos, médicos, militares, advogados, engenheiros, jornalistas, funcionários públicos, acadêmicos e poetas, e atuavam em torno de parlamentos, partidos políticos, imprensa e clubes literários com o objetivo de refletir sobre novas ideias e no desenvolvimento do Ceará. Havia um desejo de unir inteligência e atitude, e assim as academias literárias brotaram aos montes,⁴⁰ tanto que a historiografia cearense dá conta que só nos finais do século XIX havia mais de oitenta sociedades de letras, além dos gabinetes de leitura, que eram populares nas cidades do interior.

Como cita Robert Darnton logo ao iniciar seu livro “Boemia Literária e Revolução: o submundo das letras no antigo regime”, essas academias se originaram, em grande parte, nas sociabilidades dos cafés: “De onde vem tal agitação? De uma turba de escreventes e rábulas, escritores sem nome, escrevinhadores esfaimados, que se dedicam a agitar o populacho em clubes e cafés”.⁴¹ Esse trecho nos remete às semelhanças com aquele universo de ideias que vinham a público no Ceará e que eram produzidas por jovens que respondiam a uma espécie de missão literária, muito em voga nos meios de sociabilidades europeus desde o século XVIII. Foi dentro dessa perspectiva europeia que, em um dos quatro quiosques à moda francesa localizados na praça do Ferreira,⁴² se ouviu rumores de um tal “Grêmio do Café Java” nos idos de 1890, cujas reuniões de lazer no café de Manuel Pereira dos Santos (Mané Coco),⁴³ tornaram-se o embrião do grêmio literário “Padaria Espiritual”, oficializada dois anos depois, em 1892.

Meu objeto, o clube de homens das artes e das letras denominada “Padaria Espiritual”, me faz acreditar que, na verdade, esse tema esteve em minha vida desde

³⁹ FARIAS, Airton de. **História do Ceará**. 7ª ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2018. pp. 194-195.

⁴⁰ Ibid., p. 199.

⁴¹ DARNTON, Robert. **Boemia Literária e Revolução, o submundo das letras no antigo regime**. São Paulo: Companhia das Letras: 1987. p.13.

⁴² A Praça do Ferreira é uma praça no centro de Fortaleza, seu nome homenageia o Boticário Ferreira, como era conhecido Antônio Rodrigues Ferreira. Era carioca e veio para Fortaleza em 1825. Exerceu a farmácia prática tornando-se figura importante numa sociedade carente de médicos. Graças à sua popularidade com a profissão, elegeu-se sucessiva vezes presidente da Câmara Municipal de Fortaleza. Ver mais em: GALENO, Alberto. **A praça e o povo: Homens e acontecimentos que fizeram a praça do Ferreira**. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.

⁴³ Manoel Pereira dos Santos atendia por Mané Coco, era proprietário do Café Java, segundo descrição de Antônio Sales foi um dos principais entusiastas para a formação do grêmio. Ver mais em: SÁ, Paulo Cesar Freire. **“Um Copo D'Água e Um Palito...”**. Práticas Urbanas e Sociabilidades nos Quiosques e Cafés de Fortaleza (1886-1920). Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

sempre, a cada biblioteca de bairro à qual me afiliava, passou por todos os livros que li e me moldou como historiadora. O título que escolhi é uma miscelânea de significados, há nele o destaque da divisa do grupo “Amor e Trabalho”, expressando o sonho que a sociedade literária tinha em não ser cooptada pela emergência do efêmero, buscando um propósito em amar o que se faz. Além desse sentido, há uma provocação da importância do conhecimento tido como inútil,⁴⁴ me referindo à importância que as possibilidades do lúdico também tiveram para o desenvolvimento da leitura.⁴⁵

De acordo com Nicolau Sevcenko, os literatos tinham o desejo de abrir o mundo através da leitura e, em busca de grandes reformas, apostaram na salvação do país através desse movimento, apontado por ele como uma verdadeira missão:

Arrojados num processo de transformação social de grandes proporções, do qual eles próprios eram fruto na maior parte das vezes, os intelectuais brasileiros voltaram-se para o fluxo cultural europeu como a verdadeira, única e definitiva tabua de salvação, capaz de selar de uma vez a sorte de um passado obscuro e vazio de possibilidades, e de abrir um mundo novo, liberal, democrático, progressista, abundante e de perspectivas ilimitadas, como ele se prometia. A palavra de ordem da “geração modernista de 1870” era condenar a sociedade “fossilizada” do Império e pregar as grandes reformas redentoras: “a abolição”, “a república”, “a democracia”. O engajamento se torna a condição ética do homem de letras.⁴⁶

Nesse trecho o autor descreve a sede intelectual que os homens de letras idealizaram, e como eles se envolveram com o projeto das letras transformando-o em uma verdadeira ética pessoal. Havia o desejo de romper com um passado de atraso que acreditavam ser imposto pelo Império, propagando um mundo cheio de novas possibilidades mais democráticas e livres, regadas pelo gosto republicano.

⁴⁴ O conhecimento inútil é o título de um dos ensaios do filósofo Bertrand Russell no clássico “O elogio ao ócio”. O autor escreve esse ensaio histórico abordando a mudança sofrida na educação das pessoas quando essa passou a ser avaliada apenas com foco na sua utilidade. Afirma o autor “Em toda parte, o conhecimento vai deixando de ser visto como um bem em si mesmo ou como um meio de criar-se uma perspectiva de vida humana e abrangente e se transforma em mero ingrediente de aptidão técnica. A interdependência econômica e política aumentou extraordinariamente e, com ela, também as pressões sociais que obrigam as pessoas a adotarem modos de vida considerados úteis por seus semelhantes”. Ver mais em: RUSSELL, Bertrand. **O elogio ao ócio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002. pp. 36-46.

⁴⁵ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2019. p. 25.

⁴⁶ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural da Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 78.

A pesquisa tem como fonte primária o jornal literário “O Pão”, publicado pela primeira vez em 10 de junho de 1892. Tido como algo original em uma cidade ainda apresentada como provinciana, teve grande aceitação popular desde seu número inicial.⁴⁷

Conforme o pesquisador Felipe Pena, o jornalismo literário é um conceito amplo, cheio de fases e transformações,⁴⁸ que pode ser compreendido e classificado em seis subgêneros. Essa divisão se faz necessária devido à dificuldade de se analisar dois discursos diferentes - o jornalístico e o literário -, pontua o autor ainda que, para alguns pesquisadores do tema, o fervor da imprensa literária seja visto como o período em que os escritores assumiram a articulação dos jornais, eram editores, cronistas e escritores dos folhetins, que contribuíram indefinidamente para a propagação da leitura.⁴⁹

Segundo Peter Burke em “Uma história social da mídia”, as possibilidades da comunicação oral deram o tom destes jornais, destacando a importância das conversas que se estabeleceram na Academia, nos cantos, o boato e a informação de tabernas, banhos públicos, clubes, bares e cafés.⁵⁰ Os autores Bil Kovach e Tom Rosensttiell também demonstram como essa forma mais específica de jornal se apresenta no século XVII em Londres, quando as conversas com viajantes, burburinhos sociais e agitações eram incentivadas nos cafés e pubs (casa de sociabilidade):

Na Inglaterra, havia cafés especializados em informações específicas. Os primeiros jornais saíram desses cafés por volta de 1609, quando tipógrafos mais atrevidos começaram a recolher informações, fofocas e discussões políticas nos próprios cafés depois imprimindo tudo.⁵¹

A história cultural, vista de tantas perspectivas possíveis por seus pesquisadores, tem o jornal como uma rica fonte na reflexão do coletivo. É uma historiografia não mais centrada nos grupos dominantes, que busca, através das

⁴⁷ FIUZA, Regina Claudia Pamplona. **O pão...: da Padaria Espiritual**. Fortaleza: Cearense de Letras, 1992. p. 25.

⁴⁸ PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 13.

⁴⁹ No Brasil o conceito é estudado a partir de seis perspectivas, são elas: a participação dos literatos na imprensa; crítica literária veiculada em jornais; movimento do *New Journalism* (iniciado nas redações estadunidenses em 1960); romance jornalístico; biografias e ficção-jornalística. Ver mais em: PENA, F. op. cit..

⁵⁰ BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. p. 38.

⁵¹ KOVACH, Bil; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos dos jornais: O que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2003. p. 37.

diversas fontes, preencher lacunas da sociedade observando elementos do cotidiano social antes esquecidos. Ao selecionar jornais literários como fonte de pesquisa, o historiador deve dialogar com essa fonte, sabendo que se trata de uma representação. Os aspectos do real se mesclam com a imaginação do autor sem a preocupação em fidelizar a realidade da qual, na maior parte das vezes, emana sua criação.

Embora minha fonte não se trate de um jornal que tem como preocupação expressar uma verdade genuína, comumente eivados das tendências ideológicas de editores, autores e colaboradores, estou em concordância com Maria Helena Capelato quando afirma que a leitura desse documento “é uma verdadeira mina de conhecimento: fonte de sua própria história e das situações mais diversas; meio de expressão de ideias e depósito de cultura. Nele encontramos dados sobre as sociedades, seus usos e costumes, informes sobre questões econômicas e políticas”.⁵²

Dessa maneira, a questão central desta pesquisa é compreender a proposta editorial dos jornais produzidos pelos integrantes da sociedade literária “Padaria Espiritual”, objetivando analisar a função social que cumpriram com seus escritos inovadores e atitudes inusitadas para a época. Tal função social se revela na objetivação dos atributos contidos nas fontes, os quais revelam sentidos inerentes às expressões, assertivas, negações, críticas, por vezes, para além da intencionalidade inicial do produtor, mas, ainda assim, perceptível ao analista atento a adentrar à essencialidade contida na obra. A análise imanente

encara o texto - a formação ideal – em sua consistência autossignificativa, aí compreendida toda a grade de vetores que o conformam, tanto positivo como negativos; o conjunto de suas afirmações, conexões e suficiências, como também as eventuais lacunas e incongruências que o perfaçam.⁵³

Desde o título do jornal, que vinha a público com o nome de “Padaria Espiritual”, se instigava a reflexão sobre o sentido daquela espiritualidade, particularmente em uma sociedade eivada de preceitos messiânicos e religiosos. Na sequência, o leitor se depara com o lema “Amor e Trabalho” expresso no cabeçalho das edições do

⁵² CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988. p. 20.

⁵³ CHASIN, José. **Marx**. Estatuto Ontológico e Resolução Metodológica. São Paulo: Boitempo, 2009. pp. 25-26.

jornal, nos levando à busca da compreensão da “práxis”⁵⁴ desses escritos, cujo grupo explicava o lema como expressão de uma proposta lúdica. Para compreender a ontologia dessa Padaria como um ser social, nos respaldamos na teoria das abstrações inerente aos escritos de Marx e objetivada por Lukács.⁵⁵ No caso da “Padaria Espiritual”, entender sua função social é compreender a quem ela serviu, quais eram as intenções dos seus discursos para o desenvolvimento de uma literatura mais acessível à uma população pouco letrada, mas que, culturalmente, expressa seus pensamentos e, em particular, compreender suas críticas com a utilização da ironia e de forma lúdica. Para tanto, foi necessário adentrarmos no debate historiográfico que promove a desconstrução dos sentidos lúdicos contidos nas práticas da vida adulta,⁵⁶ visto que a maioria dos trabalhos sobre o ócio e o lúdico ainda se encontram ligados aos campos de estudo da Educação Física, Pedagogia e Sociologia.

A hipótese deste trabalho é que o grupo se propõe ao debate de assuntos diversos, tais como política, seca e crítica social, a partir de forma lúdica. Evidencia-se um dialogismo⁵⁷ próprio do local, expresso na figura do epíteto Ceará Moleque,⁵⁸ chamando para o debate a importância da identidade e ludicidade que consideravam estar se perdendo, tanto nas relações sociais, quanto no trabalho. Se propõem, assim, a um “elogio ao ócio”⁵⁹ como categoria fundamental do desenvolvimento humano, das

⁵⁴ O termo Práxis é compreendido como atividade social transformadora, consciente e orientada, que implica não apenas nas dimensões objetivas, mas também na subjetividade, não se reduz a puro praticismo ou teorização, e sim na sua relação dialética e indissociável. Ver mais em: VAZQUEZ, Adolfo Sanches. **Filosofia da Práxis**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. pp.185-207.

⁵⁵ ASSUNÇÃO, Vania Noeli Ferreira. A teoria das abstrações de Marx: o método científico exato para o estudo do ser social. **Verinoto**, Revista on-line de filosofia e ciências humanas, n. 18, Ano IX, out./2014. Disponível em: <http://www.verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/183/173>. Acesso em: 05 mai. 2019.

⁵⁶ DIAS, Cleber. História e Historiografia do Lazer. **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, pp. 1-26, jan./jun. 2018.

⁵⁷ Dialogismo é o que Mikhail Bakhtin define como processo de interpretação entre textos que ocorre na polifonia; tanto na escrita como na leitura, texto não é visto isoladamente, mas sim correlacionado com outros discursos similares ou próximos. Ver: BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Ed. 34, 2015.

⁵⁸ A ideia de um “Ceará moleque” desde os fins do século XIX vem sendo gestada simbolicamente em narrativas ficcionais relatos memorialísticos revistas e jornais, fazendo parte assim de um imaginário e memória coletivos. Tal rótulo pressupõe que o “povo cearense” é irreverente e alegre por natureza. Ver: SILVA NETO, Francisco Secundo da. **O Ceará moleque dá um show: da história de uma interpretação sobre o que faz ser cearense ao espetáculo de humor Madame Mastrogilda**. 2009. 116p. Tese (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal do Ceará.

⁵⁹ O termo elogio ao Ócio, é comumente reconhecido por uma das mais brilhantes obras do autor Bertrand Russel, fruto de um pensamento evolutivo e do resgate da criatividade atrelada a vida cotidiana das pessoas o autor escandaliza a sociedade de sua época com pensamentos de liberdade de tempo e cultura para todos, e que longe da sistematização do tempo livre, este poderia agregar ao indivíduo uma qualidade de vida singular em todos os processos de realizações dos sujeitos. Em uma

relações de trabalho e do aperfeiçoamento físico, mental e social. A relevância deste trabalho se justifica no estudo da influência mútua entre o indivíduo e a questão do uso do seu tempo de forma mais ociosa, aprofundando a compreensão histórica de atitudes com mais significados, primando a discussão do lúdico perdida nas relações humanas, sendo essa uma das bandeiras do grupo Padaria Espiritual.

Destaco aqui os trabalhos acadêmicos que têm me auxiliado neste estudo, contribuindo para o desenvolvimento de minha proposta. Além do livro fruto do trabalho do historiador Gleudson Passos, já mencionado, que me levou a conhecer a Padaria Espiritual, pude contar com sua dissertação denominada “As Repúblicas das Letras Cearenses: Literatura, Imprensa e Política (1873 - 1904)”.

Após introduzida ao mundo da Padaria, contei com os trabalhos do professor Rafael Sânzio de Azevedo, um dos principais pesquisadores da literatura cearense e do grupo.⁶⁰ Seu trabalho é a tese de Doutorado em Literatura defendida em 1980, “A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará”, pela UFRJ, pesquisa também originou o livro, “Uma breve história da Padaria Espiritual”, editado pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

Durante uma visita à Biblioteca da Academia Cearense de Letras, me forneceram, gentilmente, o livro “O pão...: da Padaria Espiritual”, da pesquisadora e professora de literatura, Regina Claudia Pamplona Fiuza (bisneta de um dos padeiros). Resultado de seu Mestrado na Universidade Federal do Ceará (UFC) em 1992, Fiuza destaca, de forma geral, a trajetória do grêmio, dos principais padeiros e do jornal “O Pão”. Outro trabalho de Mestrado utilizado foi o do historiador Cicero João da Costa Filho, defendido em 2007 pela Universidade de São Paulo (USP). Intitulado “A Padaria Espiritual: cultura e política em Fortaleza no final do século XIX (1892-1898)”, o trabalho aponta a necessidade de se dar ênfase aos movimentos beletrísticos cearenses, apontando o grêmio Padaria Espiritual como o mais singular. Em sua tese de Doutorado em Letras defendida em 2008 - “O denominada Pão (1892-1896): veículo de divulgação literária e instrumento de intervenção na realidade social cearense” - Lucina Brito teve como intenção elucidar a importância do jornal “O Pão” para as letras no Estado do Ceará, interferindo sobre a realidade social dos leitores.

das passagens do livro o autor expõe a ideia de além do saber profissional a pessoa seria mais “rica” se atrelasse a sua vida conhecimentos e práticas que lhe fazem sentido, produzindo assim a soma do amar e fazer. Cf: RUSSELL, Bernard. Elogio ao ócio. In: DE MASI, Domenico. **A economia do ócio**: Bertrand Russell & Paul Lafargue. Rio de Janeiro: Sextante, 2001. pp. 47-137.

Diferentemente dos trabalhos citados acima, a presente dissertação tem a intenção original de discutir de forma interdisciplinar o comportamento lúdico da literatura e ampliar o acesso às discussões para além de um academicismo lógico, sendo essa uma postura dos escritores pesquisados. A interdisciplinaridade estabelece uma relação entre as disciplinas frente aos desafios que aproxima os diálogos dos temas que regem as fronteiras do saber. Conforme José D'Assunção Barros, essas fronteiras são móveis e, de acordo com o objeto estudado, auxiliam nessa construção:

(...) as fronteiras entre as disciplinas são móveis; ao lado disso, em alguns casos também podem constituir espaços de intersecção. Além do mais, certos objetos que emergem da busca e constituição de saber, seja nas fronteiras ou mesmo no interior de cada disciplina, requerem o diálogo interdisciplinar.⁶¹

Esse jogo interdisciplinar é indispensável no estudo da História e Literatura. Mesmo essas áreas do saber possuindo relações bem demarcadas, é possível, quando analisadas metodologicamente, se permitirem a leituras tais como representações, verossimilhança, veracidade, identidade social, semelhanças e realidades. Historiadores podem descobrir universos completamente diferentes daqueles antes conhecidos por meio das fontes escritas tradicionais, como também a literatura bebe na história para a elaboração de suas obras. Gêneros ligados ao romance de época, por exemplo, figuram entre os mais populares temas do mercado editorial, assim, ambas as áreas ganham quando compartilham aspectos comuns tais como narrativa, tempo e leituras múltiplas, entre outras.

Contudo, para Yvone Dias Avelino, o historiador está comprometido com a aproximação da realidade e dos acontecimentos históricos, dessa forma, está ciente de seus limites narrativos. Já o literato dispõe de liberdade estética, voltando-se à realidade objetiva:

a História é um discurso que visa a realidade teórica e científica, não ignorando o caráter de relatividade da verdade histórica, e toda a subjetividade que comporta a elaboração desse conhecimento. O texto literário tem como objetivo fundamental a produção da realidade estética, o que não exclui que ele possa ter relações com a realidade

⁶¹ BARROS, Jose D'Assunção. **Interdisciplinaridade na História e em outros campos do saber**. Rio de Janeiro: Vozes, 2019. pp. 09-10.

objetiva, ou seja, com tudo aquilo que lhe é exterior, e de que certa forma o envolve.⁶²

A literatura desvenda a complexidade humana: a paixão dos indivíduos, os sonhos, desejos, enfim, sensibilidades e relacionamentos múltiplos tais como desavenças, costumes e prazeres. Todos esses tópicos estão inseridos em meio a contextos sociais, culturais, políticos e econômicos, e os livros revelam o valor intelectual da metáfora, que o espírito científico da História recusa. Segundo Sevcenko, é “testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos”,⁶³ atraindo o olhar do historiador sobre as diversas narrativas que não foram possíveis.

Primar em uma pesquisa o debate da valorização do tempo ocioso é dar voz a uma narrativa que não foi possível, visto que o mundo está marcado profundamente pela cultura do trabalho vazio de sentido e do consumo. É através dessa aproximação com a literatura que pretendemos discutir historicamente o quanto o lazer contribuiu para o mundo da leitura através da prática de um prazer: o ócio-literário. Conforme afirmam Marisa Lajolo e Regina Zilberman, vários fatores contribuíram para o desenvolvimento e história da leitura. Alguns farão parte deste trabalho, sendo a imprensa literária e o lazer nossos focos de estudo.

se não podemos escrever a biografia do leitor, temos condições de narrar sua história, que começou com a expansão da imprensa e desenvolveu-se graças à ampliação do mercado do livro, à difusão da escola, à alfabetização em massa das populações urbanas, à valorização da família e da privacidade doméstica, e à emergência da ideia de lazer.⁶⁴

Todavia, para se recuperar a ideia de ócio e lazer é necessário compreender um aspecto mais profundo que faz parte de sua essência: o lúdico e suas infinitas possibilidades, a festa, a criatividade, a participação voluntária, a satisfação, o autodesenvolvimento, entre outros. Dessa forma, me proponho a estudar meu objeto com o olhar do quanto pode haver de sério no brincar de ler.

⁶² AVELINO, Yvone Dias. História e literatura: cidades, memórias e esquecimentos na América Latina. In: FLORIO, Marcelo; BARREIRO FILHO, Roberto Coelho; AVELINO, Yvone Dias (orgs). **Olhares cruzados**: cidade, história, arte e mídia. Curitiba: Editora CRV, 2011, p. 276.

⁶³ SEVCENKO, N. op. cit., p. 21.

⁶⁴ LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. op. cit., p. 25.

Minha pesquisa desenrola-se em três capítulos que conversam entre si de acordo com a fonte, buscando responder os questionamentos propostos por toda a estrutura da dissertação. Dessa forma, a fonte foi largamente utilizada, recuperando os sentidos que emergiram do interior dos textos, e os assuntos e situações mais abordados foram aglutinados de acordo com suas especificidades. Assim, nessa lógica de agrupamento dos assuntos extraídos na fonte, busquei não atribuir sentidos *a priori* aos conceitos inerentes à lógica de escrita do texto, evitando que a pesquisa seja orientada por teorias diversas. Os capítulos seguem dispostos conforme a análise proposta, e a estrutura conversa entre si a fim de responder ao longo da pesquisa as hipóteses discutidas, sugerindo um novo olhar sob o objeto. As citações dos documentos, em sua maioria, estão atualizadas nas formas de grafia atual, porém em alguns artigos do estatuto da Padaria optei por respeitar a grafia da época para fidelizar a mensagem do objeto. Para facilitar a leitura e deixá-la mais dinâmica, dispensei desta forma o uso do (sic).

O primeiro capítulo – Das precisões do Espírito, os prazeres da alma – apresenta uma análise introdutória das atitudes despojadas do grupo e sua obra, o jornal “O Pão”. Abordo também o ambiente que fizeram os padeiros e os dilemas nas transformações de viver a cidade de Fortaleza. Os conflitos sociais em torno do poder do capital que, ao mesmo tempo revela uma cidade cheia de paixões, roubaria o amor verdadeiro que se baseia agora nas relações de poder.

No segundo capítulo – Das precisões da vida: lúdico ou pragmático: variações entre arrumar a vida ou arrumar uma vida – examino a ideia da ludicidade nas relações sociais dos escritores, objetivando uma compreensão histórica dos sentidos do jogo lúdico para a vida. Segue-se no capítulo a discussão das artes e como a necessidade do espírito para uma elevação da mente crítica e são que, segundo os escritores, os trabalhadores e indivíduos estavam deixando de lado em nome de um ideal de aburguesamento social que tomou os cearenses e o mundo. A representação dessa ideia crítica nos escritores identificamos como uma ramificação a figura de um indivíduo carnavalesco, que afronta a sociedade, na resistência que há no rir, no fazer rir e também na tristeza de um Pierrô.

No terceiro capítulo – Das precisões das letras: Massa azeda, Pão doce! A obra nossa de cada dia, ócio felicidade do espírito – aborda a importância histórica do ócio. Primeiramente como a prática do prazer em si (representada pela atitude do ler pelos

Padeiro) nos guiou por caminhos esquecidos de sensações, sentimentos e subjetividades. E como através desta elevação promovida pelo conhecimento, estes escritores demonstraram que prazer e trabalho também caminham juntos, já que são obras espirituais.

Para essas discussões, tomo como aporte teórico os discursos do dialogismo e irreverência de Mikhail Bakhtin. Já as provocações sobre a importância do lúdico Johan Huizinga em “Homo Ludens” (1938) nos permitem observar que, antes de ser *Sapiens*, éramos *Ludens*. Ainda nas discussões do ócio e dos sentidos do trabalho, busco em Bertrand Russell, Paul Lafargue e Aristóteles uma proposta emancipadora do tema. Raymond Williams nos chama ao debate literário do bucolismo sertanejo em “Campo e Cidade”.

Por fim, desejo que esta pesquisa atinja seus objetivos, contribuindo juntamente com os outros trabalhos mencionados, como mais uma forma de, por meio da História Social, repensar esses agentes históricos que ousaram inverter os processos sociais de uma época através de suas táticas cotidianas.

CAPÍTULO 1. DAS PRECISÕES DO ESPÍRITO: OS PRAZERES DA ALMA

*Eu sou de uma terra que o povo padece
Mas nunca esmorece, procura vencê,
Da terra adorada, que a bela cabocla
De riso na boca zomba do sofrê*

*Não nego meu sangue, não nego meu nome,
Olho pra fome e pergunto: o que há?
Eu sou brasileiro fio do Nordeste,
Sou cabra da peste, sou do Ceará*

Cabra da Peste, Patativa do Assaré⁶⁵

Neste capítulo faremos uma introdução ao contexto que tornou possível a História estreita do Ceará com a literatura e contribuiu para o surgimento dos grêmios de maiores destaques na História da literatura cearense, sendo a Padaria Espiritual o mais destacado pelo seu comportamento crítico, irreverente e inconformado com a “morrinha-burguesa Fortalezense”. Nos centramos em detalhar seu alimento para a alma, o jornal “O Pão”, que rompeu com as publicações academistas e objetivou se contrapor à ideia de materialidade, apostando numa “cosa nova”, que sacudisse e, quem sabe, introduzisse uma pitada lúdica, invertendo, assim, um pouco a lógica racional de sua época. Nesse sentido, discutiremos o cenário que configurava a vida na Fortaleza dos finais do século XIX, cuja dinâmica instigava aqueles homens de letras cearenses, trazendo, através de seus escritos, os dilemas de viver essa cidade e suas transformações.

⁶⁵ Patativa do Assaré (1909-2002), é poeta repentista cearense, um dos principais nomes da poesia matuta brasileira. Seus versos, traduzidos em muitas línguas, são temas de estudo pelo mundo, por exemplo, da Universidade de Sorbonne na disciplina de Literatura Popular Universal. Este trecho faz parte de um poema, de oito estrofes contendo todo um enredo da cultura cearense. Os poemas do autor chamam atenção por respeitarem formas complexas de criação e são escritos aos moldes camonianos. Citado aqui, ele representa a (in) consciência literária que mesmo um homem simples reflete em seus escritos, fruto de uma estreita e longa história do Ceará com as letras. Ver mais em: SILVA, Antônio Gonçalves da. **Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino**. 15ª ed. São Paulo. Ed. Vozes, 2008.

1.1. PADARIA ESPIRITUAL E O PÃO DO ESPÍRITO, VOCÊ TEM FOME DO QUE?

Pobre lamina flexível!

Sobre esta lauda pendente!

Tudo o que a alma humana sente

*Tentas pintar Impossível!*⁶⁶

O Ceará, com seu solo seco, esteve por séculos esquecido pela colônia portuguesa, sendo considerado uma região periférica sem atrativos econômicos como o ouro, a prata ou solo propício ao cultivo da cana de açúcar. Explica-se, ainda, o descaso por outras razões, sendo elas a dificuldade de conquista local (resistência indígena frente ao invasor estrangeiro) e as correntes marítimas (impediam o acesso das embarcações à costa em determinados períodos do ano), que se somavam, ainda, à agressividade das constantes secas.⁶⁷

Assim, o Siara Grande, hoje Ceará, só viria a ter sede administrativa própria após 1699, sendo, até essa data, província de Pernambuco, intercalando as dominações de holandeses e portugueses. Sua conquista se deu através dos produtos de subsistência, tendo a pecuária como motriz econômica, a cultura do gado - ou civilização do couro⁶⁸ - à qual a tradição nordestina é tão intimamente ligada, em constante luta com o fantasma das secas periódicas.⁶⁹ Nesse contexto, a população viveu um misto entre o amor sertanejo à sua terra e o seu abandono e afastamento, fato que gerou por séculos as migrações compulsórias.

O algodão foi, para o Ceará, o mesmo que o café representou para São Paulo. Caixas de algodão – chamado de “ouro branco” - lotavam o porto de Fortaleza, cuja venda, estimulada pela Revolução Industrial, em decorrência na Inglaterra, gerou uma

⁶⁶ A alma e a pena.... o que a mão não escreve. **O Pão**, Fortaleza, 15 de outubro de 1896, n. 35, p. 5.

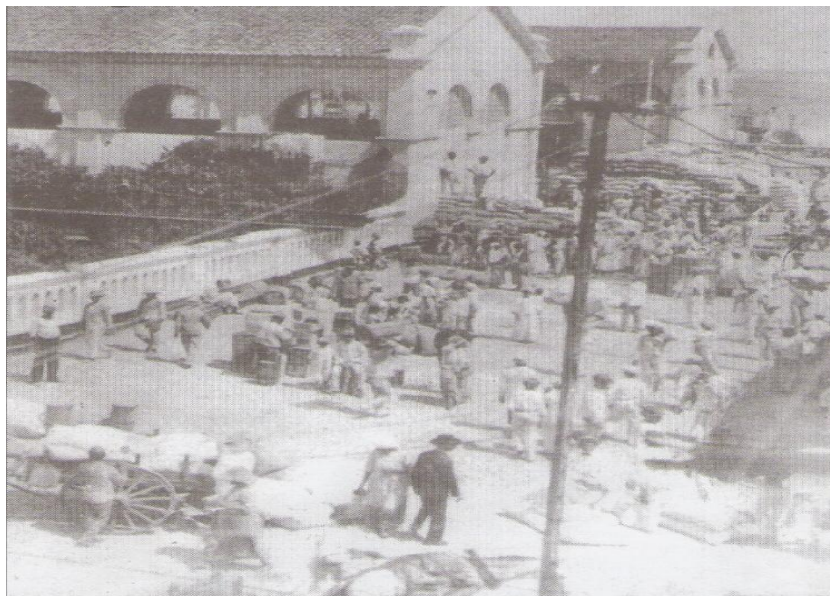
⁶⁷ LEMENHE, Maria Auxiliadora de Abreu Lima. A economia pastoril e as vilas coloniais no Ceará. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v.12/13, n.1/2, 1981/1982, pp. 75-106.

⁶⁸ O aproveitamento do couro para a confecção de apetrechos usados no cotidiano deu ênfase à definição de Capistrano de Abreu denominada “civilização do couro”, descrevendo uma civilização surgida no semiárido a partir da pecuária.

⁶⁹ Professor do departamento de História da UFC, Frederico de Castro Neves se propõe a analisar nesse artigo o lugar que o Nordeste ocupa na historiografia brasileira com o que se refere às experiências da seca. Ver: NEVES, F. de C. Seca, Estado e Controle Social: as políticas públicas de combate às secas no Ceará. In: BRAGA, E. F. (org.) **América Latina: Transformações Econômicas e Políticas**. Fortaleza: Edições UFC, 2003.

fase de prosperidade econômica. A cotonicultura abasteceu as fábricas têxteis europeias, fazendo com que não só o Ceará, mas algumas partes do Nordeste se desenvolvessem, suprimindo o vácuo que a produção estadunidense deixou por conta de sua Guerra Civil (1861-1865).⁷⁰

Figura 1 - Embarque de algodão no porto de Fortaleza nas primeiras décadas do século XX.



Fonte: **Fortaleza em fotos**. Disponível em: <http://www.fortalezaemfotos.com.br/p/o-processo-de-industrializacao-em.html> . Acesso em 03 jan. 2021.

Esse impulso econômico trouxe para Fortaleza o “*status*” de capital, junto de todas as emergências que essa palavra traz, do aformoseamento de uma capital planejada à omissão da miséria, por vezes não a considerando como realidade. No entanto, a forma de ocultação dessa condição torna-se impossível com os períodos longos e miseráveis das secas.⁷¹

Nesse cenário, Fortaleza e seu porto estratégico, que fazia a interligação dos territórios Norte/Nordeste, se desenvolve como Capital e, atraídos por esse

⁷⁰ Na década de 1850, os Estados Unidos eram o principal fornecedor de algodão para as indústrias britânicas. Em 1860, três em cada quatro arrobas de algodão compradas pelos ingleses era proveniente dos Estados Unidos. O fluxo de comércio algodoeiro, entre a Inglaterra e Estados Unidos seria cortado, com o início da guerra de secessão entre os Estados da Confederação e dos Estados da União. Este evento externo representou uma grande oportunidade para que a região do semiárido nordestino saísse da dependência da agricultura de subsistência e da pecuária bovina.

⁷¹ NEVES, Frederico de Castro. Estranhos na belle époque: a multidão como sujeito político (Fortaleza, 1877-1915). **Trajetos**. Revista de História UFC, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 113-138, 2005.

crescimento, a cidade recebe, após a seca de 1877,⁷² mais de cem mil migrantes, ampliando e transformando completamente uma população que não chegava aos trinta mil.

A ‘grande seca’ de 1877 – ou a ‘seca-tipo’, como preferia Rodolpho Theophilo, seu grande cronista – trouxe para dentro de Fortaleza a presença impactante de multidões de retirantes esfaimados e andrógenos a implorar por ajuda, ‘contaminando’ a cidade com sua miséria explícita, suas doenças, seus ‘vícios’, sua fome, seus crimes e sua ofensiva ameaça à civilização. A vida urbana passa a ser o cenário privilegiado da seca.⁷³

Nessa conjuntura, proveniente da riqueza do algodão, irrompe a chamada “*belle époque* fortalezense” com seu desenvolver econômico-social.

Figura 2 - As ruas se enchiam de sobrados, palacetes e mansões que harmonizavam com os aparatos da modernidade, possíveis apenas a uma parcela bem ínfima da sociedade. Foto da Rua Major Fecundo fachada Hotel de France.



Fonte: “Fortaleza à Francesa”. **Fortaleza Nobre**. Disponível em:
<http://www.fortalezanobre.com.br/2010/10/ceara-francesa.html>.
Acesso em: 12 fev. 2021.

⁷² Conhecida como a Grande Seca 1877–1879, o fenômeno afetou boa parte dos estados do Nordeste sendo o Ceará a região mais afetada, com cerca de 500.000 pessoas mortas de um total de 800.000 que viviam na região. Foram três anos seguidos sem chuvas, sem colheita, sem plantio, com perda de rebanhos e com a fuga das famílias, deixando despovoado o sertão. Ver mais em: BARBALHO, Alexandre Almeida. Corpos e mentes dilacerados: o grotesco nas imagens da seca de 1877. **Trajetos**. Revista de História, UFC, Fortaleza, v. 3, n. 6, pp. 139-150, 2005.

⁷³ NEVES, Frederico de Castro. A miséria na literatura: José do Patrocínio e a seca de 1878 no Ceará. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 22, pp. 80-97, 2007.

A elite vivia seu ápice econômico, o modo de pensar e formular as ideias positivistas⁷⁴ estavam em voga, um intercâmbio filosófico era trazido nos mesmos navios que descarregavam ilegalmente os escravos,⁷⁵ e, na volta, escoavam a produção do algodão para a Europa. Ideias que ali adentravam através de jornais de outros centros e cidades, as quais foram absorvidas pelos jovens letrados, cuja inquietação fazia suas mentes funcionar como esponjas, permeáveis às ideias libertárias dos iluministas, resultando daí as características das academias literárias que surgiram durante todo o século XIX.⁷⁶

As letras cearenses se mostravam alinhadas desde muito - pelo menos 1817 - com os folhetos de agitação, revistas e jornais. É sabido que foi através de folhetos, por exemplo, que o Ceará propagou em seu território a ideia de uma revolução e se tornou um dos principais partidários de Pernambuco na Confederação do Equador,⁷⁷ movimento em que as províncias do “Norte” romperam com D. Pedro I.⁷⁸ Desta forma, por uma série de fatores, fossem revolucionários, estéticos ou voltados às resistências ou reivindicações, para a sociedade cearense, as letras, naquele período, agiram como instrumento de mudança, controle social ou mesmo didática. Não à toa, era a família Alencar⁷⁹ que estava envolta na aquisição do primeiro prelo oficial no Ceará em 1824.

Conforme Oliveira, é atendendo ao pedido de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, presidente do Ceará na época, que o amigo pernambucano Manuel de

⁷⁴ ALVES, Claudia. Positivismo no século XIX. **Revista ENFINL**. Encontros com a Filosofia. ano 1, n. 2 set. 2013.

⁷⁵ As evidências da intensificação do tráfico de escravos são tantas que levam os historiadores a considerar a existência de uma segunda onda escravagista. SARAIVA, Luiz Fernando; ALMICO, Rita. Raízes escravas da modernização capitalista no Brasil. **Congresso Brasileiro de História Econômica e Conferência Internacional de História de Empresas**, 08/13. Anais. Niterói, 2017. Outra iniciativa de problematização dos horizontes de análise da segunda escravidão pode ser verificada em BARROSO, Daniel; LAURINDO JUNIOR, Luiz Carlos. À margem da segunda escravidão? A dinâmica da escravidão no vale amazônico nos quadros da economia-mundo capitalista. **Revista Tempo**, vol. 23, n. 3, Niterói, set.-dez. 2017.

⁷⁶ A professora de Letras da Unesp, Luciana Brito, fala sobre esse fogo das ideias cearenses dando ênfase ao início do processo da afirmação das letras no Ceará. ver: BRITO, Luciana. **O Pão (1892-1896):** veículo de divulgação literária e instrumento de intervenção na realidade social cearense. 248p. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista. 2008.

⁷⁷ LEITE, Glacyra Lazzari. **A Confederação do Equador**. São Paulo: Ática, 2006.

⁷⁸ GOMES LIMA, Rafaela. Os tipos em Fortaleza: uma pequena história da impressão cearense no século XIX. **Oficina Do Historiador**, Porto Alegre, EDIPUCRS, Suplemento especial, 27 a 29.05.2014, pp.1620-1633.

⁷⁹ SILVA, Leandro Maciel. **Tristão de Alencar Araripe e a História da província do Ceará:** contribuição à história nacional. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2013.

Carvalho Paes de Andrade traz do Recife a tipografia visando o desenvolvimento da imprensa e a forma mais eficaz na divulgação de ideias:

A Typografia foi remetida a pedido do Presidente Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, pelo presidente da Confederação do Equador, Manoel Carvalho Paes de Andrade. Chegou a essa capital em 1824, vindo acompanhada pelo impressor Francisco José de Salles para manter e dirigir seus trabalhos. Installou-se com a denominação de Typografia Nacional.⁸⁰

Anterior à ideia de folhas manuscritas ou imprensas – que, em pouco tempo tornar-se-iam os órgãos das associações literárias - foi o incentivo a um primeiro ócio-literário, registrado na história das letras do Ceará como as primeiras reuniões de leituras, denominadas Oiteiros,⁸¹ onde militares declamavam poesias, já em 1813.⁸² Esse primeiro grupo fazia reuniões literárias no palácio do governo, em Fortaleza, tendo como participantes os intelectuais e o próprio governador Manuel Inácio de Sampaio, descrito como “homem amante não só das armas como também das letras”.⁸³

Contudo, é a partir da década de 1870 que o movimento literário dos grêmios ganha força e a efervescência cultural toma conta do estado. Segundo Sanzio de Azevedo, foi por esse ano que a agremiação Fênix Estudantil foi formada por jovens estudantes que tinham entre 15 e 19 anos. A agremiação buscava a afirmação intelectual de uma camada social média que estava se formando na cidade de Fortaleza. Apesar de ter uma existência curta, a ideia de se reunir em volta de associações vingou.⁸⁴

Em torno de um ideal científico, surge em 1872 a Academia Francesa que, apesar do nome, não era exclusivamente “Francesa”, pois não partilhava em suas reuniões apenas autores franceses. Seu nome teria sido, assim, batizado por uma ironia que Rocha Lima (um dos integrantes) fez à Escola do Recife, onde predominava

⁸⁰ OLIVEIRA, João Batista Perdigão de. A imprensa no Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**. T.2, 1907. p. 359.

⁸¹ Substantivo que, etimologicamente, adveio de oiteiros, festas que se realizavam nos pátios dos conventos portugueses.

⁸² AZEVEDO, Rafael Sânzio de. O Ceará e os grêmios literários. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 5, n. 2, p. 123-126, jul./dez. 1982.

⁸³ Ibid., p. 123.

⁸⁴ Ibid., p. 124.

a influência de autores germânicos.⁸⁵ Participaram do grupo Thomás Pompeu de Sousa Brasil Filho, João Capistrano de Abreu, Lopes Filho, Xilderico Araripe de Farias e Antônio José de Melo. Foram esses intelectuais os pioneiros em divulgar as doutrinas positivistas e evolucionista no Norte do Brasil, bem como a eles também se deve a alcunha de terem sido responsáveis pelas primeiras reações ao Romantismo no Ceará.⁸⁶ O afastamento ao Romantismo se deu, principalmente, graças à influência de uma nova tendência realista-naturalista que, diante das correntes do cientificismo, experimentaram a transição de uma arte idealista para a materialista.

Figura 3 - Membros da Academia Francesa, entre eles o historiador cearense João Capistrano Honório de Abreu, na Academia Cearense de Letras



Fonte: Da autora (2019)

A Academia Francesa também organizava palestras e debates contestando o “obscurantismo religioso”, e publicou artigos sobre ideias cientificistas, liberais e laicas

⁸⁵ No último quartel do século XIX, surge da influência das leituras de Auguste Comte relacionando-o a uma “*intelligentsia*” brasileira, um grupo de intelectuais resistentes à exclusividade francesa que tomava conta o ideário nacional, esta corrente reivindica a ampliação dos horizontes de influência cultural através do “germanismo”. O movimento, conhecido como Escola do Recife, propunha sobretudo a busca de soluções para os problemas brasileiros a partir da análise da índole nacional. De acordo com Marisol Santos Moreira, o objetivo da Escola do Recife era “deslocar o centro irradiador de cultura do Brasil da França para a Alemanha”. Ver mais em: KRAUSE, Ana Helena. “O gosto pelas coisas intelectuais tedescas”. O pensamento alemão na História da Literatura Brasileira de Sílvia Romero. **Contingentia**, v. 3, n. 2, 2008.

⁸⁶ MARQUES, Rodrigo de Albuquerque. **A nação vai à província: do Romantismo ao Modernismo no Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2018.

no jornal A Fraternidade, que ajudou a fundar em 1873.⁸⁷ O embate desse mundo das academias com a Igreja Católica foi intenso, dando-se através de conferências e dos jornais. Como a intelectualidade católica também dispunha, desde 1866, de um órgão de imprensa, a Tribuna Católica, o debate era intenso, pois os periódicos de ambas as tendências se confrontavam visando a crítica, publicavam os conteúdos dos encontros e as publicações dos adversários, rebatendo-os abertamente em seus jornais. O fim da Academia Francesa se deu em 1875. Um de seus principais feitos foi a criação da Escola Popular, com aulas gratuitas à noite para alunos carentes e trabalhadores. As aulas, que versavam sobre literatura, questões científicas, históricas e filosóficas em voga, evidenciaram o pensamento positivista do período.

Com o objetivo de expandir a leitura e defender as ideias abolicionistas, republicanas e modernas, associadas ao progresso, os intelectuais da década de 1880 apostaram em mais sociedades literárias, e assim se segue uma enorme variedade de academias. O *Gabinete Cearense de Leitura* surgiu logo após a *Academia Francesa*, em 2 de dezembro de 1875, e se propunha a ser um centro de estudos. Ele contava com obras preciosas e, conforme Fiuza,⁸⁸ à época virou notícia de jornais por possuir mais de dois mil volumes para consulta. Intelectuais de renome

⁸⁷ FARIAS, A. de. op. cit., p. 198.

⁸⁸ FIUZA, R. C. P. op. cit., p. 29.

constituíram essa agremiação, entre eles Guilherme Studart,⁸⁹ Paula Nei,⁹⁰ Clovis Bevilacqua,⁹¹ Tomas Pompeu, Araripe Jr. entre outros.

Em 1886 o *Clube Literário*⁹² surgiu com sua revista *A Quinzena*, expressando os primeiros sinais do realismo no Ceará. Essa associação foi uma ramificação do movimento abolicionista que também contou com uma Sociedade e um jornal, *O Libertador*. Os membros do *Clube Literário* primavam pela diversidade de pensamento, como o romântico Juvenal Galeno, um ainda jovem Antônio Sales, com apenas 16 anos, e com o já crítico e sério Rodolfo Teófilo. Também contou com uma voz feminina que atuou corajosamente - dado o mundo masculino das letras nessa época - em sua formação, Francisca Clotilde.⁹³ *A Quinzena* abordou os mais variados assuntos, contou com 30 números ao longo de um ano e meio de publicações e,

⁸⁹ Guilherme Studart (1856-1938). Conhecido como o Barão de Studart, foi um personagem bastante relevante no cenário intelectual e político cearense da virada do século XIX para o XX, e se destacou por sua ação caritativa. Médico, historiador, intelectual, católico, foi fundador e membro de inúmeras instituições como o Instituto Histórico do Ceará e Sociedade São Vicente de Paulo (cuja atuação lhe rendeu o título de Barão pela Santa Sé). Ver mais em: HOLANDA FILHO, Pedro. **O Barão da Caridade: a morte de Guilherme Studart e a invenção de uma vida exemplar (1856-1938)**. 2018. 123f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2018.

⁹⁰ Paula Nei (1858-1897). Francisco de Paula Nei, cearense, poeta, boêmio declarado, jornalista e eloquente orador, bem-humorado e modesto, não assinava seus textos, erradicou-se cedo para o Rio de Janeiro após passar por, pelo menos, duas instituições de ensino cearenses e também na Bahia. No Rio foi figura marcante, fez parte da geração de literatos da rua do Ouvidor. Cedo descobriu que sua verdadeira vocação era o jornalismo e, por essa profissão, largou o curso de medicina, trabalhou com José do Patrocínio no Jornal Gazeta de Notícias. Ver mais: MENESES, Raimundo. **A vida boêmia de Paula Nei**. São Paulo: Editora Martins, 1944.

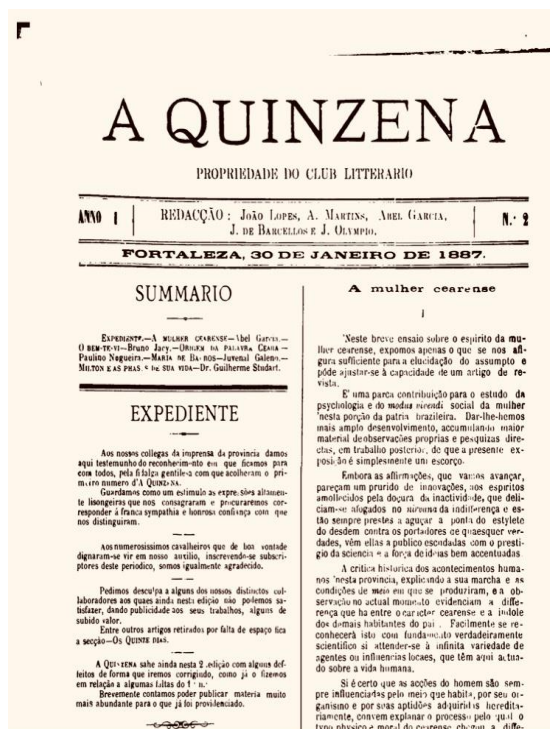
⁹¹ Clovis Bevilacqua (1859-1944), cearense, jurista, magistrado, jornalista, professor, historiador e crítico. Iniciou a carreira de magistrado em 1883, ao ser nomeado promotor público de Alcântara, no Maranhão. No jornalismo, fez campanha pela República e, após a Proclamação, foi eleito deputado na Assembleia Constituinte pelo Ceará. Foi a primeira e a última vez que ocupou uma posição política. Com a República foi nomeado professor de legislação comparada da Faculdade de Direito do Recife. Iniciou, então, a série de obras jurídicas que o credenciariam perante o país para incumbir-se da missão que lhe foi atribuída pelo Presidente Campos Sales, em 1899, convidando-o a elaborar o anteprojeto do Código Civil Brasileiro. Após dezesseis anos de discussão, de sua autoria, o Código Civil Brasileiro entrou em vigor em 1º de janeiro de 1917. Ver mais em: BIOGRAFIA. **Academia Brasileira de Letras**. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/clovis-bevilaqua/biografia> Acesso em: 10 jan. 2020.

⁹² FIUZA, R. C. P. op. cit., p. 28.

⁹³ Francisca Clotilde (1862-1935) foi escritora, educadora e jornalista cearense. Autora do romance "A Divorciada" (1902), participou da campanha abolicionista e foi defensora da emancipação feminina. Publicou contos, poemas e artigos também por meio do pseudônimo Jane Davy. Participou do mundo fechado dos intelectuais, registrando sua resistência em panfletos, almanaques, brochuras, revistas, jornais e nos livros que publicou, em mais de cinco décadas dedicadas ao ensino, às lutas sociais, às causas políticas e à literatura. Este estudo recolhe e analisa o repertório escrito da autora. Ver mais: LMEIDA, Luciana Andrade de. **Francisca Clotilde e a palavra em ação (1884-1921)**. 2008. 262 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza, 2008.

mesmo a revista desaparecendo, sabe-se que até 1894 ainda existiam encontros dos membros da associação.⁹⁴

Figura 4 – Capa do jornal A Quinzena, órgão do grupo Clube Literário. Edição fac-similar No. 2, publicada em 30 de janeiro de 1887.



Fonte: Da autora (2019).

Com o intuito de afirmar uma identidade do povo cearense, um grupo diverso de profissionais, como médicos, engenheiros, juristas, jornalistas, entre outros, criaram, em 1887, o *Instituto do Ceará*. Seus membros também possuíam visões políticas diferenciadas, pois alguns eram republicanos, outros monarquistas e alguns ainda defendiam a caserna no cenário político. Editaram a *Revista do Instituto*, que manteve periodicidade ininterrupta, contribuindo para o apoio da História, das Letras, Geografia e Ciências no Estado.⁹⁵

No final do século XIX, mais precisamente em 1894, outras agremiações são vistas como destaques dessa fome intelectual, a *Academia Cearense de Letras* (1894), que antecede em dois anos a criação da *Academia Brasileira de Letras* (1896), a *Padaria Espiritual*, vista como o mais singular dos grêmios cearenses, e o *Centro*

⁹⁴ FIUZA, R. C. P. op. cit., pp. 28-29.

⁹⁵ FARIAS, A. de. op. cit., p. 198.

Literário, que nasceu após uma briga de integrantes da *Padaria*. Conforme Farias, a *Academia Cearense de Letras* era composta de escritores com idade mediana, com mais de 30 anos e se propunha a discutir em sua revista homônima, não apenas literatura, mas também artes em geral, educação e ciências. Já o *Centro Literário* e a *Padaria Espiritual* eram compostos por jovens escritores e também possuíam seus órgãos de imprensa, sendo eles a *Revista Iracema* e o jornal literário *O Pão*, e se dedicavam com entusiasmo às sessões literárias, aquecendo o debate da chamada Mocidade Cearense.⁹⁶

De algum modo, os Padeiros eram os herdeiros da fome de letras que se viu nos idos da década de 1870. Por esses tempos, uma forte crise no mercado do algodão sinalizava o fim de uma denominada “era do ouro branco” cearense. Os últimos anos dessa década ainda assistiriam à grande seca que durou de 1877 a 1879 e, apesar dos mais abastados de Fortaleza ainda manterem uma ideia de avanço, os segmentos médios e baixos da sociedade já manifestavam uma emergente preocupação em se manterem vivos, fosse em corpo ou espírito. Foi graças a esse difícil cenário que o escritor mediano se viu diante de duas alternativas: ou mudar-se para o Rio de Janeiro ou publicar seus trabalhos através dos órgãos oficiais, como a *Academia Cearense* e o *Instituto do Ceará*. Numa sociedade em que tão poucos liam, viver das letras era uma alternativa pouco possível, mas viver e reviver nelas era uma forma de, se não revolucionar, ao menos reivindicar o direito ao alimento da alma.⁹⁷

O padeiro Álvaro Martins (Policarpo Estouro) enfatiza aos futuros leitores (gracejando as mulheres em especial), sobre o que significava a nova folha da cidade. Em verso, o escritor traduz o que significa o Pão do espírito, logo na segunda página do jornal de estreia:

Leitoras, o pão (jornal)
Que está na ordem do dia,
Vai ter uma freguesia
Enorme, na capital.

Com tudo, a população
Pode na terra viver,

⁹⁶ Mocidade cearense é como se refere Gleudson Passos ao grupo de intelectuais que iniciou os movimentos literários e filosóficos da época, segundo o historiador estes grupos se iniciam da criação da Academia Francesa até a Padaria Espiritual. Ver mais: CARDOSO, Gleudson Passos. **República das letras: Literatura, imprensa e política (1873-1904)**. Dissertação (Mestrado) Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.

⁹⁷ FARIAS, A. de. op. cit., p. 201.

Porem passar sem comer ...
Leitoras, isto é que não!

Por isto é que o nosso pão
Sendo tão extraordinário,
E hoje o mais necessário
A toda a população...

Pão – é vida; pão – é gozo
Pão – é germe da alegria,
E fruto misterioso
Da árvore da simpatia.

Pois é com pão (salvo seja)
Meninas, com que se faz,
A hóstia com que na igreja
Dos pecados vos ... limpais!⁹⁸

Ou seja, a agremiação deseja alimentar a alma dos leitores, trabalhando a necessidade das letras na vida das pessoas. Desta forma, continua o poema:

Trabalhai, pois, pelo pão,
Queridas leitoras minhas,
Que eu vos dou as Bolachinhas;
A cinco... por um tostão;
Prestai auxilio e razão,
A nossa agremiação
Ao nosso grande ideal;
Que no fim desta campanha,
Podemos, a vosso lado,
Vos mostrar o resultado
Da massa... espiritual!⁹⁹

Para os autores ascender para a condição das classes abastadas era um trabalho quase impossível. Assim, a alternativa foi apostar no contrário, já que, nesse difícil cenário, os autores eram vistos apenas como boêmios e improdutivos. Foi apostando em uma forma de quebrar o marasmo em que as letras haviam se jogado, que a sociedade artístico-literária denominada *Padaria Espiritual* se reuniu promovendo as artes na pacata cidade com ares de província, idealizada pelo parnasiano Antônio Sales, datada em seu estatuto de 30 de maio de 1892.¹⁰⁰ Originou-

⁹⁸ Bolachinhas. **O Pão**, n. 1, Fortaleza, 10 de julho de 1892. p. 2.

⁹⁹ Bolachinhas. **O Pão**, n. 1, Fortaleza, 10 de julho de 1892. p. 2.

¹⁰⁰ Estando fora do circuito literário principal, o eixo Centro-Sul, onde ocorriam os debates na época, os padeiros encontraram nos sócios-correspondentes atuantes no cenário nacional a solução para o

se do espírito jovem e audaz de um grupo que protestava contra a burguesia, o clero e tudo que fosse tradicional, como consta de seu programa de instalação. Consolidou-se através de duas fases distintas, uma descrita como boêmia, pilhérica e crítica, e outra menos despojada, mais madura, séria e produtiva.

Figura 5 - A primeira fase da Padaria Espiritual com Antônio Sales no centro, sentado em pose de chapéu, disposto a fazer das letras “uma coisa diferente, que sacudisse”.



Fonte: MOTA, Leonardo. **A padaria espiritual**. 2ª ed. Fortaleza: UFC/casa José de Alencar, 1994.

reconhecimento do grêmio pelos escritores do eixo e, por consequência, a sua aceitação em todo o cenário intelectual brasileiro. Antônio Sales foi o principal responsável por esse intercâmbio. Foi ele que, após redigir e publicar o folheto Programa de Instalação, enviou-os a vários intelectuais brasileiros, que, algum tempo depois, também receberam dele o convite para serem correspondente da agremiação. Contando com a ajuda desses intelectuais, a “Padaria Espiritual” tornou-se conhecida entre os diversos segmentos letrados da sociedade brasileira do final século XIX. Ver: BRITO, L. op. cit..

A primeira fase durou de sua fundação até 28 de setembro de 1894, já a segunda, iniciada ainda naquele mês e ano, foi a de sua reorganização, e finaliza-se em 20 de dezembro de 1898, data sua última sessão.

Figura 6 - A Padaria Espiritual em sua segunda fase, com Rodolfo Teófilo ao centro expressando ser um líder disposto a uma forma de arte mais engajada nos problemas da seca.



Fonte: MOTA. Leonardo. **A padaria espiritual**. 2^o ed. Fortaleza: UFC/casa José de Alencar, 1994.

Presente sempre nas comemorações coletivas, fornadas e nas manifestações de afeto quando da despedida por razão da morte de integrantes do grupo, cobrindo o esquife a bandeira do grupo tinha as cores acobreadas, e o cruzamento de uma caneta plumada e uma espiga de trigo. O estandarte da Padaria Espiritual é mencionado no item de número VII do programa de instalação, e levava a divisa do grupo: Amor e Trabalho.

Figura 7 – Estandarte original da Padaria Espiritual, em exposição no museu do Ceará.



Fonte: Da autora (2019).

Em sua primeira fase prevaleceu o caráter de brincadeira, na qual os padeiros impressionavam pela excentricidade dos atos, suas críticas humorísticas e ações inusitadas para aquela pacata província de Fortaleza, como aponta o autor Sânzio de Azevedo:

[...] a primeira, cheia de espírito, timbrando acima de tudo pela pilhéria, era a época em que, da sacada do segundo prédio que serviu de sede ao grêmio, um dos padeiros, de barbas postiças, fazia conferência para o povo da rua, tempos em que o Mané Coco embandeirava o Café Java, distribuía aluá aos fregueses, e soltava um imenso balão com o letreiro “Padaria Espiritual”, a fim de levar ao Padre Eterno as notícias dos feitos do grêmio; faziam-se piqueniques onde os padeiros, ao som de violinos, conduziam um pão de três metros de comprimento.¹⁰¹

Ou seja, tratava-se não apenas de expressar suas ideias através das letras escritas, mas alardeá-las aos quatro ventos, fantasiando-se com barbas postiças, oferecendo o popular aluá, bebida tradicional no Norte do Brasil feita de abacaxi ou de milho e, segundo o folclorista Luís da Câmara Cascudo, esse nome pode ser uma corruptela de “ao luar”, porque os escravos preparavam esse refresco à noite. Tal

¹⁰¹ AZEVEDO, S. de. **A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1982. p. 71.

irreverência já tinha destino certo também, pois queriam que suas ideias chegassem até o Padre Eterno, numa clara alusão aos seus desafetos com as religiosidades. Do forno, as reuniões passaram a ser sistemáticas, uma vez por semana,

[...] na casa dos padeiros “que tinham casa”, como pitorescamente informa Antônio Sales. Segundo ele, essa fase, menos boêmia, mas nem por isso alheia às brincadeiras e às anedotas, caracterizou-se por maior seriedade nos trabalhos e sobretudo pela publicação de quase todos os livros da sociedade.¹⁰²

A sociedade literária tinha como sua principal proposta ser uma “cousa nova”,¹⁰³ ou seja, levaria as discussões da arte, literatura e política para além das falas formais que aprisionavam as academias de letras daquela época. O grêmio levou as letras para a praça, ou seja, a intelectualidade se propôs a incluir as ruas de Fortaleza, defendendo uma proposta que dialogava com o público.¹⁰⁴

I – Fica organizada, nesta cidade de Fortaleza, capital da “Terra da Luz”, antigo Siará Grande, uma sociedade de rapazes de Letras e Artes, denominada – Padaria Espiritual, cujo fim é fornecer pão de espírito aos sócios em particular, e aos povos, em geral.¹⁰⁵

A ideia de fundar uma sociedade de letras e artes se fazia necessária, pois o grupo era composto por uma mistura de rapazes com talentos diversos: poetas, ficcionistas, músicos, um pintor e até mesmo um cidadão comum que, integrado ao grupo por ser “valente”, desempenhava um papel de vigia. Para consolidar a ideia de que se tratava de uma verdadeira padaria, era necessário produzir, durante a madrugada, o alimento para saciar o espírito, que era distribuído logo de manhã. Os

¹⁰² AZEVEDO, op. cit., p. 151.

¹⁰³ A proposta da Padaria Espiritual se dá quando Antônio Sales é convidado a participar de uma agremiação e chama a responsabilidade para a criação de algo novo, assim o formato é idealizado por ele e dele também é o batismo do nome. No livro “Padaria Espiritual, vários olhares” os autores citam Sales: “Queriam os amigos fundar um grêmio, achando que o Ceará, depois dos tempos da Academia Francesa, de 1873, e do Clube Literário, de 1886, caíra numa fase de desânimo. Mas Antônio Sales lembrava as pequenas agremiações cheias de retórica e dizia: Só se fosse uma coisa nova, original e mesmo um tanto escandalosa, que sacudisse o nosso meio e tivesse uma repercussão lá fora”. CARDOSO, Gleudson Passos; PONTE, Rogerio Sebastião. **Padaria Espiritual: Vários olhares**. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012. p. 20.

¹⁰⁴ MARQUES, Rodrigo. **Literatura Cearense uma outra história**. Fortaleza: Editora Dummar, 2018.

¹⁰⁵ Programa de instalação da Padaria Espiritual, publicado originalmente no jornal *O Operário* 1892. Ver mais em: **O Pão**:... da Padaria Espiritual. Fortaleza: Edições UFC/Academia Cearense de Letras/Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1982. (Edição fac-similar). pp. 5-6.

sócios se denominaram “padeiros”, as sessões chamavam-se “fornadas” e, conseqüentemente, o jornal que representava a comunicação dos sócios com o grande público denominava-se “O Pão”.¹⁰⁶

II – A Padaria Espiritual se comporá de um Padeiro-mór (presidente), de dois Forneiros (secretários), de um Gaveta (thesoureiro), de um Guarda-livros na accepção intrinseca da palavra (bibliothecario), de um Investigador das Cousas e das Gentes, que se chamará – Olho da Providencia, e demais Amassadores (sócios). Todos os sócios terão a denominação geral de Padeiros.¹⁰⁷

Figura 8 - Capa do programa de instalação da Padaria, enviado e publicado nos principais jornais do Brasil. Foto do exemplar enviado a Olavo Bilac.



Fonte: MOTA, L. op. cit., 1994.

O programa de Instalação, que contava com 48 itens, foi publicado na cidade de Fortaleza pelo jornal *O Operário*, e também no *Jornal do Comércio*, do Rio de

¹⁰⁶ CARDOSO, G. P.; PONTE, R. S. op. cit., p. 31.

¹⁰⁷ Idem.

Janeiro, ganhando, assim, destaque nacional, dado que se tratava da capital do Império. Segundo Cardoso, é legítimo apontar nos escritos e atitudes dos Padeiros uma antecipação ao movimento modernista, evidenciados em dois artigos do programa de instalação. Os artigos proibiam aos escritores do grupo o uso das “palavras estranhas à língua vernácula”, revelando um projeto nacionalista de negação ao pensamento do colonizador, valorizando a identidade nacional a partir dos elementos da própria terra. Tal preocupação e negação ao “estrangeiro” só encontraria lugar trinta anos depois, nas preocupações da Semana de Arte Moderna de São Paulo.¹⁰⁸

XIV – É proibido o uso de palavras estranhas à língua vernácula, sendo, porém permitido o emprego dos neologismos do Dr. Castro Lopes”

XXI – Será julgada indigna de publicidade qualquer peça litteraria em que se fallar de animaes ou plantas extranhas á Fauna e á Flora Brasileira, como – cotovia, olmeiro, rouxinol, carvalho etc.¹⁰⁹

Nos cabe explicar que o movimento modernista, segundo Antônio Candido, foi um grito de independência e cultura, valorização indetitária, buscou temas, formas, entendimento de mundo, modos de escrever e falar, e mesmo tendo como influência as vanguardas europeias, elucidou temas como a grande mestiçagem, herança cultural indígena e africana.¹¹⁰ Em pesquisa do professor Lucio Menezes, podemos perceber que o pensamento de um dos principais ícones da semana de 1922, Mário de Andrade, também se relaciona com tais valores. Diferentemente de seus pares modernistas que se aventuraram em experiências múltiplas em viagens à Europa, Mário, um apaixonado pela cultura brasileira, investiu seu tempo em conhecer seu ideal de Brasil, e fez esse movimento tanto em viagens literárias quanto em incursões pelo país, tornando-se um “turista aprendiz” enaltecendo e visando buscar a sua versão de “alma brasileira”.¹¹¹

¹⁰⁸ CARDOSO, G. P. op. cit., 2006. p. 22.

¹⁰⁹ Programa de instalação da Padaria Espiritual, publicado originalmente no jornal *O Operário* 1892. Ver mais em: **O Pão**:... da Padaria Espiritual. Fortaleza: Edições UFC/Academia Cearense de Letras/Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1982. (Edição fac-similar). pp. 5-6.

¹¹⁰ CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 8ª ed. São Paulo: Publifolha, 2000.

¹¹¹ MENEZES, José Lúcio da Silva. **Pouca saúde e muita saúva, os males do Brasil são!** O povo em Macunaíma, o herói sem nenhum caráter, de Mário de Andrade. Tese (Doutorado em História), Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. 178 f. p. 12.

Dessa forma, como Mário de Andrade, vemos que uma das preocupações do grupo de 1892 estava alinhada com pretensão de se priorizar os valores nacionais, através não só de seus artigos XIV, XXI (citados acima), mas também de organizar, o mais breve possível, um cancioneiro popular, no artigo XXXIV.¹¹² Outra semelhança, além do alinhamento com a postura nacionalista, foi a própria união diversificada do grupo, que também representa uma atitude de vanguarda. Em sua formação havia pintores, literatos e músicos que se propuseram à uma variedade artística, atuando de forma ativa por seis anos, e não apenas por uma semana. Conforme Velloso, é valido ainda afirmar que aconteceram diferentes Modernismos, sendo eles plurais, e que não se limitaram a São Paulo ou Rio de Janeiro, mas espalharam-se pelo Brasil,¹¹³ sendo que a do Rio se caracterizou pela ruptura no academicismo. A ideia de moderno foi deslocada, as ruas e a cidade se tornaram seu tema. Assim, é possível comparar semelhanças entre o movimento dos padeiros e as experiências do movimento carioca que, “quando espalhados pelos cafés sonhavam em mudar o sentido das coisas, criticavam o mercantilismo e a burocracia, criaram revistas irreverentes”.¹¹⁴

Guardando as devidas proporções, os escritores cearenses eram boêmios, mas diferentes dos cariocas. Se, por um lado, não escreviam sobre o marginal, por outro, assim como eles escreveram sobre esperanças e desencantos, além de rejeitarem uma literatura ligada à vida oficial e burocrática. Não nos cabe, neste trabalho, a discussão das correntes do pré-modernismo ou modernismo, visto que esta pesquisa se pretende a um outro tema. Porém, cabe-nos afirmar que a proposta do alimento do espírito defendida pelos Padeiros já nos parece, em si, uma atitude de vanguarda. Antecipa em algumas décadas Oswald de Andrade quando afirma que “A massa ainda comerá o biscoito fino que eu fabrico”,¹¹⁵ entretanto, como afirma Demócrito Rocha¹¹⁶ em tom de brincadeira na revista Maracajá comparando os (já

¹¹² COSTA FILHO, Cícero João da. **A Padaria Espiritual: cultura e política em Fortaleza no final do século XIX**. São Paulo: Editora LTC, 2016. p. 200.

¹¹³ VELLOSO, Monica Pimenta. **Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 18.

¹¹⁴ *ibid.*, p. 19.

¹¹⁵ CAMPOS, H. Uma poética da radicalidade. In: ANDRADE, Oswald de. **Pau Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Globo, 2003. pp. 19-84.

¹¹⁶ Demócrito Rocha (1888-1943) nasceu em Caravelas- Bahia e mudou-se para o Ceará em 1921, fez carreira como professor após concluir seus estudos pela Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará em 1922, também foi político, poeta e jornalista brasileiro, membro da Academia Cearense de Letras e o Instituto do Ceará. Iniciou a atividade jornalística em 1924, fundando o jornal *Ceará Ilustrado*. Foi também redator e diretor literário do jornal *O Ceará*, em 1928 o jornal diário *O Povo*, e no ano

definidos) movimentos modernistas cearenses e paulistas em 1929, sinaliza-nos a diferença crucial entre os dois, “a índole alegre” que acompanha a identidade cearense:

Elles metem excessiva erudição no que fazem. E bancam sisudez. Nós somos alegres por índole. Em São Paulo, os rapazes para fazer sua Antropofagia precisam dar o laço a gravata. (...) Aqui não, nós rimos de tudo”.¹¹⁷

Ainda no que se refere ao programa de instalação da Padaria, mais especificamente no artigo 35, vemos que a criação de um jornal era uma das propostas dos autores desde o princípio, determinando que: “Logo que estiverem montados todos os maquinismos, a Padaria publicará um jornal que, naturalmente, se chamará – O Pão”.¹¹⁸ No livro “Retrospecto dos feitos da Padaria Espiritual” o Padeiro-mor Antônio Sales descreve com entusiasmo a publicação inicial d’*O Pão*:

Numa bela manhã de junho do ano da graça de 1892, o “Forno” surgia aos olhos da população do Forte embandeirado, florido, pimpão e ruidoso como um viveiro de periquitos. Foguetes esfuracavam o ar, e uma banda de música trauteava polcas alegres. Os passantes paravam à nossa porta, e tudo quanto era janela da rua formosa apinhava-se de pessoas de todos os sexos e idades. Alguma coisa de extraordinário se passava no “Forno”... Curiosos acotovelavam-se a perguntar que diabo seria aquilo... Dentro em pouco rasgava-se o mistério aos gritos estridentes de meninos que apregoavam “O Pão”, cuja edição esgotou-se dentro de poucas horas.¹¹⁹

Observa-se desse relato sobre o lançamento da primeira edição do jornal que, apesar da postura despretensiosa desses inusitados padeiros, esses tiveram também o dom da comunicação, não só na escrita como na divulgação do lançamento, pois conseguiram chamar a atenção daquela população. Um requisito intrínseco à teoria

seguinte a revista literária *Maracajá*, que propagava o modernismo no Nordeste do Brasil. Ver mais em: SIPRIANO, Benedita. O jornalismo cearense nas décadas de 1920 e 1930: as relações entre “informativo” e “opinativo”. **Revista de História Bilros**. História(s), Sociedade(s) e Cultura(s), Fortaleza, v. 4, n. 7, pp. 138-154, jul.- dez. 2016. Acesso em: 01 dez. 2020.

¹¹⁷ AZEVEDO, Sânzio de. O advento do Modernismo na poesia cearense. **Academia Cearense de Letras**. pp. 195-227. Disponível em: http://www.academiacearensedelettras.org.br/revista/Colecao_Diversos/Modernismo_80_anos/ACL_Modernismo_80_Anos_14_O_Advento_do_Modernismo_na_Poesia_Cearense_SANZIO_DE_AZEVEDO.pdf. Acesso em: 15 jan. 2020.

¹¹⁸ CARDOSO, G. P.; PONTE, R. S. op. cit., p. 14.

¹¹⁹ SALES, Antonio. **Retrospecto dos feitos da Padaria Espiritual**. Fortaleza: Tip. d’A República, 1894. p. 15.

da comunicação,¹²⁰ conseguiram despertar a curiosidade, possivelmente pelos inusitados títulos que remetiam, tanto à comida, quanto à espiritualidade, dois preceitos caros àquela sociedade. Além disso, o relato sugere também que tais habilidades cumpriram o objetivo de conseguir leitores, pois, em “poucas horas” a edição esgotou-se. Estava assim estabelecido, de forma espontânea e desprestigiada, o fluxo de um empreendimento rentável e duradouro: a produção, sua divulgação e o consumo, mesmo que sem um longo planejamento prévio.

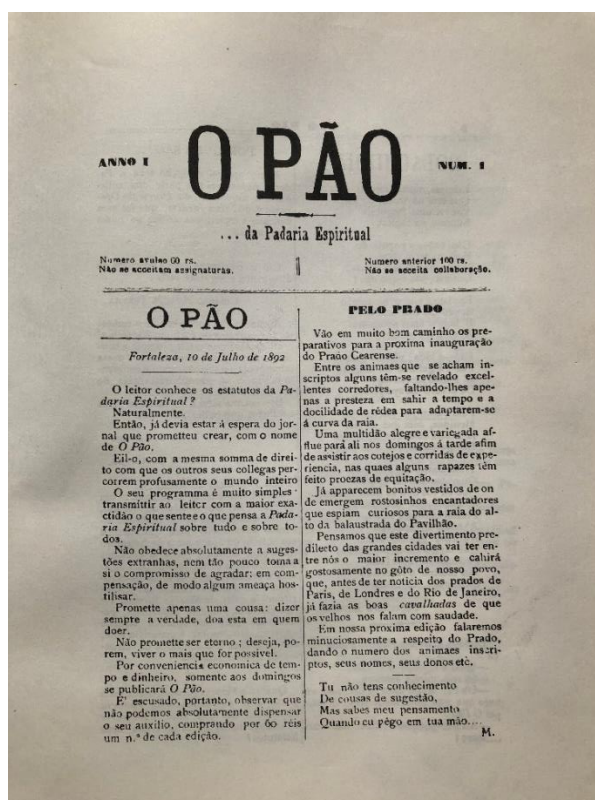
Logo na primeira página se anunciava:

O leitor conhece os estatutos da padaria Espiritual?

Naturalmente.

Então, já devia estar á espera do jornal que prometeu criar com o nome de O Pão.¹²¹

Figura 9 – Fac-similar da do jornal O Pão, número 1, primeira fase, publicado em 10 de julho de 1892.



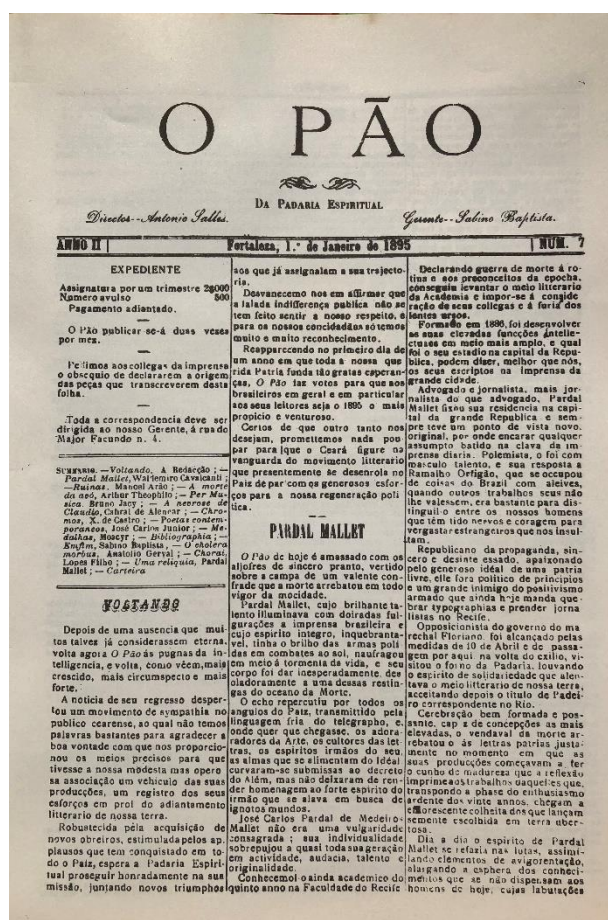
Fonte: Da autora (2019)

¹²⁰ SOUZA, Rose Mara Vidal de; MELO, José Marques de; MORAIS, Osvando J. de. **Teorias da comunicação**: correntes de pensamento e metodologia de ensino. São Paulo: Intercom, 2014.

¹²¹ **O Pão**, n. 1, Fortaleza, 10 de julho de 1892, p. 1.

O jornal de oito páginas com duas colunas media 17x28cm (em sua primeira fase)¹²² e era vendido nas chamadas “fornadas” aos domingos. Ao todo, somou trinta e seis edições e contava com diversificadas sessões. Devido à falta de recursos, bem comum às produções literárias da época, suas edições foram publicadas de forma irregular e por muitas tipografias, sendo que seus primeiros dois exemplares foram publicados na tipografia do jornal *O operário*.¹²³

Figura 10 – Fac-similar do jornal *O Pão* publicado em 01 de janeiro de 1895, segunda fase, com mais textos e autores.



Fonte: Da autora (2019)

¹²² Existe divergência entre os estudiosos da Padaria Espiritual, quanto ao número de fases do movimento. Em sua tese, Regina Fiuza, bisneta do padeiro José Carlos Ribeiro Junior (Bruno Jaci), defende que a padaria possui três fases, e elas são marcadas não só pela produção da padaria, mas sobretudo por sua Administração. Ver: FIUZA, R. C. P. op. cit..

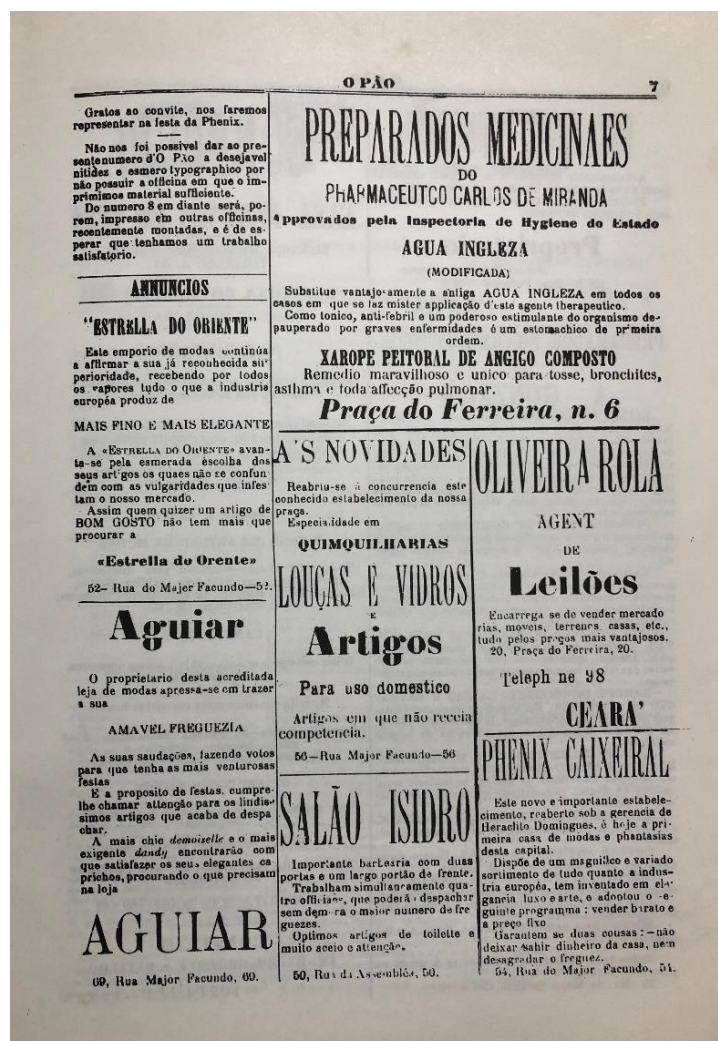
¹²³ O Jornal: “O Operário” inicia suas atividades em 28 de fevereiro de 1892, seus redatores eram João da Rocha e João Benevides, suas matérias elucidavam as lutas operárias e portuárias no Ceará. Ver: PORTAL DA HISTÓRIA DO CEARÁ. **Fatos Históricos**. 2008. Disponível em: http://www.ceara.pro.br/fatos/MenuHistoriaVerbete.php?pageNum_leiturselecao=185&totalRows_leiturselecao=31932 Acesso em: 15 out. 2018.

Entretanto, o jornal passa, assim como o grêmio, por uma releitura, e no início de 1895 é publicado o jornal de nº 7, iniciando-se uma nova fase de sua edição. Essa fase se estenderia até a edição de número 36, em um formato mais organizado, com páginas maiores medindo 21x31 cm, agora com três colunas. Na segunda fase do jornal há um sumário e todas as seções são intituladas, contando com a assinatura de um diretor e um gerente, sendo eles Antônio Sales e Sabino Batista, respectivamente.

O *Pão* possuiu mais de dez seções, que versavam sobre os mais variados assuntos. Algumas delas era bastante populares, como “Confeitos”, uma seção de contos; os sonetos eram escritos na parte intitulada “Bolachinhas”, as crônicas eram divididas nas segmentações “Sabatinas” e “Os quinze dias”, as máximas e pensamentos estavam na seção “Saco das Ostras”, e as informações e cartas recebidas eram a seção “Recados”. Transcrevendo as quadras populares do Estado havia a “Cancioneiro popular”; o espaço para falar dos livros recebidos pela biblioteca da agremiação era “Bibliografia”, dentre outras.

No que diz respeito à tiragem e ao preço, a autora Regina Fiuza, informa que o número dois de O’Pão, publicado em 17 de junho de 1892, esgotou-se em duas horas com uma tiragem de 2.496 exemplares, custando o preço de sessenta réis, valor que foi praticado nos três primeiros exemplares. A partir do quarto número o jornal passou a trabalhar com assinaturas, inclusive para o interior do Estado, custando dois mil réis o trimestre com pagamento antecipado e avulso cem réis e, para obtenção dos números anteriores, duzentos réis.

Figura 11 – Fac-similar da edição n. 7, publicada em 01 de janeiro de 1895. Na foto, vemos os anúncios que se iniciaram a partir da segunda fase do jornal.



Fonte: Da autora (2019)

Também após a remodelação, o jornal ganhou anúncios, quando, então, o valor passou para quinhentos réis, permanecendo assim até o último exemplar. As assinaturas variavam de cinco a dez mil réis, de acordo com o tempo escolhido - semestral ou anual.¹²⁴ “O Pão” foi publicado com muitas lacunas, findando-se em 31 de outubro de 1896, basicamente por duas dificuldades para a confecção do periódico: a falta de recursos da agremiação e de tipografia.

Por conta das dificuldades econômicas, esses padeiros se viram obrigados a mudar de sede constantemente, e muitas vezes se reuniam em seus próprios endereços, sendo até despejados de uma das sedes por não pagarem o aluguel.

¹²⁴ FIUZA, R. C. P. op. cit., pp. 77-78.

Assim, a falta de dinheiro impactava, também, a produção do jornal, pois nota-se, nas diversas impressões, que foram feitas em tipografias diferentes, denunciando as dificuldades pelas quais os padeiros passavam para publicar seu jornal.

Conforme Fiuza, os dois primeiros números do jornal foram impressos na tipografia d'O operário, e somente após três meses o terceiro número pôde ser publicado. Não há descrição da tipografia dessa edição 3, assim como também não consta no número quatro. A edição número cinco consta com tipografia do jornal O combate, à rua Formosa 131. Na sequência, os números seis e sete não trazem referência de tipografia, já do oitavo ao trigésimo foram impressos na tipografia Studart, localizada também na rua Formosa, porém no número 46. As últimas seis publicações foram feitas pela Lithografia Cearense.¹²⁵

O jornal literário expressou versatilidade nos escritos e, como fruto de suas colunas, somam-se mais de duzentos poemas, além de diversos livros editados com o selo da "Padaria Espiritual", principalmente em sua segunda fase. As críticas ácidas de suas crônicas se tornaram ponte entre as pessoas comuns que já tinham certo domínio de leitura e a intelectualidade, envolvendo assim, o público nas discussões artísticas, culturais e políticas.

O Pão contava com redatores e seus principais membros assinavam com codinomes, foram eles: Antônio Sales (1868-1940) era Moacir Jurema; Adolfo Caminha (1867-1897) era Felix Guanabario; Lívio Barreto (1870-1895) era Lucas Bizarro; Henrique Jorge (1872- ****) era Sarasate Mirim, Rodolfo Teófilo (1863-1932) era Marcos Serrano; Antônio Bezerra (1841-1921), era André Carnaúba.

Os padeiros também contavam com correspondentes e mantiveram colaboradores no circuito nacional, tais como Clovis Beviláqua (1859-1944), Coelho Neto (1864-1934), Augusto de Lima (1859-1934), Pardal Mallet (1864-1894), Araripe Junior (1848-1911), Padre Correia de Almeida (1820-1905). Além disso, também buscaram serem conhecidos do outro lado do Atlântico,¹²⁶ enviando cartas a

¹²⁵ Ibid., p. 83.

¹²⁶ O autor Leonardo Mota cita em seu trabalho, no capítulo Relações Exteriores, a busca dos padeiros por correspondentes: "A Padaria deu o que falar a todo Brasil e toda a imprensa brasileira lhe fez elogio, 'desde as gazetinhas de vinte centímetros até as de um metro, qual o Jornal do Comercio, do Rio de Janeiro'. E, como ufanamente se assinalou mais tarde, 'esplendida', 'benemérita', 'incansável', 'operosa', 'adorável' eram os qualificativos com os maiores críticos distinguiam a associação dos irreverentes letrados fortalezenses. (...) Na outra margem do Atlântico, Eça de Queiroz, Guerra Junqueiro, Antônio Nobre e Ramalho Ortigão não deram confiança as mostras de camaradagem dos Padeiros, isto é, não responderam às bem trabalhadas missivas que lhes endereçaram Tibúrcio de Freitas, Adolfo Caminha, Lopes Filho e Antônio Sales; mas Abel Botelho, o vigoroso romancista

escritores já consagrados, como Eça de Queiroz, Guerra Junqueira e outros. Entre esses, obtiveram resposta do romancista lusitano Abel Botelho (1854-1917) que, inclusive, enviou livros para a associação.

Durante os seis anos de sua existência, sua produção foi intensa e diversificada. Foram 11 livros impressos com o selo da Padaria Espiritual e as 36 edições do jornal “O Pão”. Após serem dadas por perdidas por muitos pesquisadores, no ano de 2015, o livro de Atas das fornadas foi encontrado. Elas foram recuperadas de um arquivo na Sala Barão de Studart do Instituto do Ceará, quando uma funcionária catalogava manuscritos do século XIX. Neste trabalho citaremos algumas delas.

1.2 TRANSFORMAÇÕES, CIDADE E O LAZER

No Java

*- Leve este café ... está detestável! Depois que o Mané coco de para a marmorista, parece que vocês fazem café com o pó de ... mármore!*¹²⁷

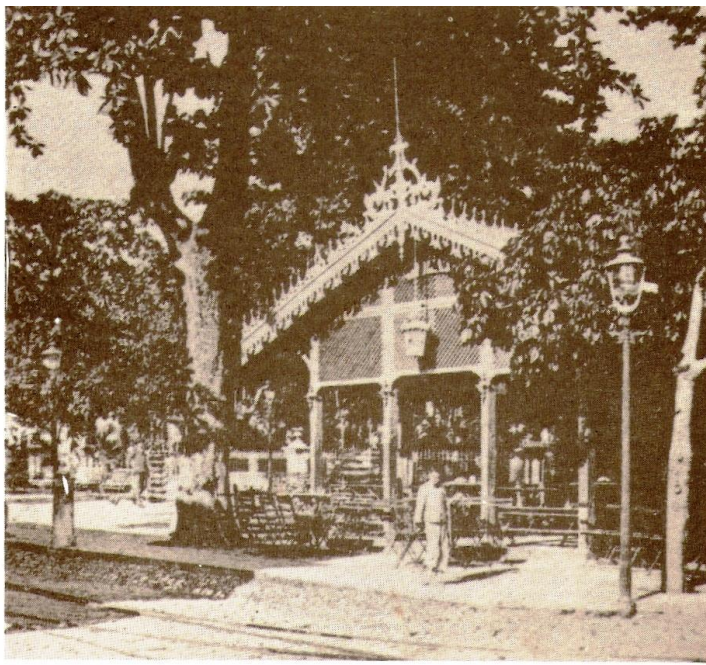
A Padaria Espiritual se inicia em encontros de lazer nas mesas do Java, um dos quatro cafés ao estilo *chalet* francês, situados à Praça do Ferreira. Como este foi o espaço em que se materializou nosso objeto, iniciamos por ele o tópico sobre o lazer. Os cafés em Fortaleza faziam parte da remodelação da cidade, eram espaços fundados por proprietários vindos do interior ou mesmo da capital, pessoas de alguma posse que viram neste investimento de comercio uma nova forma de sobrevivência após o serem assombrados pelo fantasma das grandes secas. Recebiam público

lusitano, enviou seus livros a Padaria - sinal como, alguns anos depois, observou Adolfo Caminha - de que a outra já era vista ‘a outra banda’”. Ver: MOTA, Leonardo. **A Padaria Espiritual**. Fortaleza: Edésio, 1938. p. 72.

¹²⁷ Em tirinha na seção de máximas, a brincadeira dos padeiros sobre o sabor do café na cafeteria do amigo Mané Coco que provavelmente investia em outros ramos de empreendimentos pela cidade (casa de mármore). ver: Malacachetas. **O Pão**, Fortaleza, 06 de novembro, n. 3, p. 3.

diversificado, na sua maioria homens que também vinham tentar a sorte em Fortaleza, obrigados a migrar para a capital, em sua maioria os frequentadores trabalhavam como caixeiros, tipógrafos, eram estudantes e intelectuais de agremiações. Com a sociabilidade criada nos cafés, percebemos que as letras se expandem para além dos jornais, infiltram-se nas ações cotidianas das pessoas, fazendo de espaços comuns espaços próprios e determinados, ditando novas formas e maneiras de se comportar, alimentar, vestir enfim, de sentir os lazes e prazeres das novidades.

Figura 12 - O Café Java, de Manuel Pereira dos Santos (Mané Côco), na Praça do Ferreira, onde nasceu a idéia da Padaria Espiritual



Fonte: MOTA, Leonardo. **A padaria espiritual**. 2ª ed. Fortaleza: UFC/casa José de Alencar, 1994.

O padeiro Antônio Sales nos relata um pouco sobre a exclusividade que os Padeiros tinham em utilizar do espaço:

Nossa associação caíra no gosto do público: toda gente achava graça nessa nossa boêmia intelectual, que saía dos moldes já conhecidos e não ofendia em cousa alguma aos bons costumes. As famílias faziam sereno à porta do Forno para assistir às nossas sessões, e quando festejávamos o natalício de um Padeiro, nos mandavam doces e flores e nos emprestavam louça e talheres. Nos dias em que não nos reuníamos no Forno, íamos para o Java, não para o pavilhão comum,

mas para um pitoresco quiosque que o Mané Coco preparara ao lado para nosso gozo exclusivo.¹²⁸

Chama a atenção nos textos dos padeiros a relação que estabelecem entre ócio e lazer naquele mundo ainda estranho e “provincianamente-urbano” cearense. Embora o material analisado não nos permita inferir que os conceitos presentes em suas assertivas expressam influência do intenso debate que ocorria na Europa daquele período sobre esses temas, uma rápida retrospectiva se faz necessária, até para melhor entendermos qual era o significado e a dimensão de crítica social que os padeiros deixaram impregnados em suas obras.

A busca da modernidade no século XIX, por muitas vezes, encontrou na história uma certa autorização perversa para um projeto que, para muitos, significou exclusão, e para bem poucos foi sinônimo de benefícios. Afetou suas vidas em muitas estruturas, manteve privilégios e, simultaneamente, apagou e mudou a vida e a conduta de muitos indivíduos. Conforme a historiografia aponta, o estatuto teórico sobre a relação entre cidade e lazer foi construído em consonância com a intensa transformação urbana vivenciada pela Europa no século XIX, sob a égide da revolução industrial.¹²⁹ O impacto das transformações urbanas no cotidiano da vida das pessoas chamou a atenção dos filósofos e políticos que desenvolveram inúmeras teorias e propostas visando solucioná-los. Assim, observa-se duas tendências de “projeções espaciais da cidade futura, ou ‘modelos’, conforme seus criadores - Owen, Fourier, Morris e outros: o progressista, que primava pela organização dos espaços de forma racional, e o culturalista, que propugnava a integração desses espaços com a natureza, sem ambiguidades”.¹³⁰

É desse momento de intensa industrialização que, tanto o “urbanismo como o conhecemos, que deixa a dependência religiosa ou interesse político (configurado na Antiguidade) e que busca uma ciência dos estabelecimentos humanos,¹³¹ que as noções de lazer e ócio, adquirem estatuto próprio”.¹³² Nesse contexto, como se põe a

¹²⁸ SALES, Antônio. **Novos Retratos & Lembranças**. Fortaleza: Casa de José de Alencar – UFC, 1995. p. 20.

¹²⁹ CHOAY, F. O Urbanismo, utopias e realidade, uma antologia. São Paulo: Perspectiva, 1965. *apud* SILVA, Renata Vicentin; BUENO, Adriano Rafael Escher; MADUREIRA, Eduardo Miguel Prata Madureira. O surgimento do urbanismo: planejamento urbano. **Anais do 4º Encontro Científico Cultural**, FAO, 2016, p. 5.

¹³⁰ Idem.

¹³¹ HAROUEL, Jean-Louis. **História do urbanismo**. 3ª ed. Campinas: Papirus, 1990.

¹³² DIAS, Cleber. pp. cit..

relação entre ócio e lazer? Observa-se dos estudos que, enquanto o lazer mantém sua etimologia original, associada ao que foi denominado por Dumazedier¹³³ como a teoria dos 3 Ds: “descanso, diversão e desenvolvimento num tempo liberado de obrigações”, por outro lado, a palavra ócio:

resguarda valores negativos apregoados pela influência religiosa puritana, pela própria história da industrialização e modernização brasileira, ao longo da qual se pode observar, claramente, o surgimento de uma nova ordem entre empresários e empregados, operários e patrões e a necessidade de controle social no tempo fora do trabalho, para garantir a ordem numa sociedade elitista, herdeira de valores colonialistas.¹³⁴

Um desses projetos do “moderno bem executado” foi a inversão da luta pelo prazer, que em certa hora se tornou “Lazer”, ou seja, a satisfação racionalizada.¹³⁵ A emergência do trabalho livre, o fim do tráfico de escravos (1850), uma abolição, mesmo que “para inglês ver” (1888), a abertura dos portos (1808) possibilitando a imigração no Brasil, inauguração das ferrovias (1854), industrialização e é claro, a tão contraditória Proclamação da República (1889) trazem alterações e novos efeitos sociais e morais, contando com o pano de fundo a mundialização capitalista que ditava as novas ordens.

Uma nova República que não respeitou o significado “filosófico original” da palavra em nenhum de seus projetos, da forma que, mesmo após sua independência insistiu em uma estrutura colonial de produção. Com grande incentivo à continuidade do trabalho servil e uma economia subserviente de produtos primários, grandes latifúndios, e a continuidade de um sistema político paternalista que marginalizava a maioria da população.¹³⁶ Assim, as mudanças econômicos-sociais traziam novos valores e, com eles, as ideias capitalistas moldavam a nova forma de ser e viver, a urbanização ditava os novos modelos e experiências de sociabilidade:

As mudanças irão afetar desde a ordem e as hierarquias sociais até as noções de tempo e espaços das pessoas, seus modos de perceber os objetos ao seu redor, de reagir aos seus estímulos luminosos, a

¹³³ DUMAZEDIER, Joffre *apud* AQUINO, C. A. B.; MARTINS, J. C. de O. op. cit..

¹³⁴ *idem*.

¹³⁵ BRITO, Daniel Chaves de; RIBEIRO, Tânia Guimarães. A modernização na era das incertezas: crise e desafios da teoria social. **Ambiente & Sociedade**, vol. 5, n. 2, 2003, pp.147-164.

¹³⁶ SCHWARCZ, Lília M.; STARLING, Heloisa M. **Brasil: Uma Biografia**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2018. pp. 291-341.

maneira de organizar suas afeições e de sentir a proximidade ou o alheamento de outros seres humanos.¹³⁷

A partir de 1860, as cidades brasileiras passaram a perder seu aspecto colonial e mergulhar em transformações, fosse nos transportes, na iluminação das ruas ou em seus calçamentos, dessa forma “se fez a luz” e as ruas podiam ser mais ocupadas, independentemente do horário, o tempo se alarga e com ele novas formas de usá-lo e aproveitá-lo. Somado a tantas mudanças, há ainda o desenvolvimento das instituições do Estado, com a ocupação dos cargos burocráticos, as construções públicas, promovendo, entre outras medidas, o aformoseamento das cidades, atraindo os novos cidadãos que buscavam o moderno. Os contrastes que a modernidade trouxe foram analisados por Marshall Berman, que ressaltou como os aspectos contraditórios das transformações, inevitavelmente, nos afetaram, pois “a vida moderna possui uma beleza peculiar e autêntica, à qual, no entanto, é inseparável de sua miséria e ansiedades intrínsecas, é inseparável das contas que o homem moderno tem de pagar”.¹³⁸

Nas crônicas d’O Pão essa conta a pagar pelo moderno fica evidente em muitos trechos da coluna, como por exemplo, nesta em que o Padeiro Ivan D’Zof (Waldomiro Cavalcante) faz longa crítica aos aparatos da modernidade que tomaram conta dos costumes nas festas de final de ano dos fortalezenses:

Dias movimentados. Festas. Ano Novo e Reis Magos, mas sem uma nota que fique recordado o que foram esses dias caracterizado por essa consagração burguesa que se resume na exposição de uma vestimenta nova ou escovada, de um bolo feito com economia de manteiga, atenta a carestia de gênero, e n’esse insípido vai e vem pelos passeios, trocando as portas cumprimentos cedidos aos conhecidos que se encontram. Nada de tradicional que desperte a admiração ou emocione.¹³⁹

Como podemos verificar nesse trecho, o autor discorre sobre o seu desgosto por algo que não valeria sequer ser lembrado, uma vitória dos ideais burgueses que destruíram a tradição das festas, seja em seu aspecto emocional de companheirismo

¹³⁷ SEVCENKO, Nicolau. (org.) **História da Vida Privada no Brasil**. República: da Belle Époque a era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 7.

¹³⁸ BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 138.

¹³⁹ Os Quinze dias. **O Pão**, n. 8, Fortaleza, 15 de janeiro de 1895, pp.1-2.

entre as pessoas ou no preparo dos alimentos. O desencantamento com a “economia da manteiga” no preparo do bolo nos remete à perda de um produto que sofre os processos de industrialização, não sendo mais caseiro, tem como fator principal a perda de sabor, uma mudança sentida sensivelmente pelo autor.

Essas mudanças seguiam um padrão mundial, têm uma conexão quase que imediata com as revoluções tecnológico-científicas¹⁴⁰ da época, além de uma nova revolução industrial, a segunda ocasionada agora pelo desenvolvimento do aço, eletricidade e vapor, dando margem para uma produção em massa e automatização do trabalho. Chegava a era das indústrias, em especial das químicas e elétricas. As formas de manifestação cultural estavam sendo suprimidas, o que se buscava impor eram as “benesses do consumo”, uma série de padrões e modelos importados das grandes potências europeias que expressavam valores políticos, econômicos e sociais a serem seguidos.

As autoridades republicanas faziam frente às manifestações e festas populares, em especial às festas tradicionais, pois essas poderiam contestar o poder instituído e transgredirem a moral do trabalho, afrontando o ideal de progresso, o comportamento urbano aceitável e defendido pela República. Prossegue o Padeiro na continuação da crônica, quando descreve ter visto um presépio na casa de um amigo ao visitá-lo:

Pobre Cristo!

Murmurou meu amigo ao contemplar o aspecto bélico da lapinha, tiram-te estabulo e lançam-te a caserna! Com efeito tudo ali era militar. Como um pleito ao militarismo, vestiram o menino Jesus de cadete, Nossa senhora parecia uma vivandeira e S. José humilde, postado a um canto tinha um ar todo de sargento. Os três reis magos tinham vistosas fardas de generais, e se não usavam barretes phrygios também coroas não traziam para que não perigassem às instituições ante tanto rei junto.¹⁴¹

Conforme vemos na descrição do Padeiro, a representação toda se tornou militar, das vestimentas às disposições dos enfeites, e assim também eram os

¹⁴⁰ O historiador cearense Sebastião Rogério Ponte, estudioso das transformações sociais e urbanas em Fortaleza ao referir-se à *Belle Époque*, contextualiza-nos o período em questão, quando os avanços tecnológicos provocaram uma série de mudanças: “Termo francês cunhado para traduzir a euforia europeia com as novidades decorrentes da revolução científico-tecnológica (1850-1870 em diante). Ver: PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social** (1860-1930). 4ª ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010. p.18.

¹⁴¹ Quinze dias. **O Pão**, n. 8, Fortaleza, 15 de janeiro de 1895, pp. 1-2.

espaços, não havia mais lugar para particularidades culturais, todos deveriam seguir as mesmas ideias e ter os mesmos comportamentos. Entre os habitantes, a devoção pela República militarizada que se alternou no Brasil era uma questão de honra estúpida racional. As tentativas de alinhamento das experiências sociais, as ordens civilizatórias, seriam muito denunciadas também por Adolfo Caminha,¹⁴²

E o bumba-meu-boi? e os congos? e os fandangos e todas estas festas tradicionais que o povo se incumbia de criar para gáudio dos rapazes alegres?... Tudo, tudo vai desaparecendo com o patriotismo nacional. O natal, como S. João e como todas as festas de caráter popular – vai degenerando em festa aristocrática.¹⁴³

O autor questionava, assim, o desaparecimento das festas populares que animavam a vida dos populares em detrimento dos bailes aristocráticos, e o quanto agora eram valorizados os comportamentos nocivos em torno do capital. No mesmo tom, o padreiro Sabino Batista comentava com pesar:

Com que saudade não me recordo eu hoje das festas populares que vão sendo substituídas pelos bailes aristocráticos!... Antigamente, eram os fandangos, os congos, o bumba-meu-boi e as legendárias pastorinhas que, por toda parte, enchiam de luz e de alegria a noite de natal; hoje são os bailes da alta sociedade; o povo já não brinca, o povo já não se diverte. Benditas seja tu, ó noite de festa, que tantas recordações me trazes dos tempos idos, da minha meninice tão rendilhada de sonhos e harmonia...¹⁴⁴

De forma saudosista, apontava que, conforme notava, o povo já não brincava, não festejava, já não trazia a rememoração da cidade de sua meninice que vivia mais harmonicamente sem a interferência dos valores agora pautados nas diferenças

¹⁴² Adolfo Ferreira dos Santos Caminha (1867-1897), cearense órfão da grande seca do Nordeste (1877-79). Foi criado por parentes em Fortaleza até os 13 anos, depois é enviado ao Rio de Janeiro para estudar. Em 1883 entra na Marinha de Guerra, porém volta à Fortaleza transferido após cinco anos, para se tratar dos sintomas de tuberculose. Em Fortaleza, apaixona-se por Isabel Jataí de Paula Barros, a moça, no entanto, era casada com um alferes. A história vira escândalo e toma proporções após Caminha assumir o caso publicamente e tomá-la como esposa. Esse fato lhe rendeu a demissão da corporação, e segundo seus estudiosos, sua obra foi alimentada por duas de suas vinganças declaradas. A primeira, o ódio aos padrões sociais da cidade de Fortaleza, exposto na obra “A Normalista” (1893). A segunda, ocasionada também pelo desdobramento desse episódio o levou a mostrar um mundo de hipocrisia que cerca as carreiras de “fardas”, abordando a homossexualidade dentro da instituição, em um romance ao sabor naturalista entre dois marinheiros, “O Bom crioulo” (1895). Ver mais em: AZEVEDO, Sânzio de. **Adolfo Caminha: vida e obra**. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2017. pp. 36-44.

¹⁴³ Sabatina. **O Pão**, n. 5, Fortaleza, 24 de dezembro de 1892, p. 3.

¹⁴⁴ Noite de festa **O Pão**, n. 5, Fortaleza, 24 de dezembro de 1895, p. 5.

sociais. Como indica a fonte, as experiências coletivas como festas folclóricas, as brincadeiras, os cultos religiosos que fizeram parte da história do lugar, estavam se tornando apenas memórias distantes, pois agora se apresentavam como ações que poderiam levar à subversão e um perigo à nova ordem civilizadora das elites.

Em uma outra crônica, Antônio Sales reforça que a modernização não promoveu apenas mudanças na vida urbana, mas também alterações morais na vida dos moradores:

Parece que a nossa cidade, ao passo que se alarga materialmente, vai-se estreitando moralmente, de forma a assumir as mesquinhas proporções mesológicas de um lugarejo matuto com todo o seu fervilhamento de intrigas, de picardias e bisbilhotices.¹⁴⁵

A cidade de Fortaleza se transformava rápido e de forma extremamente desigual. Segundo relatos literários, se tornava cada vez mais uma capital voltada à fofoca e bisbilhotice¹⁴⁶, surge assim a expressão da cultura costumbrista (com diversas folhas pasquineiras inclusive). Essa imprensa flui nos relatos da vida cotidiana como uma comunicação que dissemina nas relações humanas o reflexo da competição e do individualismo das sociedades modernas capitalistas. Esse tipo de comportamento se volta ao humor de costumes e acaba por se tornar uma prática de exclusão ao ponto que o discurso de cunho moralizante ganha força na reorganização de valores e condutas ajustados às regras de civilidade.¹⁴⁷

Outro padeiro marcante na crítica à cidade foi Rodolfo Teófilo,¹⁴⁸ que também não deixou de retratar em suas obras os conflitos político-sociais que a província

¹⁴⁵ Os quinze dias. **O Pão**, n. 29, Fortaleza, 1 de dezembro de 1895, p. 1.

¹⁴⁶ Gil Navarra também nos aponta este comportamento da fofoca em “o sereno”. No conto o autor nos descreve um evento de casamento de uma família de posses. A “grandiosidade” de assuntos irrelevantes é ressaltada pelo escritor tal como “o tamanho da cauda da noiva” ou o “valor da mesa decorativa”, tudo que acontece na cidade se resume ao mexerico do evento. Porém, as pessoas especulam tanto os detalhes do acontecimento que, acabam por se confundir sobre o horário e local do evento e se frustram no final do dia, por saber pelo sacristão da igreja que, na verdade, a cerimônia já havia acontecido: “- Qual casamento, qual nada! Respondeu o sacristão, já se realizou hoje na missa das dez horas” ver: O sereno. **O Pão**, Fortaleza, 15 de março de 1895, n. 12, p. 6.

¹⁴⁷ Ver mais em: SILVA, Marcos Aurélio Ferreira da; MARC, Jay Hoffnagel. **Corrige os costumes rindo**: humor, vergonha e decoro na sociabilidade mundana de Fortaleza (1850-1890). Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

¹⁴⁸ Rodolfo Marcos Teófilo (1853-1932) foi, como ele mesmo disse “cearense por que queria”, nasceu em Salvador, porém criou-se no Ceará desde os 15 dias de vida, e retornou ao estado em que nasceu apenas para se formar farmacêutico. Foi professor de Ciências Naturais, sanitarista, expoente da literatura regional-naturalista sobre o tema da seca. Escreveu também poesias e contos, documentarista, articulou contra o governo ditatorial de Antônio Pinto Nogueira Accioli (oligarca que

arrastou durante todo o século. Descrito como o “Padeiro que não ria”, se obstinou na missão de tornar visível sua forma de conceber a cidade e a encarar a forma naturalista-realista das estratificações sociais, os abismos entre ricos e pobres, a difícil vida dos retirantes, a fome, o cangaço e o banditismo, entre outros.

A missão sanitária de Rodolfo Teófilo¹⁴⁹ foi digna de um Dom Quixote farmacêutico. O biógrafo das secas incentivou e vacinou (por conta própria) grande parte da população. A foto datada de 1907 denuncia a vacinação sem revolta empreitada por ele.

Figura 13 – Uma vacina sem revolta possível com a missão de letras do Padeiro Rodolfo Teófilo.



Fonte: NETO. Lira. **O Poder e a Peste** – A vida de Rodolfo Teófilo. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1999.

governou o Ceará violentamente de 1896-1912) a quem Teófilo se opôs deliberadamente, através de ações como a campanha de vacinação contra a epidemia de varíola. Ver mais em: PINHEIRO, Charles Ribeiro. **Rodolfo Teófilo polemista**: a crítica polêmica como estratégia de glorificação literária. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Letras, Fortaleza, 2019, 333f.

¹⁴⁹ O traço da literatura de Rodolfo Teófilo foi reafirmado em muitos textos em *O Pão*. Como exemplo temos o conto *Boi Estrela*, onde o autor traz um recorte da lida com os bois revelando um cotidiano de vaqueiros. Ver: *O pão* 35 p.5,6,7 – 15 de outubro de 1896. E como um homem de seu tempo guiado pelas teorias higienistas da raça nos expõem seus relatos cientificistas como podemos verificar em *História de um rapto* “Uma variedade de tipos todos de cor e alguns interessantes sob o ponto de vista etnográfico, machos e fêmeas enchia a torta viela até a praça. Poucos eram os tipos puros de índio que se descobriram naquele ajuntamento, a maioria eram mestiços entre estes não era raro ver-se as feições chatas do caboclo com pele quase branca e cabelos lisos e ruivos”. Ver completo: *História de um rapto*. **O Pão**, Fortaleza, 31 de agosto de 1896, n. 32, p. 5.

Muitas vezes criticado por sua escrita dura e um tanto visceral, Rodolfo Teófilo tem tom realista (em relação à seca), muito diferente de sua conterrânea Raquel de Queiroz, em *O quinze*. Afinal, o escritor não tinha pudor na descrição das cenas e horrores da seca, pois, logo em seu romance inaugural, *A Fome* (1890), deixa isso claro.

No prefácio da reedição da obra de 2011, o autor Waldemar Rodrigues Pereira Filho cita o pioneirismo de Teófilo, e sua contribuição para essa estética que se tornou ao longo dos anos, não só através da literatura, mas também do cinema, um tema de identidade nacional. Ele cita ainda a frase célebre de Glauber Rocha em tese manifesto de 1965, “Nossa originalidade é nossa fome”, enfatiza que graças a essas contribuições alavancadas por Teófilo “a fome nunca mais deixou de fazer parte da estética brasileira”.¹⁵⁰ “A fome” foi o romance cearense em que, pela primeira vez, se combate a exploração do povo reduzido à pobreza extrema, cenas fortes como a de um recém-nascido mamando nos seios de uma mãe já morta, de um homem que “vexado pela fome”, mata e come com mel, (por falta de sal) a carne de uma criança. São recortes que, segundo o autor, foram fontes extraídas de jornal e narrativas chocantes da época. Neste trecho do livro, um diálogo entre os personagens, o autor descreve os horrores da situação de Fortaleza na seca de 1877-1879:

Venho horrorizado, Josefa. Vi tanta miséria, que me espantei. Imagina o que de horrível vi, que pôde me eriçar os cabelos, a mim, testemunha ocular das mais pungentes e medonhas cenas! Cedo desiludi-me. A Fortaleza, que acreditava a nossa salvação, onde supus o conforto das populações famintas, tem o lúgubre aspecto das povoações do interior, regurgita de infelizes, que mendigam cambaleando de fome. Vi mortos no meio da rua. A peste e a fome matam mais de quatrocentos por dia! Disseram-me que a prostituição lavra desenfreada. São muitos os sedutores. Até meninas de dez anos estão perdidas por esta raça maldita de perversos!¹⁵¹

Esse trecho se baseia na dicotomia clássica do autor com personagens “bons” e “maus” e os ideais de campo e cidade. Nota-se aqui a desilusão que um morador do interior tem com a cidade de Fortaleza, descrevendo que o lugar que pretendia viver um novo sonho (a migração) está tão miserável quanto o que estão vivendo, com

¹⁵⁰ Prefácio escrito a nova edição por Waldemar Pereira (organizada e atualizada) da obra com textos e comentários de Lira Neto. TEÓFILO, Rodolfo. **A Fome**. São Paulo: Tordezilhas, 2011. pp. 7-14.

¹⁵¹ TEÓFILO, Rodolfo. **A Fome**. Fortaleza: Gualter, 1979, p. 70.

agravamento dos comportamentos imorais que a miséria causou. Dessa forma, a Fortaleza de Rodolfo Teófilo é a cidade que passou, mas não atravessou uma catástrofe, uma cidade que, mesmo na década de 1890, ainda simboliza um lugar de injustiça social, agravada pela incapacidade e desonestidade de seus governantes e funcionários públicos.¹⁵²

No Brasil, a ideia de uma “civilidade urbana” crescia, a população urbana superava a rural tomando como modelo os aspectos europeus, de higienização e padronização, os costumes e o jeito de se portar se racionalizavam. José Carvalho (Cariri Braúma) vai expressar bem esse sentimento de descaso social entre capital e o interior em crônica de 15 de setembro de 1896:

O povo da nossa Capital vive muito despreocupado e muito feliz: as quintas e aos domingos vai ao Passeio onde palestra, ri ouve música, distrai, - no Passeio onde é posta em flagrante evidenciada índole hospitaleira e amiga, ardente e alegre de nossos caboclos: Os clubs dão partida quase todas as semanas. Os bonds enchem-se, conduzindo infinidades de pessoas aos arrabaldes onde se respira o doce ar dos campos sertanejos. Nas areias, onde grita um piston, dança-se n'um chinfrin; toda a cidade, enfim, palpita de ruidosas alegrias, de festas expansivas e risos estridentes.

É bem natural toda essa expansão de vida, ainda mesmo quando o impiedoso sol fustigante nos ameaça derreter em vida (...)

Em contraste, porém, e em que desolação se mostram os povos sertanejos que habitam essas pobres e pequeninas fazendas onde se levantam uma casa de taipa e um curral de madeira?¹⁵³

Percebemos que, após toda uma descrição do autor sobre os aparatos de lazer da cidade e a vida de possibilidades que essa apresenta, há uma outra opção de diversão - “o campo romântico”. Eram localidades um pouco mais distantes, onde a modernidade já alcançava através do bonde, mas onde era possível se viver o lazer

¹⁵² Muitos Padeiros falaram sobre a fome em O Pão de forma marcante ressaltamos: José Carvalho e Lopes filhos. Como exemplo temos o verso: Harmonia do campo relato cantado de um poema escreve Carvalho “Na pobre choça perdida/A sombra do matagal/Ouve-se a queixa sentida/De uma canção maternal... /O choro de uma criança/Doente, talvez sem pão/Que a mãe na rede embalança/Ouve-se unida á canção (...)” Ver: Harmonia do campo. **O Pão**, Fortaleza, 15 de agosto de 1896, n, 31, p. 7. Já Lopes filho poetizou a difícil situação de tentar engolir ou ser engolido pelo fantasma da precisão da fome: “Estúpida lei da vida/Cruel destino fatal: Onde sangra uma ferida, Alegria-se um animal! Nasce a criança: ela chora, Chora com fome talvez: Cresce; mais tarde devora como as panteras cruéis (...) Da vida eis toda a ciência: devorado ou devorar!” Ver: Filho. **O Pão**, Fortaleza, 01 de março de 1895, n. 11, p. 4.

¹⁵³ Os quinze dias. **O Pão**, n. 33, Fortaleza, 15 de setembro de 1896, pp. 1-2.

do ar puro e as benesses sertanejas. Todavia, nos locais mais distantes onde a revolução moderna dos trilhos não se fez presente, a desolação se expandia em uma vida atrasada, segundo o autor, com seus habitares precários de “taipas” e currais.

Moacyr Jurema também nos mostra em um de seus textos como as diferenças eram gritantes nos hábitos urbanos. Nessa descrição, contudo, o autor não tem tanta simpatia por uma “vida de risos da cidade”. Dessa forma, para ele, cada vez mais predominava o distanciamento da vida do campo, conforme vemos a comparação aos prazeres de se viver em meio a natureza sertaneja e as novidades efêmeras da cidade:

O sertão!... Conhecem vocês nada mais paradisíaco do que o sertão cearense pelo inverno? Há como uma ressurreição em tudo. De um solo calcinado e poeirento brota de um dia para o outro uma vegetação alegre e alegre; correm os rios; enchem-se os açudes; os grandes curraes e fazendas se regurgitam de gado, e pelas amplas várzeas de um verde de hortaliças (...) Só a gente pensar em banhar-se no rio ou num grande açude (...) respirar o ar generoso da matas floridas e em seguida sentado nos paus da porteira, imgerir uma grande cuia de leite com um capucho desta altura... Ai, ai ai..

É inútil vocês insistirem, porque eu não fico.

Isto de escrever crônicas, beber cerveja FranzKauer, dançar no Iracema ou no Cearense, andar de colarinho tesos e sapatos lustrosos, não bota ninguém para diante não meus caros.¹⁵⁴

Para o autor, a vida do campo, que era infinitamente superior, era possível através do inverno, uma vida de prazer e contemplação enquanto na cidade os prazeres estavam se alienando a uma lógica de lazer promovida pelos bailes e consumos de bebida industrial e importada. O autor ainda aponta a obrigação de se estar bem trajado, afirmação clara das novas formas de se portar nas cidades, dentro das novas regras das modernas sociabilidades da capital.

Raymond Williams, na obra “O campo e a cidade na história e na literatura”, discute o contraste entre essas duas comunidades na literatura inglesa que, segundo sua análise, podem parecer antagônicas, mas também se completam dentro do processo histórico. Ele próprio foi um camponês observador do homem agricultor, do ir e vir dos trabalhadores das podas e presenciou e viveu a vida urbana, viveu o progresso das luzes dessa nova possibilidade chamada cidade,¹⁵⁵ testemunhando,

¹⁵⁴ Quinze dias. **O Pão**, n. 9, Fortaleza, 01 de fevereiro de 1895, p. 1.

¹⁵⁵ WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

dessa forma, essa ambiguidade. Em sua pesquisa, Williams se preocupa com o enfoque histórico e não com a veracidade das narrativas, assim, sua análise retrocede no tempo, deparando-se com um campo descrito como paradisíaco e cada vez mais distante, sempre se distanciando nessas lembranças essa romantização.

O autor recua pelo menos até o século XVI no exercício de capturar a essência dessa experiência ao longo do tempo. Observa as alterações que o espaço sofre a partir do método de delimitação de um tema no presente, direcionando seu olhar em direção ao passado. Percebe que, em um primeiro momento, o campo bucólico renascentista é sinônimo de inocência, refúgio, uma alternativa à vida de ambição (cidade), enquanto o campo é a vida de fartura, o homem do campo é um “produtor de riqueza”.¹⁵⁶ Já em outro momento, com a transformação do espaço rural, se inicia o anti-bucolismo. É ressaltada a ideia do camponês como miserável, o mundo paradisíaco não é mais visto como inocente, se aponta a exploração, os luxos e riquezas do dono de fazenda e feudos.

Com a chegada dos séculos XIX e XX vive-se o tempo da cidade na literatura, das massas operárias. Nela tudo se torna funcional, eficiente, segue-se um padrão e uma homogeneidade. Seus habitantes, apesar de frenéticos, vivem sob uma espécie de morbidez industrial, seguem um mesmo ritmo, são todos parecidos, seres individuais em seus princípios, perdidos coletivamente. E com essa nova face literária dos males e benesses da cidade, o campo se reinventa na literatura, voltando a ser o seio materno que alimenta, surge o amante camponês, o ser rude a vivência e as paixões da terra.

Apesar de uma variedade histórica concreta entre as duas formas de viver, prevalece a ideia de um campo romântico com valores de paz e inocência, produto de uma forma natural de vida, contudo, esse viver também pode associar o lugar como um território onde há uma limitação dos desejos, devido ao atraso e ignorância. Já a cidade é vista como mundana, turbulenta, corrupta, mas também associada às possibilidades de realizações, progresso e saberes.¹⁵⁷ Encontramos nas observações de Williams semelhanças com relação às representações da literatura propostas por nossos padeiros-autores. Em outro texto, intitulado “Carta à Padaria”, Bruno Jacy (José Carlos Júnior), nos relata as mudanças negativas trazidas às cidades do interior

¹⁵⁶ op. cit., p. 72.

¹⁵⁷ Ibid., pp. 314-339.

cearense. Dentro dessa lógica em que campo e cidade são colocados, sendo o primeiro um mundo de recordações singelas, propícias ao descanso da alma atribulada pela capital:

Vêem vocês uma cidadezinha de três ou quatro mil almas, perdida aí por essas matas, ou sertões, modesta e faceira, recendendo de aromas campestres, toda singela, toda louçã, encantadora na sua matutice robusta e sadia. Há coisa mais agradável do que viver ali uns dias de uma vida quase primitiva, em que a ausência de mil amofinações e dilates da senhora civilização põe um sabor especial e delicioso até mesmo no que lia de rude e grosseiro? ¹⁵⁸

Continua o autor sua descrição apontando o prejuízo a esse descanso, causado por um dos principais meios de representação do progresso: o trem. Esse monstro de fogo, segundo o autor, impõe o ritmo de vida das pessoas, todos devem se portar da mesma forma, esquecendo suas particularidades, como o gosto por uma música e a vaidade das moças com seu exagero de “pó de arroz”. É clara a crítica do padreiro à valorização das culturas estrangeiras que se impõem.

Ponham-lhe agora um caminho de ferro e não de ver. Vão-se a poesia e singeleza dos costumes, e começa o mostro de fogo a trazer da capital diariamente o espírito de imitação, (um espírito mais nocivo que o da cana) que faz com que as pequenas cidades vivam a macaquear continuamente as grandes, da maneira mais burlesca e aleijona.

Não tardam vir chegando as cártulas e os pianos; besuntam-se as matutas com pó de arroz e os matutos com literatura, e aparecem pelas paredes a torre Eiffel e o homem do bacalhau; o barbeiro adorna a sala com as inevitáveis odaliscas de fisionomia inglesa.

Os trombones da localidade põem-se a estudar meses inteiros a mais cediça das polcas em voga na capital; instala-se um clube dançante, e um palha-bote em miniatura começa a esvaziar cerveja nas tripas da população. ¹⁵⁹

Eduardo Saboya também nos relata sobre um efeito “rolo compressor” da modernidade ligados a ideia da fronteira transposta pela linha férrea. Em o conto “O trem de ferro”, o autor narra a história de uma criança que avista de sua humilde casa, que fica à beira da linha do trem, o tumulto de seu pai, assim o vai e vem do vapor, é como uma agulha que magoa seu coração. Decorre que seu pai que era trabalhador da construção da linha de ferro, morre em um acidente de trabalho na construção, e

¹⁵⁸ Carta à Padaria. **O Pão**, n. 12, Fortaleza, 1 de março de 1895, p. 4.

¹⁵⁹ Idem.

o trem trona-se para o menino a representação de sua tristeza irreparável, a perda de seu pai. Escreve o autor em trecho:

Era um ódio mortal, incompreensível num coração tão pequeno ainda, esse que aquela criança consagrava ao trem de ferro, que passava de frente a humilde palhoça de sua mãe. Para outra qualquer a passagem do trem seria um divertimento. Ao apito da máquina, porém, as lágrimas inundavam-lhe os olhos, e, quando ela enfrentava a palhoça, nada faria conter os soluços daquela criança.¹⁶⁰

Em Fortaleza, esse impulso rumo ao progresso, como em tantas outras capitais, se fez ao molde francês. Com a vantagem de ser cidade portuária, Fortaleza atraía e centralizava as trocas comerciais, assim conquistou e consolidou sua posição de Capital Cearense, beneficiando uma elite comercial em formação. A ideia de uma modernização só alcançou pequenas partes das cidades que possuíam alguma importância econômico-política.¹⁶¹ Um contexto de *Belle époque* cearense é, em grande parte, criticada pelos historiadores do Estado, pois entendem que as transformações sociais foram, em grande medida, uma forma de controle e regeneração urbana financiadas por grupos sociais ligados aos setores em expansão de exportação e importação, constituídos por profissionais liberais, por médicos, bacharéis, engenheiros, doutores que voltavam das academias de ensino superior de outras capitais do Brasil, introduzindo na cidade seus conhecimentos cheios de padronização e formatos do que era civilizado.¹⁶²

Ponte ressalta em seu livro, “Fortaleza Belle Époque-Reforma Urbana e Controle Social 1860-1930”, que essas elites intelectuais tiveram papel fundamental na constituição de uma nova ordem urbana. Orientadas pela racionalidade científica seguindo a tendência europeia, ansiavam pelo civilizado, pelo moderno, fundamentadas pelas racionalidades científicas. No Brasil esse movimento

¹⁶⁰ O trem de ferro. **O Pão**, Fortaleza, 15 de março de 1895, n. 12, p. 4.

¹⁶¹ Fortaleza nasce sob a proteção dos canhões do Fortim de Nossa Senhora da Assunção em 13 de abril de 1726, onde foi instalada a vila de Fortaleza com o objetivo de abrigar os refugiados da Vila de Aquiraz (primeira Capital) após intensa guerra com índios. Assim, as duas cidades, Fortaleza e Aquiraz disputaram o poder da Capitania do Siará Grande por mais de um século, a primeira (Fortaleza) era residência do Capitão mor que tomava as decisões aos mandos de Portugal, outra era importante área agropecuária da região. Todavia, coube à Fortaleza o título definitivo de capital por reunir um conjunto de signos de poder, sendo o forte N. S. da Assunção o principal deles, por ser uma expressão valiosa ao combate dos “bárbaros”. Ver mais em: FARIAS, A. de. op. cit., p. 115.

¹⁶² A *Belle Époque* mudou o cotidiano e os hábitos dos fortalezenses no final do século XIX e isso representou um novo modo de lazer inspirados nos modelos europeus, mais especificamente Paris, que era a capital modelo. PONTE, S. R. op. cit., p. 155.

predominou na transição da Monarquia para a República, condizente com o contexto social na corrida de tirar o país de seu atraso econômico e cultural. Conforme Faria, em pouco tempo surgiram espaços para o lazer das classes mais abastadas, como os clubes de danças, onde seletos sócios podiam interagir através de festas suntuosas, jogos de recreação, novas danças e atividades culturais. O mais seletos desses foi o Clube Cearense que, segundo o autor, apresentava caráter elitista e exclusivista, no qual só tinham acesso aqueles que dispunham de prestígio na cidade.¹⁶³

Essa postura não agradou os grupos baixo-emergentes, formados por trabalhadores do comércio, funcionários públicos, caixeiros, escritores menores sem filiação com grupos políticos-oligárquicos, que reagiram inaugurando e apoiando outra sociedade recreativa, o Clube Iracema em 1884. Sobre uma dessas comemorações, assim os padeiros descreveram uma festa:

Deliciosa a festa do Ernani club realizada esta noite nos salões do Club Iracema. Gentilmente convidados pela respectiva Diretoria,

La estivemos inundando-nos de olhares tépidos e fulgurantes, ouvindo vozes cariciosas, sentindo o contato de mãos macias como arminho, embriagando-nos enfim dos eflúvios que jorram da alma da mocidade de como um aroma de um botão que desabrocha...

Rapazes do Ernani Club, toquem!¹⁶⁴

A partir da inauguração do Clube Iracema os lazes passam a ser disputados pelas duas entidades e, dessa forma, outras parcelas da sociedade poderiam ter acesso. O autor da descrição em *O Pão* relata que a agremiação foi “convidada” pela diretoria, relatando o prazer de estar em uma comemoração como aquela, com bebida e música de qualidade que alimentavam suas almas com sensações das quais não tinham o costume de partilhar normalmente.

¹⁶³ Ver mais em: FARIAS, A. de. op. cit., p. 224.

¹⁶⁴ Ernani Club. *O Pão*, n. 1, Fortaleza, 10 de julho de 1892, p. 8.

Figura 14 - Foto das primeiras décadas do sec. XX do Clube Iracema. Criado em 1884 como opção de lazer “democrática” contra o elitista Clube Cearense.



Fonte: **Acervo Nirez**. Disponível em: <http://www.fortalezaemfotos.com.br/2014/09/os-primeiros-clubes-sociais.html> Acessado em 10 fev. 2021.

Em outro relato sobre o clube Iracema, Caminha descreve as acusações feitas aos integrantes da Padaria durante uma noite no baile, quando de uma “balburdia ocasionada por a falta de luz” os padeiros teriam sido os responsáveis pelo fato, visto a fama de brincalhões que tinham e provavelmente por estarem em um lugar que socialmente não era o “seu”:

(..) quem foi? Quem não foi?

Eis a interrogação que surgiu com a luz.

A burguesia não se fez esperar: com seu dedo sujo de azeitona, a sobrecasaca cinzenta de poeira, apontou um padeiro imaginário que tomava notas corretamente de um canto.

E logo todo mundo que vive para a Burguesia e pela Burguesia, concordou que sim, que aquilo fora obra de padeiro!¹⁶⁵

Segundo Ponte, esses espaços representaram muito mais que simples espaços de diversão, se transformaram em expressivos núcleos irradiadores de

¹⁶⁵ Sabatina. **O Pão**, n. 3, Fortaleza, 06 de novembro de 1892, p. 3.

movimentos sociopolíticos e concentrações de encontros de saber da mocidade cearense. Assim relata sobre o Clube Iracema:

Com sua popularidade de origem, o clube Iracema tornou-se logo, um centro de atividades reformistas entroncando os movimentos de reivindicação política e social, que germinavam como precursores da libertação dos escravos e da República.¹⁶⁶

Nos clubes eram comuns os bailes políticos, patrióticos, de máscara, musicais, entre outros, e era costume servir-se ceia farta antes dos discursos. Comum também nas colunas dessas novas possibilidades de vivência dos prazeres, eram os elogios às companhias de teatro que faziam as temporadas pela cidade. O Teatro São Luiz consta como a alternativa desta arte até que fosse inaugurado seu substituto, o Theatro Jose de Alencar, em 1910.¹⁶⁷

As instituições de saber orientavam o Estado nas questões do ‘Poder’ em uma capital ainda com ares de província. Em Fortaleza, uma voz ditava a reforma social que almejava a limpeza dos locais públicos aos particulares, da intimidade para a rua: o discurso médico. Esses discursos higienistas, juntamente com os demais grupos de letrados, tinham a pretensão de galgar prestígio científico e político, estabelecendo novos conhecimentos e representações para a cidade, fazendo circular novas verdades e padrões para o ajustamento da população que deveria seguir as regras que constituíam a vida urbana, seja no que refere a trabalho e ócio.

Amparadas nesses discursos médicos, as práticas de esporte começam a ser recomendadas com o objetivo de melhorar a saúde e a aparência. Assim se iniciam as práticas de patinação no passeio público (1877), ciclismo (1900) e as corridas de cavalo (1895). Em uma seção de O Pão, verificamos o interesse pelo mais novo aparato de lazer da cidade:

Uma multidão alegre e variada aflui para ali aos domingos á tarde afim de assistir aos cortejos e corridas de experiência, nas quais alguns rapazes têm feito proezas de equitação.

(...) Pensamos que este divertimento predileto das grandes cidades vai ter entre nós o maior incremento e cahira agostosamente no gosto do nosso povo, que, antes de ter noticias dos prados de Paris, de

¹⁶⁶ PONTE, S. R. op. cit., p. 140.

¹⁶⁷ SOUZA, Simone de. **Uma Nova História o Ceará**, 4ª ed. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2007. p. 159.

Londres e do Rio de Janeiro, já fazia as boas cavalhadas de que os velhos nos falam com saudade.¹⁶⁸

Além da animação pelo Prado, outra prática toma o cotidiano de Fortaleza: o Passeio Público. Tornando-se uma obrigação no cotidiano da cidade,¹⁶⁹ servia de vitrine para a ideia de civilidade europeia. Inaugurado em 1880, dispunha de uma manutenção impecável, com bancos, canteiros, jardins e réplicas de esculturas clássicas. Era bem arejado e com ampla vista para o mar. Em “A Normalista”, romance do Padeiro Adolfo Caminha, assim ele a descreve:

Toda uma geração nascente, ávida de emoções, cansada d’uma vida sedentária e monótona, ia espairar no Passeio Público aos domingos e quintas – feiras, gratuitamente, sem ter que pagar dez tostões por uma entrada, como no teatro e no circo. [...]. Apenas quem não tivesse dois vinténs estava proibido de sentar-se, porque nesses dias, as cadeiras eram alugadas, havia assinaturas baratas.¹⁷⁰

Conforme adverte Caminha, o aparato de lazer estava mais acessível ao público, pois não necessitava pagar entrada, como o teatro ou o circo, era acessível a preço de “dois vinténs” sentar-se no passeio.

¹⁶⁸ Pelo Prado. **O pão**, n. 1, Fortaleza, 10 de julho de 1892, p. 1.

¹⁶⁹ CORDEIRO, Celeste. O Ceará na segunda metade do século XIX. In: SOUZA, Simone de. **Uma Nova História o Ceará**. 4ª ed. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2007. p. 70.

¹⁷⁰ CAMINHA, Adolfo. **A Normalista**. Fortaleza: Biblioteca do Diário com os Clássicos da Literatura, 1997. p. 89.

Figura 15 - Primeiro plano Passeio Público



Fonte: **lphan**. 13 de maio de 2020. Disponível em:
<https://twitter.com/lphanGovBr/status/1249784630422769665>
Acesso em 10 fev. 2021.

Entretanto, o Passeio Público era um cartão postal nítido da divisão de classes literalmente bem demarcada em Fortaleza. O aparato de lazer era dividido em três locais distintos, o primeiro era o passeio propriamente, que correspondia à Avenida Caio Prado; a segunda, para as classes médias, denominada Carapinima, não contava com embelezamento inclusive sendo posteriormente transformada em campo de futebol, já a terceira batizada de Padre Mororó, tinha aspecto de um sítio, toda arborizada sem tratamento algum, destinada aos populares, assim descreve Santiago Pádua sobre as divisões marcantes da cidade

O Passeio Público, tão reputado, se compunha de três avenidas, cada uma reservada a uma camada social. O “Clube Cearense”, criado em 1867, não era frequentado senão pelos grandes comerciantes conscientes de seus laços com a Europa. A Avenida Sete de Setembro que partia da Praça do Ferreira era reservada às elites durante o carnaval. O exercício da distinção importava ainda, já na primeira metade do século XX, a mudança de residência das elites do bairro de Jacarecanga, na zona central, para a zona leste da cidade.¹⁷¹

¹⁷¹ SANTIAGO, Pádua. Pirambu: espaço estratégico de inserção no ‘modelo hegemônico de bem-estar e estar bem no mundo. In: GADELHA, Francisco Agileu de Lima; DAMASCENO, Francisco José Gomes; SILVA, Marco Aurélio Ferreira da (Org.). **Outras Histórias**: Fortaleza, cidade(s), sujeitos(s). Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2004. pp. 61-62.

O início do impulso em direção à condição de cidade grande é dado através da intervenção no espaço da cidade, que ocasionou não somente mudanças na fisionomia urbana, mas também ordenamento e controle social, são as reformas urbanas na adoção dos planos urbanísticos de Silva Paulet e Adolfo Herbster.

Os planos de expansão projetavam Fortaleza em direção à civilização de modelo europeu, traçando geometricamente as ruas, praças e bulevares, pretendendo dar-lhe um ar de metrópole. A criação de asilos, hospitais, teatros e outras instituições que constituem o palco da vida urbana moderna foi pensada e planejada a partir deste ano.¹⁷²

No caso da capital Fortaleza, uma razão controladora se alcançava, unificando, ordenando e planificando, somando-se a ideias de civilidade, modernização e aformoseamento. Dessa forma, as medidas seguiram seu curso no que foi o primeiro plano urbanístico, elaborado em 1818 e executado em 1875. Ele obedecia aos princípios reguladores de um plano em xadrez, mudando a sociabilidade e ordenando as relações sociais.¹⁷³ “A pequena capital cearense, habituada ao aluá, a seca, e a política, e celebrizada pelo irrepreensível alinhamento de suas ruas, estremeceu como alguém que acorda de um pesadelo enorme”.¹⁷⁴

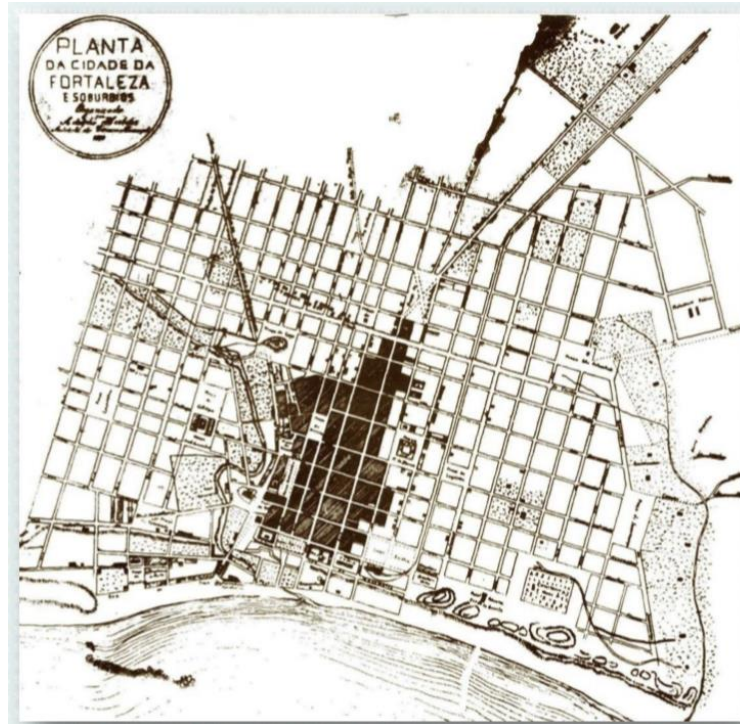
Neste trecho da sessão Sabatina, Caminha comemora a chegada do jornal O Pão na cidade, ironizando em seu texto que a capital com “ruas alinhadas”, uma pretensão de progresso material ilusório, ainda está vivendo à base de “aluá”, bebida tipicamente indígena, sabendo-se o índio ser base da civilização cearense, e a velha realidade das consequências da seca.

¹⁷² NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000. p. 25.

¹⁷³ Na segunda parte do livro intitulado a “Razão ordenadora” o autor discute estas ações. Ver mais em: LINHARES, Paulo. **Cidade de Água e Sal: por uma antropologia do Litoral Nordeste sem cana e sem açúcar**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1992.

¹⁷⁴ Sabatina. **O pão**, n. 2, Fortaleza, p. 1. 17 de julho de 1892

Figura 16 - Fortaleza e sua campanha de alinhamento social e cartográfico. Planta da cidade de Fortaleza e subúrbios por Adolfo Herbster 1875.



Fonte: A EVOLUÇÃO de Fortaleza por meio das cartografias e o desenvolvimento dos sistemas de informações para o planejamento urbano. **Prefeitura de Fortaleza**. Coordenadoria de Desenvolvimento Urbano (COURB) Disponível em:

<https://acervo.fortaleza.ce.gov.br/download-file/documentById?id=94d16667-6baf-4f33-899a-9f6c20728c1c>

Acesso em 10 fev. 2021.

Sabemos que determinadas alterações nas cidades visam repensar os aspectos de diferentes formas e valorizar o espaço de acordo com múltiplos interesses, como afirma Pesavento: “a modificação do espaço de uma cidade, dando a ela forma e feição, contém em si um projeto político de gerenciamento do urbano em sua totalidade”.¹⁷⁵ As valorizações do espaço são bem percebidas também em outro texto do jornal escrito por Antônio Sales, intitulado “Carta à um carioca”:

(...) A cidade é limpa, galante, corretissimamente alinhada, coberta pelo mais amplo e mais luminoso céu de todo o mundo. Como é grande o espaço das ruas e pequena a população e o movimento de veículos, a cidade é de ordinário silenciosa e deserta.

¹⁷⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano. Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 16.

(...) A noite é a cidade talvez mais formosa ainda com sua esplendida iluminação que mais parece as luminárias de uma festividade pública.¹⁷⁶

Percebe-se que o autor brinca com a publicação, através do olhar de um amigo da metrópole fluminense. Esse suposto amigo estaria em Fortaleza para tratar de uma doença, e descreve a amplidão das ruas, que ainda conservam certo sossego com poucas pessoas e carros, descrevendo-a como uma cidade limpa e de céu azul e que à noite é uma festa muito iluminada. De forma astuta, Moacyr Jurema observa a dinâmica da cidade através do olhar do amigo-carioca, comparando as duas cidades. Vejamos outra parte do texto onde Sales faz outras colocações,

Felizmente às quintas e aos domingos o Passeio Público proporciona um bom reagente contra o tédio infinito que paira sobretudo e pesa sobre a gente como uma couraça de chumbo. Eh o passeio público uma das melhores e mais interessantes cousas de Fortaleza. (...) O Que torna o Passeio curioso é a bem entendida democracia que cultivam que cultivam sem abuso os seus frequentadores. O escol da sociedade e o elemento plebeu ali circulam satisfeitamente, sem confusão, sem atritos e sem que resulte humilhação ou ofensa aos melindres deste ou daquele.¹⁷⁷

Nesse trecho, discorre sobre o peso do tédio quebrado pelos dias que frequenta o passeio público, ironiza também com bastante clareza a passividade do fortalezense em aceitar as humilhações da separação de classes que ocorre no local.

Estiveram ainda os padeiros envolvidos a reivindicar e denunciar no jornal as condições do parque da Liberdade.¹⁷⁸ Podemos identificar na crítica dos padeiros o abandono do espaço, o que se reflete também na afronta a um descaso com determinados lugares em detrimento de outro. Se refletirmos neste assunto do protesto insistente sobre este aparato de lazer e nos aprofundarmos na leitura de alguns contos¹⁷⁹ e crônicas, podemos compreender que o espaço de sociabilidade dos parques e passeios públicos eram vistos por nossos escritores como espaços

¹⁷⁶ Carta de um carioca. **O Pão**, n. 33, Fortaleza, 15 de setembro de 1896, pp. 2-3.

¹⁷⁷ Idem.

¹⁷⁸ Os artigos que fazem os protestos são encontrados em: Parque da liberdade. **O Pão 2**, Fortaleza, 17 de julho de 1892, p. 4, como podemos ver em um dos trechos: “A sensação que se tem indo ao Parque não é lá muito aperitiva e refrigerante, não. Seria o mesmo que sentiríamos si atravessássemos um pedaço de floresta devastado por um incêndio. Vivem ali apenas os capins entouceirados, uma ou outra árvore de decoração, as boas noites solitárias, as parasitas e ervas maninhas de todos os gêneros.” e O parque da liberdade. **O Pão 2**, Fortaleza 30 de outubro de 1892.

¹⁷⁹ Lucio Jaguar é um exemplo de escritor que descreve os encontros possíveis ao ar livre entre namorados nos parques através do conto ver: Confeitos. Já é tarde. **O Pão 4**, Fortaleza, 13 de novembro de 1892. pp. 2-3.

possíveis de compartilhamento de experiências com amigos, de paquera com as pequenas ou mesmo de observar as novas formas de comportamentos da sociedade e ter “assunto” para suas crônicas.

Mesmo não tendo uma remodelação tão marcante e profunda como as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, a capital Alencarina se torna a sétima capital em número populacional no final do século XIX, compartilhando aí os problemas e os prazeres dos grandes centros urbanos do país. Em um primeiro momento, podemos observar que os escritores - ou Padeiros - ao mesmo tempo que criticavam, também viviam esse mundo repleto de possibilidades que a modernidade trouxe, entretanto, suas atitudes nos fazem refletir que esses seres sociais buscavam ocupar espaços na cidade onde pessoas comuns, com poucas posses não eram aceitas. Romperam com uma postura intelectualizada e formal dos grêmios anteriores, dando mais sentido às discussões que se fazem dentro e fora da Academia. Com seu comportamento irreverente, buscaram ser conhecidos do outro lado do Atlântico, sem que, para isso, a alma popular e suas convicções em torno da simplicidade de homens do campo fossem perdidas.

CAPÍTULO 2. DAS PRECISÕES DA VIDA. LÚDICO OU PRAGMÁTICO: VARIAÇÕES ENTRE ARRUMAR A VIDA OU ARRUMAR UMA VIDA

*A vida é um turvo oceano
Ora tranquilo e ora insano:*

*Se um róseo sonho floresce,
Uma vaga se intumesce,*

*mas, se uma ilusão se apaga,
desfaz o tempo uma vaga;*

*Se a alma nutre uma esperança,
há sempre calma e bonança,*

*mas se a descrença invade a alma
Não há bonança e nem calma:*

*Se o coração pulsa amando,
ela é um mar sereno e brando,*

*se o coração de ódio pulsa,
ela é indômita e convulsa ...*

*E assim, entre o riso e a mágoa,
Vamos neste mar de abrolhos:
Ora – os olhos cheios d’água
E ora – com o riso nos olhos! ...¹⁸⁰*

Neste capítulo abordaremos as relações conflituosas e, ao mesmo tempo, indissociáveis entre a postura lúdica na vida dos escritores e sua forma de trabalhar. A importância dessas vivências é que são vistas como atributos inerentes à produção dos integrantes da Padaria. Observa-se, por fim, a objetivação e importância do brincar, tão caro enquanto valoração da vida e das relações sociais, para esses protagonistas da história das letras.

¹⁸⁰ O poema que abre este capítulo - no qual discutiremos a importância do lúdico -, chama-se, propositalmente, “Sinfonia de abertura” é do livro *Vagas* (1895) do Padeiro Sabino Baptista, também publicado em *O Pão*, n. 22, Fortaleza, 15 de agosto de 1895, p. 2.

2.1. TRABALHO LÚDICO: O FERMENTO DA MASSA D'O'PÃO

(...). Oficiou-se à Empresa Telefônica pedindo para colocar um aparelho telefônico, sem outra remuneração que não seja um sincero agradecimento.

(...) Policarpo e Túlio contaram anedotas espirituosas.

Provocou boas gargalhadas a besteira do ofício dirigido à Empresa Telefônica, da lavra do Padeiro-mor.

Venceslau Tupiniquim encarregou-se de escrever ao Dr. Marcos Moreira a respeito da beata de Juazeiro.

José Marbi foi felicitado por ter exibido na lapela uma lindíssima papoula.¹⁸¹

Os autores da Padaria demonstram, ao longo de sua obra, a preocupação em legar para a posteridade a necessidade da reconexão com o brincar, que não pode se limitar à simples associação ao desenvolvimento de práticas da vida infantil ou do idoso como comumente ainda é visto, acreditando-se que somente nessas fases há tempo livre para o lúdico, legitimando, assim, o pensamento que a única vida produtiva que pode existir está compreendida na severidade da vida adulta. A desconstrução da forma como o lúdico é concebido por esses protagonistas da Padaria passa por uma nova maneira de olhar a historicidade do viver moderno, não nos sujeitando à uma forma linear de ver o tempo, ressignificando nosso cotidiano, introduzindo a ludicidade e o brincar de forma plena e sem a necessidade de uma hora marcada para vivenciar os valores espirituais, tais como o humor, a solidariedade, a criatividade, o senso estético e as sensibilidades múltiplas.

¹⁸¹ **Atas da Padaria Espiritual.** Transcrição e atualização ortográfica por Sânzio de Azevedo/Sânzio de Azevedo. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015. p. 30.

Desde então a crítica à sociedade já se manifesta, pois se contrapõe à absorção de um sentido cronometrado e regular de ver o tempo, rompendo com o que Lefebvre denominou como uma inquisição que fragmentou a vida ao controle da eficiência, e o modo que a produção industrial submeteu o homem à lógica da divisão do trabalho, “o novo homem” conquistado pela máquina, vivendo para ela e por ela.¹⁸² A atitude lúdica está compreendida em algo maior, e ao percebermos todas as dimensões que esse posicionamento pode nos trazer tais como qualidade de vida, criatividade, inovação, inspiração entre outras, passamos a encarar o jogo da vida sob diferentes concepções, integrando-os, resgatando a lógica desse conceito na ação cotidiana.

Não é possível identificar o momento em que se evidencia o fato histórico da cisma entre o brincar e a vida adulta, ou seja, o tempo exato em que a vida lúdica se separa da maturidade. Porém, conforme autores como Philippe Àries, Bertrand Russel, Johan Huizinga, Henri Lefebvre, ou Karl Marx, as consequências históricas e transformações que esse fenômeno possibilitou nos leva a reafirmar que o brincar faz parte intrinsecamente do ser, e seu resgate histórico é necessário pois se reflete em possibilidade de humanização.¹⁸³

Sua prática atemporal, é uma urgência do homem em qualquer tempo, entendendo que não há sentido em determinar um período próprio e especializado para a relação brincar/viver, rotina/lazer, trabalho/ócio, porém, em uma sociedade pautada na cultura do trabalho alienado, o lúdico é visto como algo banal, corriqueiro ou perda de tempo, suas práticas são vistas como inutilidade, tidas para entreter quem não tem o que fazer, contrapondo-se à produtividade.¹⁸⁴ Perceber que a relação do trabalhador e seu trabalho está envolvida de forma ativa com uma experiência lúdica, e que essa conexão foi sufocada de forma marcante pelo advento do capitalismo e seus tentáculos de eficiência¹⁸⁵ e utilidade nos faz enxergar essa relação da forma como ela realmente é: uma precisão do espírito. Conforme Bartholo, o lúdico faz parte da realização do homem e necessita do compartilhamento em sociedade para ser exercido:

¹⁸² LEFEBVRE, Henri. **Metafilosofia**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1965. pp. 142-143.

¹⁸³ CARMO, Gonçalo Cassins Moreira do. Introdução aos Estudos do Lazer Heloisa Turini Bruhns (org.). **Conexões**, Campinas, SP, v. 1, n. 2, p. 135, 2007.

¹⁸⁴ BRUHNS, Heloísa Turini. **Introdução aos estudos do lazer**. Campinas: Editora Unicamp, 1997. p.11

¹⁸⁵ RAGO, Luzia M.; MOREIRA, Eduardo F.P. **O que é taylorismo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984. p. 11.

O lúdico e o criativo são elementos constituintes do homem que conduzem o viver para formas mais plenas de realização; são, portanto, indispensáveis para uma vida produtiva e saudável, do ponto de vista da autoafirmação do homem como sujeito, ser único, singular, mas que prescinde dos outros homens para se realizar, como ser social e cultural, formas imanentes à vida humana.¹⁸⁶

Portanto, nos propomos neste item a uma conceituação do lúdico ao mesmo tempo em que observamos sua prática no objeto de estudo, entendendo como os escritores vivenciaram essa atitude, referenciando o brincar e o criativo como elementos constituintes de um questionamento crítico da vida cotidiana sufocada por obrigações exteriores à sua própria essência. Dessa maneira, valorizar o lúdico também na fase adulta faz parte de um processo de desconstrução social, visto que o brincar foi praticamente apagado da vida na maturidade, na qual estamos fundamentalmente atrelados à uma sociedade pragmática e consumista, que ocupa seu tempo na valorização exclusiva do “ganhar tempo”.¹⁸⁷

Na contramão a uma atitude do brincar como benefício para uma existência mais dinâmica, está o sujeito pragmático moderno, que prima pelo sentido de se posicionar de forma realista, assertivo e objetivo, ou seja, o indivíduo tido normalmente como pragmático.

A filosofia trabalha com a ideia de “muitos pragmatismos”,¹⁸⁸ e aqui estamos nos remetendo à ideia de um sujeito que foge do improviso, resolve seus problemas de forma ágil, possui rotina sensata, ou seja, compreende a vida segundo uma vivência útil. Ora, os moços da Padaria Espiritual estavam interessados em algo mais do que simplesmente uma vida extremamente prática, tinham por desejo embaralhar os conceitos, as práticas, as ideias, o que foi percebido com precisão por Adolfo Caminha (Felix Guanabarin):

(...) Era belo de ver estes moços (os padeiros) rubros de entusiasmos, lépidos, alegres, sadios de papoula ao peito e sorriso nos lábios, a dobrar jornais, numa dobradura pitoresca, felizes como se estivessem

¹⁸⁶ BARTHOLO, Márcia Fernandes. O lazer numa perspectiva lúdica e criativa. **Cinergis**, Santa Cruz do Sul. V. 2, n. 1, pp. 89-99, jan/jun, 2001. p. 92.

¹⁸⁷ AQUINO, Cássio Adriano Braz; MARTINS, José Clerton de Oliveira. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 7, n. 2, 2007, pp. 479-500.

¹⁸⁸ Aqui nos referimos, por exemplo, aos filósofos Bertrand Russell e Max Horkheimer que fazem a crítica ao pragmatismo utilitarista pois acreditam que o mesmo fomenta uma sociedade que não dá valor à reflexão e à meditação. Segundo eles, não há indício concreto que utilidade e verdade andem sempre juntas. WALL, Cornelis. **Sobre Pragmatismo**. São Paulo: Ed. Loyola, 2007. pp. 20-22.

cometendo a ação mais nobre do mundo, enquanto lá fora a música executava trechos saltitantes, e o azul imaculado do céu cearense comunicava-se misteriosamente ao coração dos que assistiam cá embaixo, embasbacados, a alegre vitória da mocidade sobre o velho! Ideal daqueles para quem a vida não consiste unicamente nisto: - ganhar dinheiro!¹⁸⁹

Na coluna Sabatina, o autor comemora a vitória da alegria, da atitude lúdica que, para ele, estava expressa na juventude dos moços que levavam a “papoula ao peito”, cheio de paixões. Aqui podemos entender que Adolfo Caminha se refere à juventude de alma, a vitalidade e vigor espiritual, a percepção da vida lúdica no cotidiano, no ordinário, não condicionando a vivência apenas em experiências próprias do capital.

Essa forma de aproximar as dimensões da vida se aproxima do que escreve Brunhs:

Em seu sentido primeiro, vida cotidiana diz respeito às coisas que ocorrem na sucessão de todos os dias. Refere-se, portanto, ao que é habitual, corriqueiro, comum. Talvez, por isso, se construam algumas vezes em torno dela associações com aspectos de pouca ou nenhuma importância, inscrito no que é banal, pura trivialidade. Algo semelhante parece acontecer com as práticas lúdicas, não raro encaradas como contraponto de seriedade, reino de tudo que é inútil, improdutivo, vazio.¹⁹⁰

A mocidade planejava, com a chegada do jornal *O Pão*, uma escapatória, uma alternativa às letras de então, pretendiam envolvê-las em uma festa literária coletiva, estavam esperançosos com o retorno do jornal no concorrido jogo das publicações da imprensa cearense no final do XIX. Nessa edição de número dois, após uma pausa devido à falta de recursos para tipografia, festejavam com o coração cheio e o sorriso nos lábios, causando rebuliço na manhã da capital.

Os autores ambicionavam mostrar que a mocidade e as novas ideias prevaleceriam sobre o discurso (velho) capitalista do lucro, apostavam na mensagem da festa lúdica, objetivando atrair os olhares da cidade imaculada, que eles desejavam desposar para uma forma de estética das letras e das artes mais acessíveis ao cotidiano. O termo “Mocidade” que o autor usa para se referir aos letrados cearenses compreendeu os movimentos intelectuais a partir da Academia Francesa (1870),

¹⁸⁹ Sabatina. *O Pão*, n. 2, Fortaleza, 17 de julho de 1892, p. 3.

¹⁹⁰ BRUHNS, H. T. op. cit., p. 11.

entretanto, os moços da Padaria são relacionados a um outro grupo, “Os novos do Ceará”,¹⁹¹ surgido depois de 1890, com o advento da Proclamação da República.

Dessa maneira, os Padeiros estavam sedentos por novos olhares, interesses e propostas que estavam sendo implantadas pelo recente regime governamental instaurado, assim como estavam atentos às transformações que poderiam acontecer na vida social, extrapolando, dessa forma, o diálogo do jogo e da brincadeira. Ao utilizar-se da jocosidade para proceder a crítica da política, fosse essa nova ou velha, os padeiros manifestam que tinham consciência de estarem acessando um aspecto muito caro à cultura cearense, pois, segundo eles, a arte da irreverência era traço comum a muitos habitantes do Ceará.¹⁹² Principalmente na primeira fase do jornal, o incentivo lúdico por meio de um comportamento que seria próprio da vida cearense fica bem evidente: “(...) Rapazes alegres por índole, como somos, só temos que aplaudir o aparecimento de mais uma sociedade de dança, porque não há nada mais idiota do que um sujeito sério, na acepção carrancuda da palavra”.¹⁹³

Nesse artigo, na sessão Carteira, onde eram anunciados muitos dos eventos aos quais os padeiros compareciam, numa clara intenção de divertir-se e extrapolar o tradicional território das sociedades literárias, fica evidente que o grupo mantinha uma postura de crítica ao “sério”, numa referência ao sisudo, mal-humorado da palavra, pois, para os autores do grupo Padaria Espiritual, o brincar era coisa séria. Dessa forma, conectavam-se não apenas a uma ideia de boemia descompromissada, mas sim à valorização da vida popular por meio de suas experiências de vida, suas honras, suas origens. Sua visão de “sério” era ligada ao resistir, ao discutir, ao dialogar sobre as questões intelectuais, se apropriando do sarcasmo, da brincadeira e do humor para representar a realidade política e social que os invadia.¹⁹⁴

E há um fato que desonre mais um indivíduo do que ser pego com as calças na mão? Para os jocosos escritores sim, tê-las roubadas durante uma festa! Com muito bom humor, o roubo da provável “única calça reserva” do padeiro Satyro

¹⁹¹ CARDOSO, G. P. op. cit., 2000. p. 165.

¹⁹² A ideia de um “Ceará moleque” desde os fins do século XIX vem sendo manifestada simbolicamente em narrativas ficcionais, relatos memorialísticos revistas e jornais, fazendo parte, assim, de um imaginário e memória coletivos. Tal rótulo pressupõe que o “povo cearense” é irreverente e alegre por natureza. Ver: SILVA NETO, Francisco Secundo da. **A Gênese da "Cultura Moleque Cearense": análise sociológica da interpretação e produção culturais**. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza, 2015. 164f.

¹⁹³ Carteira. **O Pão**, n. 4, Fortaleza, 13 de novembro de 1892, p. 5.

¹⁹⁴ CARDOSO, G. P. op. cit., 2000. p. 167.

Alegrete (Sabino Baptista)¹⁹⁵ é descrito como um caso digno de polícia. Como tinham a intenção do protesto à instituição policial que frequentemente estava de olho na alegria dos padeiros, sendo, portanto, considerada uma das inimigas do grupo, o episódio é noticiado com ares de importância jocosa, visto que “o moço não pôde ver a ‘pequena’ por conta do episódio:

Parece incrível, mas é verdade e verdade dura de roer: No dia da distribuição do 1º. número de O Pão um gatuno, aproveitando-se da confusão que reinava na Padaria, passou os gadanhos num par de calças de cheviote, que por sinal indica que não estavam pagas! [...] Em que país estamos nós? Pois rouba-se assim a um pobre rapaz que está em véspera de ser pai de família o único par de calças decentes que ele possuía?!
Que diz isso a polícia?
(...) Pobre rapaz há oito dias não vai à casa da pequena... ¹⁹⁶

A forma lúdica das máximas na sessão Saco de Ostras também expressava o uso da sátira como instrumento de crítica, que, de forma ferina atacava, de uma só vez, as instituições oficiais e representantes do poder político, ou seja, a burguesia e representantes da igreja:

“O nervo ótico de um burguês tem sua raiz no estomago”
“A igreja é a alfândega da eternidade”¹⁹⁷

“A pança de um burguês é o princípio de seu castigo”
“A freira Velha é o purgatório dos pobres”¹⁹⁸

“O burguês é como uma boia não vive nem vegeta – flutua”¹⁹⁹

Nesses trechos podemos compreender que as promessas de ataque às instituições começavam a serem cumpridas. Para esses rapazes a guerra era necessária, e foi manifestada com intensidade contra o burguês e o clero, que faziam parte, segundo eles, de um tipo de “gente que desagradava os sócios padeiros”. Ridicularizados por eles, foram considerados os “inimigos naturais” da Padaria, alvo de chacotas pejorativas, que variaram da prosa às máximas realistas, através das

¹⁹⁵ Manuel Sabino Baptista (1869 - 1899) – Paraibano, muito jovem migrou para o Ceará fazendo carreira público e como homem de letras, publicou dois livros de poesia Flocos (1894) e Vagas (1896), foi casado com a também poetisa Ana Nogueira Batista (1870 - 1967).

¹⁹⁶ As calças. **O Pão**, n. 2, Fortaleza, 17 de julho 1892, p. 3.

¹⁹⁷ Saco de ostras. **O Pão**, n. 2, Fortaleza, 30 de outubro de 1892, p. 8.

¹⁹⁸ Saco de ostras. **O Pão**, n. 3, Fortaleza, 06 de novembro de 1892, p. 2.

¹⁹⁹ Saco de ostras. **O Pão**, n. 4, Fortaleza, 13 de novembro de 1892, p. 8.

quais expressaram seu ódio ao poder que tais segmentos sociais exerciam sobre a população.

A tríade ignara da sociedade estava, assim, manifestada desde o estatuto da Padaria, na figura da polícia, nos burgueses (representados pelos alfaiates), e no clero (representado pelos padres) e seus atos corruptos não teriam descanso nas colunas do jornal, pois, conforme já mencionado no artigo XXVI do programa de sua instalação, deveriam ser combatidos, não devendo os escritores perderem, de forma alguma, a oportunidade de satirizá-los. Assim se refere Caminha aos alvos de suas críticas, sempre referidos como “gente ignorante e falsa”, em mais uma das suas “sabatinadas”:²⁰⁰

[..] Porque, convençam-se os que vem, tudo – céus e terras – pelo prisma falso do interesse pessoal e do preconceito, se a humanidade ainda sofre e geme, a culpa é dela, da burguesia, esse flagelo de todas as grandes virtudes, esse algoz da estética e do bom gosto, cujas aspirações, em suma, resumem-se neste preceito ignóbil: - encher bem a pança e ganhar dinheiro.²⁰¹

O grupo acusava o burguês de egoísmo e o atacava por se preocupar unicamente com “seu umbigo”, sua pança, usufruir de uma vida farta, enquanto os demais passavam necessidades, privações. Para os Padeiros, essa gente não se ocupava nas coisas do espírito. Referindo-se à Fortaleza, essa era considerada uma cidade carnal, amarrada à aparência social comprada pelo dinheiro, estando a questão religiosa também corrompida por estes valores pecuniários. Os escritores bombardeavam com críticas esse tipo de atitude, já que a lisura para eles era uma forma de afirmação, por exemplo a constatação em tom de chacota quando foram questionados quando tiveram que deixar sua primeira sede: “porque o dono não achava a menor graça em deixarem de pagar o aluguel”.²⁰²

A Igreja, na opinião do grupo, também não ficava para trás no que se referia à falta de assistência ao corpo e à alma. Nesse sentido nos cabe explicar que, apesar de não serem católicos fervorosos, o grupo possuía uma certa visão imaterial da vida mais ligada à rebeldia, reconhecida, pelos analistas, com a expressão “molecagem”,

²⁰⁰ Adolfo Caminha escreveu as primeiras crônicas no jornal, intitulada “Sabatina” na primeira fase de O pão, que vai do jornal 1 ao 6. Nessa sessão, Caminha debatia e “lavava a roupa suja” social narrando um debate ácido e crítico a diversos temas da Fortaleza do final do XIX.

²⁰¹ Sabatina. **O Pão**, n. 3, Fortaleza, 06 de novembro de 1892, p. 3.

²⁰² CARDOSO, G. P.; PONTE, R. S. op. cit., pp. 51-69.

atitude atribuída ao povoamento originário do Ceará ser majoritariamente indígena. Essa questão fica clara em uma resposta que um dos integrantes do grupo, Antônio Sales, dá a um cearense de origem portuguesa, Gomes Leal, que o chamara de “mulato”. Em vez de retrucar negando o atributo, a resposta de Sales nos chama a atenção para esse orgulho, sobre sua ancestralidade indígena:²⁰³

[...] errou a classificação da minha origem etimológica. O que sou é caboclo um tanto modificado pelo concurso honesto de algumas gotas de sangue português de minha terceira geração ascendente. Apesar desta modificação, me considero caboclo legítimo, e se tivesse brasão, nele figurariam flechas e tacapes.²⁰⁴

Figuras 17, 18 e 19 - Da imponente catedral metropolitana da Sé, com influência Gótica na capital Fortaleza aos pequenos vilarejos nos confins cearenses a presença da Igreja e o poder dos Padres são marcantes na sociedade.



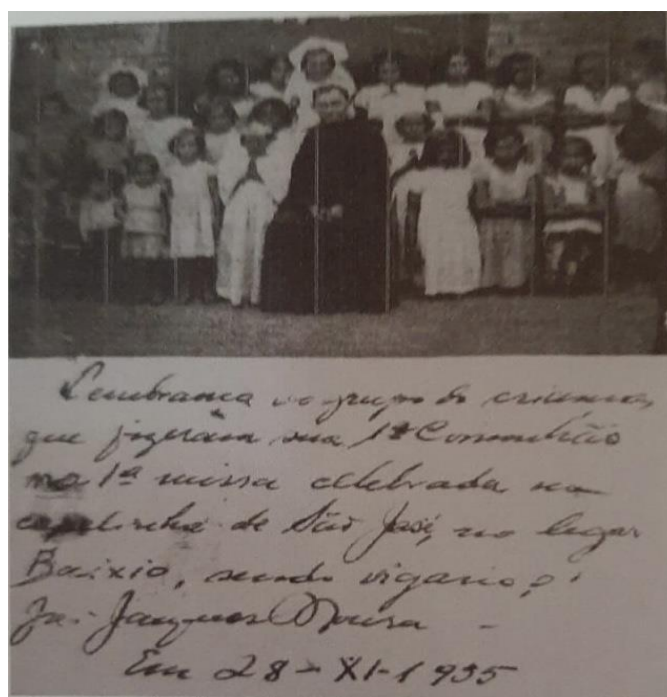
Fonte: Arquidiocese de Fortaleza. Disponível em: <https://www.arquidiocesedefortaleza.org.br/arquidiocese/historia/> Acesso em 30: de mar. 2021.

²⁰³ Oscar Leal (1862 - 1910) nasceu no Brasil e criou-se em Portugal, tinha como profissão a odontologia função que desempenhou simultaneamente a escrever, foi um típico homem de letras da virada do século XIX ao XX, dedicou significativa parte de sua produção intelectual à literatura de viagem. O escritor travou com Antônio Sales uma batalha longa que envolveu a imprensa brasileira e portuguesa, com insultos de plágio, acusações e críticas. Em artigo de O Pão n. 24 “A galope!”, o padeiro escreve longa resposta ao escritor após descobrir que Gomes Leal estava enfurecido e o difamando com o pseudônimo de Lopes Carqueja. A briga se estende em muitos episódios e é descrita nas memórias de Antônio Sales. VENENOS. **Academia Cearense de Letras**. Disponível em: http://www.academiacearensedelettras.org.br/revista/Colecao_Antonio_Sales/Antonio_Sales_e_Sua_Epoca/ACL_Antonio_Sales_Sua_Epoca_071_Venenos.pdf

²⁰⁴ A galope! **O Pão**, n. 24, Fortaleza, 15 de setembro de 1895, p. 2.



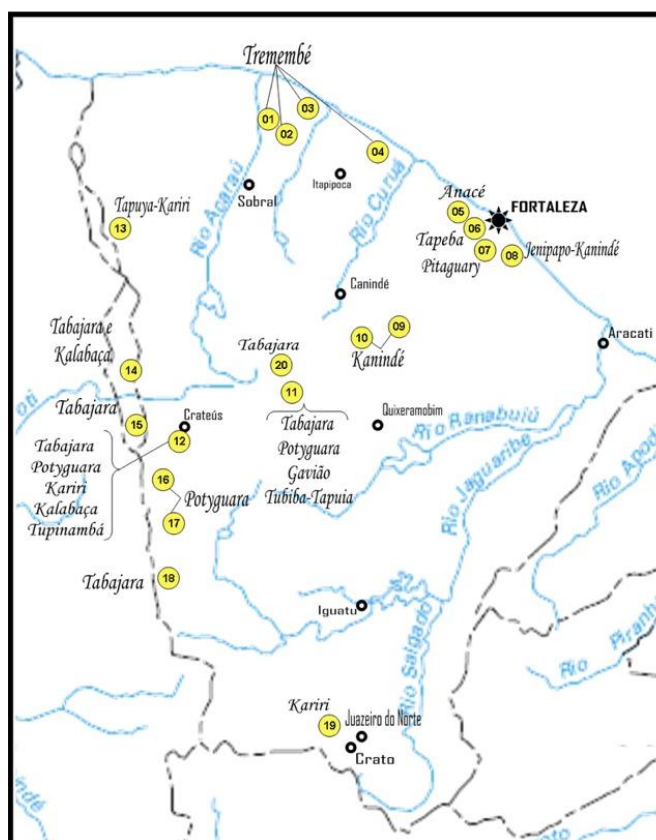
Fonte: Da autora (2000)



Fonte: Da autora (1955)

No Ceará, como em tantos estados, a introdução do catolicismo foi feita de forma dura e massiva, porém a face desse domínio “civilizatório” no seu formato severo, rígido e inflexível, foi aplicada com maior intensidade, dada a grande quantidade de povos indígenas que resistiram e acabaram por formar a população cearense, sendo esse um dos últimos territórios dominados da colônia. Mesmo após

a diminuição dessa força religiosa (jesuítas principalmente) no território brasileiro após as reformas pombalinas,²⁰⁵ a presença católica se fazia necessária na empreitada de propagação do evangelho e civilidade desses povos com grandes percentuais de gentis, ou seja, a extinção do “gentilismo”.²⁰⁶



Fonte: PALIOTOT, Estevão Martins. **Na mata do sabiá:** sobre a presença indígena no Ceará. Fortaleza: Museu do Ceará/Imopec, 2009. p. 35.

²⁰⁶ CARVALHO JÚNIOR, Almir Diniz de. **Índios cristãos: a conversão dos gentios na Amazônia portuguesa (1653 – 1769)**. Tese de doutorado, Universidade de Campinas, Campinas, 2005.

Assim, os administradores tinham diante de si uma capitania cuja resistência ao “processo civilizatório” a tornava bastante periférica, necessitando de adequação de muitos esforços para que abandonassem seus costumes considerados bárbaros, missão da qual a igreja católica foi incumbida. À essa missão se mesclava a necessidade dos convertidos pacificados tornarem-se mão de obra a ser incorporada nas obras e serviços advindos com o crescimento das vilas cearenses que, gradualmente, foram adquirindo contornos urbanos mais definidos.²⁰⁷ Apesar de serem fundamentais para o ajudarem a promover o desenvolvimento econômico, seu traço indígena bastava para que fossem apontados como reticentes ao trabalho, tachados de indolentes, com atitudes de “moleques”, sem apego às coisas materiais e, portanto, nefastos para as forças economicamente produtivas.

Entre os membros da Padaria, a crítica à igreja ou ao Clero fica evidente e foi bem explorada na prosa de Cariri Braúma (Jose Carvalho),²⁰⁸ na qual podemos perceber como o descompromisso dos padres para com a caridade era alvo da desaprovação dos escritores. O Padeiro escreve em quatro atos a história de um batismo muito mais “poderoso” do que o oficial, aquele feito na água do pranto da mãe. O texto destaca, de início, a triste situação de Rosa e seu marido que, com uma criança doente nos braços, procuram desesperadamente um padre que fizesse o batismo de seu filho antes que viesse a falecer. O pai, Raimundo, acompanhava a mulher, seguindo-a com um coração pesado, sua alma também infeliz por ver a situação do filho e se apegava ainda ao desejo e esperança da obrigação religiosa cumprida: “O amor de pai, e a satisfação, que lhe ia n’alma pelo cumprimento de um dever imposto pela religião alternavam-se com outras conjecturas tristes e dolorosas...”.²⁰⁹ A falta de um padrinho que arcasse com o ritual de batismo é descrita como o empecilho da família para receber a benção, negada pelo vigário da paróquia

²⁰⁷ COSTA, João Paulo Peixoto. O governo Sampaio e os índios no Ceará: políticas de controle e civilização (1812 – 1820). **Anais do II Simpósio de história** / I Semana de história da UESPI (campus Clóvis Moura): história, memória e cultura popular, Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2010.

²⁰⁸ Jose Carvalho - Cearense do Crato, nascido em 1872, passou juventude em Fortaleza e viajando pelos estados do Norte (Pará e Acre), criou relação estreita com culturas indígenas e o mundo dos guias, pajens, seus trabalhos versavam nestes atalhos que estas comunidades se conectam. Exerceu profissão de jornalista, folclorista, historiógrafo, contista e escritor talentoso publicou os livros: *Perfis Sertanejos* (1897), *Costumes do Ceará*, *O mulato Cearense e o Caboclo do Pará* (1930) e *Contribuição ao folclore do Brasil* (1930). Morreu no Rio de Janeiro no ano de 1933. Ver mais: MIRANDA, Ana. **O Pão da Padaria Espiritual**. Ed. Fac-similar. Fortaleza: Armazém Da Cultura, 2015. p. 327.

²⁰⁹ O batismo. **O Pão**, n. 11, Fortaleza, 01 de março 1895, p. 2.

descrito pelo autor como uma espécie de parasita que tinha sido incomodado pela miserável família quando dormia espaçosamente em uma rede após o almoço.

Sem conseguir a benção tão almejada, o casal é retirado da igreja pelo sacristão, que tem papel tão desumano quanto o do padre e, sob sol forte, a família, abandonada à sua sorte, ainda compartilha da “doce crença na religião” e segue à procura de alguém que pudesse servir de patrocinador do ato religioso. A mãe, em convulsão não só com a possibilidade de perder o filho para a morte, mas, principalmente de vê-lo partir como “pagão” desespera-se, conforme prosa, e chorava tão dolorosamente que não percebe a melhora da pequena criatura, pois à medida que a mãe chora, a criança alimenta-se de suas lágrimas, e essas, justamente com a fé e a pureza do coração materno, o curam:

Rosa ao saber que seu filhinho não seria batizado pelo padre, rompeu em soluços e enquanto ambos volviam caminho de casa as lágrimas caíam gota a gota sobre a cabeça da criancinha, que pouco a pouco recobrava a vida e parecia sorrir.

No entanto Rosa não via que seu pranto ressuscitava seu filho e não compreendia quanto é poderoso o sacerdócio de mãe e quanto é sublime o batismo das lágrimas.²¹⁰

O relato acima não expressa em si uma descrença na salvação da alma ou o sentimento de cada um com a espiritualidade, e sim com a instituição da Igreja, com a corrupção dos padres e dos rituais sacros que eram usados a bel prazer para apropriação e arrecadação de bens, mesmo dos mais pobres. Porém, apesar de muitas críticas a relatos de comportamento vergonhoso da instituição, o grupo assumia estar alinhado com uma postura espiritual.

A forma como assumiam a conexão alma e corpo aparece frequentemente na sessão Recados de O pão número 11, de autoria de Antônio Sales (Moacir Jurema). Ao responder sobre a descrença da mocidade em artigo do jornal d'A verdade intitulado “*Indiferentismo religioso*” admitia que: “Nós da Padaria, quase todos somos católicos e religiosos”²¹¹ e, de forma brincalhona, afirma que, de fato, muitos dos escritores do grupo eram religiosos assumidos e, indo mais além, que a busca de uma existência imaterial se dera o batismo do nome²¹² da associação: “O próprio nome da

²¹⁰ Idem.

²¹¹ Recados. **O Pão**, n. 11, Fortaleza, 01 de março de 1895, p. 5.

²¹² Ver mais em: ROSENBAUM, Paulo. **Padaria Espiritual**. Ebook, 2015. p. 2.

nossa associação indica que acreditamos na existência do espírito, na imaterialidade do ser em todas as suas relações teológicas”.²¹³

Compreendemos que Sales reafirma uma posição católica na formação do grupo e através do nome da agremiação. No entanto, como o autor faz ironia por todo o texto, referindo-se aos costumes um tanto “beatos” que mantinha seus amigos, procurei consultar bibliografia que verse sobre o surgimento dessa ideia. A versão mais recorrente é realmente, a da ligação do nome do grêmio com a imaterialidade, porém a metáfora do nome se remete também ao ofício de padeiro e o alimento “pão”, pois as tipografias e as padarias representavam os comércios mais comuns na cidade de Fortaleza nos finais do XIX,²¹⁴ daí a alusão de alimentar com novas ideias o espírito, documentando-o em algo impresso.

Já Paulo Rosenbaum²¹⁵ em conto afirma que essa denominação corresponde à forma como eram conhecidas as livrarias em Portugal e em suas colônias no século XIX. Dessa forma, embora os Padeiros se manifestassem comprometidos com a ideia de uma ligação com algo superior (sendo Deus ou não), e na busca de um significado humano imaterial, não se pode deixar de fazer referência a tal coincidência. As críticas presentes nas prosas e textos contra o clero, foram feitas de forma pedagógica, e representavam a vontade dos escritores de combater e expor as hipocrisias sociais e os fanatismos religiosos que, segundo eles, não estavam de acordo com as elevações espirituais que a própria religião exigia.

[...] porque no seio da Padaria Espiritual é fechar-se os olhos e pegar-se um católico, dos quatro costados, - por exemplo o Anatólio que não se deita sem rezar, não come carne as sextas-feiras, vai regularmente a missa, não se banha sem primeiro fazer o sinal da cruz, e anda à procura de uma viúva rica com quem se case para não continuar a infringir um mandamento.²¹⁶

²¹³ Recados. **O Pão**, n. 11, Fortaleza, 01 de março de 1895, p. 5.

²¹⁴ Conforme afirmação em artigo: “As oficinas tipográficas constituíam uma atividade de referência no setor produtivo de Fortaleza chegando ao 2º lugar em quantidade de estabelecimentos na cidade na década de 1890, perdendo apenas para as padarias, eram estabelecimentos especializados cujos proprietários gozavam de prestígio na sociedade”. Ver mais em: LIMA, Rafaela Gomes. Os tipos em Fortaleza: uma pequena história da impressão cearense no século XIX. **Oficina Do Historiador**. 2014: Suplemento Especial - I Encontro de Pesquisas Históricas - PUCRS (EPHIS). Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/view/18968> Acesso em: 08 jan. 2019.

²¹⁵ Citação ao nome das livrarias em livro de contos sobre uma ficção a respeito do fim dos livros impressos e o controle do Estado sobre o direito dos cidadãos à informação. ROSENBAUM, P. op. cit., p. 2.

²¹⁶ Recados. **O Pão**, n. 11, Fortaleza, 01 de março de 1895, p. 5.

Expressa-se aqui como que uma etapa de transição para uma fase da modernidade, na qual o novo convive com resquícios dos tempos de antanho, o que, se nos aproximarmos das reflexões de Berman (1940-2013), corresponderia às características da segunda fase da modernidade, que, iniciando-se em fins do XIX, seria aquela na qual o público ainda se lembrava do que era viver, material e espiritualmente, em um mundo que não chegava a ser moderno por inteiro, o que, segundo o autor, causava nas pessoas uma sensação de viver em dois mundos.²¹⁷ A relação entre a materialidade e a espiritualidade, na configuração apontada por Berman, analisando o emergir da modernidade do século XIX, não era um tema apenas dos protagonistas cearenses da Padaria, encontrando-se em vários autores de outras plagas que, naquele mesmo momento histórico, se dedicavam à sua discussão, conforme aponta Souza.²¹⁸ O autor esclarece que, no debate sobre a questão religiosa travado entre Feuerbach e Marx podemos verificar as ponderações sobre a deformidade que o cristianismo sofre na modernidade, e que, sub-repticiamente, transforma os valores cristãos de amor, solidariedade, em seus antagônicos.

Como nos elucida Souza, ambos discorrem sobre o materialismo como anti-egoísmo, entretanto, Feuerbach desenvolve um ponto de vista tomando parte de “uma onda antropológica” quanto a crítica com relação à religiosidade, defendendo um “núcleo humano” essencial.²¹⁹ Esse núcleo seria o que o filósofo chama de nossa “essência genérica”, um íntimo espiritual racional, amoroso e comunitário, constituído por nossos predicados-valores, nossas excelências, nossas potências maiores e mais próprias — a Razão, o Amor, a Vontade (o Amor em primeiro lugar) —, as quais, segundo o autor, no cristianismo, são equivocadamente atribuídas, em primeiro lugar, a Deus, mas que seriam características da essencialidade do ser humano.

Já Karl Marx retoma e aplica esse aspecto da crítica ateísta de seu mestre Feuerbach, condenando o egoísmo e a necessidade prática como fundamento da religião hebraica e também princípio da sociedade moderna, sendo que, para o autor, o cristianismo não passa de outra forma de judaísmo elevado, nascido dele e que para

²¹⁷ BERMAN, M. op. cit., p. 16.

²¹⁸ SOUZA, José Crisóstomo de. O mesmo e o outro: Feuerbach, ética e alteridade. **Colóquio Ética e Alteridade**, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), 10, 11 e 12 de maio de 2010. Disponível em: <http://www.ufrrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/etica-alteridade/artigos/Cris%C3%B3stomo.pdf> Acesso em: 03 jan. 2021.

²¹⁹ Ibid., p. 5.

ele retorna na modernidade: “O cristão era o judeu teórico, e o cristão prático é novamente judeu”, isso significa que o “subjativismo” do cristianismo deve transformar-se necessariamente no “egoísmo” de que proveio, e que, por sua vez desagua no tacanho individualismo moderno.²²⁰

É do tema cristão “espiritualista” que se deriva o fundamento da “ilusão” de autonomia pessoal, subjetiva, do indivíduo; enganosamente faz de todo e qualquer sujeito individual, uma pessoa que apenas precisa ser “cultivada”, para existir como um “eu” soberano. Daí, ainda segundo Souza, deriva a ideia de democracia moderna a qual Marx se refere, ou seja, a democracia dita burguesa, liberal e moderna com sua mentirosa idealização de sujeito individual, cheio de direitos. Ainda segundo Marx, em tempos anteriores, como espírito do Estado, o cristianismo chegou mesmo a representar algo de uma vida genérica que, para ele, era comunitária, unitária — mesmo que de forma limitada, havia relação maior entre os homens. Porém, na modernidade, a religião representa apenas o espírito da sociedade civil burguesa: a concorrência, o conflito, a guerra de todos contra todos; a religião não é mais a essência da comunidade, é antes a essência do seu oposto: da diferença, da separação, da independência do particular. Agora, o cristianismo não une, não unifica, mas separa, dispersa; agora ele é apenas a afirmação da absurdidade particular, a afirmação do capricho, da vontade arbitrária; ele é agora, podemos entender, o próprio espírito do capitalismo.²²¹ Exatamente como criticaram os integrantes da Padaria, embora sem ter acesso às reflexões teóricas daqueles autores europeus, mas por crítica advinda da vivência empírica e por seus espíritos aguçados para com o que os circundava naqueles idos do século XIX cearense²²².

A citação anterior (p.96), contudo, traz outras referências sobre as práticas religiosas que eram impingidas à população, pois o “Anatólio, não se deitava sem rezar, não comia carne às sextas feiras, ia regulamente à missa”.²²³ Mas chama a

²²⁰ Ibid., p. 6.

²²¹ Ibid., p. 8.

²²² A crítica as formas com que as Igrejas impõem formas de controle vazios aos homens fica claro em conto de Arthur Teófilo, quando o padeiro escreve o amor impossível de um padre que foi forçado a viver longe da mulher que ama, seu amor de infância “Geny”, devido a imposição do celibato. Escreve em um dos trechos sobre a culpa que o jovem carrega por pensar onde estaria seu grande amor e até onde está ele como homem, diante daquela confusão de pensamentos: (...) A Geny! ... Onde estaria ela? E a seiva borbulhante da sua mocidade, enjaulada por tantos anos entre os quatro muros do seminário, irrompia brutal, tornando-o nervoso, tilatando-lhe a pupila doce e serena de apóstolo, na febricitante alucinação da carne impiedosa e má”. Ver mais em: Desmoronamento. O pão 15 – Fortaleza, 01 de maio de 1895. P.2

²²³ Recados. **O Pão**, n. 11, Fortaleza, 01 de março de 1895, p. 5

atenção as referências sobre a repressão à sexualidade, cujas manifestações, embora da natureza humana, eram consideradas pecaminosas. Assim, o tal amigo “só se banhava depois de fazer o sinal da cruz”, pois o ato de banhar-se podia levar a atos pecaminosos, assim como a necessidade de casar-se para não “infringir em um mandamento”.

Além disso, não bastava casar-se, o melhor é que fosse com uma viúva rica, o que coloca em evidência outra crítica social muito presente em *O pão*²²⁴, o amor pautado nos valores do capital. Assim, não só a “salvação” da Igreja estava baseada no dinheiro, mas as uniões afetivas de amizade, parceria e os bons casamentos que esses arranjos poderiam alcançar, traz à nota o verdadeiro espírito que vigorava, ou seja, o do capital. Outro padeiro que evidenciou a importância das relações materiais em detrimento das espirituais, no caso o amor, foi Ulysses Bezerra,²²⁵ que escrevia sob o codinome Frivolino Catavento. Em conto denominado “O prêmio merecido”, escreve sobre a declaração de amor que um talentoso letrado e boêmio faz em um jornal para uma moça de família.

(...) Levava essa vida de colegial, longe do mundo, sem mesmo conhecer os interesses que nele estão em jogo; mas um dia um poeta lembrou-se de fazer-lhe uma declaração amorosa em versos vibrantes e corretos, e fê-los publicar em um jornal. Logo que as leu encoleirou-se e numa crise nervosa rasgou-os, indignando-se com o poeta que gastara longas horas a lapidar cuidadosamente aquelas estrofes mensageiras de um amor não correspondido. Tempos depois ela casava-se com um burguês de dinheiro, vermelho, forte, de abdômen dilatado e que não sabia ler.²²⁶

O padeiro descreve a bonita jovem como “alva, loira, perfumada e estudiosa”, uma donzela que ainda não conhecia as coisas do mundo, ou seja, um padrão de beleza europeia, com os requisitos que se exigia de uma jovem casadoira de boa

²²⁴ Recorrentemente representado no jornal o vínculo com a Igreja também observamos a tradição desmedida que a sociedade alimentava com os rituais religiosos. Em conto sobre Dona Guilmar é apontado por Raul Azevedo a vida em torno da “pureza” que o costume religioso ditava a “transparência da cor branca”, é conectada a vida da personagem e o autor descreve em seu conto toda a influência católica com as fases da vida da mulher contadas em atos que vão do “batismo, passam pela primeira comunhão e casamento, e a morte” Ver: Dona Guilmar. **O Pão**, Fortaleza, 15 de agosto de 1895, n. 22, p. 2.

²²⁵ Ulisses Bezerra (1865-1920), cearense, jornalista, publicou obras de ficção em diversos jornais, deixou inédito um volume de crônicas intitulado Páginas soltas (1900). Ver mais em: ULISSES Bezerra. **Literatura Brasileira**. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=12165>. Acesso em: 01 fev. 2021.

²²⁶ Prêmio merecido. **O Pão**, n. 8, Fortaleza, 15 de janeiro de 1895, p. 3.

família. Mas, fossem quais fossem os atributos humanos do poeta, seu talento, seu amor, esses poucos valiam ante a necessidade de um casamento que desse à moça segurança e estabilidade econômica e, assim, conta o padeiro chistosamente, tempos depois a jovem casa-se com um burguês rico, gordo, barrigudo e analfabeto.

Em outro artigo, intitulado *Descrente*, do mesmo autor, o assunto é abordado novamente, mas, dessa vez, faz a crítica realista ao comportamento de uma sociedade que só enxerga o valor do dinheiro. Descreve o autor um moço, risonho, cheio de vida, que se apaixona por uma linda jovem de olhos negros. Seu riso a bem da verdade, era invejado por aqueles que pautam a existência em aparências, sem profundidade, sua felicidade nem era compreendida:

Quem quer que olhe para aquele rapaz que anda sempre contemplativo e triste, como quem fez do coração ninho de corvos agourento, não dirá que outrora, quando sua alma de poeta estremecia de prazer e gosto de olhar fulgido, foi expansivo e sabia dar gargalhadas estrepitosas e cheias.

[...] era de uma loquacidade pasmosa e ria muito; seu riso era uma tortura para os burgueses que só pensavam em ter muito dinheiro e tem a felicidade de supor que a felicidade consiste em ter muitas libras a tilintar lhes nos bolsos.

Ele passava altaneiro e lançava um desdenhoso olhar, porque não via, no meio da multidão, uns negros olhos que enchiam de luz a vida do boêmio.²²⁷

Na última parte do texto o autor ressalta que o boêmio perdeu o brilho no olhar porque não observa mais a presença da moça pela cidade, isso o deixa triste, discreto, a usar um “sudário da tristeza”, profundamente descrente. Para os padeiros, era necessário combater o avanço das mazelas que o capital trazia para as relações, fossem elas as de amor ou amizade. Assim, manter esse tema evidente se torna obrigação nas páginas do jornal, em um formato lúdico-didático constituído por poesias, contos, prosas, críticas e até mesmo na agenda de eventos.

2.2. BRINCAR, JOGAR E BRIGAR: RECHEIOS DA MESMA MASSA

(...) E foi ainda d'esta arte que todas as pessoas a quem oferecemos O Pão o compraram da melhor vontade e com a maior

²²⁷ Descrente. *O Pão*, n. 24, Fortaleza, 15 de setembro 1895, pp. 4-5.

*gentileza, a exceção de dois burgueses que tiveram o inaudito desprazo de o recusar; um pela imperiosíssima circunstância de não saber ler, outro por se achar muito azoado de umas malditas hemorroidas. (...)*²²⁸

Apesar de serem conhecidos como rapazes provocativos e pilhéricos, com suas molecagens cheias de críticas sociais como consta no trecho do artigo acima, no qual o autor, ao mesmo tempo que comemora e felicita os leitores pelo sucesso de O Pão, também ataca aqueles que o recusaram. Os escritores também viveram grande clima afetivo com expressão declarada de amor e companheirismo social, como veremos a seguir.

Os Padeiros, construíram relações de amizade muito duradouras e de respeito mútuo, a exemplo a amizade longa e afetuosa iniciada as épocas da Padaria que mantiveram Sales e Teófilo por trinta e oito anos, estando o confrade, inclusive, ao leito de morte do amigo Teófilo, ao qual nunca poupou elogios, sendo o afeto entre ambos, recíproco. Antônio Sales, em comunicado publicado no *Correio do Ceará* em 09 de julho de 1932, lamenta de sua forma sempre poética o pesar no coração despedaçado pela perda do amigo, algo que nem o tempo poderá remediar:

Perdi em Rodolfo Teófilo o meu mais velho e melhor amigo, e com seu desaparecimento sinto meu coração mutilado numa idade que já não se conta com o tempo para realizar seus processos de restauração moral. Há em minha alma mais um nicho vazio, que nenhum outro vulto poderá ocupar. Apenas tenho que orná-lo com as coroas de minha saudade e perfumá-lo com o incenso de minha veneração.²²⁹

De fato, a aposta na manutenção de relações pessoais e de amizade rendeu ganhos para além da vida literária. Em carta de 1895 enviada através de Sabino Baptista em comemoração ao amigo Moacyr (Sales) por mais um “janeiro”, Marcos

²²⁸ Artigo de fundo. **O Pão**, Fortaleza. 6 de novembro de 1892, n. 3, pp. 1-2

²²⁹ BOIA, Wilson. **Antônio Sales e sua época**. Fortaleza: BNB, 1984. pp. 393-396. Disponível em: http://www.academiacearensedelettras.org.br/revista/Colecao_Antonio_Sales/Antonio_Sales_e_Sua_Epoca/ACL_Antonio_Sales_Sua_Epoca_64_O_solitario_do_alto_da_bonanca.pdf Acesso em: 10 jan. 2021.

Serrano (Rodolfo Teófilo), deixa clara a recíproca amizade que reinava entre os dois já naquela época:

Meu caro Moacyr
Desculpa não trazer flores
Para saudar teus dessabores
Fazendo mais um janeiro;
É praxe mais de mau gosto,
Penso, assim de mal desgosto
Fazer um dia festeiro
[...] fazer anos! Só de vario,
Um pedaço de sudário
Saudar só muita loucura!
Embora me chamem tolo,
Só cabeça sem miolo
Festeje esta desventura.
Mas enfim para andar na moda
Para não fazer poda.
Completa de tais usanças
Pelo Sabino te mando
Um abraço e mais um bando
De afetuosas lembranças²³⁰

Sendo voltados para a boemia e cultivando hábitos de lazer, não é de estranhar que as festas de aniversário e celebrações fossem muito animadas na Padaria. Os eventos normalmente contavam com anúncios em *O pão* e em outros jornais²³¹ e aconteciam em almoços e jantares na casa dos membros, onde se declamavam poemas e peças musicais. Até mesmo um simples comunicado sobre um evento qualquer servia de mote para mais uma crítica social, conforme se observa no tom jocoso com que é feita a informação sobre outro aniversário, dessa vez o da associação, na qual o autor, anônimo, não perde a oportunidade de ridicularizar os burgueses ignorantes que viviam suas vidas efêmeras, sem um ideal de “perseguição justa”:

Foi a 30 de maio de 1892.
Os pacatos e ignaros burgueses da formosa terra que os verdes mares beijam, dançavam ao frescor da noite, pelos cafés, rodas de calçada os estômagos fartos e pesados. Uns tiravam delícias a um havana; outros, os que faziam a digestão em casa, liam as folhas do dia, molemente em chaises -longue. De quando em vez levantavam a cabeça estonteada e acompanhavam cheios de pasmo uma flecha que fendia o ar.²³²

²³⁰ Meu caro Moacyr. *O Pão*, n. 18, Fortaleza, 15 de junho de 1895, p. 5.

²³¹ FIUZA, R. C. P. op. cit., p. 50.

²³² Carteira. *O Pão*, n. 17, Fortaleza, 30 de maio 1895, p. 6.

Ou seja, a alienação desse segmento social era de tal ordem que sequer se davam conta de eventos que poderiam conturbar aquela paz modorrenta, tal como o referido no trecho “acompanhavam cheios de pasmo uma flecha que fendia o ar”. Em prosa inteligente, o autor sugere que, graças à criação da Padaria, o sossego e a boa vida da capital dos verdes mares (Fortaleza) foram tomados por seus índios ancestrais à flechadas. O burguês, molenga e de raciocínio lento, não entendia o motivo do alvoroço alegre e de atitude que os escritores ostentavam, confundindo a criação do clube literário com um comércio e, ávidos por novidades, saem a especular quem seria o dono do “ponto comercial”:

Havia movimento, agitação na rua ...

- O Pinto o que querem dizer aqueles foguetes? Pergunta um ao vizinho.

- Homem, falar a verdade, eu não sei bem não; porem um meu sobrinho viu ali na rua Formosa umas bandeiras...

Disseram a ele que era a fundação de uma padaria....

- Do João Octavio?

- Não. Se a memória não falha, é de um tal Espiritual.

E o outro com ares de inteligência:

- Naturalmente é algum estrangeiro?!

- Vamos ver a história?

E saíram a passos lentos, abotoando o colete.²³³

Conforme Nava, não se tratava apenas de encontro inocente e boêmio com pretensão de estardalhaço vazio. A rebeldia expressa nos encontros tinha como escudo a literatura e uma atitude subversiva contra a ordem estabelecida das práticas comportadas das outras esferas sociais.²³⁴ Norbert Elias, em seu estudo “A sociedade de indivíduos”, nos aproxima dessas relações únicas entre os seres sociais que tomam forma a partir de suas individualidades, até transformarem-se em verdadeiras teias humanas, concluindo que, quanto maior fosse a divisão em uma sociedade, mais as pessoas estariam ligadas umas às outras.²³⁵ Ou seja, as relações entre amigos ou “inimigos” possuem contato social instigador, e a vida só se mantém possível graças aos laços sociais que estabelecem o liame do individual para o social.

²³³ Idem.

²³⁴ NAVA, Pedro. **Baú de ossos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. p. 92.

²³⁵ ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994a. p. 26.

Um desses laços que nos aproxima do nosso estudo é a relação de amizade, tão evidentemente expressada em *O Pão*, através de seus muitos textos, sobre comemorações e aniversário. Desta vez, quem faz anos é o “sério” Marcos Serrano (Rodolfo Teófilo):

No dia 6 do corrente completou anos (quantos, é o que nós não dizemos) o nosso querido confrade Rodolfo Teófilo. Muitos parentes e amigos e quase todos os padeiros aqui presentes foram cumprimentá-lo em sua aprazível vivenda, onde o ilustre cavalheiro e sua digna consorte os receberam e obsequiaram com aquela gentileza que lhes é peculiar e que tão bem conhecem os que tem a felicidade de o conhecer de perto.

Não faltou, entre muitos outros atrativos o delicioso vinho de caju que faz o desapontamento de tantos invejosos.²³⁶

Mesmo Teófilo, normalmente reconhecido como um Padeiro recluso, não dado aos movimentos das festas e aparições²³⁷, abria sua casa para comemorações, endereço que também abrigou algumas das fornadas na segunda fase do grupo. Conforme se observa, trata-se de relações (eu-nós) que compreendem uma dicotomia tensa e frágil de se equilibrar, obedecem a uma “balança entre o individual/coletivo”, mas nos permite a compreensão da rede humana como uma continuação em permanente mudança e conservação, de maneira simultânea e contraditória, o que nos aproxima do conceito de *habitus* desenvolvida por Norbert Elias.

Elias defende que as relações sociais compostas por jogos e alianças entre os seus membros são o fator de maior importância para a vida humana, pois nos guia na observação da sociedade como um combinado de interdependências entre os indivíduos.²³⁸ As teias humanas estão unidas em uma ordem ou sentido invisível, as pessoas estão ligadas entre si e a vida só se mantém possível através dessa existência social, afinal, a história sempre será a história de uma sociedade, porém, se iniciará a partir da história de cada um de seus indivíduos.²³⁹

²³⁶ Carteira. *O Pão*, n. 16, Fortaleza, 15 de maio de 1895, p. 6.

²³⁷ Escreve o próprio Rodolfo Teófilo em poesia de caráter confessional este fato, sobre a desilusão de sua alma calejada de lutas e frustrações. Em poema de *O Pão* intitulado *Misantropia* assume até mesmo a preferência de estar sozinho, viver em seu isolamento, a reclusão de sua paz sem o contato com uma sociedade que considerava alienada dos problemas. Diz o padeiro em trecho do poema (...) Não sei porque risos me entristecem, Me faz cismar dos outros a alegria; Cai minha alma em letal melancolia, Quando turbas risonhas me aparecem. (...) Só o retiro, só a voz dos ermos, Com sua gravidade suaviza, As dores d'esses micros infernos. Ver: TEÓFILO. *Misantropia*. *O Pão*, 01 de fevereiro de 1895, n. 9, p. 4.

²³⁸ ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994b.

²³⁹ ELIAS, N. op. cit., 1994a.

Em prosa sobre o trágico fim de um magistrado que viria a ser enterrado (não antes se confessar) “como um desconhecido, sem uma lágrima, sem um amigo”, o Padeiro José Carvalho coloca em evidência a importância dessa grande rede humana quando critica que, apesar da importância dada ao *status* religioso, social e profissional, um “jurista” morreria e seria enterrado como qualquer um, pois não soubera cultivar as relações pessoais e que enlouquecera após isolar-se do convívio social.

A prosa intitulada “O velho Doutor”, personagem que estava pautado apenas por suas obrigações familiares e de ordem religiosa, chegando a ser fanático, conforme descrição do autor, vivia pelas ruas servindo de chacota aos mais libertinos. A crítica do escritor denota uma clara consequência de uma vida socialmente desequilibrada, pautada principalmente na seriedade das instituições da igreja e do trabalho e pela ausência de relações de amizade e de amor:

- Aquilo é um pobre idiota!
-Não digam isto, replicava os outros, vocês bem sabem que é um Doutor e formado e o vigário disse que ele é um santo homem que havia abraçado a loucura da cruz!
O velho Doutor levava ao excesso a mania de suas penitências físicas. [...] Em toda parte comentava-se pilhericamente o caso. E o velho apesar do respeito que impunha, sempre foi troçado pelos rapazes mais libertinos do bairro.
[...] não tinha quase relações de amizade com pessoa alguma, e com as poucas com quem se dava só conversava sobre moral dos costumes, o desapego das coisas terrenas, contra a vaidade e mais ainda sobre os grandes deveres do pai de família.²⁴⁰

Outro amigo Padeiro que expressou as sensibilidades do companheirismo espiritual foi Augusto Xavier de Castro (1858-1895), batizado como “Bento Pesqueiro”. Nos alegres dias do grêmio espiritual, segundo Leonardo Mota (1891-1948), provavelmente aceitou esse pseudônimo respeitando o estatuto que obrigava os escritores a usarem “um nome de guerra”, entretanto, assinava seus poemas como X. de Castro.²⁴¹ Foi um dos principais representantes desse comportamento alegre e da simplicidade poética do grupo. Escritor do cotidiano popular, veio a falecer bem jovem, sendo descrito por seu comportamento espirituoso, e por seus versos detalhistas sobre a realidade cultural do Ceará.

²⁴⁰ O Velho Doutor. **O Pão**, n. 24, Fortaleza, 15 de setembro de 1895, p. 3. (Grifo meu)

²⁴¹ MOTA, L. op. cit., pp. 140-143.

A morte beijou cedo alguns padeiros.²⁴² X. de Castro foi o primeiro escritor a ser ceifado da vida durante a existência do grêmio, apenas seis meses depois de ali entrar, entretanto, a relação de amizade que estabeleceu com a associação foi particularmente carinhosa e cheia de afeto, coincidindo a publicação de homenagem de *O Pão* por sua morte com o mês de aniversário do grêmio no ano de 1895:

Por coincidir com o 30º dia do passamento do nosso desventurado Xavier não nos é dado se não a suprema alegria de festeja-lo como desejávamos.

Entanto, nisto não está a dizer que não sentimos a par da tristeza de temos que cheio o coração, que alguma coisa estranha que se agita dentro de nós, semelhante a uma cascata de lágrimas – misto de dor e riso. É que, por mais fundo que seja o golpe experimentado, resta sempre na alma um canto, pequeno embora, onde trinam brancas aves ignotas ...²⁴³

Em carta aberta a Sabino Baptista, é descrito como homem sensível e brincalhão, cheio de espírito. O poeta Manoel Lobato (poeta correspondente) atribuiu a ele uma capacidade de enxergar a alegria na rotina, que seria esse seu principal valor, elogiando ainda sua escrita a uma forma humana, sensível e pessoal que valorizava uma poética íntima sem ser excessivamente romântica.

[...] há sempre um riso brincalhão e franco, saltitando em torno de uma cena muito cearense e natural. E esse, para mim, o seu principal valor. Já Goethe, o grandioso poeta alemão, tinha avançado que a poesia antes de tudo devia ser humana e social, sem, contudo, abandonar o sentimento – alma mater., - não o sentimento piegas ou hipocrisia, soluçando agruras, que a imaginação criou...²⁴⁴

Essa descrição é de celebração a publicação do livro póstumo *Chromos* (1895), em que os amigos Padeiros não mediram esforços para editoração e divulgação. Também em prova à sua amizade, os escritores dedicaram toda uma edição de *O Pão* a de número 17 publicado em 30 de maio 1895.

²⁴² Além de X. de Castro, durante os anos de existência do grêmio também morreram os Padeiros: Bruno Jaci (Jose Carlos Junior 1860-1896), Lucas Bizarro (Lívio Barreto 1870-1895) e Benjamim Cajuí (Roberto de Alencar 1879-1897).

²⁴³ Carteira - O nosso aniversário. *O Pão*, n. 17, Fortaleza, 30 de maio de 1895, p. 6.

²⁴⁴ Xavier de Castro. *O Pão*, n. 26, Fortaleza, 15 de outubro de 1895, p. 6.

Figura 21 – Homenagem dos amigos Padeiros a X. de Castro, uma edição toda dedicada à sua memória, com muita poesia.



Fonte: Da autora (2019)

No poema a seguir podemos observar que Xavier de Castro faz uso de temática tipicamente cearense, mas, além da regionalidade, resgata seu princípio vital: a alma de criança, exprimindo, das atitudes cotidianas, as singelezas populares, muitas dessas sensibilidades e experiências, infelizmente, já esquecidas, mas possíveis de encontro através do jogo intrínseco de suas palavras, o qual expõe, por exemplo, o costume da malhação do judas:

Nos ares brada o foguete!
Repicam todos os sinos!
Rola o judas no cacete!
Que algazarra entre os meninos!

Uns rasgam-lhe as calças finas
E vão-lhe o corpo arrastando;
Outros tiram-lhe as botinas;
E vão-lhe o fraque arrancando ...

Uma mocinha da casa,
Vendo tudo se arrasa,

Por acolá se desliza,

Gritando: - Mamãe, acuda!
Desta casaca do Judas
Papai diz que ainda precisa!²⁴⁵

A alma de criança, à qual seus escritos estão intimamente postos em versos, nos conecta à ideia da proximidade e do distanciamento do infantil²⁴⁶, também reconhecida no trabalho de Philippe Ariès. Conforme esse autor, em *História social da criança e da família* havia um tempo, nas sociedades antigas, em que o labor não era o único objetivo do viver, ou seja, o trabalho não ocupava todo o tempo da sociedade, nem tinha a importância existencial que começa a ocupar após a modernidade, assim, os jogos, a vida lúdica, o brincar e os divertimentos se estendiam para além dos momentos furtivos que hoje dedicamos.²⁴⁷

Segundo o autor, essas interações com a vida formavam um dos principais meios que as sociedades dispunham de formar laços coletivos e se sentirem unidas. Elas ocupavam lugar de destaque no social, especialmente entre os adultos, e que ficou o mundo moderno encarregado de trabalhar a dicotomia rotina/ócio, brincar/seriedade, subtraindo o lúdico do cotidiano das pessoas.²⁴⁸ Assim, exemplifica Àries, sobre a presença de adultos nas festas sazonais durante a Idade Média, um ato que era compartilhado independentemente da idade:

(...) envolviam toda a sociedade, de cuja vitalidade era manifestação periódica. Ora, as crianças e os jovens, participavam dela em pé de igualdade com todos os outros membros da sociedade, e quase sempre desempenhavam um papel que lhes era reservado pela tradição.²⁴⁹

²⁴⁵ Brincadeira do judas X de Castro. **O Pão**, Fortaleza, 01 de abril de 1895, n. 13, Fortaleza, p. 4.

²⁴⁶ O Tema da infância e da criança é abordado com frequência em **O Pão**. Tanto na forma de citar o sentimento em si da brincadeira como a presença da figura “criança” no cotidiano. A figura infantil e sua importância é recorrente seja em poemas, crônicas, ou nos contos. Como mais exemplos podemos nos referir ao trecho do poema Orfã de Anatólio Geneval: “(...) Pobre criança... tão nova! Que ímpia a mão lançou a cova/O santo amor que perdeste(...)”. **O Pão** 5, p.3 – 24 de dezembro de 1892). Outro exemplo é o escritor Arthur Teófilo em o Conto “A morte da avó”, o padeiro também assume logo no início que o personagem central guarda as lembranças da avó e que este sentimento terno o conecta com suas memórias de criança. **O Pão**, Fortaleza, 01 de janeiro de 1895, n. 7, p. 2.

²⁴⁷ ARIÈS, Philippe. **A História social da criança e da família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981. p. 79.

²⁴⁸ *Ibid.*, p. 21.

²⁴⁹ *idem*.

O jogo, a diversão, as brincadeiras, as festas particulares ou comemorativas das datas santas, variavam, como ainda variam, de acordo com o conteúdo social presente nas relações humanas que, por sua vez, mudaram ao longo do tempo.

Nessa lógica, o distanciamento do brincar, o festejar (que se torna controlado), o prazer do ócio e sua relação com o ser social é uma construção histórico-social que sofre um apagamento, juntamente com a separação do mundo adulto e o mundo infantil. Podemos entender que há, nesse sentido, um longo processo de divórcio entre o adulto e o brincar, e assim como foi feito com loucos, pobres e prostitutas, há o enclausuramento desse indivíduo, tanto fisicamente, como psiquicamente, fazendo com que o lúdico se perdesse nas relações e estivesse fora da vida madura:

Essa separação e essa chamada à razão - das crianças deve ser interpretada como uma das faces do grande movimento de moralização dos homens promovido pelos reformadores católicos ou protestantes ligados à Igreja, às leis ou ao Estado.²⁵⁰

Entendendo o estudo e a integração do brincar, a experiência da festa como observação fundamental para a pesquisa, Michel Vovelle (1991) afirma que as festas, celebrações e brincadeiras são para o historiador um campo rico de olhares, são caracterizadas como as ocasiões em que as pessoas exaltam suas formas de ver o mundo, suas relações pessoais, misturando e transgredindo espaços sociais.²⁵¹ Na crônica *Quinze dias*, de julho de 1895, animadamente Sales (Moacir Jurema) escreve sobre os festejos de São João que tomaram a cidade no mês anterior, assim diz:

Foi de festa a quinzena.

Motivaram-nas os três popularíssimos santos em honra dos quais se acenderam fogueiras, se queimaram todas as qualidades de fogos de artifício e se dançou a valer desde a casa do rico até o mais humilde casebre de areias.

Há tempos que S. João e S. Pedro não receberam tão ruidosa e ardentes provas da simpatia popular.

Nessas três noites a Fortaleza teve o aspecto flamejante de um cenário de magia, e o ruído formidável de uma batalha.

De todos os pontos da cidade as pistolas de jorravam lágrimas de luz, saracoteavam busca-pés, detonavam as grandes bombas e as fogueiras, espocavam buchas, rodopiavam as rodinhas, subiam os balões multicolores, enquanto as piras tradicionais ardiam ferozmente a devorar o mamoeiro obrigatório.²⁵²

²⁵⁰ Ibid., p. 6.

²⁵¹ VOLVELLE, Michel. **Ideologias e Mentalidades**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 248.

²⁵² Os quinze dias. **O Pão**, n. 19, Fortaleza, 01 de julho de 1895, p. 1.

Como podemos perceber, o autor comemora muito o fato de a festa daquele ano ter acontecido de forma marcante. Ao que parece nesse testemunho entusiasmado e detalhado é que, para ele, a festa representava magia, uma batalha de luz, fazia parte de uma tradição, e estava sendo vivida independentemente da classe social, porém, o Padeiro também nos dá pistas, pois o São João, diz ele, como tantas outras festas, já estava passando por um processo de controle com a modernização das cidades, e no Ceará desde 1870.

Conforme Marques (2012), as festas populares, através da transgressão dos espaços, das práticas dos sentimentos de liberdade, dos quereres, do pertencimento de um grupo, marcavam a cultura popular na nova geografia controladora da cidade e demonstravam os vieses de resistência.²⁵³

Dar espaço nas crônicas e ao assunto “festa” como tema principal de muitos textos, celebrando o “brincar o São João”, era perceber que o assunto brincar não fazia parte apenas de um mundo de crianças. A importância do brincar é entendida pelos autores como ação fundamental, eles assumem a responsabilidade da decisão de serem vistos como festeiros, descompromissados e boêmios e escolhem se impor a esse o controle do espaço tanto nas atitudes como em seus escritos.

Assim, o que, na verdade, faz com que a vida adulta se afaste do lúdico, é o sentimento de classe que promove a separação adulto/criança, colocando neste sentido um controle à ação. Tal divisão questiona a conduta lúdica, pois a modernidade nos impõe outras formas de lazeres, mudando seu eixo para a individualidade, e não mais para o compartilhamento de atividades lúdicas entre os seres sociais.²⁵⁴

Desta forma, podemos perceber uma aproximação não só no comportamento dos escritores do grupo, mas também em seus escritos quando incluem nas prosas, poesias e artigos a conexão com o mundo infantil, na pureza do mundo da criança, no convívio e na importância do espírito brincalhão, na forma em como os menores devem ser inseridos na vida dos adultos e sua importância.²⁵⁵

²⁵³ MARQUES, Janote Pires. **Festas populares na Fortaleza antiga** In: CARDOSO, G. P.; PONTE, R. S. op. cit., pp. 115-141.

²⁵⁴ NEGRINE, Airton. O lúdico no contexto da vida humana: da primeira infância a terceira idade. In: SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Brinquedoteca: a criança ao adulto e o lúdico**. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 22.

²⁵⁵ Bruno Jaci (Jose Carlos Junior) deu voz à história da criança em seu artigo intitulado “A infância outrora e hoje”, em O Pão n. 14. O Padeiro discorre sobre a importância do bem estar dos pequenos, os cuidados e as mentalidades das sociedades com os infantes, como neste trecho: “Nos livros de cavalaria, nos cantos dos trovadores, no romanceiro, nas sagas, em toda a literatura anterior a

O grupo constantemente nos aproxima ao resgate das experiências da vida priorizando uma reconexão com a alma lúdica. Há registros em *O Pão* nos quais encontros literários aconteceram em meio à família, com a presença das crianças e das esposas dos padeiros, e a passagem abaixo simboliza bem essa integração. O evento aconteceu na casa de Bruno Jaci (José Carlos Junior),²⁵⁶ e nos mostra como a relação entre os convidados se realizava da forma mais enriquecedora possível, segundo os parâmetros de sociabilidade que os padeiros prezavam:

(...) Famosas senhoras, rapazes joviais, respeitáveis mais alegres cavalheiros, crianças travessas sonorizavam o sítio com palestras e risadas.

Aqui se discutia literatura, ali modas, além se relatavam episódios antigos e mais adiante ... não se discutia coisa alguma, porque este mais adiante se refere a meninada, e está o que fazia era cambalhotar na areia, suspendem-se aos galhos da mangueira e bater-se entre gritos e aplausos (...)

De vez em quando o piano, só ou com o violino se fazia ouvir da sala, e todos se quedavam, a beber as ondas sonoras da música.²⁵⁷

Ou seja, uma reunião em que cada qual teve a liberdade de expressar o que lhe dava vontade, sem maiores limites do que o permitido para não prejudicar a integração entre eles. O encontro permitiu aos presentes, segundo a descrição, o contato com diversas experiências artísticas e comportamentais entre os gêneros e as idades, evidenciando, assim, que a troca lúdica colaborava com um ganho de

Renascença o infante, quando aparece, é com uma importância ínfima, e sempre evocado não pelos sentimentos afetivos de que é objeto, pela ternura ou graça pueril, mas no caráter de herdeiro ou representante de nome ilustre.” [...] Ver mais em: *A Infância de Outrora e hoje*. **O Pão**, n. 14, Fortaleza, 15 de abril de 1895, p. 4.

²⁵⁶ Jose Carlos da Costa Ribeiro Junior (1860-1896) cearense, jornalista, poeta, crítico, filósofo, contista, foi Padeiro Mor e deu-se sob sua administração a fase mais encorpada e produtiva do jornal. O escritor também pertenceu ao Clube literário e escreveu para outros jornais, sendo eles *O cearense*, *O libertador*, *O domingo* e *A Tribuna Comercial*. O pesar de sua morte foi sentido no seio na padaria conforme reunião em ata do dia 19 de julho de 1896, a primeira após seu falecimento. Assim escreve Moacir Jurema em trecho da Ata: “No dia 29 de maio, após breve e dolorosa enfermidade, se finou nesta capital o nosso Padeiro Mor, o inolvidável Bruno Jaci, que mais que o chefe da Padaria Espiritual, era o mestre de nós todos. Durante sua agonia e sua morte, os Padeiros não lhe faltaram com os serviços de sua amizade, com os cuidados de uma dedicação que ele tanto merecia”. Ver Ata completa em: AZEVEDO, S. de. op. cit., 2015. p. 78. Em edição do número 31 de *O Pão*, (a primeira publicação do jornal após sua morte) os padeiros o homenagearam, descrevendo sua alma especial que dispensava publicidade: “A esses espíritos refratários a febre de exibição peculiar à nossa época de desordenada atividade tão bem servida pelos fáceis processos de vulgarização da imprensa; a esses espíritos sempre assaltados por um vago pavor do grosso público – Pertencia Jose Carlos Junior, o eminente e modestíssimo homem de letras roubado inesperadamente às glórias da nossa terra e aos carinhos de um esposa adorável e nove filhinhos menores. Ver mais em: JUNIOR, Jose Carlos. **O Pão**, n. 31, Fortaleza, 15 de agosto de 1896, p. 2.

²⁵⁷ Os quinze dias. **O Pão**, n. 24, Fortaleza, 15 de setembro de 1895, p. 1.

experiências que resultava em acúmulo de capital cultural para os participantes do evento.²⁵⁸

O caminhar da humanidade compreendendo a própria vida e todas as suas nuances como consequência de um jogo próprio da vida, como parece querer expressar o citado padeiro, encontra eco nas reflexões do filósofo do lúdico Johan Huizinga (1872-1945), o qual elucida que o homem, após superar seus estágios Sapiens e Faber, caminharia em direção ou mesmo uma “(re) evolução” da ludicidade, tornando-se assim “Homo-Ludens”.²⁵⁹

Ler a transcrição das *Atas do Clube* nos permite identificar o compartilhamento dos rapazes com essa ideia de ciranda existencial. Em declaração de Moacir Jurema sobre os ocorridos nos últimos dias de junho de 1892, fica evidente que não há uma divisão da vida humana, os seres vivem suas aspirações, seus amores, suas aventuras, emaranhados no cotidiano de forma lúdica. É comum o autor usar o tom de brincadeira mesmo em um documento formal, no caso, a “Ata”, deixando assim registrado a quão séria era a percepção do brincar de viver para os integrantes:

Suando de vergonha e ralado de cruciantes remorsos, declaro que não me lembro de nada do que se passou na Padaria do dia 22 de junho a 2 de julho corrente.

O mês, em seus últimos dias, estive tão recheados de festas e eu atravessei uma fase de tamanha paixão coreográfica que não pude recolher dados para registrar os acontecimentos ocorridos na Padaria durante estes dias de S. João e S. Pedro, incontestavelmente dos santos mais pândegos do reino do céu.

Como circunstancia atenuante, declaro que estou com um namoro novinho em folha, e vós oh moços! Bem sabeis que quando o coração (...) desembesta, a cabeça não regula.

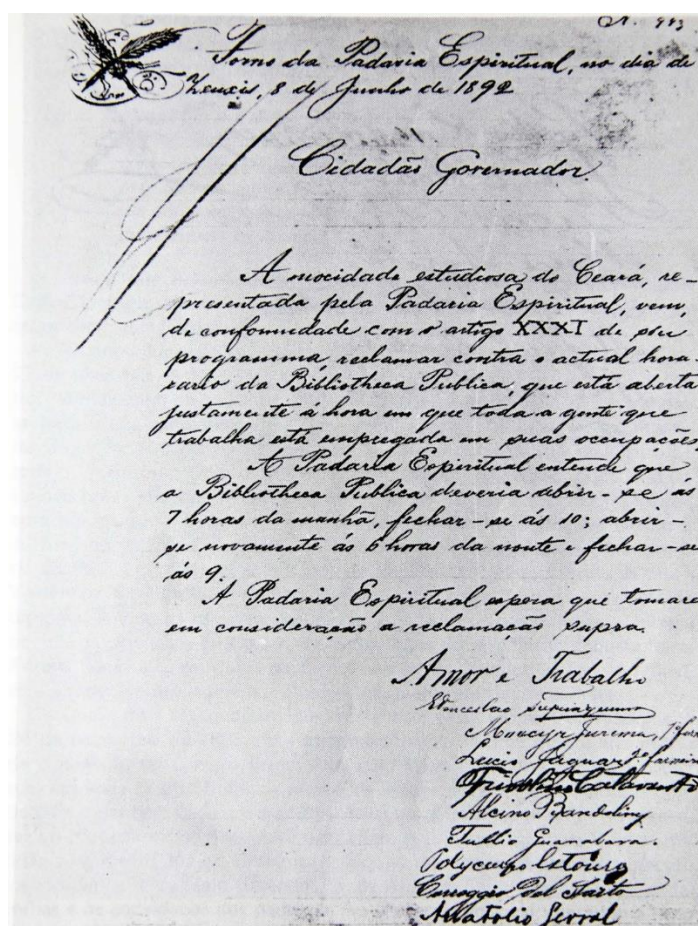
²⁵⁸ Não nos aproximamos da conceituação de capital cultural desenvolvida por Bourdieu por entendermos que a ênfase dada por esse autor é nas evidências desses convívios estarem carregados de referências simbólicas que, tanto reforçam as desigualdades sociais, quanto denotam violências nos gestos, nas falas, nas atitudes e comportamentos e também ressignificam o conservadorismo. E, embora a crítica social dos padeiros possa remeter a tais conceitos, na presente passagem, a festa é referida como expressão de ludicidade, lazer e ócio construtivo, necessário à natureza humana. BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

²⁵⁹ Em certas fases da história humana o homem foi adquirindo caracterizações que refletiam, principalmente, seus contextos econômicos-sociais. Assim, primeiramente se evidencia, por exemplo, a denominação no que o refere como Homo Sapiens (quando o homem passa a ser bípede, e sua cabeça ocupa o ponto mais alto de seu corpo), e com o passar do tempo se torna Homo Faber (quando toma a relação do trabalho como central em sua vida). Huizinga revisa essas caracterizações desenvolvendo sua teoria do Homo Ludens, proclamando a centralidade do jogo e do lúdico no cerne da vida. Segundo ele, uma atividade intrínseca ao homem, o jogo seria mais antigo na humanidade do que a própria organização cultural das sociedades. Ver mais em: HUZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

Que fiquem, pois, estes dez dias de vida da Padaria mergulhado na noite profunda do... meu tinteiro.²⁶⁰

Para Antônio Sales, o que merece ser lembrado passa ou não por registros, pois a vida acontece nas entrelinhas indissociáveis dos dias do homem, e esse, antes de ser racional, pragmático, e viver uma religiosidade cega ou ser um provedor capitalista, é possível ser também lúdico, perder a noção de tempo, brincar com os santos, pois, assim, estaria próximo a eles e aos céus com sua alma cheia de amores, teria suas relações vividas de forma imperfeitamente humanas.

Figura 22 - Um exemplo de Ata, em forma de comunicado para o “cidadão governador” exigindo a alteração dos horários da biblioteca. Nota-se na parte superior o símbolo da associação uma pena e um ramo de trigo cortados, ao lado o cabeçalho jocoso do documento “Forno da Padaria Espiritual no dia de ...”.



Fonte: BOIA, Wilson. **Antônio Sales e sua época.** Fortaleza: BNB, 1984. Disponível em: http://www.academiacearensedeletras.org.br/revista/Colecao_Antonio_Sales/Antonio_Sales_e_Sua_Epoca/ACL

²⁶⁰ AZEVEDO, S. op. cit., 2015. p. 41.

Nesse sentido, e mais uma vez, se assemelha à contribuição de Huzinga, quando afirma que o brincar é próprio do ser humano, e faz parte das experiências inerentes a ele, como uma coisa originária, fruto de sua parte ainda primitiva. Exemplifica essa afirmação fazendo uma associação com as formas de brincar de um grupo de cachorrinhos, que “convidam-se uns aos outros para brincar mediante um certo ritual de atitudes e gestos (...)”,²⁶¹ respeitando regras que os proíbem de se machucar, fingem ficar zangados, desfrutando de prazer e divertimento.

Para o Homo-ludens, diz o autor, esse jogo de divertir-se é essencial ao ato humano, sendo ele mais primitivo que a própria cultura e não consequência dela, está enraizado à sua existência, se faz presente desde a sua especificidade elementar com a competição, passando pelos ritos sagrados, ostentado por meio das artes, da poética, exibido nas linguagens e discursos, “Como, por exemplo, no caso da linguagem, esse primeiro e supremo instrumento que o homem forjou a fim de poder comunicar, ensinar e comandar”.²⁶²

O jogo do viver está expresso nas oratórias dos tribunais nas defesas e acusações, exposto nos atos de guerras, e nos faz refletir: o jogo está não só no riso, está também no sério, sendo consequência de todas as atividades da sociedade humana marcadas por essa ação intrínseca.²⁶³ Logo, podemos compreender que, para o grupo literário, a defesa do brincar era a forma de expressar não só a forma de se impor a uma sociedade que os oprimia, mas também de ensinar ao público leitor suas opiniões de forma didática a incentivar não só com o riso as formas de elevar o espírito, tratava-se de uma competição, um jogo, que abrangia o trabalho, a língua, o protesto e a educação.

Reflexo dessas expressões está, por exemplo, no comunicado de fevereiro de 1895, quando era lembrado aos Padeiros correspondentes uma das regras desse jogo, no âmbito da afirmação da língua:

²⁶¹ HUZINGA, J. op. cit., p. 3.

²⁶² Ibid., p. 7.

²⁶³ Ibid., p. 3.

Prevenimos aos nossos consórcios dos Estados que segundo, os nossos estatutos, é vedado aos Padeiros empregar nos seus escritos palavras estranhas a língua vernácula, e desde já pedimos autorização a todos a substituir por vocábulo português qualquer vocábulo estrangeiro que porventura encontremos nas produções que nos mandem.

Precisamos afirmar definitivamente este ponto: a língua brasileira não precisa de nenhuma outra.²⁶⁴

Em *O Pão* os escritores reproduzem comumente o comportamento lúdico no jogo da vida humana, e uma dessas reproduções é a competição. Em particular quando seu ex-companheiro, Adolfo Caminha passa a tecer críticas ao grupo, a partir de jornais do Rio de Janeiro. As *Cartas Literárias* (1895)²⁶⁵ reunião de memórias do autor, despertou a ira dos padeiros, pois nelas Caminha assume publicamente algumas de suas críticas aos amigos de outrora (1891-1894, quando ainda era Padeiro), feitas de forma anônima nos jornais *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro e *Revista Moderna* de Fortaleza.²⁶⁶ Nos textos, condenou a escrita e a obra “A fome” de Rodolfo Teófilo.

Para o Padeiro Teófilo, embora as *Cartas* pretendessem ser a coletânea de vários nomes da literatura, teria que se chamar simplesmente “*Cartas*”, pois se tratava de assuntos não literários e sim de “literatolices”. O autor, que já tinha mágoa antiga de Caminha, aproveita essa oportunidade e sova bem a massa do Pão, afirmando que só lera o conteúdo porque soubera que seu nome figurava no livro e defende-se afirmando que, com seus escritos, não desejava ser comparado a nenhum grande escritor, e sim registrar historicamente o flagelo da seca para a posteridade: “O meu amor próprio nunca cogitou de elevar-me as grandes alturas onde pairam as águias. Não foi a ambição de glórias de renome que me fez escrever a história da seca, mas a necessidade de deixar escritas algumas informações deste tempo aos nossos pósteros”.²⁶⁷

Antônio Sales, por sua vez, no mesmo número de *O Pão*, afirma que as cartas ofenderam em especial a ele, o amigo Teófilo e a Padaria, porém não iria se estender, porque as respostas aos assuntos tratados nas cartas já haviam sido respondidas à época das provocações de Caminha, quando esse ainda figurava no anonimato.

²⁶⁴ Lembretes. *O Pão*, n. 9, Fortaleza, 01 de fevereiro de 1895, p. 6.

²⁶⁵ CAMINHA, Adolfo. *Cartas Literárias*. Rio de Janeiro: Aldina, 1895.

²⁶⁶ AZEVEDO, S. op. cit., 2017. p. 114.

²⁶⁷ *Cartas literárias*. *O Pão*, n. 26, Fortaleza, 15 de outubro de 1895, p. 4.

Percebe-se, pelo texto, que Sales, inicialmente, reluta em não dar gosto a Caminha, gastando sua tinta com novos insultos, entretanto o padeiro não se contém e responde ao ex-companheiro de forno: “Conhecemos o Caminha e sabemos perfeitamente que seu critério está a todo instante a mercê de suas paixões, e que ele não recua perante uma injustiça contanto que sirva de válvula a um ressentimento”.²⁶⁸

Notamos que Sales se refere, aqui, à união entre os aspectos da vida de Caminha e a construção de sua obra. Essa conexão foi apontada por diversos autores que se debruçaram na análise da obra de Adolfo Caminha.²⁶⁹ De acordo com Bezerra, o autor realista, supostamente dado à polêmica e aos infortúnios, teve sua obra relativizada por ser pessoa “vingativa”, característica que fez os livros do autor esbarrarem no esquecimento, em um dos muitos exemplos de como essa fama correu entre os críticos do autor. Encontramos, em Valdemar Cavalcanti, palavras semelhantes às que Sales afirmara quase meio século antes:

Tudo o que saiu da penna de Adolpho Caminha tem, necessariamente, a marca de suas desgraças pessoais: em sua obra decerto que se reflecte o amargor profundo do orphão do destino. De seus romances chega até nós um bafo ácido de dor, de raiva, de repulsa e ódio, não em relação a determinados indivíduos ou costumes, mas talvez a certo meio e tempo. Tudo nas páginas que escreveu transpira o desejo de vingança do homem falhado e vencido pelo destino.²⁷⁰

Em que pese tal competição, no que se refere às relações estabelecidas entre a Padaria e outros clubes literários, ao que tudo indica, eram ótimas, há nas páginas do jornal publicação dos convites de celebrações e as demonstrações de amizade eram constantes, o que se deduz por uma notícia, postada no *O Pão*, que avisava aos leitores que só não haveria uma costumeira “comemoração” em razão da morte de um dos integrantes de uma associação literária denominada Fênix Caixeral:

Fênix Caixeral

Passou no dia 24 de junho indo o 4º aniversário desta simpática associação, e passou sem as comemorações festivas de costume por ter falecido recentemente um dos seus sócios.

Cumprimentos a Fênix.²⁷¹

²⁶⁸ Ibid., p. 5.

²⁶⁹ BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. **Adolfo Caminha**: um polígrafo na literatura brasileira do século XIX (1885-1897). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

²⁷⁰ CAVALCANTI, Valdemar *apud*. BEZERRA, C. E. de O. op. cit., p. 19.

²⁷¹ Carteira. **O Pão**, n. 19, Fortaleza, 01 de julho de 1895, p. 6.

Salvo o episódio de crítica à campanha clamando pela alteração do nome da cidade de Fortaleza para Iracema, empreitada pelo Centro Literário e acidamente ridicularizada em *O Pão*,²⁷² percebe-se, na leitura do jornal, que era comum também o apoio e a divulgação das revistas e jornais de outros grupos literários ou afins, tanto que, em passagem anterior, a mesma associação é parabenizada pelos Padeiros: “Iracema, n.º 2. – Desta vez damos o primeiro lugar a esta revista do Centro Literário, que depois de uma ausência de meses, apareceu de novo muito mais garrida e bem feita (...)”.²⁷³

Figura 23 - Membros do Centro Literário, surgida após dissidência da Padaria Espiritual, fundada pelos ex-padeiros Álvaro Martins e Temístocles Machado.



Fonte: MOTA, L. op. cit..

Assim podemos perceber que essas relações dos clubes não se tratavam de rivalidades pessoais, e sim parte do jogo das práticas das letras, que fervilhavam a cidade, em que os autores se fundavam na verdade nas defesas de posicionamentos e formas inquietantes de viver suas experiências.²⁷⁴ Moços jovens de espírito ousaram

²⁷² Assinada a crônica por Ivan e Moacir, fica claro no posicionamento dos padeiros o repúdio à alteração do nome da Capital, uma vez que o nome Fortaleza simboliza a resistência do povo: “Dizemos - Fortaleza - e não Iracema, como se quer algures, porque não nos conformamos com a ideia de mudança do nome da nossa ex-salubre capital. O nome Fortaleza – vai muito bem a esta cidade – cabeça de um Estado, cuja energia e resistências são proverbiais”. Os Quinze dias. *O Pão*, n. 10, Fortaleza, 15 de fevereiro de 1895, p. 1.

²⁷³ Imprensa Literária. *O Pão*, n. 20, Fortaleza, 15 de julho de 1895, p. 6.

²⁷⁴ CARDOSO, G. P. op. cit., 2004, p. 147.

brincar pela cidade com atitudes cheias de ousadia, como conta relato²⁷⁵ que, em certa ocasião, após uma festa literária, carregaram um pão de três metros pela cidade, ou ainda declamar (trajados de longa barba postiça) no alpendre da associação alguns poemas aos que passavam. Tinham objetivo de se misturar aos demais feito crianças e por que não, escandalizar e ironizar os adultos fortalezenses com sua maturidade de espírito.

2.3. O PADEIRO UM BUFÃO, CARNAVALIZAÇÃO PARA A VIDA!

*A quinzena que acaba de findar foi dedicada exclusivamente ao Carnaval, que, aliás, não prometia grande coisa a princípio.*²⁷⁶

Moacyr Jurema (Antônio Sales) nos aponta acima uma postura muito comum no período que se estendeu da Idade Média até o início do Renascimento, época em que os homens percebiam a vida de uma forma mais festiva e as vivências eram mais circundadas pelo riso. Abaixo vemos um registro de um dos blocos²⁷⁷ mais antigos da cidade, fundado nas primeiras décadas do século XX:

²⁷⁵ FILHO, C. J. da C. op. cit., p. 95.

²⁷⁶ Os quinze dias. **O Pão**, Fortaleza, 01 de março de 1895, n. 11, p. 1.

²⁷⁷ A socióloga Vanda Borges, pesquisadora do carnaval de Fortaleza aponta os altos e baixos da festa na capital em sua tese *Carnaval em Fortaleza tradições e mutações*, situando nos jornais os desafios que as folhas enfrentavam em manter acesa a fagulha da festa. Conforme a autora o Carnaval nasce com força em Fortaleza a partir da década de 1880, porém com a seca de 1888 esta festa desaparece dos jornais.

Figura 24 - Foto do bloco Maracatu Az de Ouro.



Fonte: Arquivo Nirez. Disponível em Diário do Nordeste
www.diariodonordeste.verdesmares.com.br Acesso em 20 mar. 2021.

Esse tipo de persona encontra uma representação nas palavras e ações dos Padeiros e, guardadas as suas devidas proporções, nos pautaremos nas imbricações que percebemos em ambos, assim exemplificamos com os textos de alguns escritores suas semelhanças, e com este objetivo conceituaremos a figura do Bufão. Os bufões eram figuras característica da Idade Média e início do Renascimento. Indivíduos que estavam entre dois mundos, ou seja, na intersecção da vida cotidiana e das manifestações tidas como carnavalescas, cumprindo o papel de, pelo riso, fazerem a renovação da vida. Tinham o trabalho de blasfemar, fazer paródias ou degradar o que viam, fosse nas pessoas ou no mundo, mas não só isso, eram tidos também como figuras míticas, misteriosas e mágicas.²⁷⁸

Na coluna de fevereiro de 1895, o cronista Antônio Sales narra uma das passagens mais declaradamente animadas em O Pão, e atesta a personificação de uma vida carnavalizada:

²⁷⁸ Bakhtin define como: “Os bufões e bobos são personagens características da cultura cômica da Idade Média. De certo modo, os veículos permanentes e consagrados do princípio carnavalesco na vida cotidiana (aquela que se desenrolava fora do carnaval). Os bufões e bobos... não eram atores que desempenhavam seu papel no palco...situavam-se entre a vida e a arte (numa esfera intermediária), nem personagens excêntricos ou estúpidos nem atores cômicos”. BAKHTIN, M. op cit., 1987, p. 7.

(...) Sim, o cronista teve tentação de afivelar uma máscara e aderir ao grupo dos foliões, dando largas ao espírito que não tem (digam- não apoiado!) e a algum restinho de juvenil entusiasmo que por ventura ainda lhe aqueça as fibras. Essa tentação foi sobretudo despertada pela audição do Zé Pereira – que é a Marselhesa da folia.²⁷⁹

Ciente que a festa transcendeu seu aspecto animado, o autor descreve o que para ele, é um ritual, ou ainda um ato revolucionário comparando-o à queda da Bastilha.²⁸⁰ Porém, para ele, esta revolução era feita não com armas, e sim com a insurreição da folia. O padeiro se perde nas marchas carnavalescas e cita que uma delas é uma Marselhesa²⁸¹ ou seja, um hino da folia. A música a que se refere em especial é a machinha carnavalesca do “Zé Pereira”.²⁸² O escritor nos dá pista com esse relato de sua alma festeira tem intenção de dar voz ao grotesco, ao corpo, às extravagancias mais íntimas, queria fugir do normal, do julgamento público:

Sempre queríamos saber quem foi que concebeu e escreveu esta meia dúzia de compassos musicais tão sugestivos, tão eloquentes que ouvi-los é povoar logo a imaginação de braços e colos nus, de grandes narizes, de vestes exóticas, de vozes contrafeitas e enfim de todas as deliciosas e extravagantes coisas que compõem o bizarro conjunto das festas carnavalescas - tão discordantes da monotonia e seqidão dos costumes de hoje.

(...) Se a Marselhesa derribou a bastilha, o Zé Pereira derriba as convenções criadas pela civilização e espanca o tédio de que ela nos cerca a existência fazendo-nos marchar por trilhos certos e determinados, dos quais não nos podemos desviar sem descarrilharmos do conceito público.²⁸³

²⁷⁹ Os quinze dias. **O Pão**, Fortaleza, 01 de março de 1895, n. 11, p. 1.

²⁸⁰ Queda ou tomada da Bastilha é o evento central da revolução francesa ocorrida em 14 de julho de 1789. Se caracterizou pela tomada popular do poder da Bastilha, que era uma prisão símbolo da opressão do regime monárquico francês de Luiz XVI.

²⁸¹ *La Marseillaise* (*A Marselhesa*, em português) é o hino nacional da França. Foi composto pelo oficial Claude Joseph Rouget de Lisle em 1792. A canção adquiriu grande popularidade durante a Revolução Francesa, especialmente entre as unidades do exército de Marselha, ficando conhecida como *A Marselhesa*.

²⁸² A pesquisadora Marlene Pinheiro, no livro “Sob o Signo do Carnaval” elabora uma cronologia apontando que no ano de 1848: “José Nogueira de Azevedo Paredes, sapateiro lusitano, sai à rua com um bombo (hoje chamado surdo) e cria a figura do “Zé Pereira”. Essa data, para alguns historiadores, é contraditória: Vieira Fazenda afirma que o “Zé Pereira” surgiu em 1852. Outros historiadores afirmam que, por meio desta manifestação, surgiram os blocos de rua, já que o povo acompanhava o “Zé Pereira” por onde ele passasse”. Ver mais em: PINHEIRO, Marlene M. Soares. **A travessia do avesso: sob o signo do carnaval**. São Paulo: Annablume, 1996. p. 89.

²⁸³ Os quinze dias. **O Pão**, Fortaleza, 01 de março de 1895, n. 11, p. 1.

Mikhail Bakhtin (1987) nos demonstrou essa importante face da cultura do riso medieval onde afirma que, nesse momento, não se ri sozinho, ri-se de todos e com todos,

(...) todos riem, o riso é “geral”; em segundo lugar é universal, atinge a todas as coisas e pessoas (inclusive as que participam no carnal) o mundo inteiro parece cômico e é percebido e considerado no seu aspecto jocoso, no seu alegre relativismo; por último, esse riso é ambivalente: alegre e cheio de alvoroço, mas, ao mesmo tempo, burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente.²⁸⁴

Através de uma percepção dessa realidade carnavalesca de viver e não somente de participar ou assistir a um espetáculo os escritores estavam estreitados a uma atitude irreverente, ou seja, quiseram se manifestar de forma ordinária, cômica e muitas vezes até ritualística.

(...) Endiabrada música essa, que com seus simples trá-lá-lá-bim! Faz andar á volta tanta cabeça sensata, escancara tanto bolso apertado e desenruga tanta face hipocondríaca!

Debalde o colega d´A verdade profliga estes divertimentos, que tem muitos pontos de antinomia com os preceitos católicos e cheiram sofrivelmente a enxofre.

(...) É que não basta ao povo o espetáculo tocante das procissões; ele precisa também do espetáculo Hilariante destas romarias mais ou, menos pagãs.²⁸⁵

Para o padeiro as manifestações carnavalescas eram cômicas e tinham caráter popular, não somente se opunham à cultura oficial de caráter sério e religioso, mas eram tão importantes quanto elas. O autor aqui faz relato às críticas feitas à festa do carnaval pelo jornal A verdade,²⁸⁶ e defende que o povo precisa dessa realidade grotesca, isto é, endiabrada, precisa fugir da sensatez vez ou outra, olhando para a arte estética a fim de curar seus males.

²⁸⁴ BAKHTIN, Michail. **A cultura popular na Idade Média e Renascimento**: o contexto de Rabelais. São Paulo: UCITEC, 1993. p. 10.

²⁸⁵ Os quinze dias, **O Pão**, Fortaleza, 01 de março de 1895, n. 11, p. 1.

²⁸⁶ Periódico católico ao que se refere Antonio Sales é a folha intitulada “A Verdade”. Cf: A Verdade: orgam hebdomadario catholico. **Fundação Biblioteca Nacional**. Disponível em: http://catcrd.bn.br/scripts/odwp032k.dll?t=nav&pr=mic_pr&db=mic&use=estado&rn=169&disp=card&sort=off&ss=22422328&arg=cara. Acesso em: 20 mar. 2021.

Com essa percepção, o escritor nos aponta outro paralelo com o Bufão, a celebração da vida que acontece entre os dois mundos que seriam o oficial e extraoficial, ou seja, as manifestações, que são regidas pela estética do realismo grotesco e que criam um ambiente propício à consolidação da figura do bufão como um ser que habita nas entrelinhas deste comportamento. Seriam eles: o mundo dos ritos e espetáculos; das obras cômicas verbais; do vocabulário grotesco e familiar.

Em alguns contos, os padeiros deixaram claro essa ideia de resistência dos populares e que essa luta se situava entre a arte e a vida.²⁸⁷ A vida podia ser recriada na festa, que não era nem puramente artística, nem somente social. Assim, os personagens estavam misturados e não havia distinção entre ator e espectador, todos participavam de uma mesma vivência e durante os festejos vivia-se conforme a lei da liberdade. Em “A festa da liberdade”, conto de José de Carvalho a postura carnavalesca da vida é defendida perante a intransigência de um dono de engenho imperialista.

O senhor Bentes era um velho vasado nos moldes antigos. Fora um grande proprietário de escravos e como todos os velhos era um monarquista convicto. Amigo enternecido do ex- imperador, inimigo encarniçado dos republicanos e dava a libertação dos escravos como coisa imediata da queda da monarquia.²⁸⁸

Conta o escritor que o proprietário, muito enfurecido, certo dia percebe que os trabalhadores não estavam na lida do engenho e se indigna com tal atitude. Depois de muito esbravejar, ouve ao longe os sons de batuque e compreende que os trabalhadores estão em uma festa:

Depois de muito haver falado, discutido e prognosticado, ouviu um som de gritos distantes, uma vozeria alegre para as bandas das casas dos moradores.

- Ah! Compreendera tudo: - era o samba do mestre Felipe.

- Estão bêbados! Estão todos bêbados!

²⁸⁷ José de Carvalho sem dúvida deixa isso bem claro. Outro exemplo é o conto “O Jurity”. Conta o autor que o personagem além de cantar e emocionar as comunidades onde morava, tentou através de suas palavras também motivar os mais humildes através de uma “política aldeã” e por este motivo foi morto pela guarda da cidade. E enquanto morria de tanto apanhar, ouvia ao longe suas músicas sendo cantadas por sua gente na lida dos engenhos. Escreve o autor em certo trecho de mais um de seus contos: “Mereceu todas as palmas e todos os louros desde o samba do mais pobre roceiro até a festa do mais potentado senhor.” Ver mais em: O Jurity: **O Pão**, Fortaleza, 01 de setembro de 1895, n. 23, p. 3.

²⁸⁸ A festa da Liberdade. **O Pão**, Fortaleza, 15 de novembro de 1895, n. 28, p. 3.

- Não havia que saber! Era aquele o resultado do samba há tanto tempo falado!
- Estão bêbados, estão todos bêbados.
- Canalha repetia o velho cada vez mais enfurecido e despeitado!²⁸⁹

Prossegue o autor, explicando que o samba era a comemoração do casamento de uma cabocla, filha de um sambista e velho trabalhador do engenho (ex-escravo). A moça, que após muito escolher um pretendente, estava a casar com um homem importante da região:

De fato, há muito que era esperado o casamento da Maria, filha do mestre Felipe, a cabocla mais bonita daquele sítio. Depois de engatar muitos casamentos e de fazer muito cabra perder a cabeça, fora sempre conquistada pelo Zé Barbosa, que entre a vizinhança, gozava de uma importância extraordinária.²⁹⁰

O escritor primeiro aponta um triunfo na escolha da moça. Como se pode ver, ela tinha a oportunidade com seu casamento de virar do avesso a estrutura social, em uma relação na qual “ela” decidiu quem era seu noivo, e que esse noivo era um homem de posses. A noiva estava assim, burlando a vida oficial duplamente, primeiro com a liberdade de não ser escrava e segundo de ter liberdade de escolher seu esposo. A comunidade ao celebrar o noivado desestruturava as hierarquias, quebrava os tabus, os valores políticos e até morais.

Nota-se que para o padeiro a festa (neste caso do casamento) não era um espetáculo a ser visto, mas uma das formas de celebração que deveria ser vivenciada e partilhada entre a comunidade. Tratava-se de um princípio profundamente positivo, é o princípio da festa, da alegria, da comilança: “A pequena casa estava cheia de mulheres num zum-zum ensurdecador, e para traz, debaixo das latadas ferviam as panelas cheias de arroz e de galinhas. Ao lado fermentavam os potes de aluá”.²⁹¹

O padeiro ao escrever o conto nos demonstra uma convicção na abolição das relações hierárquicas, próprias da personalidade de um Bufão. José carvalho opta por nos escrever ao longo do conto uma festa de samba, inclusive com a letras de música dos cantadores. Faz questão de expor que a comunicação era fora das normas, todos

²⁸⁹ Idem.

²⁹⁰ Idem.

²⁹¹ Idem.

brincavam e cantavam, o vocabulário era simples e familiar. Esta festa renovava, recriava, fazia música da vida.

Assim, podemos entender que como uma postura Bufo, o autor José Carvalho entendia que se esta fosse uma festa oficial, os participantes teriam que obedecer a uma distinção hierárquica, as posições sociais e as desigualdades estariam bem destacadas. Porém o autor escolhe escrever sobre a manifestação onde todos podem ser iguais, ou seja, igualar os status sociais, a casta, a profissão, há em sua atitude a mensagem ao destronamento simbólico de tudo que ditava regra e poder.

Bakhtin, faz essa diferenciação, definindo bem os limites entre as festas, pois segundo ele:

Nas festas oficiais, com efeito, as distinções hierárquicas destacavam-se intencionalmente, cada personagem se apresentava com as insígnias dos seus títulos, graus e funções e ocupava o lugar reservado para o seu nível. Essa festa tinha por finalidade a consagração da desigualdade, ao contrário do carnaval, em que todos eram iguais e quando reinava uma forma especial de contato livre e familiar entre indivíduos normalmente separados na vida cotidiana pelas barreiras intransponíveis da sua condição, sua fortuna, seu emprego, idade e situação familiar.²⁹²

Nos contos, poesias ou crônicas observamos outra clara atitude de um bufão: a denúncia autorizada, seja essa declaração dirigida à sociedade, à educação, à igreja ou ao Estado. Os padeiros buscavam ilustrar em seus contos certa loucura sábia, usavam suas leituras do mundo com um olhar diferente para assim terem uma permissão de alarmar, chamar atenção ou cobrar. José de Carvalho nos dá mais uma vez indícios dessa atitude no conto Condições e contradições, onde nos denuncia a relação de precariedade sentimental ou material que denomina o que é felicidade numa relação. Assim escreve o padeiro:

É bem feliz o Antônio com sua esposa a D. Hortência; uma felicidade de um casal consiste somente em viverem ambos de comum acordo e de esforçar-se no desempenho da grandiosa missão de crescer e multiplicar - imposta pelo eterno gênero humano em sua fatal e irreparável queda. Amam-se mutuamente: e os vizinhos teriam que ver ali a verdadeira e doce paz do lar, teriam que aprender o edificante e salutar o exemplo da boa educação da família, se um desequilíbrio não se opusesse a isto uma verdadeira lei do contraste.²⁹³

²⁹² BAKHTIN, M. op. cit., 1987, p. 9.

²⁹³ Condições e contradições. **O Pão**, Fortaleza, 01 de abril de 1895, n. 13, p. 4.

No conto, dois casais que vivem na mesma região passam por problemas conjugais de ordem bem contrastantes. Primeiramente o padeiro relata a vida de Sr. Antunes e dona Hortência, um casal que tem condições de sobra para se quererem, no entanto, se anularam ao longo da vida e aprendem a se suportar. É claro na escrita do autor que não se amam, mas disfarçam bem suas calamidades sentimentais com dinheiro, coisa que com o passar do tempo acabam por contornarem, mesmo sendo infelizes,

(...) apesar de ser um rapaz adiantado não trepidou-se por apaixonar-se pela Hortência, uma rapariga bonita, mas crassamente ignorante presunçosa e cheia de preconceitos e de prejuízos de família.

Casaram-se e a lua de mel passou com a dissonância que há entre um espírito fogo e ardente e uma alma indiferente e fria, onde em lugar do fogo abrasador da paixão e do amor ardiam somente os instintos da matéria em toda sua inconsciência animal.

Ao primeiro desacordo que houve entre o novo par, deu-se o mesmo fenômeno que se dá ao contato do fogo e da pólvora - foi um incêndio um fiasco! Injurias, impropérios, difamações honra de família de parte a parte, calúnias e maldições, nada ficou que não voasse como verdadeira lava da cratera destes dois vulcões que ameaçavam-se destruir-se mutuamente.

(...) Hoje estão muito diferentes; o tempo tudo modifica (...) D. Hortência aprendeu com Antunes alguma coisa de seu espírito cheio de fantasia, amoroso e ardente e lhe deu em retribuição muito de sua alma indiferente e fria, cheia de preconceitos, de prejuízos e de orgulho.²⁹⁴

José Carvalho usa de manobra puramente traiçoeira (própria de um bobo da corte), pois quando conquista o público, agradando-o dando a história um desfecho amoroso da “convivência”, logo em seguida já puxa o tapete e faz sua crítica novamente²⁹⁵. Para o autor, ambos se entendem em um jogo de aparências, e é isso

²⁹⁴ Idem.

²⁹⁵ Outro exemplo deste comportamento encontramos no conto de Ulisses Bezerra intitulado “Entre-idílio”. Neste conto o padeiro nos mostra mais uma vez esta marca do “puxar o tapete do leitor”. Quando descreve as lembranças de seu personagem, um romance cheio de paixão e sintonia. Tudo nos leva a crer a uma história de união entre duas almas que se querem mutualmente, descrita afetivamente ao longo de todo o texto, porém, no penúltimo parágrafo do conto o autor muda o desfecho da história, nos indicando que, para o autor o amor ao capital, mais uma vez venceu o amor idílico. Escreve o padeiro: “Correram os tempos. Houve uma mutação no cenários da vida de ambos. Ela que tantas vezes lhe jurara eterno amor, casou-se com um rapaz que lhe prometera joias, vestidos de seda, viver luxuoso, casa ricamente preparada (...) Ele sofreu dolorosamente com essa infidelidade e depois as lágrimas da saudade começaram a rolar-lhe pelas faces.” Ver mais em: Entre Idílico. O Pão, Fortaleza, 01 de Agosto de 1895, n. 21, p. 4.

que a sociedade considera ser feliz. Prossegue o Padeiro, dando o outro extremo do conto, a história de Manoel e Maria, que vivem uma vida miserável e sem condições alguma vivem a se desentender:

O marido, sem noção alguma do amor e do bem, dá a pobre esposa uma vida de verdadeiro martírio. Pretextu um motivo qualquer e sem dar ouvidos a razão alguma, lança mão de um azorrague que conserva para este fim e bate-lhe estupidamente, cobre-a dos mais tristes impropérios e depois toma a rede, ata-a a tiracolo e segue estrada a fora, protestando nunca mais voltar ali. Ela coitada! Tremula, convulsa e mal segura ainda, corre chamando-o pedindo a quem passa, que não deixe fugir “a luz de seus olhos, seu amor e sua vida.”²⁹⁶

Faz o escritor o questionamento social: o que é felicidade conjugal? Ter condições de vida, e poder disfarçar seus problemas, viver sob os mandamentos da Igreja em uma união eterna e humilhante, ou suportar a contradição do amor que escraviza e anula o indivíduo? E alarma jocosamente ao fim do conto que o segundo casal nunca vai experimentar da “felicidade conjugal de Antunes e Hortência”.

A linguagem do bufão e sua comunicação com o público era a paródia, o deboche, a injúria, a crueldade, a loucura, o escárnio, a sátira, a ironia, o simulacro. Encontramos em *O Pão* algumas dessas formas de provocações, e desaprovações a certas posições sociais das quais os padeiros tinham verdadeira repulsa. Antônio Sales usa dessa posição para falar o que pensa sobre a educação pública e ridiculariza a não preocupação do governo com o ensino. Em sua denúncia há ainda crueldade com a pedagogia antiga da professora, que para ele deveria ser enterrada, pois ambas (a pedagoga e seus métodos) são ultrapassadas e equivocadas:

A prova mais evidente do descalabro da nossa instrução pública é a séria concorrência que lhe faz a instrução particular, que é por sua natureza mais atraente e mais proveitosa, visto como os que a exercem precisam esforçar-se para que lhes não falem a clientela. Se na capital é assim, o que não será no interior! Uma escola conheço eu, não muito longe da capital, em condições tão precárias, que desperta o riso a quem a vista. A mesa da professora é um caixão coberto com um pano, e os alunos se sentam em cadeiras que trazem de casa. Adornando as paredes da sala, vejo pavimento é de terra socada, vê-se apenas uma fornida palmatória, que ainda não está aposentada como deveria estar juntamente com a fósil professora que a maneja.²⁹⁷

²⁹⁶ idem.

²⁹⁷ *O Pão*, Fortaleza, 15 de março de 1895, n. 12, p. 1.

O Padeiro, da mesma forma do Bufão, fazia através do jogo cômico uma “lavação de roupa pública” discutindo o social, peitava a sociedade sobre um mundo cujos valores considerava equivocados. A denúncia era perspicaz cheia de estratégia. Abaixo vemos imagem de Antônio Sales em seu gabinete. O cronista e poeta assumiu por diversas vezes sua verve Bufo, não só no Ceará com as provocações cheias de denúncias e irreverências em *O Pão*, mas também no Rio de Janeiro deixou sua marca, provocando dirigentes públicos.²⁹⁸

Figura 25 – Antônio Sales em seu gabinete.



Fonte: **Fortaleza Nobre**. Disponível em:
www.fortalezanobre.com.br

Os escritores conquistaram o público primeiramente pelo riso, pelas atitudes despojadas, festeiras, ao mesmo tempo que buscavam construir motins de indignação. Sabiam que gozavam de autoridade social que as letras lhe

²⁹⁸ Duas das provocações tornaram-se clássicas, redigida em tirinhas no Correio da Manhã na seção “Pingos e Respingos”. A primeira foi contra Nuno Andrade, que era diretor de saúde no governo de Campos Sales. O escritor escrevia todos os dias questionando em mote a saída do diretor do cargo público: “De certas damas, às vezes a barriga cresce, estica, mas ao fim de nove meses... Tudo passa. E o Nuno fica!”. Pelo mesmo motivo o padeiro também provocou J.J. Seabra, ministro de Rodrigues Alves, ao que escreve o padeiro: “Sai o cobre do tesouro (e a sair não volta mais), sai do povo a pele, o couro. Só tu Seabra não sais!”. Contudo, quem saiu foi o Padeiro, transferido para o Rio Grande do Sul, mesmo assim antes de sair, publica no dia do embarque: Sai o Sales do tesouro, vai para as plagas austrais, comer churrasco com couro, só tu Seabra não sais! Ver mais: FIUZA, R. C. P. op. cit., 1992. p. 58.

proporcionavam e queriam por ela agir como árbitros privilegiados²⁹⁹ dos costumes, que tinham agido feito “bobos da corte” e o representavam com a permissão de zombar e alarmar.

Bruno Jaci (José Carlos Junior) também gasta a pena e o tinteiro e expõe seu desencantamento pelas estruturas de poder na forma de poema. Descreve a bandeira e os emblemas nacionais como simples apetrechos, nos quais o que ficou na sociedade após a queda da monarquia é o oposto do que está expresso na divisa Ordem e Progresso, afirma o autor em último trecho do poema:

(...). As estrelas ficaram mais dispersas,
Atoa e de grandeza muito diversas,
Com leiteiro: que diz: Progresso e Ordem

É contraditório ao que o mote está dizendo
Como triste ironia, vamos vendo
Estrelas a granel, tudo em desordem.³⁰⁰

O desencantamento de Jose Carlos Junior com o Brasil republicano é perceptível, e se pode ver algumas vezes em *O Pão*. Após o advento da Proclamação da República, com ínfima transformação no contexto social do país, alguns escritores, mesmo assumindo postura despojada, irônica e deliberadamente bem-humorados, não fechavam os olhos para essa desilusão. A experiência pessimista à qual expressavam se dava principalmente por não verem efetivadas suas lutas e os desejos de desenvolvimento social e emancipação econômica para o país, a falta da prática de seus ideais positivistas, ou ainda por não conseguirem ver o desenvolvimento real de um público leitor que absorvesse o sentimento nacional e as leituras sociais que tanto almejavam ao levantarem a bandeira das letras.³⁰¹

Vemos na postura do grupo um comportamento da vida regado ao riso. Muito dessa atitude é perceptível na molecagem cearense de enfrentar as dificuldades diversas, encarnando um bufão, ou seja, andando em bandos, vivendo nos limites, troçando a sociedade e festejando. Podemos observar esse comportamento em

²⁹⁹ O antropólogo Victor Turner nos relata sobre esta posição privilegiada do julgar concedida a certos homens: “(...) comumente homens da classe baixa que claramente saíam do seu estado habitual. Em um sistema onde era difícil para os outros censurar o chefe de uma unidade política, podíamos ter aqui um trocista institucionalizado, atuando no ponto mais alto da unidade: um galhofeiro capaz de expressar os sentimentos da moralidade ofendida”. GLUCKMAN *apud* TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974. p. 134.

³⁰⁰ Ordem e Progresso. **O Pão**, Fortaleza, 15 de abril de 1895, n. 14, p. 4.

³⁰¹ CARDOSO, Gleudson Passos, op. cit., 2004, p. 227.

descrição da Ata de Fevereiro de 1895, ao qual o padeiro escreve que de mais uma fornada de espírito festeiro e arte tinha se realizado:

Finda a leitura Sarasate Mirim correu a mão no violino e nele transvasou a sua alma apaixonada de artista, executando belíssimos trechos. Depois houve cerveja e pilhéria, esta mais do que aquela, e afinal cada um tomou seu rumo, combinando-se previamente um assalto aos pirões e ao vinho de caju do Marcos Serrano, assalto em que tomará parte o delegado Sampaio, o terror do peixe frito e da boa pinga cajuótica. E só. Eu, Frivolino Catavento, a escrevi e assino.³⁰²

A pilhéria ou riso são históricos e variam conforme a época, sempre estiveram presentes na vida humana. Aristóteles afirmava que o dom do riso é divino, se aproxima do poder do homem sobre a terra, faz parte do espírito que só o homem possui, para ele, a criança só começa a rir no quadragésimo dia de vida, e esse é o momento em que se torna pela primeira vez humano.³⁰³

2.4. O PADEIRO TRISTE: LUCAS BIZARRO, UM PIERRÔ

*Corro os olhos de noite enquanto o sono
Não chega, e deixo-me ficar sonhando.
Nesse abstrato e languido abandono
De quem o coração vai conversando.*

*E com um triste e luminoso bando
De graças sob o azul de um céu de outono
Vão minhas utopias emigrando
Do altar onde o teu amor entrono.*

*Trono de flores que a ilusão colora
Minuto por minuto, enquanto choro*

³⁰² AZEVEDO, Sânzio de. **Atas da Padaria Espiritual**. Transcrição e atualização ortográfica por Sânzio de Azevedo/Sânzio de Azevedo. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015.

³⁰³ Aristóteles *apud* BAKHTIN, M. op. cit., 1987, p. 59.

O coração no íntimo, sentido,

Aonde o teu amor mal pousa e aonde

Minha esperança última se esconde

Como um pássaro triste e mal ferido.

Lívio Barreto³⁰⁴

O título se refere a uma interpretação da pesquisa ao poeta Lívio Barreto³⁰⁵ (1870-1895) sendo codinome no grêmio Lucas Bizarro. O escritor foi, entre os amigos, o Padeiro de espírito talentoso e melancólico. A ideia dessa metáfora à qual nos referimos fazendo alusão a um Pierrô,³⁰⁶ nos aponta que na padaria havia diversidade artística e espiritual de todos seus integrantes. O padeiro morreu jovem, aos 25 anos, a pequena biografia que segue destaca-se o uso exclusivo da fonte, assim queremos dar voz às palavras e relatos sobre ele, com quem esteve e conviveu “com ele”:

Ria pouco e só entre amigos deixava por vezes transparecer a sua fina verve elegante, um bocado pessimista e epigramática. Com o vulgo era sisudo, um tanto frio mesmo, com uns longe de bem entendido orgulho. Usava cachemiras claras, chapéu de feltro alto, e fumava cachimbo, á noite embalando-se rapidamente na rede, com um livro de versos nas mãos.³⁰⁷

³⁰⁴ Um dos poemas de Lívio Barreto com frases quase sempre confessionais sobre sua alma triste, doce e inquieta. Ver: Através do sonho. **O Pão**, Fortaleza, 15 de setembro de 1895, n. 24, p. 5.

³⁰⁵ Nasceu em Iboaçú (Ceará), no dia 18 de fevereiro de 1870 e veio a falecer em Camocim no dia 29 de setembro de 1895. Seu livro “Dolentes” foi publicado em 1897 pela Padaria.

³⁰⁶ O Pierrô é o padeiro da casa e o mais pobre dos serviçais, faz parte de um triângulo amoroso baseado na comédia italiana do século XVI, a *Commedia dell'Arte*. O personagem vive um amor não correspondido por Colombina, sendo ela apaixonada por Arlequim. Os três são empregados de uma família rica e tradicional italiana, a sátira social da época se popularizou na História e inspira fantasias no carnaval de todo o mundo. Ver mais em: DARCORSO, Stetina. **As máscaras de Menotti del'Picchia**: Arlequim, o desejo – Colombina, a mulher – Pierrot, - o sonho. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372008000100018. Acesso em: 10 mar. 2021.

³⁰⁷ Lívio Barreto. **O Pão**, Fortaleza, 15 de outubro de 1895, n. 26, p. 1.

Figura 26 - Lívio Barreto, o jovem poeta simbolista movido pela arte das paixões.



Fonte: PAZ SÁ, Antônio Evaristo da. **Lívio Barreto o Poeta do Luar e da Paixão**. 2009. p. 1.

Em *O Pão* n. 26, os amigos fizeram homenagem póstuma a Lívio Barreto, e declararam sua admiração ao amigo que tragicamente partia cedo. O Padeiro Arthur Teófilo, amigo de infância, escreve com pesar longo texto na primeira página do jornal, e em outro trecho declara:

Aos que hão de vir, aos que fizerem no futuro a história da literatura da minha terra eu deixo a tarefa de detalhadamente estudarem a vibrante e original individualidade artística do meu infeliz amigo; a mim só me compete deixar gravada a sinceridade da minha pena e a admiração incondicional e justa que eu consagrava, menos ao artista, que ao belo e rigidíssimo caráter do Livinho.³⁰⁸

Considerado o poeta máximo da estética simbolista cearense com o livro “*Dolentes*” (1897), o padeiro Lívio Barreto enganou a morte uma vez, sobrevivendo a um naufrágio, mas faleceu poucos anos depois, acometido de um aneurisma. Morreu

³⁰⁸ Idem.

de forma trágica sobre seus escritos, na mesa em que trabalhava. Conta o amigo que Lívio Barreto trabalhou desde muito novo, criança ainda, como caixeiro, e foi nesse ofício que perdeu grande parte de sua vitalidade e saúde. Esforçado e interessado, aproveitou todas as oportunidades que teve quando lhe sobrava tempo do trabalho, para usar em seu favor o estudo, tomando aulas de português, geografia e francês. Tinha aula juntamente com um grupo de “rapazes esperançosos”,³⁰⁹ e anos depois desse grupo estudar, se formou a futura redação do periódico *Iracema*.

O escritor iniciou sua vida escrevendo nesse jornal versos e crônicas humorísticas, porém, após o desaparecimento dessa folha, a desilusão com o meio literário fez o padeiro migrar e tentar a vida fora de sua cidade natal:

(...) Desaparecendo o *Iracema* e com ele aquele fugaz florescimento literário, foi-lhe pesando insistentemente o aborrecimento daquele atrasado meio de civilização, e ao seu espírito sonhador e idealista se apresentou, numa clara evidencia de contraste, um mundo outro, onde suas grandes faculdades imaginativas pudessem, livres de peias de desdobrar livremente. Foi o Pará a terra escolhida e para onde seguiu ele em 10 de junho de 1888 (...).³¹⁰

Na nova morada, Lívio Barreto teve contato com muitos poetas portugueses, e desse contato fecundo, veio muito de sua orientação literária.³¹¹ Após três anos pelas terras do Pará, retornou o poeta ao Ceará. O amigo Arthur Teófilo fala também de uma arrebatadora paixão antiga que o amigo trazia no peito e confessa que toda a obra de Barreto estava regada por esse amor não correspondido:

Foi então que muito intensamente avigorou sê-lhe na alma uma paixão antiga a que ele muitas vezes tentou em balde, fugir e que acompanhou-o cada vez mais insistente, até a sua morte. E a propósito, é bom que eu – seu amigo e confidente - afirme aqui: toda obra de Lívio Barreto não é mais que que o diário escrito dessa infeliz paixão que tão implacavelmente o torturou, impressionando-o muito, roubando-lhe a energia e desenhando-lhe a nodosa de duas orelhas.³¹²

Homem de letras, o poeta continuou a escrever e colaborou com a folha *A Luz*,³¹³ onde publicou “Versos de Stela”, e ligeiras crônicas humorísticas, mas quis o

³⁰⁹ Idem.

³¹⁰ Idem.

³¹¹ Idem.

³¹² Idem.

³¹³ *A Luz*: periódico literário e noticioso da cidade de Granja, Ceará, 24 de janeiro de 1892. Fundação

poeta sair novamente da cidade e migrar para Fortaleza, devido “(...) à impetuosidade brutal da sua infeliz paixão que dia a dia mais se agravava chegando a Fortaleza em fevereiro (...)”.³¹⁴ Nos relata Arthur Teófilo que Lívio Barreto não permaneceu em Fortaleza por muito tempo, mas que por esse curto período que esteve na cidade escreveu para o jornal Libertador, e participou da criação da Padaria Espiritual: “Foi então que aqui se criava a padaria Espiritual de que foi Lívio Barreto um dos fundadores”.³¹⁵

O poeta sempre conciliou os ofícios de escritor e de caixeiro essa marca é pontuada repetidamente pelo amigo, e juntamente com sua paixão não correspondida são os fatores que para Arthur Teófilo tiraram a saúde de Barreto: “Desgostoso do ofício de caixeiro resolveu voltar para Granja, tomando em 27 de junho de 1892 passagem no vapor Alcântara que essa noite desastradamente naufragou na altura de Periquara”.³¹⁶

O poeta enganou a morte e resistiu ao naufrágio. Conforme aponta Arthur Teófilo, o amigo era excelente nadador e pôde, graças a isso, sobreviver a esse desastre. O episódio de total desalento fez com que Lívio Barreto escrevesse ainda na areia da praia a cristalização de seu sofrimento o poema intitulado “Naufrago”, que publicou em *O Pão*:

Eis-me náufrago e só, na vastidão
Da praia desolada,
Aonde o mar – indômito leão –
Esmaga a onda fria e angustiada
(...)
Eis-me náufrago e só, triste, cansado,
Meditativo absorto!
Meu coração no peito angustiado
Precisa de carinho e conforto!
.....
Eis-me náufrago e só! Oh! minha irmã,
Meu derradeiro altar imaculado!
Choro por ti à luz dessa manhã;
E o pranto quente, doloso, brando
É o mar que da alma me rebenta quando
O coração estorce-se magoado!³¹⁷

http://catcrd.bn.br/scripts/odwp032k.dll?t=nav&pr=mic_pr&db=mic&use=estado&rn=168&disp=card&sort=off&ss=22422328&arg=ceara. Acesso em: 20 mar. 2021.

³¹⁴ Lívio Barreto. *O Pão*, Fortaleza, 15 de outubro de 1895, n. 26, p. 1.

³¹⁵ idem.

³¹⁶ Idem.

³¹⁷ Náufrago. *O Pão*, Fortaleza, 10 de julho de 1892, n. 1, p. 4.

Após perder tudo o que tinha nesse episódio, que segundo o amigo se resumiria nos livros que mais amava – “sua única fortuna” - segue o poeta de volta a sua casa, e migra entre uma cidade e outra, sempre conciliando sua vida a poesia. É nesse período que envia seu livro “Dolentes” ao editor e também amigo de forno, Valdemiro Cavalcante. Todavia, escreve Teófilo que Lívio Barreto morreu um dia antes de seu livro chegar ao prelo. E assim nosso Pierrô apaixonado não viu florescer mais uma de suas paixões (seu livro), que foi publicado postumamente pelos amigos de forno.

Foi na sua banca de trabalho, pelas 3 horas da tarde do dia 29 de setembro que caiu morto, fulminado por uma congestão cerebral, o meu querido e pobre amigo, esse excelente rapaz que era não somente um poeta novo, original e um artista emérito do verso, mas também um dos maiores talentos que eu tenho conhecido.³¹⁸

Lívio Barreto foi um dos grandes padeiros e é apontado como a principal figura da poesia simbolista no Ceará e, também como um bufão, não obedeceu às regras de uma única estética. Teve a intuição da escola simbolista antes mesmo de conhecer coisa alguma dessa forma de literatura.³¹⁹ Para Luciana Brito, há nos poemas do poeta influências românticas e parnasianas, mas de forma rica há uma predominância do simbolismo em sua produção:

Pela janela aberta a aragem fria
Entra trazendo o aroma das rosas.
E o sol, abrindo as pálpebras reais,
Setas e setas d'ouro fosco envia.

No entanto, Esther, a pálida Judia
Sob as brancas cortinas virginais
Sonha com as claras noites orientais,
Cheias de luz e de melancolia.

Úmido o lábio, trêmulo, rosado
Suplica um beijo... O seio delicado
Arfa de leve entre os albes folhos...

Sonha e sorri, os cílios apertando,
- Negras franjas de seda resguardando
As duas negras pérolas dos olhos.³²⁰

³¹⁸ Lívio Barreto. **O Pão**, Fortaleza, 15 de outubro de 1895, n. 26, p. 1.

³¹⁹ LINHARES *apud* FIUZA, R. C. P. op. cit., 1992, p. 63.

³²⁰ Ester. **O Pão**, Fortaleza, 15 de julho de 1895, n. 20, p. 2.

O simbolismo de Lívio Barreto vai ao encontro dos símbolos que compõem a natureza, traz a contrariedade a superficialidade do corpo. O poeta em seus poemas lutava contra o realismo e a animalidade das descrições do naturalismo. O Padeiro-Pierrô mergulhou no espírito, questionou a racionalidade, buscou resgatar a poesia que estava se perdendo em um mundo cada vez mais seduzido pela ideia do Moderno, e mesmo sofrendo, alimentou-se em suas paixões possíveis e impossíveis.

CAPÍTULO 3. DAS PRECISÕES DAS LETRAS: MASSA AZEDA, PÃO DOCE! A OBRA NOSSA DE CADA DIA, ÓCIO FELICIDADE DO ESPÍRITO

Eu tinha herdado do meu pai um nome imaculado, mas também uma grande pobreza (...) Mas, como sair da minha obscuridade e colocar-me? Só o livro podia livrar-me do cativeiro. Mas como chegar ao livro, se meus patrões entendiam que para vencer na vida não necessitava saber ler?

Rodolfo Teófilo³²¹

Neste capítulo, nos propomos aos debates em torno do elo perdido entre ócio e trabalho, percebendo que essa discussão é antiga e conflituosa, pois a relação de poder dessas palavras (como tantas outras) estão carregadas de sentidos e escolhas. Desejamos compreender de forma histórica os termos relacionados ao tempo livre e ao ócio e a relação com nosso objeto, percorrendo juntos com os escritores o caminho da responsabilidade lúdica do ler. Para isso, revisaremos o pensamento histórico do ócio e o que sua vivência exige de nós, indivíduos, entendendo que um posicionamento mais crítico sobre a questão nos traz a reflexão sobre o uso do nosso tempo, seja ele livre ou trabalhado, nos direcionando a atitudes de maior sentido.³²²

3.1 TRABALHO E LEITURA A FELICIDADE DO ÓCIO

*No meio do estrépito
E estrondos que atroam
De ardores que em fúrias
Contendem, reboam*

³²¹ Em seu livro de memórias Rodolfo Teófilo, deixa claro a importância dos livros para sua vida, e como a sujeição pode ceifar do indivíduo a oportunidade de mudança, afastando-o do caminho que as letras podem lhe proporcionar. THEOPHILO, Rodolpho. **Scenas & Typos**. Fortaleza: Ed. Agassis Bezerra, 1919. p. 68.

³²² TURINO, Celio. **Na trilha de Macunaíma**: ócio e trabalho na cidade. São Paulo: Senac-SP: Sesc-SP, 2005 p. 29.

*Eu penso nas coisas suaves e tênues
Nas coisas que fogem, que nadam, que voam.*

*Enquanto sem animo
Os corpos estuam
E as almas em ânsias
Em vão se extenuam,
Eu penso nas coisas que amamos em êxtase
Em coisas que passam, deslizam, flutuam.*

*E quando, entre mágoas
Despeitos e dores
Refervem os ódios
E frios rancores,
Eu penso nas coisas de um mundo quimérico,
Um mundo de afagos, carícias, amores.*

Bruno Jacy³²³

Os padeiros também expressam uma concepção de ócio como a interação das mais diversas artes aliadas à forma de vive-las, senti-las, aproveitá-las, algumas reuniões eram cheias de espírito e feitas com toda pompa de diversidade cultural e diversão, concepção que se encontra na filosofia epicurista.³²⁴ Assim, nos perguntamos com a finalidade de debater tal semelhança, de quantas sensações suaves e leves que mais parecem pensamentos mágicos e irreais nos fala o padeiro José Carlos Junior no poema acima citado? Conforme seus escritos sempre cheios de tantos significados, essa visão de mundo era possível pois, para ele, essas coisas de um mundo “quimérico” eram realizáveis se o indivíduo se permitisse a uma vida de afeto, fosse pelo contato com a natureza (o mundo que lhe cerca), pela proximidade com o próximo (expressado pelos corpos e almas errantes), ou por si mesmo

³²³ JACY, Bruno (José Carlos Junior). Per Música. **O Pão**, Fortaleza, 01 de janeiro de 1895, n. 7, pp. 2-3.

³²⁴ Epicurismo é uma Escola Filosófica criada por Epicuro de Samos em meados do século IV a.C. O filósofo afirma que, para atingir um estado de plena liberdade, tranquilidade e libertação do medo, o indivíduo deve manter-se em busca de prazeres moderados, a importância desta procura é ressaltada, pois para Epicuro a partir do momento que os desejos se tornam exacerbados, eles acabam transformando-se em fontes de descontentamento e perturbação - por isso, dificultam que o indivíduo conheça o estado de liberdade e tranquilidade. Epicuristas prezam, também, a amizade como uma das maneiras de promover a troca de opiniões que possam levar à busca do prazer, para o estudioso a amizade e a gentileza favorecem a busca pelo prazer imediato por todos aqueles que desfrutam dessa relação. Ver mais em: SILVA, Daniel Linhares Araujo da. **O sistema de Epicuro**: dos elementos primordiais ao cultivo de si para a vida feliz. 113 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

(representado por o trabalho dos nossos despeitos e rancores). O que o autor nos expressa através de seus textos e atitudes como Padeiro Mor em *O Pão* é que procura ver o prazer na vida cotidiana, apostando na relação do conhecimento do todo que o cerca e do seu (eu) mais íntimo.

Muitos desses pensamentos também podemos observar nos escritos de Epicuro (341-270 a.C.) em Carta sobre a felicidade,³²⁵ correspondência escrita ao amigo Meneceu. Nesse texto, escrito há mais de dois mil anos, encontramos um tratado sobre as sensações e atitudes que podem nos levar a alcançar a felicidade, que para o filósofo é possível quando o indivíduo vive de acordo com suas possibilidades e respeita os prazeres da vida. Assim, para o grego estaria o bem-estar do homem dividido em três estágios e necessidades que vão do básico ao supérfluo. Em primeiro lugar, os prazeres necessários e naturais (físicos), seguidos pelos naturais e não necessários (as alegrias), e por último os não naturais e não necessários (ilusões), cabendo ao homem prudente entender que sua felicidade depende do bom uso e das sensações dessas categorias. Para o filósofo, o erro está quando pautamos nossas atitudes exclusivamente no terceiro modo de viver os prazeres que desequilibram nosso ser, com o excesso de coisas dispensáveis.³²⁶

Epicuro escreveu sobre uma alternativa, uma “saída para o espírito”, ou seja, a busca da felicidade pessoal, íntima, que estaria contida também nas coisas cotidianas tidas como simples, e não só nisso, na necessidade de não valorizar determinados temas como o temor aos deuses, à morte, à dor, e que é possível ser feliz a partir de autoconhecimento do “eu” em primeiro lugar.³²⁷ Vivendo no chamado Jardins,³²⁸ que eram lugares afastados dos grandes centros gregos, escreve a carta para aqueles que se decepcionaram com o projeto de felicidade ligada a cidade de Platão³²⁹ e Aristóteles,³³⁰ que estava compreendido no âmbito da comunidade e do social. Para

³²⁵ EPICURO. **Carta sobre a felicidade**: a Meneceu. 3ª Ed. São Paulo: UNESP, 2002.

³²⁶ *idem*.

³²⁷ *idem*.

³²⁸ COSTA, Andrea Leite da. Carta sobre a Felicidade: uma proposta de reflexão a partir do epicurismo. **Prisma**. Revista de Filosofia, v. 2 n. 2, 2020.

³²⁹ Platão (427-347 a.C.) foi um filósofo grego da antiguidade, considerado um dos principais pensadores da história da filosofia, seus estudos são baseados na teoria de que o mundo que percebemos com nossos sentidos é um mundo ilusório, confuso. O mundo espiritual é mais elevado, eterno, onde o que existe verdadeiramente são as ideias, que só a razão pode conhecer. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/platao/> Acesso em: 25 fev. 2021.

³³⁰ Aristóteles (384-322 a.C.) filósofo grego, um dos pensadores com maior influência na cultura ocidental, destacou-se como discípulo de Platão aos 17 anos. Com sua prodigiosa inteligência, logo se tornou o discípulo predileto do mestre. A ele devemos a elaboração de um sistema filosófico que cunhou

ele, o questionamento se dava na possibilidade de ser feliz a partir de si mesmo e não de uma estrutura política.

Nesse mesmo sentido, encontramos a percepção do Padeiro Frivolino Catavento (Ulisses Bezerra), em prosa intitulada “Feliz”, quando escreve sobre a vida do campo de sua personagem Affonsina. Na prosa do autor, a moça passou pela experiência dos anseios da vida fora do campo, porém optou por algo mais contemplativo, e assim voltou a ter mais vitalidade sendo descrita como “linda criatura de faces róseas”, mantém uma vida lúdica e simples no interior, junto às crianças, para quem conta histórias de princesas misteriosas.

A prosa do autor é rica em detalhes, podemos observar muitas discussões. O primeiro assunto já bem discutido anteriormente às representações da literatura do campo e cidade, nos remete nessa passagem a outra forma de interpretação, a escolha do prazer, que tanto a vida simples quanto a agitada (cidade) podem trazer, pois para o autor uma não anula a outra. Dessa forma, escreve que ela viveu a liberdade de vivenciar seus lazeres cheios de sabores também na cidade. Podemos identificar em seus escritos as duas opções de prazeres são possíveis:

(...) Depois de ter gozado na cidade uma vida agitada, cheias de aventuras galantes e envolta numa atmosfera de inebriantes perfumes (...) esqueceu a cidade, os rumores das festas que assistiu, e hoje delicia-se em contemplar as alegres campinas iluminadas pelos raios do sol.³³¹

Já em segundo, também temos a opinião do autor no que se refere à valorização da beleza humana interna, ou seja, a importância do sujeito, suas singularidades, que para ele se refletem na forma como as moças do campo se vestem, sem a necessidade de manter vaidade extrema ressaltando outros atributos. Uma crítica à febre de consumo que acontecia (também) às moças³³² de Fortaleza

praticamente todos os assuntos existentes nas ciências tais como a geometria, física, metafísica, botânica, zoologia, astronomia, medicina, psicologia, ética, drama, poesia, retórica, matemática e principalmente lógica. Aristóteles foi suficientemente crítico para ir além do mestre. Demonstrou sua grande capacidade de pensador escrevendo uma série de obras nas quais aprofundava, e muitas vezes, modificava as doutrinas de Platão. A teoria de Aristóteles, de forma geral, é uma refutação ao seu mestre, enquanto Platão era a favor da existência do mundo das ideias e do mundo sensível, Aristóteles defendia que poderíamos captar o conhecimento no próprio mundo que vivemos. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/aristoteles/> . Acesso em: 25 fev. 2021.

³³¹ Feliz. **O Pão**, Fortaleza, 15 de maio de 1895, n. 16, p. 5.

³³² Jose Carlos Junior (Bruno Jacy), também menciona esta febre quando escreve a prosa em Carta à Padaria. **O Pão**, Fortaleza, 1 de março de 1895, n. 12, p. 4. Protesta o Padeiro: “Não tardam vir

interessadas em se manter nas últimas modas da influência europeia que dominava a cidade,

Longe, lá nos ínvios sertões incultos, onde não chegaram as exigências da moda e as ingênuas camponesas vestem-se com encantadora singeleza, deixando perceber-se, através dos rendados vestidos, a correção plástica dos belos corpos, vive Affonsina, linda criatura de faces róseas. (...) ³³³

Essa febre da moda em Fortaleza acompanhou as tendências mundiais, um fenômeno social caracterizado pelo apreço das novidades, uma ruptura com os costumes tradicionais, quando a cidade intensifica seu desenvolvimento e vive uma forte influência francesa também na forma de se produzir, vestir e de portar, são comuns nos jornais e revistas os anúncios de tecidos e lojas de utensílios “novidades chegadas no último vapor”. ³³⁴

Fica claro que o autor também valoriza a oralidade, a prática de “contação” de histórias, muito tradicional nos interiores de todo o Brasil, com suas peculiaridades em cada região. Assim, afirma que a personagem, agora com vida mais pautada nas tradições, valorizava essa prática: “À noite, quando a lua desdobra seu branco véu, ela vai contar às crianças que a cercam histórias interessantes de princesas encantadas que em noites tenebrosas fugiram para paisagens ignotas (...)”. ³³⁵

Walter Benjamin³³⁶ observa a importância dos homens e mulheres conhecedores de história e tradições caracterizadas pelo senso prático, ou seja, as dimensões utilitárias que essas histórias traziam em ensinamentos, sugestões às normas e práticas sociais da vida. Os narradores e narradoras são multiplicadores dessas histórias que decorriam de suas próprias experiências, contribuíam como conselheiros usando essas lendas como forma de compreensão a problemas mais profundos, não só de ordem cotidiana, mas também nas questões de ordem morais e as coisas da alma.

chegando as cártulas e os pianos; besuntam-se as matutas com pó de arroz e os matutos com literatura, e aparecem pelas paredes a torre Eiffel e o homem do bacalhau; o barbeiro adorna a sala com as inevitáveis odaliscas de fisionomia inglesa”. O escritor faz explícita reprovação a febre de consumo que passa a sociedade não só de Fortaleza, mas das cidades que já tinha acesso ao trem, pois escreve este relato em viagem ao interior e observa esta realidade consumista de seus conterrâneos.

³³³ Feliz. **O Pão**, Fortaleza, 15 de maio de 1895, n. 16, p. 5.

³³⁴ PONTE, S. op. cit., p. 58.

³³⁵ Feliz. **O Pão**, Fortaleza, 15 de maio de 1895, n. 16, p. 5.

³³⁶ BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 221.

Muitas dessas histórias misteriosas são regadas a crenças em assombrações, utilizando o diálogo permanente com o medo e fantasia, como mecanismos de valor educacional simbólico.³³⁷ Encontramos esses traços no comportamento principalmente dos mais antigos, que “viam no medo um poder mais forte do que os homens” e compreendiam o papel importante que este sentimento desempenhava tanto nos destinos individuais como coletivos.³³⁸

O padeiro prossegue sua crônica também valorizando a vida de ócio contemplativo que a moça leva, pois antes de dormir goza do silêncio dos seus aposentos para ler: “Depois que as crianças adormecem, ela recolhe-se aos aposentos que lhe destinaram, e, no silêncio da noite erma, antes de conciliar o sono, lê os poetas de sua predileção”.³³⁹ Aqui, percebemos que as diversas formas de traduzir os prazeres desses autores (os padeiros e os filósofos) objetivam um caminho possível para a felicidade, entendendo os prazeres individuais e em sociedade possíveis a partir de uma forma de vivenciar a vida e o ócio. Com efeito, o que podemos compreender é que a receita que contém na carta de Epicuro só é possível na contemplação ociosa percebida anteriormente por Platão e defendida veemente por seu aluno Aristóteles.

Aristóteles é o principal teórico de uma concepção de prazer através do ócio que, para ele, se define em uma escolha prazerosa para o desenvolvimento humano, pois, na sua concepção, praticando-se o ócio se atingiria o supremo, o enriquecimento da mente, que nesse caso é o caminho para uma felicidade plena. Contudo, em uma

³³⁷ Este gênero que na verdade está ligado com uma literatura muito antiga encontrada nas passagens da bíblia, livros das mil e uma noites, presente em Homero e nos contos chineses por exemplo, faz parte da literatura de contos fantásticos. Esta narrativa toma forma e características bem definidas no século XIX. O fantástico são contos significativos que mexem com a interioridade de cada indivíduo usando uma simbologia coletiva. É notável como as lendas, ou os “causos”, se transfiguram em fantástico literário não só no Brasil como no mundo. São histórias de pós-tumulo, presença de entes supra-humanos, assombrações, mortos em acidentes trágicos, ou assassinados, casarões mal-assombrados entre outros. No Ceará esta literatura é muito bem representada por contos e livros como a exemplo: o Padeiro-mor Juvenal Galeno, Papi Junior, Oliveira Paiva, Emilia Freitas, Bezerra de Menezes entre outros. Em O Pão pode-se observar alguns traços desta tradição de histórias sobrenaturais. Apontamos como exemplo pelo menos dois contos do jornal. O Padeiro Cabral de Alencar nos relata traços deste gênero. A primeira destas histórias no conto intitulado “O retrato”, quando escreve que um dos personagens tem a vida psicologicamente afetada por viver uma história de amor com uma mulher morta, quando se hospeda na antiga casa de um amigo. Ver: O retrato. O Pão 36, fortaleza, 31 de outubro de 1896. P.3,4. Do mesmo Padeiro também encontramos traços desta literatura cheia de mistérios em outro conto: Lucia. O Pão, Fortaleza, 15 de abril de 1895, n. 14, p. 3.

³³⁸ DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 12.

³³⁹ Feliz. O Pão, Fortaleza, 15 de maio de 1895, n. 16, p. 5.

sociedade com base escravista à qual o filósofo pertencia, essa situação só era possível de ser vivida pelos cidadãos livres.³⁴⁰

Essa crítica à vivência do ócio ser possível apenas para as pessoas mais abastadas também percebemos nos frustrados e irados textos de Adolfo Caminha ao comentar um dos aparatos de lazer da elite em Fortaleza, o Prado,

Nada mais tristes do que uma pessoa ser doida por cavalos e ver-se constrangida, por força das circunstancias *nikelinas*, a não pôr os pesinhos no prado e a deixar-se ficar em casa, burguesamente, estupidamente, ruminando planos inesquecíveis, a construir castelos no ar, com um tédio sem nome a espicaçar lhe todas as fibras de organismo, enquanto os outros, os felizes, lá vão aquelas horas, radiantes de contentamento, com os bolsos recheados, gozar as tépidas emoções de um dia de sol no Prado.³⁴¹

Caminha, ao final do relato escreve que, provavelmente, os leitores dirão após ler sua coluna que não pode chorar, mas para o autor “O que pode o ser humano fazer diante desse fato tão cruel” (a divisão social brutal que determina as opções de quem pode ter ócio?), representado tão visivelmente em seu texto. Para Caminha e os homens de letras do seu tempo os estudos, os livros, a leitura e a literatura eram o caminho para algum reconhecimento e a saída mais justa a essa situação.

Conforme pontua Brito, a intelectualidade do Ceará entendia que a literatura era única maneira do povo cearense libertar-se do atraso, pois a província não dispunha ainda de bens culturais artísticos de expressão tais como pintura, arquitetura ou música. Assim, o incentivo da literatura se torna uma bandeira das associações de letras, pois proporcionaria o progresso da população e a civilização.³⁴²

³⁴⁰ Colocamos aqui o conceito de ócio aristotélico ou autotélico que é discutido e defendido pelo autor Manuel Cuenca Cabeza, professor da Universidade de Bilbao nos Estudos de “Ocio y Desarrollo Humano”, como atividade livre individual ou coletiva, o que para o estudioso o ócio deve ser entendido e diferenciado dos termos lazer e tempo livre, pois nestas duas descrições, as atividades acontecem de forma programada. Para o autor: “O ócio não pode ser entendido como tempo, nem como um conjunto de atividades que se denominam como tal, mas sim como uma atitude pessoal e/ou comunitária que tem sua raiz na motivação e no desejo. O ócio torna-se realidade no âmbito subjetivo, mas também se manifesta como fenômeno social. Essa visão ampla de ócio está na base de todas as demais, e pode-se dizer que ela é acessível às pessoas, uma vez que, ao longo da história humanidade, tem estado presente no jogo, na festa, no usufruto da cultura e em outras manifestações”. CABEZA, Manuel Cuenca. O ócio autotélico. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, Sesc, maio de 2016. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/files/artigo/f0424b9b-7e21-4e59-a24f-9dd945f7c200.pdf> . Acesso em 10 mar. 2021.

³⁴¹ Sabatina. **O Pão**, Fortaleza, 13 de novembro de 1892, n. 4, p. 3.

³⁴² BRITO, Luciana. **O Pão (1892-1896)**: veículo de divulgação literária e instrumento de intervenção na realidade social cearense. 2008. 248p. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista.

Nesse sentido, nota-se nos padeiros a construção de um público leitor, para as emergências das letras que trariam um bem maior às pessoas, estavam engajados na luta do potencial humano pautado nos estudos, já que tinham ciência de suas poucas possibilidades de viver o prazer dos lazeres na nova cidade, assim se esforçavam em buscar o ócio ao qual se referem os gregos. Sempre indignados com a pouca importância dada às letras, identificamos essa preocupação com os ideais de elevação espiritual de um público leitor, que necessitava de mais oportunidades (acesso à educação, principalmente) para se desenvolver o que seria possível através do hábito de ler.

O Padeiro Antônio Sales escreveu uma série de impressões que um fictício amigo fluminense teve sobre a cidade de Fortaleza. Em última parte do texto “Carta de um carioca”, discorre sobre mais um dos muitos aspectos sociais (alguns já citados por nós na p. 81). Dessa vez, ele nos fala sobre as preocupações com a arte das letras e a leitura no Ceará e no Brasil:

Em todo caso não é completa a nossa desilusão: - há boa vontade, há talento e emulação nesta geração cearense entre a qual já se contam alguns nomes de valor e donde podem sair com algum tempo de estudo e de trabalho escritores que venham honrar as letras nacionais. Quanto a formação de um público que os estime e o consagre não é lícito aventar hipótese alguma...

Parece que a educação brasileira preside cada vez mais “a preocupação constante do lado prático e material, do provento a auferir imediatamente, que é a morte de toda elevação moral, de todo pensamento verdadeiramente nobre e desinteressados” (...) ³⁴³

O escritor deixa claro aqui que sua concepção se aproxima do pensamento aristotélico de conhecimento, pois para ele o problema da educação estava centrado principalmente na falta de gosto pela leitura e a contemplação do Espírito. Conforme expressa, o desenvolvimento do ócio era essencial para todas as outras nuances da vida, inclusive as práticas, que também eram afetadas pela falta de incentivo ao conhecimento, e isso comprometia a ideia de civilização humana que acreditava:

No Brasil não há público legente porque nossa defeituosíssima instrução não incute nos espíritos jovens nenhuma noção de gosto literário, que não só prejudica as ocupações práticas como até as suaviza, trazendo as exigências uma porção de espiritualidade

³⁴³ Carta de um carioca. **O Pão**, Fortaleza, n. 35, pp. 2-3.

indispensável para que o homem seja um ser tal como a civilização o fez.³⁴⁴

O termo *otium* latino deriva da palavra grega *skholé*, que, para nós é “escola”. A forma de compreender ócio através de uma visão Aristotélica ou clássica, é entendê-lo em um estado de contemplação, desenvolvendo-se em momentos de criação, de aprendizagem.³⁴⁵

O ócio de que fala Aristóteles, refere-se à atividade humana de levar o ser humano a sua realização pessoal e a gozar da felicidade que lhe é própria enquanto dotado de inteligência e liberdade, para forjar a si mesmo e conseguir sua mais alta e específica nobreza. Platão diz que contemplar é ‘levantar os olhos da alma e cravá-los naquilo que da luz a todas as coisas.’³⁴⁶

Para os romanos se seguiram os valores gregos ligados à riqueza da valorização do pensamento livre e de uma vivência baseada em sabedoria. Nessa sociedade podemos observar a abrangência desse sentido, com a união do intelectual e a descoberta de sentidos, uma pretensão clara de celebração à vida sem um limite estabelecido, como se as descobertas pudessem estar para além da aprendizagem, representadas nas festas, banquetes, no repousar e trocas de ideias filosóficas nos banhos termais. Essa ideia tem aí a expansão para uma concepção de aproveitamento do “tempo livre”, o repouso como necessário.³⁴⁷

Em reunião descrita na coluna Carteira em *O Pão* n. 22, o autor descreve animada celebração onde foi possível a apresentação de trabalhos literários diversos, enriquecida com a presença de um ilusionista:

Duas sessões se realizou a Padaria Espiritual nesta quinzena - a primeira em casa de Antônio Sales e a segunda em casa de Rodolfo Teófilo. Leram-se numerosos trabalhos em prosa e verso e cartas de literatos de diversos Estados. Foram exibidos os autógrafos de dois livros de versos – Procellas de Lopes Filho, e Telesias de Rodolfo Teófilo. Ambos os anfitriões foram admiráveis de amabilidade para com seus convivas, dos quais fazia parte, na última festa o distinto

³⁴⁴ Idem.

³⁴⁵ CHAUÍ, Marilena. Introdução. In: LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. São Paulo: Ed. Hucitec; Ed. Unesp, 2000. pp. 9-22.

³⁴⁶ MUNGUÍA, S. S.; CUENCA, M. C. **El ocio en la Grécia clásica**. Bilbao: Universidad de Deusto, 2007. p. 23.

³⁴⁷ FRANCILEUDO, Francisco Antônio. **Desvelando o valor do tempo para si: um estudo hermenêutico sobre o sentido ontológico do ócio**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade de Fortaleza, 2009 p. 117.

ilusionista e fino cavalheiro D. Enrique Moya, que entre aplausos executou bonitas sortes.³⁴⁸

Em outra sessão, podemos perceber que as reuniões tinham participação de outras associações, o que enriquece o debate, tornando possível a discussão de ideias, e que era possível a participação das “senhoras” dos integrantes, fato muito importante de ser acrescentado, uma vez que as mulheres não tinham acesso ao mundo fechado das letras quase exclusivamente masculino³⁴⁹.

Duas sessões e das mais interessantes da nossa associação temos que registrar – uma realizada no dia 30 de agosto findo em casa de Moacyr Jurema e outra no dia 8 do mês corrente em casa de Bruno Jacy em Porangaba. Na primeira, que teve brilhante assistência de senhoras e cavalheiros estranhos a Padaria os quais se encontrava Guilherme Studart e Justiniano de Serpa, foram lidos excelentes trabalhos em prosa e em verso dos quais a falta de espaço não nos permite fazer enumeração.³⁵⁰

Além dessas, acrescentamos outra verdadeira festa literária-musical que organizou o padeiro Antônio Sales na visita do tenor Antônio Rayol³⁵¹ à Fortaleza, também comentada:

Uma comissão composta de José Marçal, Antônio Sales, Ricardo Silveira e Francisco Salgado oferece no próximo domingo uma matine ao festejado tenor brasileiro Antônio Rayol.

³⁴⁸ As nossas sessões. **O Pão**, Fortaleza, 15 de agosto de 1895, n. 22, p. 7.

³⁴⁹ Não só as mulheres faziam parte da festa literária da Padaria Espiritual como eram incentivadas a leitura pelos padeiros, como consta em alguns anúncios e poemas o jornal sendo agraciado para o deleite das “leitoras”, sendo o gênero dirigido diretamente no feminino, a exemplo o poema citado no corpo desta dissertação intitulado “Bolachinhas” em **O Pão** 1, p.2. Também podemos verificar este incentivo dos escritores tanto as leitoras quanto as escritoras, pois observamos no jornal o elogio ao talento da escritora e poetisa Francisca Julia da Silva (1870-1920) em artigo intitulado “Marmores” escrito por Anatolio Gerval. Ver: Marmores. **O Pão** 22, p.4 – Fortaleza, 15 de agosto de 1895. O trabalho da escritora cearense Francisca Clotilde também é elogiado na sessão Carteira, em **O Pão** 27, p.7, quando é descrita como talentosa cheia de naturalidade e arte. Ainda no que se refere a presença feminina fica claro no jornal a participação das esposas dos integrantes não só nos bastidores das fornadas, mas também na colaboração do jornal, como exemplo a isso temos a publicação da escritora Ana Nogueira Baptista (1870-1967), abolicionista, cearense, mulher de letras, casada com o Padeiro Sabino Batista (Satyro Alegrete). Vita Nuova. **O Pão**, Fortaleza, 31 de outubro de 1896, n. 36, p. 8.

³⁵⁰ As nossas sessões. **O Pão**, Fortaleza, 01 de outubro 1895, n. 25, p. 7.

³⁵¹ Antônio Carlos dos Reis Rayol (1855-1905), compositor, tenor. Nascido de uma família de músicos, era irmão do compositor Leocádio Rayol e do violoncelista e barítono Alexandre Rayol. Estudou canto, harmonia e composição na cidade italiana de Milão. Foi classificado pelo estudioso Renato Almeida como sendo "uma das mais belas vozes de barítono do Brasil" em sua época. Foi professor de música em escolas de São Luís e dirigiu a Escola de Música do Maranhão que foi fundada em 1901. Foi professor de canto no Conservatório de Música da Bahia. Antonio Rayol. **Dicionário MPB**. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/antonio-raiol/biografia>. Acesso em: 03 mar. 2021.

Foram parte do festival muitos dos nossos mais distintos amadores. O programa, que se está organizando é quase todo desconhecido do nosso público e encerra verdadeiras joias musicais.

Enfim a festa parece-nos que vai ser digna do distinto artista a que é consagrada.³⁵²

Fruto dessa passagem do músico pelo forno, se deu o hino da Padaria Espiritual, (com letra de Sales e música de Rayol) que costumava ser cantado³⁵³ pelas esposas e membros antes das fornadas. Como podemos observar na letra do Padeiro, o grêmio estava sintonizado e empenhado em cantar ao ideal da sabedoria espiritual que para ele expressa “em inteligência e amor”, o que se convertia em verdadeira luta a ser desbravada na terra do sol (Ceará). Outro ponto que podemos destacar na letra é que essa missão será anunciada por trombetas de glória festiva, pois as boas lutas assim devem ser anunciadas, sendo o objetivo principal dessa luta o reconhecimento das glórias merecidas da região Norte:³⁵⁴

Hino da Padaria

Em busca do templo d'arte
Marchemos com santo ardor
A desfraldar o estandarte
As inteligência e do amor!

Lutemos, lutemos
Das Letras em prol!
As fronte ornemos
De raio de sol!

Dos áureos clarins da glória,
Festiva, reboa além
A voz que impele á vitória
Os lutadores do Bem

Lutemos,

³⁵² Matine. **O Pão**, Fortaleza, 15 de setembro de 1895, n. 24. p. 7.

³⁵³ FIUZA, R. C. P. op. cit., 1992, p. 44.

³⁵⁴ Hoje a região conhecida como Nordeste, era ainda a época dos padeiros descrita como Norte. Desde as Capitânicas Hereditárias, em 1534, até a criação do estado do Tocantins, em 1990, várias mudanças foram feitas no desenho do mapa brasileiro e de suas regiões, a divisão das cinco regiões que compõe o território brasileiro da forma como conhecemos hoje só acontece em 1970. Conforme afirma Durval Muniz de Albuquerque Jr. “O Nordeste é filho da ruína da antiga geografia do país, segmentada entre “Norte” e “Sul”(…) A invenção do Nordeste, a partir da reelaboração das imagens e enunciados que construíram o antigo Norte, feita por um novo discurso regionalista, e como resultado de uma série de práticas regionalistas, só foi possível com a crise do paradigma naturalista e dos padrões tradicionais de sociabilidade que possibilitaram a emergência de um novo olhar em relação ao espaço (...)” ver mais em: ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011. pp. 51-52.

Sob esta amplidão profunda
Ergamos um branco altar
A Arte que nos inunda
Com as bênçãos do seu olhar

Lutemos!

Que a nossa ardente coorte,
Na cruzada do Ideal,
Levante em terras do Norte
Padrões de glória imortal

Lutemos!³⁵⁵

Como podemos refletir, as questões que remetem ao mundo do ócio são antigas, e estão enraizadas em dois grandes pilares que paradoxalmente seguem em busca de sua conexão histórica. O primeiro pensamento de libertação da mente, voltada a uma posição greco-romana é fruto da Antiguidade Clássica, está presente mais ao movimento que ansiava a contemplação do ócio, já o segundo se ampara nas lutas dos ideais modernos capitalistas, alimentados pela eficiência do tempo, primando aí pela negação do ócio, o “negócio”.³⁵⁶

É na concepção de atitudes que nos remetem à liberdade de viver o tempo não apenas de forma eficiente que encontramos conexão aos estudos dos escritores da Padaria Espiritual, pois percebemos que, para os autores, os prazeres estavam alinhados a uma necessidade básica do ser humano. Mais uma vez, Antônio Sales puxa o tom para a festa quando assina a crônica que abre a edição de outubro de 1895, quando destaca a festa comemorativa do Padeiro Honorário Juvenal Galeno.³⁵⁷

Há muito tempo que não nos era dado ver uma festa tão significativa, tão encantadora na sua singeleza e espontaneidade como a manifestação que a Padaria Espiritual fez ao grande poeta popular

³⁵⁵ Hino da Padaria Espiritual. **O Pão**, Fortaleza, 01 de novembro de 1895, n. 27, p. 6.

³⁵⁶ TEIXEIRA, Francisco Alexandre Silva. **A cidade, o lazer e a criança**: O programa Curumim no SESC/Santana (2005 a 2014). Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015. p. 27.

³⁵⁷ Juvenal Galeno (1838- 1931), Cearense de Fortaleza, foi pioneiro em quase tudo que se refere em literatura no Ceará. Galeno era primo pelo lado paterno de Capistrano de Abreu e Clóvis Beviláqua e pelo lado materno de Rodolfo Teófilo. É considerado o fundador do primeiro jornal puramente literário no Ceará, escreveu numerosas poesias assim como a obra crítica *Lendas e Canções Populares*. Seu livro *Prelúdios Poéticos* de 1856 é considerado como “marco inicial do Romantismo no Ceará”. Iniciou sua carreira como alferes nos quadros da guarda nacional, como também no Partido Liberal, em cujo jornal passou a colaborar. Ver mais em: SOUSA, Alexandre Vidal de; SILVA, Fernanda Maria Diniz da. *Lendas e canções populares, de Juvenal Galeno: a expressão poética do povo brasileiro*. In: SILVA, Fernanda Maria Diniz da; *et al* (orgs.). **Percursos da literatura no Ceará**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017. pp. 21- 31.

Juvenal Galeno, que dia 27 do mês findo completou o seu 59º aniversário Natalício.³⁵⁸

A festa promovida pela Padaria tem ares de comemoração filosofal, porém com a pitada de escândalo típico da padaria. Conta Sales que a comemoração foi tão intensa que foi difícil manter a surpresa, tão ansiosas estavam as esposas dos integrantes, que “goraram” o segredo da comemoração ao enfeitarem a casa, “chegou a banda de música que mandamos pôr a frente da casa do poeta, já essa, estava iluminada e enfeitada a nossa espera”.³⁵⁹

Figura 27 – o Padeiro Honorário Juvenal Galeno aos 92 anos de idade ao lado da esposa, ditando uma de suas últimas produções a filha. O também padeiro Antônio Sales considerava o escritor como o criador da poesia popular brasileira.



Fonte: Somos Vos. Disponível em:
<https://www.somosvos.com.br/casa-juvenal-galeno/>
Acesso em 13 mar. 2021.

³⁵⁸ Os quinze dias. **O Pão**, Fortaleza, 01 de outubro de 1895, n. 25, p. 1.

³⁵⁹ Idem.

Figuras 28 e 29 – Fachada da casa de Juvenal Galeno construída em 1888 e que foi transformada em sede Cultural de eventos em 1919. Hoje a casa é tombada patrimônio cultural, e abriga museu, biblioteca, editora e salões para eventos literários e culturais.



Fonte: Somos Vós. Disponível em:
<https://www.somosvos.com.br/casa-juvenal-galeno/>

Acesso em 13 mar. 2021.

Logo no início, verificamos que Sales comemora o ócio de muitas formas. Primeiramente, não mede elogios ao Padeiro Luiz Sá, que se encarregou de pintar o diploma oferecido ao aniversariante como presente. Na opinião do amigo, tem dom fora do comum nas artes, e que no grupo há variedade de trabalhadores no ofício das mais diversas artes:

Redigido o diploma, encarregou-se de desenhá-lo o Padeiro Luiz Sá, o grande e modesto artista que quer empunhado de lápis desenhista, quer a pena de calígrafo se revela um talento fora do estalão comum. [...] (Vê-se o público que na Padaria tem gente para tudo, e ainda sobra – mas para tudo o que é bom entenda-se)³⁶⁰

³⁶⁰ Idem.

O padeiro faz questão de descrever que, entre os convidados, contava com a presença de pessoas ilustríssimas das letras do Estado, que vieram prestar homenagem ao poeta, e que Galeno emocionado agradece:

Ao grupo da Padaria Espiritual incorporaram-se o Dr. Justiniano de Serpa, da Academia Cearense, Joao Perdigão do Instituto Histórico e Luz Barreiros, da Mina Literária do Pará. As 7 e pouco da noite entravamos pela casa de Juvenal. Waldemiro Cavalcanti, numa locução de fino lavor literário e cheio de sentimento saudou em nome da Padaria e fez a entrega do diploma. Juvenal agradeceu com quatro palavras e algumas lágrimas (...).³⁶¹

Após as homenagens com palestras e trabalhos, anuncia-se o banquete. Para demonstrar o ar de fartura (literária e comilança), o padeiro afirma em tom jocoso que um dos amigos estava saciando sua fome de forma voraz. Em meio ao jantar com brindes e comemorações das diversas obras do aniversariante, o autor afirma que comemoração chegava a ser compartilhada com os que passavam na rua arrancando aplausos do público:

Mais tarde, após longa deliciosa palestra sobre letras, fomos conduzidos a sala de jantar onde se pompeava uma vasta mesa artisticamente enfeitada e succulentamente povoada de coisas capazes de escangalhar a abstinência de um santo e de saciar ao ... (consintam que não estampemos aqui o nome de um dos nossos companheiros - talentoso e excelente rapaz, mas que, pelos modos, sofre de uma fome canina). Foi indescritível o efeito produzido por essas duas joias da poesia popular. Palmas incoercíveis rebentavam a cada estrofe, e até o povo que se apinha na calçada e disputava lugar nas janelas manifestava com aplausos o seu entusiasmo.³⁶²

Em outras palavras, os padeiros deixam claro que na vida precisamos de bens que alimentam o corpo, ou seja, nossas necessidades primeiras, como também necessitamos dos bens que nutrem o espírito, ou seja, as artes, os sonhos, o companheirismo, os amores, nos quais é possível enxergar a poesia da vida.

Antônio Candido discute esse posicionamento citando seu amigo sociólogo, Louis-Joseph Lebret,³⁶³ e sua teoria sobre bens compressíveis e incompressíveis. Ou

³⁶¹ idem.

³⁶² Idem.

³⁶³ Louis-Joseph Lebret (1897-1966) nascido na França, foi um economista e religioso católico preocupado com o desenvolvimento humano social, chamou a atenção da igreja e do mundo ocidental para a questão do subdesenvolvimento de países da América do Sul e outras regiões mundiais. O padre trabalhou inicialmente com marinheiros e pescadores da sua cidade natal, Saint-Malo, onde ele tomou consciência da exploração capitalista representada pelos grandes navios pesqueiros que faziam concorrência à pesca artesanal e comunitária da região. Estudou a obra de Marx, e incorporou à doutrina social cristã a noção de mais-valia, fazendo a crítica à economia liberal. A teoria da Economia

seja, os bens incompressíveis ou imprescindíveis são aqueles que precisamos para existir, tais como alimento, casa e roupa, enquanto outros são bens dispensáveis tais como cosméticos e enfeites considerados compressíveis: “eu lembraria que são bens incompressíveis não apenas os que asseguram a sobrevivência física em níveis descentes, mas também os que garantem a integridade espiritual”.³⁶⁴ Desse modo, não precisamos, segundo o autor, limitar nossa existência apenas a necessidades básicas de alimento do corpo, compreendendo que a literatura é um bem imprescindível e, mais que isso, um direito humano.

No número inicial de *O Pão*, podemos perceber que a ideia de um prazer literário ganhava as páginas do jornal. Os autores reforçaram em publicação do jornal a petição feita ao governador sobre a alteração do horário de abertura da biblioteca, para que fosse possível a utilização do espaço pelos trabalhadores que nunca tinham sequer pisado no local, o que, segundo o autor, não por falta de interesse e sim por não ter oportunidade:

Concitamos o cidadão Governador do estado a dar execução á petição que lhe dirigimos a respeito do horário da Biblioteca Pública. Este estabelecimento abre-se ás 10 horas da manhã e fecha-se ás 3 da tarde, como qualquer outra repartição. Quem escreve estas linhas nunca transpôs o umbral da biblioteca, apesar do grande desejo e necessidade que tem de fazê-lo, porque está aferrado ás suas obrigações justamente ao tempo em está ela aberta ao público. Vamos, cidadão Governador, seja razoável, faça isto: mande abrir a biblioteca das 7 às 9 da manhã e das 6 às 9 da noite, garantimos que ela será frequentada por muita gente que, à falta de ocupação melhor, vai jogar bilhar na Maison e dominó no Java. Faça o nosso pedido; sim?³⁶⁵

Essa dificuldade no acesso aos livros também fica evidente em resposta à sociedade Perseverança de Maceió, quando a mesma solicita à Padaria que lhe envie o Jornal *O Pão* e alguns livros, o assunto é até motivo de piada entre os padeiros, o que foi descrito como “um cego buscando ajudar o outro”. Alegam não poder ajudar no fornecimento de livros pois tampouco os tem,

Humana a qual estão os pensamentos de bens incompressíveis, parte das necessidades do trabalhador e não dos cálculos de lucro do empresário. Cf: BOSI. Alfredo. Economia e Humanismo. **Estudos avançados**. Vol. 26. No. 75 São Paulo, 2012. Disponível: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142012000200017. Acesso em: 07 mar. 2021.

³⁶⁴ CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In: Vários Escritos. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995. pp. 235-263, p. 240.

³⁶⁵ Biblioteca. **O Pão**, Fortaleza, 10 de julho de 1892, n. 1, p. 8.

A sociedade “Perseverança e Auxílio dos Caixeiros”, de Maceió, pedenos a remessa de O Pão e de alguns livros, para a sua Biblioteca. Quanto ao “Pão” vamos envia-lo aos dignos rapazes, mas livros, nada disso! Nós, os padeiros, andamos também empenhadamente mendigando livros para a Biblioteca da Padaria, e os caixeiros de Maceió, fazendo-nos um pedido nas condições do que nos fez, é caso de dizer se que um cego á parta de outro...(...)³⁶⁶

Para a divulgação do trabalho de escritor, e apesar das dificuldades de publicação, o jornal é enviado às muitas agremiações pelo Brasil e até mesmo em Portugal, sendo alguns correspondentes e divulgadores os literatos portugueses³⁶⁷ Abel Botelho³⁶⁸ e Joaquim Araújo.³⁶⁹ A solicitação de livros através dessas redes de amizade tornaria possível uma biblioteca do próprio grêmio, que com o tempo seria aberta à população. Em outro tipo de ação que contribui para uma atitude do ler e o desejo de propagação da leitura é a distribuição gratuita do jornal como forma de comemoração do Natal de 1894: “Afim de festejar a grande data do nascimento de Jesus – extraordinário filosofo do Evangelho, o intemerato revolucionário do bem, resolvemos brindar nossos leitores distribuindo gratuitamente este número de O Pão”.³⁷⁰

No entanto, o empenho em divulgar O Pão do Espírito seria nula se não houvesse gente instruída ou, pelo menos, alfabetizada para ler. Preocupados com o acesso das crianças às escolas, logo no início do jornal os padeiros questionam a

³⁶⁶ Carteira. **O Pão**, Fortaleza, 24 de dezembro de 1892, n. 5, pp. 7-8.

³⁶⁷ Consta em O Pão artigo sobre a gentileza do escritor português, que enviou três de seus livros a biblioteca da Padaria, agradecem os padeiros: “(...) Sumamente penhorados com tão valiosa oferta, enviamos a Abel Botelho as expressões de nosso profundo reconhecimento”. **O Pão**, Fortaleza, 24 de dezembro de 1892, n. 5, p. 2.

³⁶⁸ Abel Botelho (1854 - 1917) foi coronel de Estado-Maior do Exército, escritor, político e diplomata português. Representante em Portugal do realismo extremo, naturalismo. Tinha simpatia pelos grêmios e associações literárias, tanto que fez parte de muitas academias: Academia das Ciências, Associação dos Jornalistas e Escritores Portugueses, de Lisboa e do Porto, Associação da Imprensa, Sociedade Geográfica de Lisboa. Fonte: Dicionário de personagens de ficção portuguesa. Disponível em: <http://dp.uc.pt/conteudos/corpus-de-ficcionistas-a-a-z/item/29-botelho-abel> Acesso em: 02 mar. 2021.

³⁶⁹ Joaquim de Araújo – (1858-1917) – O português Joaquim Araújo foi escritor, poeta e diplomata. Também era adepto dos grêmios e muito contribuiu para o incentivo da literatura portuguesa. Pertenceu à Academia das Ciências, ao Instituto de Coimbra, à Sociedade de Geografia de Lisboa e à Sociedade de Geografia Comercial do Porto. Fundou em 1882, no Porto, o Grémio Literário e Recreativo Infante D. Henrique, instituição que visava contribuir para a integração intelectual das classes operárias. Foi um dos fundadores da Sociedade Nacional Camonianana. Ver mais em: BRITO, Ferreira. Joaquim de Araújo e a expansão europeia da cultura Portuguesa. **Instituto de Estudos Franceses da Universidade do Porto**. 2000. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13183.pdf> Acesso em: 02 mar. 2021

³⁷⁰ Artigo de fundo. **O Pão**, Fortaleza, 24 de dezembro de 1892, n. 1, p. 5.

situação do ensino público, e designam um dos componentes intitulado “olho da providência” a se inteirar das condições da educação na cidade, ao que parece que há escolas e não há alunos,

Nosso colega que exerce as funções de Olho da Providencia anda verificando o estado das escolas públicas, das quais nos ocuparemos nesta coluna logo que ele termine as suas observações. Parece que há atualmente nesta capital mais escolas do que meninos... Veremos o que há...³⁷¹

Para os escritores, a ideia era, através da leitura, levar o Pão do espírito das artes para os cearenses em especial, e aos brasileiros em geral, assim, formar um público mais ávido às letras, evidenciando suas tradições e divulgando sua literatura era essencial, e para isso precisava de leitores que só eram possíveis com a abertura das escolas³⁷² e o fim da evasão escolar.

Fortaleza, como outras províncias do império, não teve um desenvolvimento educacional intenso na primeira metade do século XIX, assim a instrução contava com poucas opções de colégios particulares e com bem poucas iniciativas públicas. O ensino dessa forma estava dirigido aos filhos de famílias ricas, que depois de algum tempo saíam do Estado para cursar as academias dos grandes centros do país.³⁷³

Em “Uma família romântica”, podemos observar a contribuição que os folhetins trazem para a divulgação do hábito de ler. Há, na prosa do Padeiro Jose Carvalho, uma representação do quão importante se tornou a leitura para as pessoas, a ansiedade de acompanhar os desfechos das histórias que vinham fracionadas nos jornais.

Uma família romântica

Em um dos primeiros trimestres do ano de 188.. o jornal Cearense publicava um interessante folhetim intitulado o Segredo de Daniel. Os correios só de oito em oito dias é que levavam os jornais á comarca onde o Sr. Mendo habitava uma formosa propriedade. Este senhor,

³⁷¹ Escola. **O Pão**, Fortaleza, 10 de julho de 1892, n. 1, p. 3.

³⁷² Em outro artigo de **O Pão**, 06 novembro de 1892, n. 3, p. 7, de também encontramos mais uma vez o apoio a educação, publicam os Padeiros na seção Carteira: O artigo operário desta capital, por intermédio de sua diretoria, pede nosso auxílio para a quermesse que pretende realizar no dia 24 de dezembro próximo em benefício das aulas noturnas que funcionaram no salão das sessões do mesmo Partido. Pois não: fique certo O Partido Operário de que a Padaria achará um meio de concorrer para êxito de tão generoso designo.

³⁷³ BRITO, Luciana. **O Pão (1892-1896):** veículo de divulgação literária e instrumento de intervenção na realidade social cearense. 2008. 248p. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista. p. 145.

casado, cercado de uma ninhada de filhos, distraia-se do enfado da lavoura lendo os jornais que lhe chegavam aos maços em dias determinados da semana.³⁷⁴

O autor nos fala a história de toda uma família que compartilha o gosto literário, e percebemos que no texto há toda uma preocupação em colocar os leitores próximos dos personagens, refletindo seus sentimentos neles, pois o romance arrebatava os sentimentos até do Patriarca da casa,

(...) o Sr. Mendo, pálido e tremulo de comoção continuava a ler a interessante narrativa. Todas as palavras, todos os pensamentos, o fio d'aquela cadeia de sentimentos identificavam-se, uniam-se, sentiam as mesmas impressões, sofriam os mesmos vexames, as mesmas dores que o protagonista do romance.³⁷⁵

Mesmo as discussões políticas perdiam o sentido, pois estavam tão tomados pelo gosto literário que a realidade se chocava com as desventuras do personagem. Aqui o Padeiro chama a atenção para a alienação que a leitura apenas desse gênero poderia causar: “As discussões políticas não tinham mais significação alguma, ninguém prestava mais atenção aquele acervo de odiosidades; só Daniel, só as suas desventuras habitavam naqueles corações ...(...)”.³⁷⁶

Tania Serra³⁷⁷ discorre sobre o perfil do leitor de folhetim brasileiro, comparando-o com o leitor francês, onde o gênero se iniciou. Para a autora os dois públicos são completamente diferentes, principalmente porque no Brasil ainda não há uma tradição cultural ligada à leitura, que toma forma após 1840 com a ampliação do mercado do livro, à difusão da escola, alfabetização e a valorização do ambiente privado (ideia de família) e do lazer.

Entretanto, a autora aponta que se assemelham em alguns pontos, pois tanto aqui quanto na França, o gênero não requer do leitor tanto raciocínio, não procura uma discussão ou problematização para as situações mirabolante dos textos. Afirma que os folhetins não contribuíram para uma formação de consciência ou reflexão dos leitores,³⁷⁸ mas foram fundamentais para a divulgação de escritores e garantiram os

³⁷⁴ Uma família romântica. **O Pão**, Fortaleza, 15 de dezembro de 1895, n. 30, pp. 4-5.

³⁷⁵ Idem.

³⁷⁶ Idem.

³⁷⁷ Ver mais em: SERRA, Tania. **Antologia do romance-folhetim: 1839 a 1870**. Brasília: Ed. Da Universidade de Brasília, 1997. pp. 27-35.

³⁷⁸ A autora acrescenta que este fato muda após a publicação dos romances de Eugène Sue, no qual os leitores se deparam com problemas sociais dos personagens, e começam a se identificar com estes

ganhos dos jornais, além de possibilitar que muitos desenvolvessem o gosto pelo hábito de ler.

O Pão buscava conquistar aos poucos seus leitores, os textos publicados tinham formato simples e muitas vezes suave, essa química somada à irreverência tornava as críticas mais digestivas, há claramente na posição dos padeiros uma forma de expandir o gosto literário, pois em um único jornal podemos contar com textos que vão de artigos científicos³⁷⁹ a poesias. Em artigo intitulado “Padaria Espiritual”, Raimundo Correia³⁸⁰ expressa essa opinião sobre O Pão ser uma opção leve aos leitores,

Tão suculento título, como esse do – Pão – a encimar um jornal de coisas leves, só é deveras estranhável para o burguês sentimental, que se adequou às leves coisas da mariposa e do porvir literário (...) O Pão ... Ora, deixa-o tu, burguês pão como é e com a massa de que é feito, na qual ninguém te convida a meter a mão.³⁸¹

Também escreve que os moços da Padaria praticamente tiravam leite de pedra, já que, para o literato, as províncias eram estados sem autonomia, sem vida própria em que o jornalista tinha em suas palavras “carreira ingrata e desdenhada pela gente séria, cujos proventos, além de minguados, tem um ligeiro ar de ganhos ilícitos”³⁸² e mesmo assim, seguem em sua opinião, os padeiros esperançosos como desbravadores das letras no Norte do país:

problemas, gerando assim consciência e proporcionando novos questionamentos sociais. Ver mais em: SERRA, T. op. cit., p. 27.

³⁷⁹ O padeiro Rodolfo Teófilo é exemplo desta diversidade, publicou em O Pão artigos científicos como o extenso artigo: As manchas do sol, nas edições de 10, 11 e 12, também foi escritor cheio de espírito na execução da poesia e contista nas páginas do jornal, onde publicou partes de seus livros, como Os Brilhantes. O Pão, Fortaleza, n. 18, pp. 3-4. Foi ainda crítico literário dos mais ácidos a obra do ex-padeiro Adolfo Caminha.

³⁸⁰ Raimundo da Mota de Azevedo Correia (1859-1911) Maranhense, magistrado, professor, diplomata e poeta, nasceu em 13 de maio de 1859, a bordo do navio brasileiro *São Luís*, ancorado na Baía de Mogúncia, e faleceu em Paris, França, em 13 de setembro de 1911. Viajou para Paris onde tentou tratamento a tuberculose sem sucesso, sendo este mal que antes o levou a Capital do Ceará a fim de se tratar, estabeleceu amizade com os Padeiros e viria ser um correspondente estimado pelos autores. Anos depois faleceu na cidade luz (Paris), e teve seus restos mortais trasladado ao Brasil em 1920 pela academia Brasileira de Letras. Se formou magistrado atuando nos mais diversos órgãos colaborando com revistas, jornais e na área do direito, apesar de flertar inicialmente com o romantismo, encontrou-se poeta Parnasiano e foi um dos mais comprometidos com o rompimento da estética romântica e seus sentimentalismos. Raimundo Correia ocupa um dos mais altos postos na poesia brasileira. Em seu livro de estreia, *Primeiros sonhos* (1879) insere-se ainda no Romantismo, já na obra em *Sinfonias* (1883) nota-se sua total liberdade com o novo gênero o que seria marca definitiva em seu trabalho. Segundo os cânones o Parnasianismo é uma escola literária que, estabelece-se por uma estética de rigor formal, sendo o poeta um dos mais perfeitos em seu conjunto na língua portuguesa, formou com Alberto de Oliveira e Olavo Bilac a famosa Trindade Parnasiana. Além de poesia, deixou obras de crítica, ensaio e crônicas.

³⁸¹ Padaria Espiritual. O Pão, Fortaleza, 01 de agosto de 1895, n. 21, p. 06.

³⁸² Padaria Espiritual. O Pão, Fortaleza, 15 de agosto de 1895, n. 22, p. 06.

Um dia na formosa e risonha Fortaleza, alguns moços talentosos decidiram ajuntar-se, no intuito comum de estimular o estudo e o desenvolvimento das letras, constituindo uma associação que fosse como o núcleo da literatura do Norte. (...)

Por parte dos moços da Padaria espiritual, que se abalançam tanto, é preciso de certo essa rara coragem que só uma forte fé será capaz de sustentar, um nobre desinteresse e ao mesmo tempo uma grande confiança no futuro, que só o coração da própria mocidade será capaz de nutrir.³⁸³

Não há um gênero certo aos escritores, muitos escreviam prosas e se arriscavam nos poemas e crônicas, faziam críticas literárias uns dos outros para divulgarem as obras dos amigos e de autores renomados³⁸⁴. Mandavam seus recados para eventos de publicações de obras, publicavam cartas enviadas entre os amigos (quando esses viajavam pelo interior do Ceará) a fim de discutirem com ironia assuntos sérios.

Outro padeiro que escreve brilhantemente a representação e a importância que os romances tinham na vida das pessoas é Roberto de Alencar. Na prosa “Rosas”, conta a história da aventura extraconjugal de D. Lydia, uma moça arrependida por decisões ruins, que teve a vida influenciada por sua paixão pelos romances. O texto que faz a crítica ao amor por conveniências, típico dos arranjos feitos por famílias e discutido recorrentemente pelos padeiros fica claro quando o autor revela que a personagem se impressionou pelos gozos da vida luxuosa e trocou seu grande amor por essa forma de viver, e que somente através dos livros ainda encontrava algum prazer em viver.

Sentara-se a janela que abria para o jardim, a ler ou a passar a vista, simplesmente, pelas páginas de um livro que tinha agora aberto no colo, marcado pelo pequenino dedo cor de rosa. (...)

Moça impressionável, apaixonada dos romances, aprendera a amar os gozos, todo um mundo de luxos requintados cuja não realidade a

³⁸³ Padaria Espiritual. **O Pão**, Fortaleza, 01 de agosto de 1895, n. 21, p. 06.

³⁸⁴ O incentivo da leitura também ficou evidente nos artigos que Sales escreve sobre divulgação de autores já consagrados, dando opinião sobre os escritores com quem teve oportunidade de se relacionar, tanto na forma da escrita como na lida pessoal de escritor. Escreveu com entusiasmo dos escritores: Machado de Assis, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Afonso Celso, Arthur Azevedo, Alberto de Oliveira. Conforme fragmento escreve Sales jocosamente de Arthur Azevedo: “Sim senhores, é gordo, é impressionadoramente gordo; mas não o imaginem aí um tipo de taverneiro ou de fradalhão. Olhem-no da gravata para cima e verão que sobre seus larguíssimos ombros assenta uma cabeça de artista, com uma face inteligente, e tão sisuda que ninguém julgaria pertencer a escritor ao mais engraçado e cintilante poeta humorista do Brasil.” Ver mais em: Esbocetos. **O Pão**, Fortaleza, 31 de outubro de 1896, n. 36, pp. 2-3.

aniquilava, tivera por esposo um negociante rico que usava óculos e tinha colete quase na linha do imenso nariz.³⁸⁵

Conforme Darnton (2011), a leitura era a experiência reservada a uma minoria de pessoas, aquelas que já tinham certo grau de educação e que podiam se “permitir a comprar livros”.³⁸⁶ Os jornais ajudaram e foram fundamentais nesse processo de ampliação da experiência, pois após as primeiras publicações há uma grande variedade de obras disponibilizadas nas folhas que vão dos romances mais voltados ao público feminino (com características das fotonovelas), romance de homens (com foco na aventura), e as literaturas para jovens e crianças.³⁸⁷

A fuga dos livros também foi a opção que o padeiro José Carlos Junior encontrou para sua salvação. Escreve Antônio Sales em homenagem póstuma ao amigo que, desde criança, “buscou na leitura” uma forma de remediar o corpo doente através da elevação espiritual e do conhecimento, dessa forma propondo-se a um ato de resistência,

Nasceu José Carlos da Costa Ribeiro Junior na cidade da Paraíba do Norte a 24 de julho de 1860.

A sua fragilíssima constituição orgânica condenou-o a uma infância sedentária, sem essas travessuras ruidosas, sem esses brincos em que se expandem com a veemência os organismos jovens em sua forte de animalidade.

A indolência mórbida dessa criança levou-a muito precocemente a viver pelo espírito, e muito cedo os livros se tornaram sua distração única.³⁸⁸

Alberto Manguel (1997),³⁸⁹ dialoga em seus trabalhos sobre a resistência (seja a físicas, espiritual, social) que está incluída no ato de ler, e o quanto temos que estar atentos à dicotomia que é estimulada pelos donos do poder entre vida e leitura, no qual livros são considerados luxos supérfluos. Em um resgate autobiográfico atrelado à história do ler, o autor afirma que os leitores são por índole subversivos, temidos nas sociedades. Segundo o romancista, os cidadãos que questionam essas sociedades são aqueles que leem, e uma forma de tirar o poder do indivíduo é

³⁸⁵ As rosas. **O Pão**, 15 de agosto de 1896, n. 31, p. 5.

³⁸⁶ DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Ed. Unesp, 2011. p. 221.

³⁸⁷ HOHLFELDT, Antônio. Deus escreve direito por linhas tortas: O romance folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. pp. 27-26.

³⁸⁸ Jose Carlos Junior. **O Pão**, 15 de agosto de 1896, n. 31, p. 2.

³⁸⁹ Alberto Manguel (1948 –) é diretor da Biblioteca Nacional da Argentina, escritor de ficção e não ficção, romancista e organizador de antologias, possui diversos estudos sobre a história do leitor e do livro, também escreve para diversas revistas e jornais do mundo.

relacionar esse ato a uma ação elitista, um entretenimento superficial ou intelectualizado. Para o autor nem todo leitor questiona, entretanto, a leitura e literatura lhe dá a oportunidade de fazê-lo:³⁹⁰ “Ahh! se eu fosse um homem que tivesse um luxuoso gabinete, então teria avultado número de revistas, de jornais franceses e em primeira mão (...)”.³⁹¹

Ao aceitar a crônica de *O Pão* n. 36, Carlos Vitor (Alcino Bandolim) também gasta a tinta de sua pena para celebrar os livros e a literatura. Para o padeiro ter acesso aos jornais e revistas francesas seria uma oportunidade única de aprendizado do mundo e das novas ideias, uma vez que a imprensa brasileira, segundo o autor, funcionaria como uma tesoura, cortando e escondendo as notícias que julga subversivas, dando ênfase para as notícias fúteis, com o intuito de despistar possíveis desordens (protestos):³⁹² “O jornal foi feito para as notícias moderadas, para trazer a gente da terra em dia com o que se trata pelo mundo em fora, mas tudo moderado, inclusive também os casos apaixonados de donzelas degeneradas”.³⁹³

O escritor deixa claro que o espírito tem de estar equilibrado e que os jornais devem cuidar para não se renderem às desordens e aos amores exagerados, aqui, fazendo crítica aos folhetins romanescos que esses traziam. Contraditoriamente à ideia de não se rebelar, o autor sonha em ser rico para poder pagar um investigador, feito um repórter secreto para ir à toda parte vasculhar a inquietude humana, para publicar as ideias de “quem tem poder – de alguns mandachuvas”.

Se eu fosse rico teria ao meu serviço particular um repórter secreto, que entrasse despercebidamente por toda a parte, fizesse falar os mandachuvas, sondasse as multidões, vascolegasse as almas e com a gazua da insinuação abrisse a caixa de segredos das consciências para informar sobre o Universo e seu irrequieto conteúdo humano.³⁹⁴

Nota-se que, para o autor, é precioso ter acesso ao livro, comparando-o a joias, e que se por um sorriso (sorte) a fortuna lhe caísse às mãos, ele compraria muitas obras, contos, estantes com obras imortais, e toda a estrutura de um grande escritor, como os grandes homens de letras que ele admira. Ao final da crônica, o autor brinca encerrando o texto, pois ao invés de ter a realização desse sonho está ali, assumindo

³⁹⁰ MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 11.

³⁹¹ Os quinze dias. *O Pão*, Fortaleza, 31 de outubro de 1896, n. 36, p. 1.

³⁹² Idem.

³⁹³ Idem.

³⁹⁴ Idem.

aquela crônica, e que assim todos perdem em ele não ter posses “O que perdem os leitores em eu não ser rico!...”.

O Padeiro Waldomiro Cavalcanti (Ivan D`Zhoff) também faz declaração a essa paixão do livro vivida por outro autor, o conterrâneo Capistrano de Abreu. No relato de uma viagem que ele e os também padeiros Antônio Sales (Moacir Jurema) e Sabino Baptista (Satyro Alegrete) fizeram pelo interior, onde visitaram a família de Capistrano, o pai do historiador cearense relatou aos padeiros que a relação do filho com os livros os fez aceitarem que ele não tinha amor à lida da terra, que tentaram fazer dele agricultor sem sucesso, e assim, com o passar do tempo, entenderam e apoiaram sua decisão de seguir seu caminho intelectual,

Entre particularidades da vida do eminente historiador brasileiro, falou-nos ele de como revelou Capistrano sua inclinação pelas letras. “A vida do campo é pesada e trabalhosa, dizia-nos, mas acostumado a ela queria que meu filho fosse um homem trabalhador, e logo cedo fazia-me acompanhar por ele quando tinha de ir para a labuta diária: mas debalde o estimulava.

Em qualquer descuido lá estava ele à sombra das arvores a volta com os livros. (...) Apontou-nos então um casebre onde o filho ia roubando horas do serviço, ler os autores de sua predileção, isolando-se do meio ruidoso que o cercava.³⁹⁵

Nota-se que o padeiro, mais que reverenciar a vida simples da família do historiador dos sertões, deseja evidenciar que o amor pelo conhecimento se faz presente na alma e que o interesse pelas letras deve ser incentivado e celebrado independente das condições de posse. Como pontua Passos, os Padeiros, em sua maioria, eram filhos de outras cidades, migraram para Fortaleza em busca de melhores oportunidades, eram funcionários de alfândega, caixeiros e escritores menores projetavam na literatura uma forma de elevação social, a aventura de escrever estava atrelada a satisfação pessoal de vencer seus obstáculos de escassez através do talento e não por estarem vinculados a apadrinhamentos e linhagem familiar como era o costume a época.³⁹⁶ Envoltos na vida urbana, acreditaram que seus anseios intelectuais os levariam a uma ascensão espiritual e social, os distanciando de uma penosa existência focada apenas em longas jornadas de trabalho sem um sentido.

³⁹⁵ Da cidade ao sertão. Carta à Padaria. **O Pão**, Fortaleza, 01 de julho de 1895, n. 19, p. 2.

³⁹⁶ CARDOSO, Gleudson Passos. **Padaria Espiritual**: biscoito fino e travoso. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto no Ceará, 2002. p. 35.

3.2. ENTRE O ÓCIO, TRABALHO PARA A VIDA E TRABALHO, NECESSIDADE IMPOSTA PELA VIDA

(...) A vida, para os deserdados da fortuna, não passa de um presente grego. Parece mais serviço de diabo coxo do que resolução divina. Amor e trabalho é a divisa cá de casa, mas só a adoto com restrições. Devemos trabalhar, sim, mas cada qual segundo os seus gostos e predileções. Eu por exemplo, em vez de enfiar um paletó preto e umas botas para ir curvar-me das 10 às 3 sobre a banca de repartição, podia ficar a fresca em minha própria banca a plagiar versos, crônicas e outros gêneros literários.³⁹⁷

O subtítulo remete ao dilema vivenciado pelos padeiros, pois, por mais que valorizassem o ócio aristotélico como um trabalho que, por sua consonância com a vocação literária de cada um, lhes possibilitaria a realização plena de sua humanidade, não havia como fugir das formas de trabalho alienantes,³⁹⁸ imposta pelas necessidades materiais. Tal dualidade aparece ao longo da trajetória da produção do

³⁹⁷ Irritado sobre uma possível acusação de plágio, Antônio Sales ironiza a profissão ingrata e a tarefa de escritor de província, ainda assim, afirma que lhe faria muito mais feliz trabalhar com a arte, do que ser um empregado público. Ver: Os quinze dias. **O Pão**, Fortaleza, 01 de dezembro de 1895, n. 29, p. 1.

³⁹⁸ Para compreender Trabalho alienado atrelado aos caminhos teóricos deste estudo, bem como as abstrações feitas ao nosso objeto, citaremos as colocações de Marilena Chauí (1999). “O que é trabalho alienado? Para entendê-lo, é preciso, primeiro, lembrar que, para Marx e Lafargue, o trabalho, em si mesmo, é uma das dimensões da vida humana que revela nossa humanidade, pois é por ele que denominamos as forças da natureza e é por ele que satisfazemos nossas necessidades vitais básicas e é nele que exteriorizamos nossa capacidade inventiva e criadora – o trabalho exterioriza numa obra a interioridade do criador. Ou, numa linguagem vinda de Hegel, o trabalho objetiva o subjetivo, o sujeito se reconhece como produtor do objeto. Para que o trabalho se torne alienado, isto é, para que oculte, em vez de revelar, a essência dos seres humanos e para que o trabalhador não se reconheça como produtor das obras, é preciso que a divisão social do trabalho, imposta historicamente pelo capitalismo, desconsidere as aptidões e capacidades dos indivíduos, suas necessidades fundamentais e suas aspirações criadoras e os force a trabalhar para outros como se estivessem trabalhando para a sociedade e para si mesmo. Ver mais em: CHAUI, Marilena. Introdução. In: LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. São Paulo: Ed. Hucitec; Ed. Unesp, 2000. pp. 33-34.

grupo, mas fica bem clara no debate crítico encetado por Caminha e Teófilo, ao qual já nos referimos anteriormente, todavia aqui usaremos o último trecho do debate para outra abstração.

Assim, ao festejar um dos aniversários de Rodolfo Teófilo, encontra-se uma afirmação intrigante: “Não faltou, entre muitos outros atrativos o delicioso vinho de caju que faz o desapontamento de tantos invejosos”.³⁹⁹ Ora, a que, exatamente se referia o autor da frase? A alfinetada ao final do recado aos ‘invejosos’, refere-se ao Padeiro Adolfo Caminha, que anos mais tarde já não mantinha amizade com o grupo e em especial com Teófilo, que, além de literato, era farmacêutico. Esses dois Padeiros mantiveram árdua peleja e desafetos através de críticas na imprensa literária da época.

O vinho de caju, bebida famosa nas fornadas, era fabricada pelo farmacêutico e substituiu os drinques alcoólicos nos encontros realizados em sua casa. Caminha, que era crítico declarado de Teófilo, afirmou que o farmacêutico era melhor fabricante de vinho de caju⁴⁰⁰ do que escritor, fazendo críticas à produção do padeiro, que se destacou em singulares ofícios e não acumulando a esses a função de escritor.

³⁹⁹ Carteira. **O Pão**, Fortaleza, 15 de maio de 1895, n. 16, p. 6.

⁴⁰⁰ O vinho de caju é conhecido hoje como cajuína, produzida a partir dos frutos mais doces do caju, muito consumida nos estados do Ceará, Maranhão e Piauí (neste último é patrimônio cultural pelo IPHAN) no entanto, há ressalvas sobre a diferença com respeito a fabricação e técnica de destilação nos três estados. Veja mais em: **lphan**. http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Parecer_DPI_cajuina.pdf. Acesso em: 12 jan. 2021; **Instituto do Ceará**. https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/2009/08_Art_RodolfoTheophilo.pdf. Acesso em: 12 jan. 2021.

Figura 30 - Divulgação da cajuína do Padeiro Rodolfo Teófilo, com explicação científica do método desenvolvido pelo farmacêutico.



Fonte: **Almanack Henault**, Rio de Janeiro, 1909-1911. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=709930&pagfis=1960>

De fato, a produção do vinho de caju, hoje conhecido como Cajuína, resultou de uma invenção de Teófilo, que a patenteou e registrou nas primeiras décadas do século XX no Ceará. O padeiro foi aperfeiçoador do procedimento francês *Appert* com o caju (pasteurização em banho-maria). O incentivo ao consumo e fabricação pode ser, em uma primeira impressão, confundida como mera atitude para fins ociosos e nos parece estar descolada de uma prática militante, entretanto, com sua fabricação o farmacêutico pretendia combater o alcoolismo que assolava a cidade de Fortaleza, onde, segundo Antônio Sales o álcool era consumido em “quantidades industriais”.⁴⁰¹

⁴⁰¹ BOIA, Wilson. **Antônio Sales e sua época**. Fortaleza: BNB. 1984. pp. 393-396. Disponível em: http://www.academiacearensedelettras.org.br/revista/Colecao_Antonio_Sales/Antonio_Sales_e_Sua_

O polivalente padeiro, imaginando que a bebida poderia ser um substituto benévolo da cachaça, não só para os companheiros, incentivou seu consumo, fundando, inclusive, em sua residência no sítio “Alto da Bonança”, a Liga cearense contra o alcoolismo.

Mas Teófilo, além de farmacêutico e inventor, tinha a sanha da criticidade e, armado com sua pena afiada dissecou e respondeu à altura as provocações de Adolfo Caminha. A exemplo temos os contra-ataques à obra *A Normalista* (1893) em artigos devastadores no jornal.⁴⁰² Nos números 19 ao 23 de *O Pão* o Padeiro Rodolfo Teófilo publica uma verdadeira desaprovação ao trabalho de Caminha, e faz o autor da sabatina experimentar o fel que estava acostumado a lançar em seus escritos nos anos iniciais de *O Pão*, quando era padeiro. Em artigo inicial da crítica assim escreve Teófilo sobre *A Normalista*:

Sem vento de feição levou quase dois anos para me chegar as mãos este romance do Sr. Adolfo Caminha. Ninguém o conhecia no Ceará, nas livrarias não se encontrava-o a imprensa da terra não disse palavra sobre ele. [...] Um romance fundido nos moldes do naturalismo moderno, expurgado das obscuridades da Carne e na eretomania do homem, pensei, comecei a leitura com a maior isenção de ânimo. Logo nas primeiras páginas vi com pesar que o autor se arrastava do plano, desprezando o conselho de Balsac, que a descrição da vida burguesa em Fortaleza faltava cor local, que o esboço era imperfeito e que ação seria defeituosa.⁴⁰³

Ou seja, segundo Teófilo, nada se aproveitava do romance de Caminha, nem quanto ao conteúdo, nem quanto à forma, pois não se encontrava nele a natureza humana, tão bem descrita pelos naturalistas e, também não se enquadrava no romantismo, pois à sua descrição da cidade de Fortaleza, faltava a paixão da vivência de que Balsac descrevia ser necessária.

Dando seguimento à crítica, completa Teófilo, com a mesma sagacidade, referindo-se a Caminha como “pulha”, termo popular ofensivo, porém o que nos chama a atenção no brio ofendido de Teófilo não é apenas o fato de Caminha considerá-lo um mau escritor e sim, vejamos:

Epoca/ACL_Antonio_Sales_Sua_Epoca_64_O_solitario_do_alto_da_bonanca.pdf Acesso em: 10 jan. 2021.

⁴⁰² *Normalista*. *O Pão*, Fortaleza, 01 de julho 1895, n. 19, pp. 2-3.

⁴⁰³ *Idem*.

Talvez o meu crítico supusesse que me molestava ser eu fabricante de vinho de caju; se assim pensou enganou-se, a minha vaidade não chega a empáfia balofa; tenho muita honra em ser industrial, sei harmonizar o útil com o agradável. Nas horas vagas escrevo sonetos e contos, e por desafio aponto as parvoíces literárias de romancistas pulhas.⁴⁰⁴

O *Pão*⁴⁰⁵ publicou diversas respostas desse relacionamento conflituoso entre Caminha e Teófilo, no qual podemos perceber que nesse segundo Teófilo defende claramente o trabalhar harmonicamente muitos ofícios, sejam eles manuais ou intelectuais. Não o ofendia ser operário, pois esse trabalho, assim como a escrita, alimentava sua alma, e fazia ambos de forma harmônica, demonstrando assim, uma clara percepção da prática social derivada do conceito do que hoje é conhecido como ócio criativo.⁴⁰⁶ O químico do vinho, Padeiro (escritor), operário, sanitarista, escritor de romances e historiador da seca, também fez créditos à ideia (de trabalho prazeroso) em outro texto que publicou em prosa, intitulado “A farinhada”. Logo de início, Teófilo faz a representação sobre um árduo trabalho nos engenhos de farinha, partindo da ideia de irmandade, amizade e comunidade dos moradores, um evento tradicional ligado à ideia de fartura, uma celebração comum aos bons invernos nos interiores do Brasil: “A farinhada do João Moco durava havia já duas semanas. Os

⁴⁰⁴ Cartas literárias. *O Pão*, Fortaleza, 01 de outubro de 1895, n. 25, p. 4.

⁴⁰⁵ Nem tudo foi desafeto por parte dos padeiros a obra *A Normalista*, do momento em que Caminha ainda era Padeiro, os amigos parabenizaram a veia crítica do escritor, quando se leu o primeiro capítulo da obra em uma fornada. O escritor Lucio Jaguar afirma entre outros elogio a Adolfo Caminha que: “A impressão deixada pela leitura do primeiro capítulo d’*A Normalista* foi a melhor possível a favor do talentoso Adolfo Caminha”. *O Pão*, Fortaleza, 30 de outubro de 1892, n. 2, p. 5.

⁴⁰⁶ O termo ócio criativo foi cunhado pelo sociólogo italiano Domenico De Masi (1938- 83 anos). Para o escritor o futuro do trabalho na sociedade pós-industrial pode ser o de conciliação do lazer, estudos e trabalho. Há no trabalho do autor uma dura crítica ao modelo de vida ocidental pautada na competitividade capitalista e desumana do mercado. Entretanto, a saída apresentada pelo autor pode nos aprisionar em outras ciladas do mundo produtivo. A tecnologia e o trabalho remoto, que segundo o autor possibilitaria uma maior oportunidade de tempo livre acaba por nos amarrar ao mesmo modelo, ou seja, a eficiência. A precariedade do de um trabalho flexível, pode ainda piorar a situação do trabalhador, principalmente por dois motivos. No primeiro, seria a encruzilhada do tempo livre (com a flexibilização do tempo de trabalho) ser preenchido com mais tarefas, ou seja, o lazer viraria produtividade, a prática pode ser usada para reverter o sentido do descanso livre e descompromissado, gerando compreensão que, todo ócio teria a obrigação de ser criativo, ou seja toda ação deve ser feita com o pretexto de uma “evolução”. Outra possibilidade é o fato de a lógica capitalista aproveitar-se do trabalhador de forma que este não tenha mais uma percepção clara das fronteiras da vida pessoal e da vida do trabalho, no qual a todo tempo este indivíduo tenha de estar disponível para produzir, através de acessórios tecnológicos, como redes sociais, smartfones, laptops. Ver mais em: COSTA, Jean Henrique; CÂMARA, Hionne Mara da Silva. A impossibilidade estrutural do ‘ócio criativo’ sob a acumulação flexível do capital: estudo crítico da obra de Domenico Demasi. *Rbel*. Minas Gerais, v. 4 n. 3, set./dez. 2017.

habitantes dos arredores tinham vindo ajudar o vizinho, mais por um sentimento de fraternidade do que por interesse.⁴⁰⁷

Durante todo o texto, o padeiro faz questão de discutir o cansativo esforço dos trabalhadores, coexistindo com a alegria, pois para o escritor, os valores do trabalho, da ciência e do racionalismo estavam atrelados a um senso de coletividade e de altruísmo. Sua atuação marcante no Ceará durante a passagem do XIX e as primeiras décadas do XX se deu através das mais diversas práxis⁴⁰⁸ que buscou atrelar em vida. Nota-se nos escritos de Teófilo vontade de expressar seus ideais e discutir a importância que todas as atividades que os indivíduos desempenham têm para a sociedade,

(...) Pelo esforço dos puxadores da roda, ofegantes, esbaforidos, com a pele num banho de suor, avaliava-se da imperfeição das máquinas. Assim mesmo, a suprir com a força muscular a engrenagem, eles estavam contentes, não esmoreciam! A gargalhada gostosa e franca fazia coro de quando em vez com a chiadeira do rodete ou com gemido do fuso.⁴⁰⁹

As narrativas também têm papel forte nas obras literárias de Rodolfo Teófilo, se encontram com a importância fundamental que esta ação teve para a vida coletiva,⁴¹⁰ aqui podemos perceber que o escritor descreve as práticas de contar histórias, cantar e ouvir poesia:

Gracejos com chiste diziam as raspadeiras a propósito de histórias de lobisomens, que contava o forneiro, acompanhando as suas lendas com o som áspero do rodo. Era um convívio alegre e fraternal aquele.

⁴⁰⁷ **O Pão**, Fortaleza, 15 de setembro 1896, n. 33, pp. 3-5.

⁴⁰⁸ O conceito de Práxis tem sua raiz no pensamento de Aristóteles através de seus ideais de sabedoria prática, mas foi por intermédio de Karl Marx que progressivamente o conceito se aprofundou, passando ser o elemento central de seu estudo sobre o materialismo histórico. A Práxis faz parte de uma dialética entre teoria e prática, ou seja, pensar a ação, agir, refletir sobre esta ação e transformá-la continuamente, pois segundo Marx é preciso fazer mais que interpretar o mundo segundo teorias diferentes, a questão é transformá-lo. Veja mais em: LESSA, S. A atualidade de Marx: a possibilidade da revolução. In: PINHEIRO, M.; FERREIRA, M.; MORENO, R. (Org.) **Marx: intérprete da contemporaneidade**. Salvador: Quarteto Editora/UNEB, 2009.

⁴⁰⁹ **O Pão**, Fortaleza, 15 de setembro 1896, n. 33, pp. 3-5.

⁴¹⁰ Conforme Walter Benjamin em ensaio publicado em 1936, "O Narrador-Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov há um desaparecimento da figura do narrador na história ocidental, e que esta prática passa inclusive a ser feita de forma questionável. Acentua o autor: "Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências". Ver mais: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197.

A labuta continuou em crescente animação, ouvindo-se sempre as cantigas do poeta até o sol se esconder. Quando os últimos raios do dia desmaiaram de todo começou o serão.^{411 412}

Amigos não só nos ideais de vida como também na eterna busca por não se sujeitar, (seja o inimigo uma condição imposta – miséria - ou um desafio das letras), os padeiros expressaram bem em suas narrativas um posicionamento frente aos ataques que sofriam, no que diz respeito às suas profissões. E a forma mais acessível que tinham de fazer justiça aos seus ofícios era o afiado bico da pena. Em outra situação conflituosa, que também marca o jornal, Antônio Sales responde mais uma vez indignado uma provocação feita pelo homem de letras e também dentista Gomes Leal, agora a respeito de ser escritor e funcionário público: “(...)Ter um emprego público nada significa, oh casmurro? O que é profissão descente é somente arrancar dentes podres, fazer dentaduras e obturar caries paspalhão?”.⁴¹³

A valorização dessa ideia de profissões maiores e menores aqui exposta na indignação de Moacyr Jurema (Antônio Sales), é também parte desse jogo, se caracteriza por outra nuance da divisão de classes na ciranda da vida, ou seja, a valoração de cada tipo de trabalho, dependendo da escala social do indivíduo. A diferenciação que se refere aos papéis que os indivíduos exercem no mundo do trabalho é um fato que se relaciona diretamente com a questão de uma cultura sobre a importância laboral, que contribuiu para a separação social entre ocupação física e intelectual,⁴¹⁴ fenômeno que, identificado na Antiguidade por Aristóteles, aprofundou-se com o desenvolvimento do capitalismo, somando-se à divisão de classes.

De acordo com o autor Luiz Antônio Cunha, essa divisão toma impulso no mundo ocidental clássico, acentuando a dicotomia conflituosa que se construiu ao mundo do trabalho, sendo “um positivo – que o valoriza como elemento do conhecimento – e outro negativo, que o relegava a um elemento inferior”.⁴¹⁵ No Brasil,

⁴¹¹ A farinhada. **O Pão**, Fortaleza, 15 de setembro 1896, n. 33, pp. 3-5.

⁴¹² Em estudo exclusivo sobre narradores sertanejos do interior do Ceará a pesquisadora conta as experiências vividas por alguns destes narradores e suas tradições. Ver mais: VASCONCELOS, Regina Ilka Vieira. **Narradores do sertão: história e cultura nas histórias de assombração de sertanejos cearenses**. 311 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

⁴¹³ A galope! Com vistas ao exímio dentista e literato Dr. Oscar Leal. **O Pão**, Fortaleza, 15 de setembro de 1895, n. 24. p. 3.

⁴¹⁴ ENGELS, Friedrich. **Anti-Dühring: A revolução científica segundo o senhor Eugen Dühring**. São Paulo: Boitempo, 2015. p. 35.

⁴¹⁵ CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata**. São Paulo/Brasília: Editora UNESP/FLACSO, 2000. p. 8.

essa relação amarrada ao laço factual que arrastamos desde a escravidão, sela as percepções às quais há distinções entre os ofícios desempenhados, sendo esse o principal fator a agravar o sentido depreciativo que condiciona em ofícios menores os trabalhos manuais.

Essa lógica que nos imputa a separação social faz com que, por exemplo, um bacharel ou um médico, goze de lugar e discurso social privilegiado, que um mestre de obras não tenha prestígio, apesar do que constrói tanto quanto o engenheiro da obra, ou ainda que uma dona de casa não seja valorizada por suas funções. Esses são alguns exemplos (dentre tantos) de comparações das funções “maiores e menores”, sendo as atribuições ditas menores tidas como indignas por se tratar de ocupações rotineiras sem a eleição de um elemento espetacular.⁴¹⁶

Os escritores deixam claro em algumas prosas e crônicas a importância da educação e da leitura, ou seja, de se buscar a elevação por meio das letras, porém condenavam a utilização da dádiva do conhecimento para fins meramente materiais. Em prosa de Arthur Teófilo chamada “O exame primário”, temos a representação dessa atitude, o texto se dá no contexto de concurso estudantil, no qual o autor descreve minuciosamente o exame, os estudantes e os mestres. Segundo o autor, os candidatos eram rapazes e moças com ares de importância, almejavam as vagas dos educandários e serão classificados para profissões que formariam a base da sociedade: doutores, padres e professoras. O padreiro aponta essa informação com certo ar de preocupação e chacota, como lamentando que daquele evento sairiam certos tipos esnobes que formariam o futuro da nação: “(...) E o professor Medeiros assevera que aquilo era ‘a festa do futuro’ e a esperança da pátria arruinada”.⁴¹⁷

Uma das mães em diálogo com o compadre, (pai de um outra candidata) deixa claro que o filho deve ser no mínimo um doutor ou como é de sua preferência um padre, nos dois ofícios vemos a ideia de pensamento voltado a nobreza do ofício, sendo a igreja uma forte mão na importância social. De toda forma, ciente da importância do ensino na vida das pessoas, apimenta o diálogo respondendo que antes de tudo, o ensino é o melhor ganho que pode deixar de herança à filha: “- Espie, compadre letra muito mimosa..., - tenho fé nele... muita fé. O Medeiros quer que ele seja doutor, mas eu não concito. Há de ser padre. Tem muita vocação para padre”.⁴¹⁸

⁴¹⁶ Ibid., p. 25.

⁴¹⁷ Exame Primário. **O Pão**, Fortaleza, 15 de fevereiro de 1895, n. 10, p. 4.

⁴¹⁸ Idem.

Conforme pontua Lilia Schwarcz, em “Sobre o autoritarismo brasileiro”, as famílias educavam seus filhos vislumbrando a possibilidade de perpetuação do poder e o prestígio social, alguns eram encaminhados para o aprendizado do sacerdócio, outros para o direito e o militarismo, já as filhas eram pensadas em possuir boa educação para servirem como moedas de troca, com casamentos bem-sucedidos. Dessa maneira garantia-se o controle sobre todos os braços da atividade.⁴¹⁹ Antônio Sales também expressa essa opinião apontada pela historiadora. Em certo trecho de carta que o autor envia aos amigos, em que discorre sobre esse fato social, no qual a pessoa importante socialmente era aquela que ocupava postos militares, políticos ou bacharéis:

Hei de ter uma patente da Guarda Nacional e um lugar de proeminente na coisa municipal. E com ares de importância e de consciência tranquila, irei a missa na vila – cheio de fé e finanças. Os nossos fieis eleitores dirão de chapéu na mão. “Cuma vai seu capitão?”⁴²⁰

Em outras partes do texto, percebemos que o Padeiro expressa uma vida de contemplação à natureza: “a natureza selvagem apoderou-se mim”,⁴²¹ onde descreve esse viver livre através das paisagens e contato dos pássaros de sua humilde propriedade. Só no encerrar da carta poética o autor reconhece a dura realidade da vida, não basta trabalhar e viver em harmonia com seus ideais sertanejos. Manifesta essa constatação, escrevendo que há de ser fazendeiro, ter terras, ter uma lida de vaqueiro (homem forte), atrelando a isso um “coronelismo”,⁴²² gozando sua tranquilidade (talvez dominical) indo à missa na cidadezinha mais próxima. Assim percebemos, conforme relata, que terá que ser rico para ter a vida que deseja, deixando claro que a sociedade só o reconhecerá dessa forma.

Em suma, percebe-se nas palavras de Sales outra denúncia social ligada ao mundo do trabalho, ou seja, outro tipo de separação, a ideia de classe ociosa e classe trabalhadora, sustentada nas entrelinhas do advento histórico da propriedade privada, no qual o sujeito precisa primeiro produzir para depois ser, o sujeito perde a função

⁴¹⁹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 45.

⁴²⁰ Carta. **O Pão**, Fortaleza, 15 de junho de 1895, n. 18, p. 4.

⁴²¹ Idem.

⁴²² Prática política brasileira, com raízes na colonização, iniciando a partir da injusta divisão de terras no país, onde capitães donatários foram escolhidos para ter posse de grandes quantidades de territórios. Começaram assim controlar sem nenhuma regulação, as capitania hereditárias tornando-se grandes proprietários rurais com direitos absolutos. SCHWARCZ, L. M. op. cit., 2019, pp. 53-58.

de sujeito, tornando-se meros objetos. Só tem direito de usufruir a vida quem consegue comprá-la.⁴²³

Marilena Chauí discute essa inversão de valores do “ócio” que passou de um valor nobre de vida prazerosa, educativa e contemplativa, para ressignificações associadas às ideias de improdutividade e vadiagem.⁴²⁴ Ulisses Bezerra (Frigolito Catavento), em artigo intitulado no sertão, também expõe reflexos desses mesmos pensamentos quando faz claro elogio à vida tranquila que tinha junto a natureza e o contraste que insalubremente foi obrigado a se sujeitar quando teve que migrar para a cidade,

[...] a preguiça minha companheira inseparável de longos anos protestava conduzindo-me a rede, onde eu ficava numa quietude de quem trabalhou muitas horas seguidas, sem o protestar abrigo de uma sombra. Ali na rede sentia-me bem, dormia e sonhava fabulosas riquezas trazida por um riacho misterioso que se perdia na esperança da mata. Bruscamente fui forçado a retirar-me para esta infecta cidade onde a saúde é uma ilusão e o trabalho uma lei imposta pela necessidade.⁴²⁵

Em consonância com as palavras do padeiro estão os escritos de Paul Lafargue,⁴²⁶ que nos aponta em manifesto de 1880 que a preguiça não é o demônio pintado pela lógica capitalista, e sim, antes de tudo, um direito do indivíduo. A “preguiça” defendida por esses autores tem hoje basicamente os mesmos conceitos de lazer e tempo livre insopeláveis para o ser humano, cada um com suas especificidades modernas. No manifesto “O direito a preguiça”, publicado no jornal socialista *L'Égalité*, o autor usa o termo “preguiça” de forma perspicaz, propositalmente provocando o conceito cristão de santificação do trabalho imposto pela igreja e a burguesia, fazendo, assim, uma analogia a um dos sete pecados capitais.

Na obra, encontramos as mesmas ideias defendidas por Aristóteles sobre contemplação ociosa, porém fazendo uma comparação à realidade europeia no século XIX, no qual a máquina substituiria o trabalho humano e, dessa forma, não

⁴²³ LUSTOZA, Rosane Zétola. O discurso capitalista de Marx a Lacan: algumas consequências para o laço social. *Ágora*. Rio de Janeiro, 2009, vol. 12, n. 1, pp. 41-52.

⁴²⁴ CHAUÍ, Marilena. **Contra a Servidão Voluntária**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. p. 21.

⁴²⁵ No Sertão. *O Pão*, Fortaleza, 01 de outubro de 1895, n. 25, pp. 5-6.

⁴²⁶ Paul Lafargue (1842-1911), jornalista Franco-Cubano, genro de Marx, atuou na imprensa com vigor militante, ambicionou desconstruir a imagem da preguiça de uma forma revolucionária. O direito à preguiça é a crítica da ideologia do trabalho.

seriam necessários escravos. A máquina, de fato, substitui o trabalho humano, mas a libertação do homem não ocorreu. Para Lafargue (1880), a entrega do trabalhador ao vício do trabalho era feita para uma produção que transcendia as necessidades, o que geraria a crise da superprodução. Lafargue estava protestando veementemente contra a lógica do trabalho, para ele os trabalhadores estavam tão desesperados por terem direito ao trabalho, que não percebiam que estavam se tornando incompletos, ou seja, pedaços de homens. Diz: “matam em si, todas suas belas faculdades e não deixam nada florescer, além da loucura furiosa por mais trabalho”.⁴²⁷

Eram os padeiros escritores com as mais diversas opiniões, fica claro que também há autores que dialogam com a disciplina social e do trabalho. Em artigo sem assinatura percebemos esse alinhamento com a forma de controle social pautado nas ideias higienistas que circulavam a sociedade de Fortaleza e do mundo após 1850,⁴²⁸

Recebemos um elegante folheto tratando das colônias industriais destinadas a disciplina, correção e educação dos vagabundos regenerados pela hospitalidade e pelo trabalho. Ora, aí está um livro que devia ser espalhado nesta terra tão profundamente (...) Sim, por que isso de vagabundo aqui é fechar os olhos e pegar um. Recomendamos aos nossos leitores este excelente folheto.⁴²⁹

Por outro lado, revelou-se no decorrer da vida do grêmio outra postura com relação a ideia de trabalho. Antônio Sales, principal articulador do grupo literário Padaria Espiritual, estava alinhado em torno do sentido ocioso, lúdico, contemplativo, como podemos notar nesse seu resgate da relevância do brincar e produzir. Na crônica “Quinze dias” do dia 15 dezembro de 1895, percebemos a ideia dessa eterna luta de dar sentido à vida nas discussões que regem o mundo do prazer lúdico nas relações e no trabalho:

(...) Sendo o trabalho uma consequência do amor, porque entendeu Jeová opor ao Gozo o Tormento (no que andou avisadamente porque muito doce torna afinal a boca azeda) nós vamos trabalhando para ter o direito de amar e ser amados que é a cousa melhor que há neste pretencioso e minúsculo planeta.⁴³⁰

⁴²⁷ CHAUÍ, Marilena. Introdução. In: LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. São Paulo: Ed. Hucitec; Ed. Unesp, 2000. p. 71.

⁴²⁸ BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. **Famintos do Ceará**: imprensa e fotografia entre o final do século XIX e o início do século XX. 309 f. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

⁴²⁹ **O Pão**, Fortaleza, 17 de julho de 1892, n. 2, p. 4.

⁴³⁰ Os quinze dias. **O Pão**, Fortaleza, 15 de dezembro de 1895, n. 30, p. 1.

Sales deixa claro em sua colocação, que nem todo trabalho que executa é fácil, porém, todo ofício é consequência do amor, e que para ele o segredo de viver está justamente em equilibrar os sabores e dessabores diários da vida, lamentando o posicionamento dos indivíduos que levam a vida apenas na emergência da seriedade, celebra o riso seu e de seus parceiros:

E como o riso é a manifestação mais formal e mais espontânea da inteligência, nós somos um bocado alegres e lamentamos de coração as tristes criaturas que entendem que a carranca é característica de decência e superioridade. Nós rimos sempre que não há motivo para chorar; si a vida é severa e triste enfeitamo-la com o riso, como se enfeita a botoeira de uma casaca preta com uma rosa ds colorido e de perfume sugestivo de pensamento felizes.⁴³¹

Ainda como afirma o autor na continuação da crônica, a vida se celebra em torno de uma alegria que conduz a produção do grupo, exemplificando que a postura alegre perante os desafios é tal como a química que faz crescer a massa do pão que alimenta o trabalhador:

A alegria não prejudica o trabalho antes o auxilia e ameniza. O cavouqueiro, o puxador de roda e outros operários que se entregam a trabalhos rudes, costumam cantar enquanto agitam os braços na faina da labuta. Que consolo e que auxilio não lhe são as trovas que modulam. Nos também rimos mas trabalhamos. Ai estão as Trovas do Norte, os Chronos e os Brilhantes que não nos deixem mentir. E demais, para afirmação da nossa atividade não é preciso mais do que chamar a atenção – 30 - que se vê no alto da nossa edição de hoje. E como a gloria deste sucesso pertence em partes a nós e ao público – venha de lá esse abraço e não se esqueça de mandar-nos algumas centenas de assinaturas de festas.

Moacir Jurema⁴³²

O texto de Moacir Jurema (Antônio Sales) comemora o número 30 de *O Pão*, nos provoca a encontrar uma vida e não só uma forma de a ganhar sem sentido, faz questão de atestar a produção do grupo, citando sua obra e dos amigos Xavier de Castro e Rodolfo Teófilo, agradece o público justificando sua importância, e que as assinaturas do jornal ou “centenas delas” são a verdadeira festa, o reconhecimento de seu trabalho.

⁴³¹ Idem.

⁴³² Idem.

O autor foi o que mais assinou crônicas e textos no jornal, dono de uma disposição afiada tanto para o trabalho no qual enxergava como experiência de uma alma mais livre, percorreu nesse gênero literário por diversas vezes sobre a necessidade de uma vivência mais voltada para o jogo da vida em todas suas nuances. Foi, sem dúvida, o padeiro que brindou abertamente a importância do ócio e a ludicidade nas relações e as vivências das celebrações e compartilhamento necessários ao resgate das forças não só para o trabalho, mas para uma vida mais criativa.

Mario Sergio Cortella,⁴³³ outro autor que discute essa divisão entre ócio e prazer, emprego e trabalho, explana que, quando entendemos a diferença entre “estar empregado” e “ter um trabalho”, construímos uma obra. Pois segundo ele, emprego nos remete apenas a garantir sobrevivência, enquanto no trabalho estamos empenhados na construção de uma obra para a vida, essa atividade é vivida com significado pois transcende a nossa existência, e está envolvida tanto com ócio quanto com vida laboral, elas não se separam, não reduzindo o lazer e suas muitas experiências a simples momentos de fuga, mas sim, parte fundamental da vida laboral.⁴³⁴

Em sincronia com esse posicionamento do trabalho como uma “obra” encontramos mais uma vez a opinião do padeiro Antônio Sales que, chegado à reflexão ao olhar para sua rede aconchegante e não poder desfrutá-la no momento, por estar à espera de encontrar assunto para uma crônica: “Bem perto de mim estende-se de um canto a outro do quarto uma rede convidativa, o sono faz-me fosquinhas e, entretanto...é preciso que eu fique chumbado a esta cadeira, curvado sob o foco de gás, de pena erguida à espera de ideias que não ficaram de vir”.⁴³⁵

⁴³³ Mario Sergio Cortella (1954 -), filósofo e educador formado pela PUC-SP, teve em um de seus orientadores de estudos e da vida outro grande intelectual Prof. Dr. Paulo Freire. Cortella é autor de inúmeros livros, busca em seu trabalho ou “obra” expandir os debates filosóficos, e trazê-los para mais próximo do grande público, possui uma forma de didática de se expressar e desta forma se consolidou como grande orador e palestrante, tem grande número de seguidores nas mais diversas mídias sociais, programas de rádio, televisão e podcasts. Ver mais em: Mario Sergio Cortella. Disponível em: <http://www.mscortella.com.br/mario-sergio-cortella-vida-e-obra>. Acessado em: 12 de março de 2021

⁴³⁴ No segundo capítulo do livro Qual é a sua obra?, intitulada “Tripalium versus poiesis – A ideia de trabalho como castigo precisa ser substituída pelo conceito de realizar uma obra”, o autor e filósofo reflete sobre a necessidade de desconstrução da ideia de trabalho retomando o conceito desde seus primeiros significados. CORTELLA, Mario Sergio. **Qual é a sua obra**. Inquietações Propositivas sobre Gestão, Liderança e Ética. Rio de Janeiro: Vozes Nobiliz, 2017. pp. 09-14.

⁴³⁵ Os quinze dias. **O Pão**, Fortaleza, 15 de julho de 1895, n. 20, p. 1.

O ato de escrever para o autor, possui o mesmo valor de descansar, tão instigante quanto a caçada para um inglês, exemplifica. Faz uma associação do seu trabalho como cronista ao de um pescador, pois ambos pescam histórias, porém um em águas limpas e outro em águas turvas. Se refere o padeiro ao longo do texto a desonestidade do mundo (inclusive a intelectual), e seu posicionamento de continuar seguindo um caminho correto, de princípios, pois em um mundo quase perdido, seria fácil levar a cabo uma missão pautada em coisas obscuras.⁴³⁶ Protesta ainda o autor sobre o clima que além de impedir as diversões do domingo, causa estragos na cidade. De forma jocosa o autor cobra Deus sobre os excessos:

Se me perguntassem agora o que estou fazendo, responderia, como o inglês da caçada, - que estou me divertindo. Só há uma profissão tão divertida como o cronista é a de pescador a linha. (...) A cidade aferrolha-se, pondo um precoce ponto final nas diversões do domingo. E chove... e chove... Deus quando se ocupa do Ceará para o emprego de qualquer uma das quatro operações, perde, com a licença da palavra, as estribeiras. Num ano mata a gente a sede, na outra mata afogada.⁴³⁷

Ainda segundo o autor, no Ceará está difícil manter o espírito alimentado com tantos jornais, pois fica caro para os leitores humildes manter a vida alimentada:

Prosseguindo o texto, Sales deixa claro que a luz do ideal positivista figura na população (leitora) mais como uma aparência, uma pose, percebe-se que nesse trecho não pretende o autor atacar o ideal e sim a forma como o público leitor e os intelectuais agem, enxergando somente o ego iluminista de cada jornal, e os compara como o pássaro que voa atraído pela luz e acaba morrendo cego pelo deslumbramento:⁴³⁸

(...). Bem carozinho portanto o pão de espírito para estes pobretões que tão penosamente ganham o pão corporal.

⁴³⁶ Idem.

⁴³⁷ Idem.

⁴³⁸ Idem. Nesta passagem da crônica identificamos uma semelhança dos escritos de Antônio Sales e Lima Barreto, quando exemplificam duas metáforas sobre diferentes formas de aculturação sofrida pelos brasileiros em diferentes tempos. O Padeiro, faz referência ao excesso de cultura e ideais franceses que entorpecem os cearenses de tanta luz, fazendo trocadilho direto com o iluminismo, e exemplifica com a metáfora do pássaro. Já em artigo da revista "O nosso 'ianquismo'", (Revista Contemporânea, 1919) escreve o carioca sobre a sedução cega que a cultura estadunidense estava provocando nos brasileiros "Nós não estamos ficando surdos com as coisas americanas, mas estamos ficando cegos; e, na clássica imagem, somos como mariposas que a luz atrai, para matá-las". Com este artigo de Lima Barreto o historiador Antônio Pedro Tota (1942) abre o livro e a discussão do capítulo com que discute esta relação "do francês para o inglês" Ver mais em: TOTA, Antônio Pedro. **O imperialismo sedutor**. A americanização do Brasil na época da segunda guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. pp. 9-16.

(...). Precisamos proceder de tal forma que por aí se pense que vivemos dentro da letra do axioma positivista, vivendo absolutamente às claras.

(...) E ninguém se admirará que demos por paus e por pedras, sabendo que os próprios pássaros quando se deslumbram vão de encontro às paredes esmagando as vezes o crânio ou rachando a titela.⁴³⁹

E, finalmente, protesta Sales que os indivíduos estarão tão cheios de opiniões, afogados na teoria, sem fazer nada por seus calos (problemas), ou seja, sem viver a práxis, que se converteriam em um povo sem vida, cegos às coisas que realmente preenchem e alimentam a história das pessoas,

Se parecemos povo de vista curta, surgira logo a explicação – é do excesso de luz, excesso que nos obrigará também a andar de feições contraídas sem que aliás soframos de calos e achemos a vida menos suave. (...) E quando um dia o povo cearense desfilar ante o olhar do historiador, este terá a impressão de quem contempla uma resplendente march aux flambeaux. Haja luz, portanto, e ... chova arroz.⁴⁴⁰

As crônicas em *O Pão* marcaram uma representação forte do cotidiano de Fortaleza,⁴⁴¹ com grande parte dos textos primando a pauta em torno da ideia de se explorar o lúdico do dia a dia, os assuntos variavam de crítica social à carnaval, com atenção especial para as festas e encontros das fornadas. Em meio a essa encruzilhada do que se está a ganhar ou a perder, do que é trabalho, obra, prazer, do se reconhecer no que se faz, da hora marcada para a obrigação, do emprego ou do tempo ocioso, esquecemos de discutir o valor filosófico central e crucial desse labirinto histórico do sentido de se perceber trabalho, assim, como nossos autores podemos evidenciar o termo: “- Preciso arranjar um emprego, por um categórico: - Preciso arranjar uma vida!”.⁴⁴²

⁴³⁹ Os quinze dias. *O Pão*, Fortaleza, 15 de julho de 1895, n. 20, p. 1.

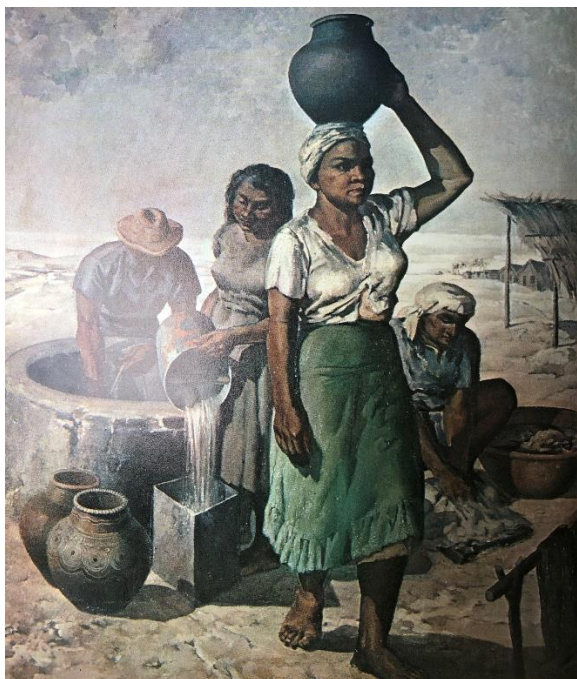
⁴⁴⁰ Idem.

⁴⁴¹ Primeiramente Adolfo Caminha dá o tom da crônica com sua coluna “Sabatina” na primeira fase de *O Pão*. Quando o jornal passa para uma nova fase, e se torna mais robusto inicia-se a seção “Quinze dias” também em formato de crônicas com Antônio Sales como o principal editor, mas também escrevem nela Waldemiro Cavalcanti, José Carlos Junior, Arthur Teófilo, José Carvalho.

⁴⁴² FRASE, Perter. The politics of getting a life. *Jacobin*, 19 de abril de 2012. Disponível em: <https://www.jacobinmag.com/2012/04/the-politics-of-getting-a-life/>. Acesso em: 01 dez. 2020.

Os padeiros foram caminhanter das cidades,⁴⁴³ e não se contentaram em admirar de longe a vida de Fortaleza ou dos interiores, adentraram pelas ruas e serras, nos revelando sua ontologia, fosse ela a tradicional ou moderna, humilde ou intelectual, assumiram sua posição e contribuíram para o jogo das diversas polifonias que cercam o mundo do ócio que em sua essência é o espírito do trabalho.

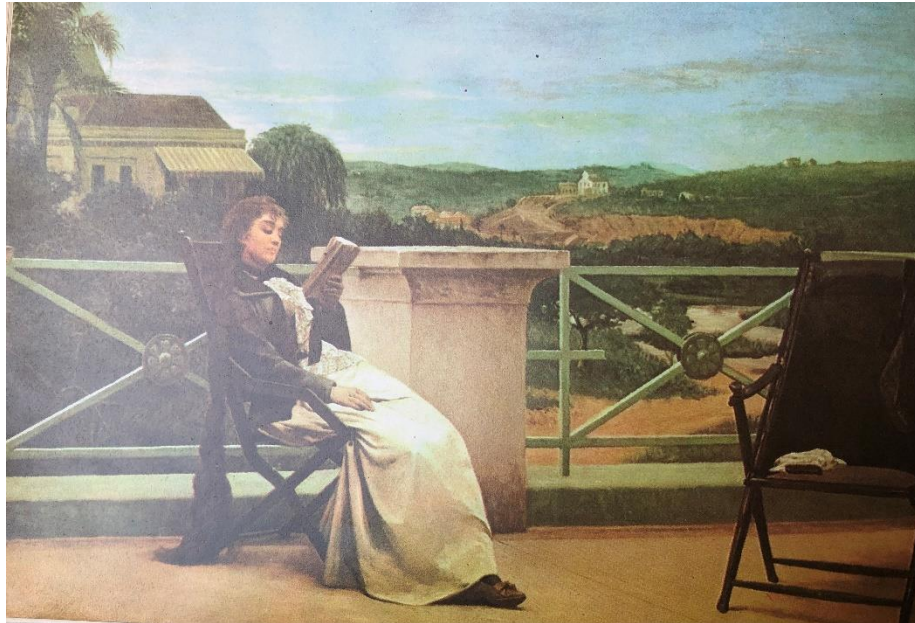
Figura 31 – Os contrates de uma vida refletidos na arte. Obra: **Água**. Ceará. Óleo de João José Rescale. Museu Nacional de Belas Artes.



Fonte: Grandes Personagens da nossa História. Vol. IV. **Abril Cultural**, 1970, São Paulo, p. 834.

⁴⁴³ Me refiro aqui aos personagens das cidades, ou seja, caminhanter e Voyeurs trabalhados pelo autor Michel de Certeau, na obra “A invenção do cotidiano” (1994). Sendo os voyeurs aqueles que se distanciam, já os caminhanter são aqueles que se misturam à multidão, ao mesmo tempo em que a pertencem e que dela fazem parte. Para o autor esses personagens jogam com os “cheios e vazios do texto urbano”: Esses praticantes jogam com espaços que não se veem; têm dele um conhecimento tão cego como no corpo-a-corpo amoroso. Os caminhos que se respondem nesse entrelaçamento, poesias ignoradas de que cada corpo é um elemento assinado por muitos outros, escapam à legibilidade. Tudo se passa como se uma espécie de cegueira caracterizasse as práticas organizadoras da cidade habitada (p. 171). Devido às constantes transformações na vida cotidiana, ocasionadas pelo avanço e aprimoramento das novas formas econômicas, o tempo e o espaço na “cidade” organizam-se de diferentes modos, prescrevendo ritmos e sentidos diversos aos sujeitos. Ver mais: Voyeurs e Caminhanter: reflexões acerca das apropriações do espaço urbano e do cotidiano na metrópole moderna. Anais do encontro nacional de recreação e lazer. **Sesc**. Serviço social do comercio. Disponível em: https://www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/712857d8-ff17-4f6d-ab48-f96d24187dea/07D_Voyeurs+e+Caminhanter.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=712857d8-ff17-4f6d-ab48-f96d24187dea. Acesso em: 12 mar. 2021.

Figura 32 - Visões possíveis da luta pelo O Pão, seja ele do corpo ou do Espírito. Obra: Leitura de Almeida Junior. Pinacoteca do Estado de São Paulo-SP.



Fonte: Grandes Personagens da nossa História. Vol. IV. **Abril Cultural**, 1970, São Paulo, p. 772.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Questionei-me desde o início da última fase desta pesquisa, sobre qual seria a melhor forma de finalizar este estudo. E após refletir muito, conclui que, a maneira mais coerente é o aproximar dos dias que vivemos.

Assim, da mesma forma que nos tempos dos homens de letras estudados destacava-se uma manutenção constante dos jogos humanos focando na ludicidade das relações, com a qual os escritores se alternavam e equilibravam em uma imensa teia social de resistência, nós também ao nosso modo estamos como sobreviventes. E deste modo, nestas linhas evidencio algumas considerações deste combate de hoje e ontem, refletindo de antemão que, seguramente, estamos vivendo continuamente rodadas de um jogo bem desigual.

A despolitização das discussões que nos levam a refletir sobre o mundo do trabalho e do descanso ganham de tempos em tempos uma nova roupagem, mas revelam-se cada vez mais presentes. O sujeito vive como outrora a precarização da sua vida, seja ela afetiva, nas relações de amizade e afeto, seja no mundo do trabalho, ou no acesso à educação, e assim por diante em tantas outras esferas do social.

Neste trabalho que analisamos as declarações em contos, colunas, crônicas, poesias entre outras formas de texto, que expressaram as angústias e prazeres de um grupo de rapazes do século XIX, percebeu-se que, ao mesmo tempo em que as novidades instigaram, também iludiram o cotidiano social de uma época, e, mais que isso, ecoaram e permaneceram profundamente enraizados no espírito não só dos cearenses como na maioria da população brasileira, e dessa forma podem ser somadas às experiências cotidianas atuais da nossa pós-modernidade. O modo fácil como o capitalismo de outrora rompeu os costumes e embriagou a sociedade no passado nos remete hoje a um coquetel de situações explosivas e perturbantes, tanto psicologicamente quanto fisicamente.

No que diz respeito ao jogo que rege o mundo do trabalho, observamos que hoje em pleno século XXI, tal como no passado, as gigantescas dimensões das competições, tão bem trabalhadas no mundo do capital, prevalecem e se reinventam, porém, esse jogo agora corresponde a uma “gamificação⁴⁴⁴ da vida”. O trabalhador

⁴⁴⁴ Gamificação – uso da mecânica dos jogos em contexto diversos, com o objetivo de incrementar a participação e gerar engajamento e comprometimento por parte de “potenciais” usuários. Com a

atrelado a um mundo onde há uma dicotomia histórica onde havia a figura dos operários e patrões, que eram adversários em um mundo real se depara agora com o mundo eletrônico, ou seja, o algoritmo dita as regras da meta, do bônus, do prêmio. A vida do trabalho sofreu novamente uma simbiose, onde os “likes” do trabalho prestado faz com que o trabalhador tenha inúmeros patrões, há uma caçada de todos, contra todos, correspondendo a uma nova dicotomia: consumidores e fornecedores. O indivíduo não se vê no que se faz, não se vê como parte do processo e, cada vez mais, se perde em uma cilada individualista, a mesma cilada que os escritores alarmavam aos quatro cantos da cidade e se preocupavam em atacar com suas atitudes de amizade, afeto público ou críticas relacionadas a interesses conjugais, por exemplo.

À medida em que vamos nos cercamos de meios eletrônicos e a máquina da produção se reinventa em nosso cotidiano, acumulamos afazeres e precarizamos nosso tempo. A lógica capitalista que nos vende a cada época uma nova versão de sedução, nos pressiona contra a perda de questionamentos sobre o viver e o sobreviver, nos vendendo a ilusão de conforto e acesso, porém, na nova lógica neoliberal, o que vislumbramos não é só a exploração e o jogo do interesse, mas a exacerbação da irrelevância na relação social, tudo é descartável.

Dos Padeiros que discutiam e reivindicavam sobre a importância do brincar, da mente livre para o ócio, da liberdade de aprendizagem e de se apropriar dessas ferramentas para objetivarem uma vida e não apenas um emprego, chegamos a uma sociedade conectada a todo o instante e disponível aos mandos e desmandos de seu senhoril. Nos percebemos dessa forma, trabalhando em longas e estressantes rotinas, sem tempo livre e, como nítido exemplo dessa lógica desumana, temos os trabalhadores de aplicativos, que desempenham suas funções por tanto tempo seguido, que exaurem sua força física ao limite, evidenciando-se a interação do modelo arcaico de trabalho escravo, porém agora no contexto da pós-modernidade. Passado e futuro confundindo-se e ramificando-se, e dessa forma os processos de exploração do nosso ócio perpetuam-se.

A reforma trabalhista e a flexibilização das leis de trabalho aprovadas nos últimos anos no Brasil foram determinantes para a escalada desse caminho de

intenção de despertar “emoções positivas”, explorar aptidões pessoais ou atrelar recompensas virtuais ou físicas ao cumprimento de tarefas.

normatização da nova forma de seres humanos representarem os vassalos modernos, pois, ao invés das mudanças na lei nos protegerem de novas formas de trabalho escravo, concluiu-se ser mais fácil acabar com a pouca legislação que ainda protegia os seres humanos de serem escravizados. Essa situação promove o velho imobilismo social, tão constantemente renovado e reafirmado pelas forças que se mantêm hegemonicamente no poder, (políticos, empresários, grandes comerciantes, detentores do capital) aprisionando cada vez mais o tempo de desenvolvimento físico, psíquico e educacional da esmagadora maioria que se perde numa disputa entre ter o “necessário” e ter o básico. Não dando muitas opções de acesso à liberdade, aos prazeres mínimos sociais como a leitura, a arte, o lazer. A grande parte da população sem direito a tempo de qualidade para questionar, ironizar, estudar, se divertir, se organizar e procurar espaços de furar a teia social da desigualdade acaba por se arrastar na segregação e na desigualdade.

A bandeira do amor ao livro e do conhecimento libertador, que era possível através da leitura e das artes que os escritores tanto arquearam naqueles tempos, está atualmente a meio mastro, e isso acontece justamente nos tempos em que a humanidade mais precisa de conhecimento científico. Assim, observamos em pleno 2021 uma completa negação do saber e o descredenciamento do pesquisador (principalmente o pesquisador social) como um profissional fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade mais preparada aos desafios dos descaminhos que a hiperprodução capitalista nos levará.

Revela-se na postura despojada e bufa dos Padeiros uma artimanha para burlar a desigualdade tanto material quanto espiritual, e com isso se projetarem para além da província. Buscaram, com seu discurso simples e didático, alternativas aos seus problemas, enfrentando suas precisões tais como se apresentavam. Consideramos, assim, uma atitude em seus escritos em mostrarem a força do homem do “Norte”, mas não a força da resistência de um discurso repetitivo sobre um povo que é forte e trabalhador, que aceita passivamente uma sina ou a fatalidade da escassez e aprendeu com isso a “sofrer sorrindo”. Usando a frase clássica de Euclides da Cunha, compreende-se que, não só o nordestino, mas o brasileiro é sim, antes de tudo um forte, pois aprendeu “dar seu jeito”.

O conhecimento ao posicionamento dos escritores e o mergulho na história rica dos clubes literários cearenses, conhecendo a literatura de vanguarda dos escritores,

nos aponta uma desconstrução a essa fala cultural e construída sobre uma região contraditória, ou seja, “bonita” turisticamente, porém atrasada, pobre e inculta. A importância deste estudo destaca-se também a essa releitura, pois essa visão de subdesenvolvimento segue-se viva em nossos dias, se renovando, camuflando os problemas sociais mais profundos que não só o Nordeste tem, mas que todas as regiões do Brasil sofrem, no qual a esmagadora maioria da população vive sem acesso à estrutura social mínima.

A alimentação desta ou daquela superioridade discutida e criticada pelo grupo da Padaria Espiritual, tão recorrente na sociedade, cria a ilusão de que estamos em lados diferentes de um jogo coletivo, batalha que estamos recorrentemente perdendo por não nos reconhecermos como pares. Revela-se, assim, que os escritores queriam ter ócio e trabalho como partes de um todo, onde um não anula o outro, e que independente de cada ofício, do mais simples ao mais renomado, ambos deveriam primar ao reconhecimento de si mesmo dentro do que se fazia, ou seja ter uma obra, lutar pelo que fosse possível, construir-se e construir algo e não somente ganhar o Pão “que o diabo amassou”.

Como podemos evidenciar, o grupo vislumbrava uma atitude do brincar, promovendo um questionamento lúdico da vida, assim a concepção da preguiça, da troça, do entretenimento, não atrapalhava a vida produtiva, pelo contrário, a aproximação com a ideia de ludicidade era necessária para desenvolvimento do homem em todas as fases da vida. Reflete-se através das leituras de *O Pão* que a vida acontece para além das atitudes sérias, da centralidade do emprego, da individualização da competição desmedida, dos afetos vazios hoje representados pelo aparato tecnológico. Esta dissertação foi escrita em meio a uma pandemia, na qual vivemos de forma desmedida a desvalorização da humanidade do indivíduo em prol da economia. Nesta lógica pandêmica, um vírus deixou claro em nossa forma de vida pós-moderna e neoliberal algumas velhas verdades que os escritores de outrora já nos advertiam, o trem da aceleração é constante, não se pode parar, quem está alinhado às forças do capital é digno de respeito, quem não está deve ser excluído.

O ócio compulsório do isolamento social a partir de 2020 nos trouxe de volta a questões pertinentes a esta pesquisa, uma necessidade crescente de se alcançar um elogio ao ócio através de seu resgate histórico. Quando a centralidade do trabalho atingiu o ponto máximo da vida do homem, e a dinâmica capitalista vende que todos

somos pequenos “empreendedores” de nós mesmos, o que resta para a pessoa isolada, desempregada ou impedida de produzir desenfreadamente? Resta a desumanização e o embrutecimento de toda uma sociedade, na qual a parte mais humilde leva a pior, e se desumaniza buscando alcançar o básico expondo-se ao vírus. Enquanto outra parcela se perde confinada sem sentir-se produtiva se não estiver conectada todo tempo.

Diz Marx⁴⁴⁵ que vivemos a dupla alienação do ser, privados de nossa própria produção, não nos reconhecendo nela, ao mesmo tempo em que subtraímos nossa humanização vendendo toda nossa energia, nos rendendo à exploração do capital. Para o escritor, o ser humano só se constitui como humano quando trabalha, quando vê prazer no que produz. Aponta ainda que, quanto menos o indivíduo comer, beber, ler, assistir teatro ou ir a bailes, quanto menos o indivíduo amar, pensar ou teorizar, cantar, pintar, se exercitar ou seja, quanto menos o indivíduo deixa de “ser”, se encantará com a ilusão do “ter”.

Dessa forma, quanto menos você “é” e não se humaniza por meio do seu trabalho, menos você expressa sua vida, alienando-se, sem sentir trabalho e ócio como unos, valorizando apenas o capital. Porém, para aqueles com empregos degradantes e precários, torna-se impossível pensar trabalho como categoria central da vida, fonte de significado e identidade, e menos ainda, esperar que este indivíduo queira se dedicar a alguma atividade que exigiria um investimento de elevação espiritual, tempo e atenção, ou ainda imagine que ele buscará formas de trabalhar os laços de comunidade e desenvolvimento social.

A chamada ‘era dos algoritmos’ promete acelerar a erosão da ideia de trabalho como a concebemos, o desemprego em massa é uma realidade e um processo que vem se estendendo por séculos e encontra agora, com a Inteligência artificial, sua forma mais urgente, uma automação da mão de obra humana sem precedentes, criando a sociedade dos bicos. O que se deflagra agora não é apenas a exploração do indivíduo, e sim a falta de oportunidade até mesmo desses indivíduos serem explorados.

Assim, reflete-se na finalização desta pesquisa se, após vivermos este contexto social pandêmico, e adentrarmos em uma realidade onde se imagina uma sociedade do “pós-trabalho”, com o perceptível aumento da desigualdade para uns, a exaustão

⁴⁴⁵ MARX. Karl. **Manuscritos econômicos filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

dos anseios afetivos para outros, da experiência do “tempo livre compulsório” para muitos, encontraremos enfim o sentido de trabalho, de ludicidade, de tempo livre ou ainda alguma elevação espiritual que almejavam os Padeiros.

FONTES

O Pão... da Padaria Espiritual, Fortaleza-CE: Edições UFC/Academia Cearense de Letras/Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1982. (Edição fac-similar)

Ano 1, n.º 1, 10 de julho de 1892

Sem gerente definido

JUREMA, Moacyr. Pelo Prado (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 1, 10 de julho de 1892, p. 1.

ESTOURO, Policarpo. Bolachinhas (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 1, 10 de julho de 1892, p. 2.

ESCOLAS (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 1, 10 de julho de 1892, p. 3.

BILHETE postal (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 1, 10 de julho de 1892, p. 3.

BIBLIOTECA (comunicado). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 1, 10 de julho de 1892, p. 4.

BIZARRO, Lucas. Naufrago (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 1, 10 de julho de 1892, p. 4.

A RAMPA (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 1, 10 de julho de 1892, p. 5.

JUREMA, Moacyr. Malacacheta (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 1, 10 de julho de 1892, p. 5.

ALMANACK do Ceará (comunicado) **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 1, 10 de julho de 1892, p. 5.

GUANABARINO, Felix. Sabatina (crônica) **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 1, 10 de julho de 1892, pp. 6-7.

JUREMA, Moacyr. Confeitos (conto) **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 1, 10 de julho de 1892, pp. 7-8.

ERNANI Club (artigo) **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 1, 10 de julho de 1892, p. 8.

BIBLIOTECA da Padaria. (comunicado) **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 1, 10 de julho de 1892, p. 8.

Ano 1, n.º 2, 17 de julho de 1892

Sem gerente definido

GUANABARINO, Felix. Sabatina (crônica). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 2, 17 de julho de 1892, p. 1.

AS CALÇAS (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 2, 17 de julho de 1892, p. 3.

M. Parque da liberdade (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 2, 17 de julho de 1892, p. 4.

ALEGRETE, Artigo. Livra (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 2, 17 de julho de 1892. p. 4.

RECEBEMOS ... (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 2, 17 de julho de 1892 p. 4.

JUREMA, Moacyr. Confeitos II (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 2, 17 de julho de 1892, p. 5.

JANDIRA, Moghar. Adoração (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 2, 17 de julho de 1892, p. 6.

O CASSINO (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 2, 17 de julho de 1892, pp.6-7.

ESTOURO, Policarpo. Bolachinhas (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 2, 17 de julho de 1892, pp. 7-8.

PELA Avenida (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 2, 17 de julho de 1892, p. 8.

Ano 1, n.º 2, 30 de outubro de 1892

Sem gerente definido

ARTIGO de fundo (comunicado). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 2, 30 de outubro de 1892, pp. 1-2.

PARQUE da liberdade – s/assinatura (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 2, 30 de outubro de 1892, pp. 2-3.

JAGUAR Lucio A normalista (divulgação literária). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 2, 30 de outubro de 1892, p. 5.

CARTEIRA (coluna). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 2, 30 de outubro de 1892, p. 6.

GERVAL Anatolio Confeitos: O dia do Aziago (conto) **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 2, 30 de outubro de 1892, p. 7.

SACO de ostras (Máximas e pensamentos). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 2, 30 de outubro de 1892, p. 8.

Ano 1, n.º 3, 06 de novembro de 1892

Sem gerente definido

TUPINIQUIM, W. Artigo de fundo. **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 3, 06 de novembro de 1892, pp. 1-2.

GUANABARINO, Felix. Sabatina. **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 3, 06 de novembro de 1892, pp. 3-4.

SACO de ostras. (Máximas e pensamentos). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 3, 06 de novembro de 1892, p. 2.

O DIA dos mortos ... (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 3, 06 de novembro de 1892, p. 7.

Ano 1, n.º 4, 13 de novembro de 1892

Sem gerente definido

TUPINIQUIM, W. Artigo de fundo (artigo) **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 4, 13 de novembro de 1892, p. 2.

JANDIRA, Manghar. Confeitos (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 4, 13 de novembro de 1892, pp. 2-3.

GUARABARINO, Felix. Sabatina. **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 4, 13 de novembro de 1892, p. 3.

CARTEIRA (coluna). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 4, 13 de novembro de 1892, p. 5.

BIZARRO, Lucas. Um pote de doce. **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 4, 13 de novembro de 1892, pp. 7-8.

SACO de ostras (Máximas e pensamentos). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 4, 13 de novembro de 1892, p. 8.

Ano 1, n.º 5, 24 de dezembro de 1892

Sem gerente definido

ARTIGO de fundo (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 5, 24 de dezembro de 1892, p. 1.

ABEL Botelho (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 5, 24 de dezembro de 1892, p. 2.

GUARABARINO, Felix. Sabatina (crônica). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 5, 24 de dezembro de 1892, p. 3.

GERVAL, Anatolio. Órfã (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 5, 24 de dezembro de 1892, p. 3.

GERVAL, Anatolio. Nascimento de Cristo (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 5, 24 de dezembro de 1892, p. 4.

ALEGRETE, Satyro. Noite de festa (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 5, 24 de dezembro de 1892, p. 5.

JANDIRA, Maghar. Confeitos (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 5, 24 de dezembro de 1892, p. 6.

CARTEIRA (coluna). **O Pão**, Fortaleza, Ano 1, n.º 5, 24 de dezembro de 1892. pp. 7-8.

Ano 2, n.º 7, 01 de janeiro de 1895

Diretor: Antônio Sales/Gerente: Sabino Baptista

VOLTANDO (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 7, 01 de janeiro de 1895, p. 1.

CAVALCANTI, Waldomiro. Pardal Malet (artigo de homenagem). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 7, 01 de janeiro de 1895, pp. 1-2.

TEÓFILO, Arthur. A Morte da Avó (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 7, 01 de janeiro de 1895, p. 2.

JACY, Bruno. Per Musica (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 7, 01 de janeiro de 1895, p. 2-3.

CASTRO, X. de. Chromos (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 7, 01 de janeiro de 1895, p. 3.

JUNIOR, José Carlos. Poetas contemporâneos: Campoamor (crítica literária). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 7, 01 de janeiro de 1895, pp. 3-4.

JUREMA, Moacyr. Medalhas (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 7, 01 de janeiro de 1895, p. 5.

BIBLIOGRAFIA (coluna divulgação literária). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 7, 01 de janeiro de 1895, p. 5.

BAPTISTA, Sabino. Enfim. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 7, 01 de janeiro de 1895, pp. 5-6.

GERVAL, Anatolio. Colera Morbus (fábula). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 7, 01 de janeiro de 1895, p. 6.

Ano 2, n.º 8, 15 de janeiro de 1895

Diretor: Antônio Sales /Gerente: Sabino Baptista

D'AZOF, Ivan. Os Quinze dias (crônica). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 8, 15 de janeiro de 1895, pp. 1-2.

ALENCAR, Cabral de. No campo (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 8, 15 de janeiro de 1895, p. 2-3.

BEZERRA, Ulysses. Prêmio merecido (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 8, 15 de janeiro de 1895, p. 3.

CASTRO, X. de. Chromos (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 8, 15 de janeiro de 1895, p. 2.

JUNIOR, José Carlos. Poetas contemporâneos: Campoamor II (crítica literária). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 8, 15 de janeiro de 1895, pp. 3-4.

BIBLIOGRAFIA (coluna divulgação literária). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 8, 15 de janeiro de 1895, p. 4.

A NOSSA correspondência (cartas diversas ao clube). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 8, 15 de janeiro de 1895, p. 5.

CARTEIRA (coluna). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 8, 15 de janeiro de 1895, p. 5.

AS NOSSAS sessões (divulgação das fornadas). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 8, 15 de janeiro de 1895, p. 6.

Ano 2, n.º 9, 01 de fevereiro de 1895

Diretor: Antônio Sales/Gerente: Sabino Baptista

JUREMA, Moacyr. Os Quinze dias. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 9, 01 de fevereiro de 1895, p. 1.

TEÓFILO, Arthur. Tisica (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 9, 01 de fevereiro de 1895, p. 2.

JUNIOR, José Carlos. A infância outrora e hoje (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 9, 01 de fevereiro de 1895, p. 2-4.

TEÓFILO, Rodolfo. Misanthropia (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 9, 01 de fevereiro de 1895, p. 4.

ALENCAR, Cabral de. A rival (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 9, 01 de fevereiro de 1895, p. 4.

JACY, Bruno. O prato do Julinho (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 9, 01 de fevereiro de 1895, p. 4.

M.J. Bibliografia (coluna divulgação literária). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 9, 01 de fevereiro de 1895, p. 5.

A NOSSA correspondência (cartas diversas ao clube). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 9, 01 de fevereiro de 1895, pp. 5-6.

CARTEIRA (coluna). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 9, 01 de fevereiro de 1895, p. 5.

LEMBRETES. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 9, 01 de fevereiro de 1895, p. 6.

Ano 2, n.º 10, 15 de fevereiro de 1895

Diretor: Antônio Sales/Gerente: Sabino Baptista

JUREMA, Moacyr. Os Quinze dias. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 10 – 15 de fevereiro de 1895, p. 1.

TEÓFILO, Rodolfo. As manchas do sol e as secas I (artigo científico). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 10 – 15 de fevereiro de 1895, pp. 2-3.

CASTRO, X. de. Chromos (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 10 – 15 de fevereiro de 1895, p. 3.

BARRETO, Lívio. Intima (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 10 – 15 de fevereiro de 1895, p. 4.

TEÓFILO, Arthur. O exame primário (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 10 – 15 de fevereiro de 1895, pp. 4-5.

A NOSSA correspondência (cartas diversas ao clube). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 10 – 15 de fevereiro de 1895, p. 5.

M. Recados (relato), **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 10 – 15 de fevereiro de 1895, p. 6.

CARTEIRA (coluna de notícias). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 10 – 15 de fevereiro de 1895, p. 6.

Ano 2, n.º 11, 01 de março de 1895

Diretor: Antônio Sales/Gerente: Sabino Baptista

JUREMA, Moacyr. Os quinze dias (crônica). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 11, 01 de março de 1895, p. 1.

CARVALHO, José. O batismo (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 11, 01 de março de 1895, p. 2.

CASTRO, X. de. Chromos (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 11, 01 de março de 1895, p. 2.

TEÓFILO, Rodolfo. As manchas do sol e a seca II (artigo científico). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 11, 01 de março de 1895, p. 3.

ALENCAR, Cabral de. Mystica (fábula). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 11, 01 de março de 1895, p. 4.

JACY, Bruno. Carta a Padaria (relato). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 11, 01 de março de 1895, p. 4.

M.J. Bibliografia (coluna divulgação literária). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 11, 01 de março de 1895, p. 5.

FILHO, Lopes. A lucta pela vida (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 11, 01 de março de 1895, p. 5.

M. Recados. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 11, 01 de março de 1895, p. 5.

M. Carteira (coluna de notícias). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 11, 01 de março de 1895, p. 6.

Ano 2, n.º 12, 15 de março de 1895

Diretor: Antônio Sales/Gerente: Sabino Baptista

JUREMA, Moacyr. Os quinze dias (crônica). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 12, 15 de março de 1895, p. 1.

TEÓFILO, Rodolfo. As manchas do sol e a seca II (artigo científico). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 12, 15 de março de 1895. p. 3.

JUREMA, Moacyr. Adeus! (resenha literária e poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 12, 15 de março de 1895. p. 3.

CATAVENTO, Frivolino. Segunda hypotese (resenha literária). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 12, 15 de março de 1895, p. 3.

ALEGRETE, Satyro. Terceira hypotese (resenha literária). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 12, 15 de março de 1895, p. 3.

ASSUR, Abdhul. Quarta hypotese (resenha literária). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 12, 15 de março de 1895, p. 3.

CARNAHUBA, André. Diversas hypoteses (resenha literária). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 12, 15 de março de 1895, p. 4.

SABOYA, Eduardo. O trem de ferro (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 12, 15 de março de 1895, p. 4.

M.J. Bibliografia (coluna divulgação literária). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 12, 15 de março de 1895, p. 5.

A NOSSA correspondência (cartas diversas ao clube). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 12, 15 de março de 1895, p. 5.

JACY, Bruno. Contrastes (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 12, 15 de março de 1895, p. 5.

M. Recados. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 12, 15 de março de 1895, p. 5.

NAVARRA, Gil. O sereno (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 12, 15 de março de 1895, p. 6.

ALENCAR, Roberto de. Heliotropia (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 12, 15 de março de 1895, p. 6.

M. Carteira (coluna de notícias). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 12, 15 de março de 1895, p. 6.

Ano 2, n.º 13, 01 de abril 1895

Diretor: Antônio Sales/Gerente: Sabino Baptista

JUREMA, Moacyr. Os quinze dias (crônica). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 13, 01 de abril 1895, p. 1.

BEVILAQUA, Clovis. Criminologia e direito (artigo científico). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 13, 01 de abril 1895, p. 2.

CARNAÚBA, André. A folha de Parreira (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 13, 01 de abril 1895, p. 3.

ALMEIDA, Padre Correa de. Bandas de retroz (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 13, 01 de abril 1895, p. 3.

BARRETO, Lívio. Torturado (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 13, 01 de abril 1895, p. 3.

CASTRO, X. de. Chromos (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 13, 01 de abril 1895, p. 4.

CARVALHO, José. Condições e contradições (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 13, 01 de abril 1895, p. 4.

M.J. Bibliografia (coluna divulgação literária). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 13, 01 de abril 1895, p. 5.

CASTRO, Antônio de. A ella (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 13, 01 de abril 1895, p. 6.

M. Recados. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 13, 01 de abril 1895, p. 6.

FILHO, Lopes. Trovas (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 13, 01 de abril 1895, p. 6.

M. Carteira (coluna de notícias). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 13, 01 de abril 1895, p. 6.

Ano 2, n.º 14, 15 de abril de 1895

Diretor: Antônio Sales/Gerente: Sabino Baptista

A redação. Plagio? (relato). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 14, 15 de abril de 1895, p. 1.

JUREMA, Moacyr. Os quinze dias. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 14, 15 de abril de 1895, pp. 1-2.

CASTRO, X. de. Chromos. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 14, 15 de abril de 1895, p. 2.

BEVILAQUA, Clovis. Criminologia e direito (artigo científico). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 14, 15 de abril de 1895, pp. 2-3.

FILHO, Lopes. Trovas (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 14, 15 de abril de 1895, p. 3.

ALENCAR, Cabral de. A Lucia (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 14, 15 de abril de 1895, p. 3.

TEÓFILO, Rodolfo. Ressurreição de Cristo (Poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 14, 15 de abril de 1895, p. 3.

JACY, Bruno. A infância de outrora e hoje III (artigo científico). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 14, 15 de abril de 1895, p. 3.

JACY, Bruno. Ordem e Progresso (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 14, 15 de abril de 1895, p. 4.

M. e B. Recados. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 14, 15 de abril de 1895, pp. 4-5.

S. B. Imprensa Literária (crítica e divulgação literária). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 14, 15 de abril de 1895, p. 6.

CARTEIRA (coluna de notícias). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 14, 15 de abril de 1895, p. 6.

Ano 2, n.º 15, 01 de maio de 1895

Diretor: Antônio Sales /Gerente: Sabino Baptista

L. BRIG. Os quinze dias (crônica). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 15, 01 de maio de 1895, pp. 1-2.

TEÓFILO, Arthur. Desmoronamento (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 15, 01 de maio de 1895, p. 2.

JACY, Bruno. História Triste (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 15, 01 de maio de 1895, p. 2.

BEVILAQUA, Clovis. Criminologia e direito II (artigo científico). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 15, 01 de maio de 1895, pp. 2-3.

TEÓFILO, Rodolfo. Os potes (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 15, 01 de maio de 1895, p. 3.

BARRETO, Lívio. Doente (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 15, 01 de maio de 1895, p. 4.

SABOYA, Eduardo. No mar do Norte (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 15, 01 de maio de 1895, p. 4.

CASTRO, X. de. Chromos. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 15, 01 de maio de 1895, p. 5.

M. e B. Recados. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 15, 01 de maio de 1895, p. 5.

S. B. Imprensa Literária (Crítica e divulgação literária). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 15, 01 de maio de 1895, pp. 5-6.

S. A. Arquivo (relato da recepção e obras a biblioteca da padaria). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 15, 01 de maio de 1895, p. 6.

SALES, Antônio. Carteira (coluna de notícias). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 15, 01 de maio de 1895, p. 6.

Ano 2, n.º 16, 15 de maio de 1895

Diretor: Antônio Sales/Gerente: Sabino Baptista

CASTRO Xavier de. Homenagem à memória (Capa). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 16, 15 de maio de 1895, p. 1.

B.J. Os quinze dias (crônica). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 16, 15 de maio de 1895, p. 2.

BARRETO, Lívio. Sombra e Luar (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 16, 15 de maio de 1895, p. 2.

TEÓFILO, Arthur. Páginas de um livro II (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 16, 15 de maio de 1895, p. 2-3.

BRIGIDO, Leopoldo. O Amor (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 16, 15 de maio de 1895, p. 4.

A INFÂNCIA de outrora e hoje III (artigo científico). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 16, 15 de maio de 1895, p. 4.

JACY, Bruno. Peer Paars. Stavanger (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 16, 15 de maio de 1895, pp. 4-5.

CATAVENTO, Frivolino. Feliz (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 16, 15 de maio de 1895, p. 5.

AZEVEDO, Raul de. Lenda (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 16, 15 de maio de 1895, p. 6.

FILHO, Lopes. Adeus (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 16, 15 de maio de 1895, p. 6.

S. B. Imprensa Literária (Crítica e divulgação literária). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 16, 15 de maio de 1895, p. 6.

CARTEIRA (coluna de notícias). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 16, 15 de maio de 1895, p. 6.

Ano 2, n.º 17, 30 de maio de 1895

Diretor: Antônio Sales/Gerente: Sabino Baptista

X. DE CASTRO (homenagem A República). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 17, 30 de maio de 1895, p. 1.

X. DE CASTRO Augusto (homenagem Diário do Ceará). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 17, 30 de maio de 1895, p. 1.

XAVIER DE Castro Augusto. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 17, 30 de maio de 1895, p. 2.

FILHO, Lopes. A memória de Xavier de Castro: Adeus! **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 17, 30 de maio de 1895, p. 2.

CAVALCANTI, Waldemiro; SALES, Antônio; BAPTISTA, Sabino. Inga, 10 de Maio de 1895 (carta homenagem). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 17, 30 de maio de 1895, p. 3.

TEÓFILO, Rodolfo. Xavier de Castro (homenagem). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 17, 30 de maio de 1895, p. 3.

TEÓFILO, Arthur. Ao Xavier de Castro (homenagem), **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 17, 30 de maio de 1895, p. 3.

ALENCAR, Roberto de. Sempre (homenagem). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 17, 30 de maio de 1895, p. 3.

BEZERRA, Ulisses. A memória de Xavier de Castro (homenagem). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 17, 30 de maio de 1895, p. 3.

FILHO, Lopes. Xavier de Castro (homenagem). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 17, 30 de maio de 1895, p. 4.

CARVALHO, José. Xavier de Castro (homenagem). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 17, 30 de maio de 1895, p. 4.

VALLE, Francisco Ferreira do. Augusto Xavier de Castro (homenagem). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 17, 30 de maio de 1895, p. 4.

CESÁRIO, Luiz. Xavier de Castro (homenagem). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 17, 30 de maio de 1895, p. 5.

NAVA, José. ADEUS! (homenagem). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 17, 30 de maio de 1895, p. 5.

A MORTE do Xavier (homenagem). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 17, 30 de maio de 1895, p. 5.

CHROMOS (informe de publicação do livro de X.de Castro). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 17, 30 de maio de 1895, p. 6.

CARTEIRA. O Nosso aniversário. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 17, 30 de maio de 1895, p. 6.

FORTE, J. B. Souza. Xavier de Castro (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 17, 30 de maio de 1895, p. 7.

SABOYA, Bruno. Xavier de Castro (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 17, 30 de maio de 1895, p. 7.

CASTRO, Xavier de. Dores Intimas (publicação poema póstumo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 17, 30 de maio de 1895, p. 8.

Ano 2, n.º 18, 15 de junho de 1895

Diretor: Antônio Sales /Gerente: Sabino Baptista

B. e M. Os quinze dias (crônica). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 18, 15 de junho de 1895, p. 1.

SALES, Antônio. Uma agressão (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 18, 15 de junho de 1895, p. 2.

BAPTISTA, Sabino. Em viagem (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 18, 15 de junho de 1895, p. 2.

CASTRO, Antônio de. Esperando (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 18, 15 de junho de 1895, pp. 2-3.

TEÓFILO, Rodolfo. Os brilhantes (fragmento livro). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 18, 15 de junho de 1895, pp. 3-4.

CASTRO, X. de. Extasis (prosa). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 18, 15 de junho de 1895, p. 4.

JUREMA, Moacir. Carta. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 18, 15 de junho de 1895, p. 4.

FILHO, Lopes. O Netinho. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 18, 15 de junho de 1895, p. 4.

S. A. Arquivo (relato da recepção de obras a biblioteca da padaria). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 18, 15 de junho de 1895, p. 6.

TEÓFILO, Rodolfo. Meu caro Moacyr (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 18, 15 de junho de 1895, p. 5.

M. e B. Recados. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 18, 15 de junho de 1895, pp. 5-6.

S. B. Imprensa Literária (Crítica e divulgação literária). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 18, 15 de junho de 1895, p. 6.

CARTEIRA (coluna de notícias). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 18, 15 de junho de 1895, p. 6.

Ano 2, n.º 19, 01 de julho de 1895

Diretor: Antônio Sales /Gerente: Sabino Baptista

JUREMA, Moacyr. Os quinze dias (crônica). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 19, 01 de julho de 1895, pp. 1-2.

CAVALCANTI, W. Da cidade ao sertão. Carta à Padaria (relato de viagem). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 19, 01 de julho de 1895, p. 2.

TEÓFILO, Rodolfo. Normalista (crítica literária). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 19, 01 de julho de 1895, pp. 2-4.

BARRETO, Lívio. Contradição (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 19, 01 de julho de 1895, p. 4.

SALES, Antônio. Silhueta (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 19, 01 de julho de 1895, p. 4.

CATAVENTO, Frivolino. Triste... triste... **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 19, 01 de julho de 1895, p. 5.

BATISTA, Sabino. Balada Errante (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 19, 01 de julho de 1895, p. 5.

M.J. Bibliografia (coluna divulgação literária). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 19, 01 de julho de 1895, p. 5.

IMPrensa Literária (Crítica e divulgação literária). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 19, 01 de julho de 1895, p. 6.

RECADOS. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 19, 01 de julho de 1895, p. 6.

CARTEIRA (coluna de notícias). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 19, 01 de julho de 1895, p. 6.

Ano 2, n.º 20, 15 de julho de 1895

Diretor: Antônio Sales /Gerente: Sabino Baptista

JUREMA, Moacyr. Os Quinze dias (crônica). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 20, 15 de julho de 1895, p. 1.

JACI, Bruno. Com a "Thebaida" (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 20, 15 de julho de 1895, pp. 1-2.

BARRETO, Lívio. Ester (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 20, 15 de julho de 1895, p. 2.

SALES Antônio. História de uma larva (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 20, 15 de julho de 1895, p. 3.

ALEGRETE Satiro. Do campo (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 20, 15 de julho de 1895, p. 4.

ARAÚJO Joaquim de. Noivado eterno (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 20, 15 de julho de 1895. p. 4.

TEÓFILO, Rodolfo. A normalista (Crítica literária). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 20, 15 de julho de 1895, p. 4.

CASTRO, X. de. Chromos (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 20, 15 de julho de 1895, p. 5.

M.J. Bibliografia. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 20, 15 de julho de 1895, p. 5.

RECADOS. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 20, 15 de julho de 1895, p. 5.

A. S. Transpondo a serra (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 20, 15 de julho de 1895, p. 6.

S.B. Imprensa literária. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 20, 15 de julho de 1895, pp. 6-7.

CARTEIRA. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 20, 15 de julho de 189, p. 7.

Ano 2, n.º 21, 01 de agosto de 1895

Diretor: Antônio Sales /Gerente: Sabino Baptista

JUREMA, Moacyr. Os quinze dias (crônica). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 21, 01 de agosto de 1895, p. 1.

ARAÚJO, Joaquim de. O Rei e o poeta (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 21, 01 de agosto de 1895, p. 2.

TEÓFILO, Rodolfo. A normalista III (crítica literária). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 21, 01 de agosto de 1895, p. 2.

BATISTA, Sabina. Tentadora (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 21, 01 de agosto de 1895. p. 3.

BRAÚNA, C. Pianista (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 21, 01 de agosto de 1895, pp. 3-4.

BARRETO, Lívio. Para Alguém (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 21, 01 de agosto de 1895, p. 4.

CATAVENTO, Frivolino. Entre-idyllo (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 21, 01 de agosto de 1895, p. 4.

NAVARRO, Gil. Céu aberto (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 21, 01 de agosto de 1895, pp. 4-5.

M.J. Bibliografia. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 21, 01 de agosto de 1895, p. 5.

RECADOS. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 21, 01 de agosto de 1895, p. 5.

CORREIA, Raimundo. Padaria Espiritual (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 21, 01 de agosto de 1895, p. 5-7.

IMPRENSA literária. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 21, 01 de agosto de 1895, p. 7.

CARTEIRA. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 21, 01 de agosto de 1895, p. 7.

Ano 2, n.º 22, 15 de agosto de 1895

Diretor: Antônio Sales /Gerente: Sabino Baptista

Ivan e Moacyr. Os quinze dias (crônica). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 22, 15 de agosto de 1895. p. 1.

QUENTAL, Anthero do; JACI, Bruno. Zara. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 22, 15 de agosto de 1895, pp. 1-2.

BATISTA, Sabino. Symphonia de abertura (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 22, 15 de agosto de 1895, p. 2.

AZEVEDO, Raul. Dona Guilmar (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 22, 15 de agosto de 1895, p. 3.

BARRETO, Livio. Lagrimas (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 22, 15 de agosto de 1895, p. 3.

A.S. Album de estudos no trem (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 22, 15 de agosto de 1895, p. 3.

MIRANDA, Guilherme de. Quadro selvagem. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 22, 15 de agosto de 1895, p. 3.

GERVAL, Anatolio; SILVA, Francisca Julia da. Marmores – No Baile (crítica literária e poemas). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 22, 15 de agosto de 1895, p. 3.

CARVALHO, José. Mae e Filho (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 22, 15 de agosto de 1895. p. 4.

TEÓFILO, Rodolfo. A normalista IV (crítica literária). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 22, 15 de agosto de 1895, pp. 4-6.

FILHO, Lopes. O passado (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 22, 15 de agosto de 1895. p. 5.

B.J. Bibliografia (crítica literária). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 22, 15 de agosto de 1895. p. 6.

CASTRO, Antônio de. A***(poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 22, 15 de agosto de 1895.

CORREIA, Raimundo. Padaria Espiritual (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 22, 15 de agosto de 1895. p. 6.

S. B. Imprensa literária. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 22, 15 de agosto de 1895. pp. 6-7.

CARTEIRA. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 22, 15 de agosto de 1895. p. 7.

Ano 2, n.º 23, 01 de setembro de 1895

Diretor: Antônio Sales /Gerente: Sabino Baptista

JUREMA, Moacyr. Os quinze dias (crônica). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 23, 01 de setembro de 1895, p. 1.

BATISTA, Sabino. No campo (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 23, 01 de setembro de 1895, p. 2.

JACY, Bruno. Os canhões amarelos (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 23, 01 de setembro de 1895, pp. 2-3.

BARRETO, Livio. Mal íntimo (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 23, 01 de setembro de 1895, p. 3.

CARVALHO, José. O Jurity (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 23, 01 de setembro de 1895, pp. 3-4.

A NORMALISTA (conclusão) (crítica literária). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 23, 01 de setembro de 1895, pp. 4-5.

B. Alberto Nepumoceno (homenagem). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 23, 01 de setembro de 1895, pp. 5-6.

CASTRO, Antonio de. A bordo (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 23, 01 de setembro de 1895, p. 6.

A.S. Album de estudos III (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 23, 01 de setembro de 1895, p. 6.

AZEVEDO, Raul. Tartarin de Tarascon (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 23, 01 de setembro de 1895, pp. 6-7.

FILHO, Lopes. Pela vida (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 23, 01 de setembro de 1895, p. 7.

IMPRESSA literária. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 23, 01 de setembro de 1895, p. 7.

CARTEIRA. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 23, 01 de setembro de 1895, p. 7.

Ano 2, n.º 24, 15 de setembro de 1895

Diretor: Antônio Sales /Gerente: Sabino Baptista

JUREMA, Moacyr. Os quinze dias (crônica). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 24, 15 de setembro de 1895, p. 1.

SALES, Antônio. A galope! (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 24, 15 de setembro de 1895, p. 3.

CASTRO, Antônio de. Marinhas I (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 24, 15 de setembro de 1895, p. 3.

CARVALHO, José. O velho doutor (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 24, 15 de setembro de 1895, pp. 3-4.

LOBATO, Manoel. Sonho de amor (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 24, 15 de setembro de 1895, p. 4.

CATAVENTO, Frivolino. Descrente (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 24, 15 de setembro de 1895, pp. 4-5.

BATISTA, Sabino. Magnetismo (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 24, 15 de setembro de 1895, pp. 4-5.

ALEGRETE, Satyro. Imprensa literária. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 24, 15 de setembro de 1895, p. 5.

BARRETO, Lívio. Através do sonho (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 24, 15 de setembro de 1895, p. 5.

TEÓFILO, Rodolfo. Punição (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 24, 15 de setembro de 1895, p. 5.

ARQUIVO. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 24, 15 de setembro de 1895, p. 6.

BRUNETO, C. O canto do Sabiá (poema) **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 24, 15 de setembro de 1895, pp. 6-7.

FILHO, Lopes. Ante um quadro (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 24, 15 de setembro de 1895, p. 7.

CARTEIRA. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 24, 15 de setembro de 1895, p. 7.

Ano 2, n.º 25, 01 de outubro de 1895

Diretor: Antônio Sales /Gerente: Sabino Baptista

JUREMA, Moacyr. Os quinze dias (crônica) - **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 25, 01 de outubro de 1895, p. 1.

A REDAÇÃO. Juvenal Galeno (homenagem). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 25, 01 de outubro de 1895, p. 2.

GALENO, Juvenal. A Padaria Espiritual (poema de agradecimento). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 25, 01 de outubro de 1895, p. 2.

JACY, Bruno. A encruzilhada (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 25, 01 de outubro de 1895, p. 3.

CORREIO, Raimundo. Em voz baixa (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 25, 01 de outubro de 1895, p. 3.

TEÓFILO, Rodolfo. Cartas Literárias (crítica literária). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 25, 01 de outubro de 1895, p. 5.

ALMEIDA, Padre Corrêa de. A sogra (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 25, 01 de outubro de 1895, p. 5.

M.J. Cartas Literárias (crítica literária). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 25, 01 de outubro de 1895, p. 5.

BATISTA, Sabino. Problema (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 25, 01 de outubro de 1895, p. 5.

CATAVENTO, Frivolino. No sertão (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 25, 01 de outubro de 1895, p. 6.

CASTRO, Antônio de. Marinha (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 25, 01 de outubro de 1895, p. 6.

A.S. Imprensa literária. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 25, 01 de outubro de 1895, p. 6.

NAVARRA, Gil. Ausente. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 25, 01 de outubro de 1895, p. 6.

CARTEIRA. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 25, 01 de outubro de 1895, p. 7.

Ano 2, n.º 26, 15 de outubro de 1895

Diretor: Antônio Sales /Gerente: Sabino Baptista

TEÓFILO, Arthur. Lívio Barreto (artigo homenagem). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 26, 15 de outubro de 1895, pp. 1-2.

GALENO, J. A recepção (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 26, 15 de outubro de 1895, p. 2.

BEZERRA, Antônio. Lívio Barreto (artigo Homenagem). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 26, 15 de outubro de 1895, p. 2.

S.B. Saudades (poema homenagem). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 26, 15 de outubro de 1895, p. 2.

BARRETO, Lívio. Nubil (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 26, 15 de outubro de 1895, p. 3.

BARRETO, Lívio. Bella (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 26, 15 de outubro de 1895, p. 3.

BARRETO, Lívio. Silhueta Mystica (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 26, 15 de outubro de 1895, p. 3.

BEZERRA, Ulisses. A memória de Lívio Barreto (artigo homenagem). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 26, 15 de outubro de 1895, p. 3.

ALENCAR, Roberto de. A quem partiu (artigo homenagem). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 26, 15 de outubro de 1895, p. 3.

JUREMA, Moacyr. Os quinze dias (crônica). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 26, 15 de outubro de 1895, pp. 3-4.

BATISTA, Sabino. Vorrei Morire (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 26, 15 de outubro de 1895, p. 4.

TEÓFILO, Rodolfo. Cartas Literárias (crítica literária). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 26, 15 de outubro de 1895, p. 5.

CASTRO, Antônio. 12 de outubro (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 26, 15 de outubro de 1895, p. 5.

M.J. Bibliografia. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 26, 15 de outubro de 1895, p. 5.

LOBATO, Manoel. Os Chromos (Crítica literária). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 26, 15 de outubro de 1895, p. 6.

GALENO, Juvenal. Viola (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 26, 15 de outubro de 1895, p. 7.

S.B. Theatro (crítica teatral). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 26, 15 de outubro de 1895, p. 7.

Ano 2, n.º 27, 01 de novembro de 1895

Diretor: Antônio Sales /Gerente: Sabino Baptista

JUREMA, Moacyr. Os quinze dias (crônica). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 27, 01 de novembro de 1895, p. 1.

TEÓFILO, Arthur. A primeira energia (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 27, 01 de novembro de 1895, pp. 2-3.

BRUNETO, C. História vulgar (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 27, 01 de novembro de 1895, p. 3.

TEÓFILO, Rodolfo. Cartas literárias (crítica). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 27, 01 de novembro de 1895, pp. 3-4.

BARRETO, Lívio. Ideal (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 27, 01 de novembro de 1895, p. 4.

BIBLIOGRAFIA. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 27, 01 de novembro de 1895, p. 4.

FILHO, Lopes. Irmãs gêmeas (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 27, 01 de novembro de 1895, p. 4.

ALENCAR, Cabral de. Os sinos (contos). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 27, 01 de novembro de 1895, p. 5.

TEÓFILO, Rodolfo. Dia de finados (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 27, 01 de novembro de 1895, p. 5,

ALEGRETE, Satyro. Imprensa literária. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 27, 01 de novembro de 1895, p. 6.

SALES, Antônio. Hino da Padaria Espiritual. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 27, 01 de novembro de 1895, p. 6.

RECADOS. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 27, 01 de novembro de 1895, p. 6.

LIMA, Horácio. Eliza (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 27, 01 de novembro de 1895, p. 6.

ARQUIVO. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 27, 01 de novembro de 1895, p. 7.

CASTRO, Antônio de. Noite de inverno (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 27, 01 de novembro de 1895, p. 7.

CARTEIRA. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 27, 01 de novembro de 1895, p. 7.

Ano 2, n.º 28, 15 de novembro de 1895

Diretor: Antônio Sales /Gerente: Sabino Baptista

JUREMA, Moacyr. Os Quinze dias (crônica). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 28, 15 de novembro de 1895, pp. 1-2.

JACY, Bruno. Que teria dito o Fritz (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 28, 15 de novembro de 1895, p. 2.

SALES, Antônio. Na Matta (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 28, 15 de novembro de 1895, pp. 2-3.

CARVALHO, José. A festa da liberdade. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 28, 15 de novembro de 1895, pp. 3-4.

B.J. Bibliografia. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 28, 15 de novembro de 1895, p. 5.

BATISTA, Sabino. Introdução às bucólicas (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 28, 15 de novembro de 1895, p. 5.

BEZERRA, Antônio. Aventuras do Zé Guedes (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 28, 15 de novembro de 1895, p. 6.

SALES, Antônio. Album de Estudos IV (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 28, 15 de novembro de 1895, p. 6.

ARQUIVO. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 28, 15 de novembro de 1895, p. 6.

TEÓFILO, Rodolfo. Sombras (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 28, 15 de novembro de 1895, p. 7.

IMPRENSA Literária. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 28, 15 de novembro de 1895, p. 7.

CARTEIRA. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 28, 15 de novembro de 1895, p. 7.

Ano 2, n.º 29, 01 de dezembro de 1895

Diretor: Antônio Sales /Gerente: Sabino Baptista

SALES, Antônio. Os quinze dias (crônica). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 29, 01 de dezembro de 1895, p. 1.

REZENDO, Melo. A mão da mulher (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 29, 01 de dezembro de 1895, p. 2.

SALES, Antônio. Saudação a natureza (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 29, 01 de dezembro de 1895, pp. 2-3.

CARVALHO, José. Pelo Sertão (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 29, 01 de dezembro de 1895, pp. 3-4.

TEÓFILO, Rodolfo. Telesias (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 29, 01 de dezembro de 1895, p. 4.

BATISTA, Sabino. Plágios e plagiários (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 29, 01 de dezembro de 1895, pp. 4-5.

SABOIA, Eduardo. Lívio Barreto (homenagem póstuma). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 29, 01 de dezembro de 1895, p. 5.

FILHO, Lopes. Stephana Aliarne (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 29, 01 de dezembro de 1895, p. 5.

A.S. Álbum de Estudos IV (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 29, 01 de dezembro de 1895, p. 5.

BARRETO, Lívio. Phases (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 29, 01 de dezembro de 1895, p. 6.

BEZERRA, Antônio. Aventuras do Zé Guedes (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 29, 01 de dezembro de 1895, pp. 6-7.

CARTEIRA. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 29, 01 de dezembro de 1895, p. 7.

Ano 2, n.º 30, 15 de dezembro de 1895

Diretor: Antônio Sales /Gerente: Sabino Baptista

SALES, Antônio. Os quinze dias (crônica). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 30, 15 de dezembro de 1895, p. 1.

BATISTA, Sabino. Deusa exilada (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 30, 15 de dezembro de 1895, p. 2.

PAIVA, Oliveira. D. Guidinha do Poço (fragmento de livro). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 30, 15 de dezembro de 1895, pp. 2-3.

TEÓFILO, Rodolfo. O leproso (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 30, 15 de dezembro de 1895, p. 3.

SALES, Antônio. Carta aberta. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 30, 15 de dezembro de 1895, pp. 3-4.

LOBATO, Manoel. Manha (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 30, 15 de dezembro de 1895, p. 4.

UMA FAMÍLIA romântica (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 30, 15 de dezembro de 1895, pp. 4-5.

SALES, Antônio. Tristeza das Árvores (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 30, 15 de dezembro de 1895, p. 5.

TEÓFILO, Arthur. José de Alencar (artigo homenagem). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 30, 15 de dezembro de 1895, p. 6.

CASTRO, Antônio de. Recordações (Poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 30, 15 de dezembro de 1895, p. 6.

M.J. Bibliografia. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 30, 15 de dezembro de 1895, p. 6.

ALEGRETE, Satyro. Imprensa literária. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 30, 15 de dezembro de 1895, pp. 6-7.

BARRETO, Lívio. O sono do coração (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 30, 15 de dezembro de 1895, p. 7.

CARTEIRA. **O Pão**, Fortaleza, Ano 2, n.º 30, 15 de dezembro de 1895, p. 7.

Ano 3, n.º 31, 15 de agosto de 1896

Diretor: Antônio Sales /Gerente: Sabino Baptista

MENDONZA, Lopo de. Os quinze dias (crônica). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 31, 15 de agosto de 1896, pp. 1-2.

SALES, Antônio. 16 de julho (poema). Ano 3, n.º 31, 15 de agosto de 1896, p. 2.

SALES, Antônio. Jose Carlos Junior (homenagem póstuma). Ano 3, n.º 31, 15 de agosto de 1896, pp. 2-3.

TEÓFILO, Arthur. O caso do sargento (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 31, 15 de agosto de 1896, p. 4.

M.J. Bibliografia. **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 31, 15 de agosto de 1896, pp. 4-5.

ALENCAR, Roberto de. As Rosas (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 31, 15 de agosto de 1896, p. 5.

FILHO, Lopes. Cair das Folhas (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 31, 15 de agosto de 1896, p. 5.

M. Recados. **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 31, 15 de agosto de 1896, p. 5.

TEÓFILO, Rodolfo. O pombal (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 31, 15 de agosto de 1896, pp. 5-7.

BATISTA, Sabino. Só para nós (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 31, 15 de agosto de 1896, p. 7.

ALENCAR, José de. Harmonia do campo (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 31, 15 de agosto de 1896, p. 7.

VITOR, Carlos. Beijos (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 31, 15 de agosto de 1896, p. 8.

A. Ao redor da fogueira (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 31, 15 de agosto de 1896, p. 8.

ALEGRETE, Satyro. Imprensa Literária. **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 31, 15 de agosto de 1896, p. 8.

CARTEIRA. **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 31, 15 de agosto de 1896, p. 8.

Ano 3, n.º 32, 31 de agosto de 1896

Diretor: Antônio Sales /Gerente: José Carvalho/Secretário: Sabino Baptista

JUREMA, Moacyr. Os quinze dias (crônica). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 32, 31 de agosto de 1896, p. 1.

CASTRO, Antônio de. Rimas (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 32, 31 de agosto de 1896, p. 1.

SALES, Antônio. Edmond de Goncourt (artigo) – **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 32, 31 de agosto de 1896, pp. 2-3.

BATISTA, Sabino. Visão bem dita (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 32, 31 de agosto de 1896, p. 3.

BRAUMA, Cariry. Brios (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 32, 31 de agosto de 1896, p. 3.

HEITOR, José. Doente (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 32, 31 de agosto de 1896, p. 4.

ALENCAR, Roberto de. O presente (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 32, 31 de agosto de 1896, pp. 4-5.

TEÓFILO, Rodolfo. História de um rapto (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 32, 31 de agosto de 1896, pp. 5-6.

ALEGRETE, Satyro. Imprensa literária. **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 32, 31 de agosto de 1896, pp. 6-7.

SALES, Antônio. Em vilegiatura (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 32, 31 de agosto de 1896, p. 7.

S.B.; M. Bibliografia. **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 32, 31 de agosto de 1896, p. 8.

CARTEIRA. **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 32, 31 de agosto de 1896, p. 8.

Ano 3, n.º 33, 15 de setembro de 1896

Diretor: Antônio Sales /Gerente: José Carvalho/ Secretário: Sabino Baptista

BRAUMA, Cariry. Os quinze dias (crônica). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 33, 15 de setembro de 1896, pp. 1-2.

FILHO, Lopes. Boas noite! (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 33, 15 de setembro de 1896, p. 2.

JUREMA, Moacyr. Carta de um carioca (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 33, 15 de setembro de 1896, pp. 2-3.

BATISTA, Sabino. Na despedida (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 33, 15 de setembro de 1896, p. 3.

TEÓFILO, Rodolfo. A farinhada (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 33, 15 de setembro de 1896, pp. 3-5.

M.J. Bibliografia. **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 33, 15 de setembro de 1896, p. 5.

PAIVA, Lafayette. Coração feminino (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 33, 15 de setembro de 1896, p. 5.

A. Planta da ressurreição (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 33, 15 de setembro de 1896, pp. 5-6.

ALEGRETE, Satyro. Imprensa literária. **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 33, 15 de setembro de 1896, p. 6.

SALES, Antônio. O palácio da lua (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 33, 15 de setembro de 1896, p. 6.

CASTRO, Antônio de. Marinha (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 33, 15 de setembro de 1896, p. 6.

CARVALHO, José. Tua Boca (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 33, 15 de setembro de 1896, p. 7.

BEZERRA, Antônio. Scenas da minha terra (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 33, 15 de setembro de 1896, p. 8.

CANCIONEIRO Popular (quadras). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 33, 15 de setembro de 1896, p. 8.

CARTEIRA. **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 33, 15 de setembro de 1896, p. 8.

Ano 3, n.º 34, 30 de setembro de 1896

Diretor: Antônio Sales /Gerente: José Carvalho/Secretário: Sabino Baptista

A. S. Os quinze dias (crônica). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 34, 30 de setembro de 1896, p. 1.

JORGE, Henrique. Ao mestre (homenagem). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 34, 30 de setembro de 1896, p. 1.

BATISTA, Sabino. Identidade (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 34, 30 de setembro de 1896, p. 2.

SALES, Antônio. Carta de um carioca (continuação) (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 34, 30 de setembro de 1896, pp. 2-3.

BRAUNA, C. Sonho (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 34, 30 de setembro de 1896, p. 3.

CARVALHO, José. Fraqueza do próximo (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 34, 30 de setembro de 1896, pp. 3-4.

VITOR, Carlos. Tua Boca (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 34, 30 de setembro de 1896, p. 5.

SALES, Antônio. Meio Dia (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 34, 30 de setembro de 1896, p. 5.

ALEGRETE, Satyro. Imprensa Literária. **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 34, 30 de setembro de 1896, p. 5.

M.J. Bibliografia. **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 34, 30 de setembro de 1896, p. 6.

NOGUEIRA Ana. No Templo (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 34, 30 de setembro de 1896, p. 6.

TEÓFILO, Rodolfo. Luta pela vida (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 34, 30 de setembro de 1896, pp. 6-7.

CANCIONEIRO Popular (quadras). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 34, 30 de setembro de 1896, p. 7.

ALENCAR, Roberto. O casaco de rendas (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 34, 30 de setembro de 1896, p. 8.

BEZERRA, Antônio. Carteira (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 34, 30 de setembro de 1896, p. 8.

Ano 3, n.º 35, 15 de Outubro de 1896

Diretor: Antônio Sales /Gerente: José Carvalho /Secretário: Sabino Baptista

BRAÚNA, Cariry. Os quinze dias (crônica). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 35, 15 de Outubro de 1896, pp. 1-2.

JUREMA, Moacyr. Carta de um carioca (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 35, 15 de Outubro de 1896, pp. 2-3.

HEITOR, José. Imaculada (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 35, 15 de Outubro de 1896, p. 3.

CARVALHO, José. Celina (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 35, 15 de Outubro de 1896, pp. 3-4.

VITOR, Carlos. De blanco (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 35, 15 de Outubro de 1896, p. 4.

A. S. Um dia em M... (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 35, 15 de Outubro de 1896, pp. 4-5.

SALES, Antônio. Alma e a pena (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 35, 15 de Outubro de 1896, p. 5.

TEÓFILO, Rodolfo. O Boi estrela (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 35, 15 de Outubro de 1896, pp. 5-7.

CASTRO, Antônio de. Paisagem (artigo). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 35, 15 de Outubro de 1896, p. 7.

SILVA, Lafayete. Duvida (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 35, 15 de Outubro de 1896, p. 8.

M. Bibliografia. **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 35, 15 de Outubro de 1896, p. 8.

IMPRENSA literária. **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 35, 15 de Outubro de 1896, p. 8.

CARTEIRA. **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 35, 15 de Outubro de 1896, p. 8.

Ano 3, n.º 36, 31 de outubro de 1896

Diretor: Antônio Sales/Gerente: José Carvalho /Secretário: Sabino Baptista

BANDOLIM, Alcino. Os quinze dias (crônica). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 36, 31 de outubro de 1896, p. 1.

J. C. M.*** (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 36, 31 de outubro de 1896, p. 1.

M. Esbocetos (Artigo divulgação literária). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 36, 31 de outubro de 1896, pp. 2-3.

ALENCAR, Cabral de. O retrato (conto). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 36, 31 de outubro de 1896, pp. 3-4.

SALES, Antônio. A lua (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 36, 31 de outubro de 1896, p. 5.

M.J Bibliografia. **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 36, 31 de outubro de 1896, pp. 7-8.

BATISTA, Anna Nogueira. Vita Nuova (poema). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 36, 31 de outubro de 1896, p. 8.

ARQUIVO. **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 36, 31 de outubro de 1896, p. 8.

CANCIONEIRO popular (quadra). **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 36, 31 de outubro de 1896, p. 8.

CARTEIRA. **O Pão**, Fortaleza, Ano 3, n.º 36, 31 de outubro de 1896, p. 8.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Casimiro de. **Grandes poetas românticos do Brasil**. v. 1. São Paulo: LEp, 1959.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALMEIDA, Luciana Andrade de. **Francisca Clotilde e a palavra em ação** (1884-1921). 2008. 262 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza, 2008.

ALVES, Claudia. Positivismo no século XIX. **Revista ENFINL**. Encontros com a Filosofia. ano 1, n. 2, set. 2013.

ANDRADE, Oswald de. **Pau Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Globo, 2003.

AQUINO, Cássio Adriano Braz; MARTINS, José Clerton de Oliveira. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 7, n. 2, 2007, pp. 479-500.

ARIÈS, Philippe. **A História social da criança e da família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

ASSUNÇÃO, Vania Noeli Ferreira. A teoria das abstrações de Marx: o método científico exato para o estudo do ser social. **Verinoto**, Revista on-line de filosofia e ciências humanas, n. 18, Ano IX, out./2014. Disponível em: <http://www.verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/183/173>, Acesso em: 05 mai. 2019.

AUGE, Marc. **Não Lugares**. São Paulo: Papirus, 2017.

AVELAR, Alexandre de Sá; BENTIVOGLIO, Julio. **Afirmção da história como ciência no século XX**: De Arlette Farge a Robert Mandrou. São Paulo: Ed. Vozes, 2016.

AVELINO, Yvone Dias. História e literatura: cidades, memórias e esquecimentos na América Latina. In: FLORIO, Marcelo; BARREIRO FILHO, Roberto Coelho; AVELINO, Yvone Dias (orgs). **Olhares cruzados**: cidade, história, arte e mídia. Curitiba: Editora CRV, 2011.

AZEVEDO, Rafael Sânzio de. O Ceará e os grêmios literários. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 5, n. 2, pp. 123-126, jul./dez. 1982.

_____. **A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1982.

_____. **Adolfo Caminha**: vida e obra. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2017.

_____. **Atas da Padaria Espiritual**. Transcrição e atualização ortográfica por Sânzio de Azevedo/Sânzio de Azevedo. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e Renascimento**: o contexto de Rabelais. São Paulo: UCITEC, 1993.

_____. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Ed. 34, 2015.

BARBALHO, Alexandre Almeida. Corpos e mentes dilacerados: o grotesco nas imagens da seca de 1877. **Trajeto**. Revista de História, UFC, Fortaleza, v. 3, n. 6, pp. 139-150, 2005.

BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. **Famintos do Ceará**: imprensa e fotografia entre o final do século XIX e o início do século XX. 309 f. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

BARROS, Jose D'Assunção. **Interdisciplinaridade na História e em outros campos do saber**. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

BARROSO, Daniel; LAURINDO JUNIOR, Luiz Carlos. À margem da segunda escravidão? A dinâmica da escravidão no vale amazônico nos quadros da economia-mundo capitalista. **Revista Tempo**, vol. 23, n. 3, Niterói, set.-dez. 2017.

BARTHOLO, Márcia Fernandes. O lazer numa perspectiva lúdica e criativa. **Cinergis**, Santa Cruz do Sul. V. 2, n. 1, pp. 89-99, jan/jun, 2001.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. **Adolfo Caminha: um polígrafo na literatura brasileira do século XIX (1885-1897)**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

BOIA, Wilson. **Antônio Sales e sua época**. Fortaleza: BNB, 1984. Disponível em: http://www.academiacearensedelettras.org.br/revista/Colecao_Antonio_Sales/Antonio_Sales_e_Sua_Epoca/ACL_Antonio_Sales_Sua_Epoca_64_O_solitario_do_alto_da_bonanca.pdf Acesso em 10 jan. 2021.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. Economia e Humanismo. **Estudos avançados**. Vol. 26. No. 75 São Paulo, 2012. Disponível: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142012000200017. Acesso em 07 mar. 2021.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRITO, Daniel Chaves de; RIBEIRO, Tânia Guimarães. A modernização na era das incertezas: crise e desafios da teoria social. **Ambiente & Sociedade**, vol. 5, n. 2, 2003, pp.147-164.

BRITO, Ferreira. Joaquim de Araújo e a expansão europeia da cultura Portuguesa. **Instituto de Estudos Franceses da Universidade do Porto**. 2000. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13183.pdf> Acesso em 02 mar. 2021.

BRITO, Luciana. **O Pão (1892-1896): veículo de divulgação literária e instrumento de intervenção na realidade social cearense**. 248p. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista. 2008.

BRUHNS, Heloísa Turini. **Introdução aos estudos do lazer**. Campinas: Editora Unicamp, 1997.

BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CABEZA, Manuel Cuenca. O ócio autotélico. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, Sesc, maio de 2016. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/files/artigo/f0424b9b-7e21-4e59-a24f-9dd945f7c200.pdf> . Acesso em 10 mar. 2021.

CAMINHA, Adolfo. **A Normalista**. Fortaleza: Biblioteca do Diário com os Clássicos da Literatura, 1997.

_____. **Cartas Literárias**. Rio de Janeiro: Aldina, 1895.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 8ª ed. São Paulo: Publifolha, 2000.

_____. **O direito à literatura.** In: _____. Vários Escritos. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil.** São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CARDOSO, Gleudson Passos. **Padaria Espiritual:** Biscoito fino e travoso. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto no Ceará, 2002.

_____. **República das letras:** Literatura, imprensa e política (1873-1904). Dissertação (Mestrado) Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.

_____.; PONTE, Rogerio Sebastião. **Padaria Espiritual:** Vários olhares. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012. p. 20.

CARMO, Gonçalo Cassins Moreira do. Introdução aos Estudos do Lazer Heloisa Turini Bruhns (org.). **Conexões**, Campinas, SP, v. 1, n. 2, 2007.

CARVALHO JÚNIOR, Almir Diniz de. **Índios cristãos:** a conversão dos gentios na Amazônia portuguesa (1653 – 1769). Tese de doutorado, Universidade de Campinas, Campinas, 2005.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. **A história contada:** Capítulos da história social da literatura. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural:** Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHASIN, José. **Marx.** Estatuto Ontológico e Resolução Metodológica. São Paulo: Boitempo, 2009. pp. 25-26.

CHAUÍ, Marilena. **Contra a Servidão Voluntária.** Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

CHOAY, F. *apud* SILVA, Renata Vicentin; BUENO, Adriano Rafael Escher; MADUREIRA, Eduardo Miguel Prata Madureira. O surgimento do urbanismo: planejamento urbano. **Anais do 4º Encontro Científico Cultural**, FAO, 2016, p. 5.

CORTELLA, Mario Sergio. **Qual é a sua obra.** Inquietações Propositivas sobre Gestão, Liderança e Ética. Rio de Janeiro: Vozes Nobiliz, 2017.

COSTA FILHO, Cícero João da. **A Padaria Espiritual:** cultura e política em Fortaleza no final do século XIX. São Paulo: Editora LCTE, 2016.

COSTA, Andrea Leite da. Carta sobre a Felicidade: uma proposta de reflexão a partir do epicurismo. **Prisma.** Revista de Filosofia, v. 2 n. 2, 2020.

COSTA, Jean Henrique; CÂMARA, Hionne Mara da Silva. A impossibilidade estrutural do 'ócio criativo' sob a acumulação flexível do capital: estudo crítico da obra de Domenico Demasi. **Rbel**. Minas Gerais, v. 4 n. 3, set./dez. 2017.

COSTA, João Paulo Peixoto. O governo Sampaio e os índios no Ceará: políticas de controle e civilização (1812 – 1820). **Anais do II Simpósio de história** / I Semana de história da UESPI (campus Clóvis Moura): história, memória e cultura popular, Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2010.

CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata**. São Paulo/Brasília: Editora UNESP/FLACSO, 2000.

DARNTON, Robert. **Boemia Literária e Revolução, o submundo das letras no antigo regime**. São Paulo: Companhia das Letras: 1987.

_____. História da leitura. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DIAS, Cleber. História e Historiografia do Lazer. **Record**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, pp. 1-26, jan./jun. 2018.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 22ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994a.

_____. **O Processo Civilizador**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994b.

ENGELS, Friedrich. **Anti-Dühring: A revolução científica segundo o senhor Eugen Dühring**. São Paulo: Boitempo, 2015.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade: a Meneceu**. 3ª Ed. São Paulo: UNESP, 2002.

FARIAS, Airton de. **História do Ceará**. 7ª ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2018.

FIUZA, Regina Claudia Pamplona. **O pão...: da Padaria Espiritual**. Fortaleza: Cearense de Letras, 1992.

FRANCILEUDO, Francisco Antônio. **Desvelando o valor do tempo para si: um estudo hermenêutico sobre o sentido ontológico do ócio**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade de Fortaleza, 2009.

FRASE, Perter. The politics of getting a life. **Jacobin**, 19 de abril de 2012. Disponível em: <https://www.jacobinmag.com/2012/04/the-politics-of-getting-a-life/>. Acesso em 01 dez. 2020.

GALENO, Alberto. **A praça e o povo: Homens e acontecimentos que fizeram a praça do Ferreira**. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.

GOMES LIMA, Rafaela. Os tipos em Fortaleza: uma pequena história da impressão cearense no século XIX. **Oficina Do Historiador**, Porto Alegre, EDIPUCRS, Suplemento especial, 27 a 29.05.2014, pp.1620-1633.

Grandes Personagens da nossa História. Vol. IV. **Abril Cultural**, 1970, São Paulo.

HAROUËL, Jean-Louis. **História do urbanismo**. 3ª ed. Campinas: Papirus, 1990.

HOHLFELDT, Antônio. **Deus escreve direito por linhas tortas**: O romance folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

HOLANDA FILHO, Pedro. **O Barão da Caridade**: a morte de Guilherme Studart e a invenção de uma vida exemplar (1856-1938). 2018. 123f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2018.

HUZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2000.

JAMESON, Fredric. O romance histórico ainda é possível? **Novos estudos CEBRAP**, n. 77, São Paulo, mar. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002007000100009&script=sci_arttext&tlng=pt Acesso em: 20 mai. 2020.

KOVACH, Bil; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos dos jornais**: O que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

KRAUSE, Ana Helena. "O gosto pelas coisas intelectuais tedescas". O pensamento alemão na História da Literatura Brasileira de Sílvio Romero. **Contingentia**, v. 3, n. 2, 2008.

LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. São Paulo: Ed. Hucitec; Ed. Unesp, 2000.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2019.

LEFEBVRE, Henri. **Metafilosofia**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1965.

LEITE, Glacyra Lazzari. **A Confederação do Equador**. São Paulo: Ática, 2006.

LEMENHE, Maria Auxiliadora de Abreu Lima. A economia pastoril e as vilas coloniais no Ceará. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v.12/13, n.1/2, 1981/1982, pp. 75-106.

LESSA, S. A atualidade de Marx: a possibilidade da revolução. In: PINHEIRO, M.; FERREIRA, M.; MORENO, R. (Org.) **Marx**: intérprete da contemporaneidade. Salvador: Quarteto Editora/UNEB, 2009.

LIMA, Ana Paula dos Santos. História é ciência? Algumas considerações sobre teoria e metodologia. **Anais do XX Ciclo de estudos históricos**, 2009, Ilhéus. Disponível em:

http://www.uesc.br/eventos/cicloshistoricos/anais/ana_paula_dos_santos_lima.pdf

LIMA, Rafaela Gomes. Os tipos em Fortaleza: uma pequena história da impressão cearense no século XIX. **Oficina do Historiador**. 2014: Suplemento Especial - I Encontro de Pesquisas Históricas - PUCRS (EPHIS). Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/view/18968> Acesso em 08 jan. 2019.

LINHARES, Paulo. **Cidade de Água e Sal**: por uma antropologia do Litoral Nordeste sem cana e sem açúcar. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1992.

LUSTOZA, Rosane Zétola. O discurso capitalista de Marx a Lacan: algumas consequências para o laço social. **Ágora**. Rio de Janeiro, 2009, vol. 12, n. 1, pp. 41-52.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARQUES, Rodrigo de Albuquerque. **A nação vai à província**: do Romantismo ao Modernismo no Ceará. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2018.

MARQUES, Rodrigo. **Literatura Cearense uma outra história**. Fortaleza: Editora Dummar, 2018.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004

MENESES, Raimundo. **A vida boêmia de Paula Nei**. São Paulo: Editora Martins, 1944.

MENEZES, Djacir. Debate sobre o abolicionismo cearense. **Revista do Instituto do Ceará**, 1967. Disponível em: <http://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1967/1967-DebatesobreAbolicionismoCearense.pdf> Acesso em 23 out. 2020.

MENEZES, José Lúcio da Silva. **Pouca saúde e muita saúva, os males do Brasil são!** O povo em Macunaíma, o herói sem nenhum caráter, de Mário de Andrade. Tese (Doutorado em História), Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. 178 f.

MIRANDA, Ana. **O Pão da Padaria Espiritual**. Ed. Fac-similar. Fortaleza: Armazém Da Cultura, 2015.

MOTA, Leonardo. **A Padaria Espiritual**. Fortaleza: Edésio, 1938.

MUNGUÍA, S. S.; CUENCA, M. C. **El ocio en la Grécia clásica**. Bilbao: Universidad de Deusto, 2007.

NAVA, Pedro. **Baú de ossos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

NEGRINE, Airton. O lúdico no contexto da vida humana: da primeira infância a terceira idade. In: SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Brinquedoteca: a criança ao adulto e o lúdico**. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

NEVES, Frederico de Castro. Seca, Estado e Controle Social: as políticas públicas de combate às secas no Ceará. In: BRAGA, E. F. (org.) **América Latina: Transformações Econômicas e Políticas**. Fortaleza: Edições UFC, 2003.

_____. A miséria na literatura: José do Patrocínio e a seca de 1878 no Ceará. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 22, pp. 80-97, 2007.

_____. **A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

_____. Estranhos na belle époque: a multidão como sujeito político (Fortaleza, 1877-1915). **Trajetos**. Revista de História UFC, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 113-138, 2005.

OLIVEIRA, João Batista Perdigão de. A imprensa no Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**. T.2, 1907.

PAYEN, Pascal. A constituição da história como ciência no século XIX e seus modelos antigos: fim de uma ilusão ou futuro de uma herança? **Revista História da Historiografia**, Ouro Preto, nº 6, março, 201, pp. 103-122;

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Este mundo verdadeiro das coisas de mentira: entre a arte e a história. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n. 30, 2002, pp. 56-75.

_____. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano**. Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

PESSOA, Fernando. **Páginas de Estética e de Teoria Literárias**. Lisboa: Ática, 1966.

PINHEIRO, Charles Ribeiro. **Rodolfo Teófilo polemista: a crítica polêmica como estratégia de glorificação literária**. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Letras, Fortaleza, 2019, 333f.

PINHEIRO, Marlene M. Soares. **A travessia do avesso: sob o signo do carnaval**. São Paulo: Annablume, 1996.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)**. 4ª ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010.

QUIJANO, Aníbal. «coloniality and modernity/rationality». **Cultural Studies**, vol. 21, Issue 2-3: Globalization and the De-Colonial Option, pp. 168-178, 2007. Acesso em 30 de novembro de 2020.

RAGO, Luzia M.; MOREIRA, Eduardo F.P. **O que é taylorismo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

ROSENBAUM, Paulo. **Padaria Espiritual**. Ebook, 2015.

RUSSELL, Bernard. Elogio ao ócio. In: DE MASI, Domenico. **A economia do ócio**: Bertrand Russell & Paul Lafargue. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

_____. **O elogio ao ócio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

SÁ, Paulo Cesar Freire. **“Um Copo D'Água e Um Palito...”**. Práticas Urbanas e Sociabilidades nos Quiosques e Cafés de Fortaleza (1886-1920). Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

SÁ, T. Lugares e não lugares em Marc Augé. **Tempo Social**, 26(2), pp. 209-229, 2014.

SALES, Antonio. **Retrospecto dos feitos da Padaria Espiritual**. Fortaleza: Tip. d'A República, 1894.

SANTIAGO, Pádua. Pirambu: espaço estratégico de inserção no 'modelo hegemônico de bem-estar e estar bem no mundo. In: GADELHA, Francisco Agileu de Lima; DAMASCENO, Francisco José Gomes; SILVA, Marco Aurélio Ferreira da (Org.). **Outras Histórias**: Fortaleza, cidade(s), sujeitos(s). Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2004.

SARAIVA, Luiz Fernando; ALMICO, Rita. Raízes escravas da modernização capitalista no Brasil. **Congresso Brasileiro de História Econômica e Conferência Internacional de História de Empresas**, 08/13. Anais. Niterói, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____.; STARLING, Heloisa M. **Brasil: Uma Biografia**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

SERRA, Tania. **Antologia do romance-folhetim**: 1839 a 1870. Brasília: Ed. Da Universidade de Brasília, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. (org.) **História da Vida Privada no Brasil**. República: da Belle Époque a era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural da Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SHAFFER, Mary Ann; BARROWS, Annie. **A sociedade literária e a torta de casca de batatas**. São Paulo: Rocco, 2009.

SILVA NETO, Francisco Secundo da. **A Gênese da "Cultura Moleque Cearense"**: análise sociológica da interpretação e produção culturais. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza, 2015. 164f.

_____. **O Ceará moleque dá um show:** da história de uma interpretação sobre o que faz ser cearense ao espetáculo de humor Madame Mastrogilda. 2009. 116p. Tese (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal do Ceará.

SILVA, Antônio Gonçalves da. **Cante lá que eu canto cá:** filosofia de um trovador nordestino. 15ª ed. São Paulo. Ed. Vozes, 2008.

SILVA, Daniel Linhares Araujo da. **O sistema de Epicuro:** dos elementos primordiais ao cultivo de si para a vida feliz. 113 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SILVA, Leandro Maciel. **Tristão de Alencar Araripe e a História da província do Ceará:** contribuição à história nacional. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2013.

SILVA, Marcos Aurélio Ferreira da; MARC, Jay Hoffnagel. **Corrige os costumes rindo:** humor, vergonha e decore na sociabilidade mundana de Fortaleza (1850-1890). Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

SIPRIANO, Benedita. O jornalismo cearense nas décadas de 1920 e 1930: as relações entre “informativo” e “opinativo”. **Revista de História Bilros.** História(s), Sociedade(s) e Cultura(s), Fortaleza, v. 4, n. 7, pp. 138-154, jul.- dez. 2016.

SOUSA, Alexandre Vidal de; SILVA, Fernanda Maria Diniz da. **Lendas e canções populares, de Juvenal Galeno: a expressão poética do povo brasileiro.** In: SILVA, Fernanda Maria Diniz da; SOUSA, Alexandre Vidal de; SILVA, Fernângela Diniz da; LIMA, Francisco Wellington Rodrigues (orgs.). *Percursos da literatura no Ceará.* Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.

SOUZA JUNIOR, José Alves de. **Tramas do cotidiano:** religião, política, guerra e negócios no Grão-Pará do setecentos. Um estudo sobre a Companhia de Jesus e a política pombalina. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 427 f., 2009.

SOUZA, José Crisóstomo de. O mesmo e o outro: Feuerbach, ética e alteridade. **Colóquio Ética e Alteridade,** Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), 10, 11 e 12 de maio de 2010. Disponível em: <http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/etica-alteridade/artigos/Cris%C3%B3stomo.pdf> Acesso em 03 jan. 2021.

SOUZA, Rose Mara Vidal de; MELO, José Marques de; MORAIS, Osvando J. de. **Teorias da comunicação:** correntes de pensamento e metodologia de ensino. São Paulo: Intercom, 2014.

SOUZA, Simone de. **Uma Nova História o Ceará,** 4ª ed. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2007.

TEIXEIRA, Francisco Alexandre Silva. **A cidade, o lazer e a criança:** O programa Curumim no SESC/Santana (2005 a 2014). Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015.

TEÓFILO, Rodolfo. **A Fome**. Fortaleza: Gualter, 1979.

TEÓFILO, Rodolfo. **A Fome**. São Paulo: Tordezilhas, 2011.

THEOPHILO, Rodolpho. **Scenas & Typos**. Fortaleza: Ed. Agssis Bezerra, 1919.

TOTA, Antônio Pedro. **O imperialismo sedutor**. A americanização do Brasil na época da segunda guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TURINO, Celio. **Na trilha de Macunaíma: ócio e trabalho na cidade**. São Paulo: Senac-SP: Sesc-SP, 2005.

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.

VASCONCELOS, Regina Ilka Vieira. **Narradores do sertão: história e cultura nas histórias de assombração de sertanejos cearenses**. 311 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

VAZQUEZ, Adolfo Sanches. **Filosofia da Práxis**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VELLOSO, Monica Pimenta. **Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

VOLVELLE, Michel. **Ideologias e Mentalidades**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

WALL, Cornelis. **Sobre Pragmatismo**. São Paulo: Ed. Loyola, 2007.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ACESSO ELETRÔNICO

A Luz: periódico literário e noticioso da cidade de Granja, Ceará, 24 de janeiro de 1892. **Fundação Biblioteca Nacional**. Disponível em: http://catcrd.bn.br/scripts/odwp032k.dll?t=nav&pr=mic_pr&db=mic&use=estado&rn=168&disp=card&sort=off&ss=22422328&arg=ceara. Acesso em: 20 de março de 2021

A Verdade: orgam hebdomadario catholico. **Fundação Biblioteca Nacional**. Disponível em: http://catcrd.bn.br/scripts/odwp032k.dll?t=nav&pr=mic_pr&db=mic&use=estado&rn=169&disp=card&sort=off&ss=22422328&arg=ceara. Acesso em: 20 mar. 2021.

Antonio Rayol. **Dicionário MPB**. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/antonio-raiol/biografia> Acesso em: 03 mar. 2021.

AZEVEDO, Sânzio de. O advento do Modernismo na poesia cearense. **Academia Cearense de Letras**. Disponível em: http://www.academiacearensedeletas.org.br/revista/Colecao_Diversos/Modernismo

80 anos/ACL Modernismo 80 Anos 14 O Advento do Modernismo na Poesia Cearense SANZIO DE AZEVEDO.pdf. Acesso em: 15 jan. 2020.

BIOGRAFIA. **Academia Brasileira de Letras.** Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/clovis-bevilaqua/biografia> Acesso em: 10 jan. 2020.

BUFÃO. **Dicionário de termos literários.** Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/bufao/> Acesso em: 15 de out. de 2019.

CORDEIRO, Jaqueline Aragão. Antônio Sales. **Coisa de Cearense.** Disponível em: <http://coisadecearense.com.br/antonio-sales/> Acesso em: 10 fev. 2019.

DARCORSO, Stetina. **As máscaras de Menotti del’Picchia:** Arlequim, o desejo – Colombina, a mulher – Pierrot, - o sonho. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372008000100018. Acesso em: 10 mar. 2021.

DICIONÁRIO de personagens de ficção portuguesa. **Universidade de Coimbra.** Disponível em: <http://dp.uc.pt/conteudos/corpus-de-ficcionistas-a-a-z/item/29-botelho-abel> Acesso em: 02 mar. 2021.

INSTITUTO DO CEARÁ. https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/2009/08_Art_RodolfoTheophilo.pdf. Acesso em: 12 jan. 2021.

IPHAN. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Parecer DPI cajuina.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Parecer_DPI_cajuina.pdf). Acessado em 12 de janeiro de 2021.

PEREIRA, Gilberto G. Vida e obra de James Baldwin. **Portal Geledés.** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/james-baldwin/> Acesso em: 15 de maio de 2020.

PORTAL DA HISTÓRIA DO CEARÁ. Fatos Históricos. 2008. Disponível em: http://www.ceara.pro.br/fatos/MenuHistoriaVerbete.php?pageNum_leituraslecao=185&totalRows_leituraslecao=31932 Acesso em: 15 de out. de 2018.

PORTAL DA HISTÓRIA DO CEARÁ. Fatos Históricos relevantes para o Ceará. 2008. Disponível em: http://www.ceara.pro.br/Pesquisas/ListaFATOSHISTORICOS.php?pageNum_listafatos=58&totalRows_listafatos=30565 Acesso em: 20 de out. de 2018.

ULISSES Bezerra. **Literatura Brasileira.** Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=12165>. Acesso em: 01 fev. 2021.

VENENOS. **Academia Cearense de Letras.** Disponível em: http://www.academiacearensedeletas.org.br/revista/Colecao_Antonio_Sales/Antonio_Sales_e_Sua_Epoca/ACL_Antonio_Sales_Sua_Epoca_071_Venenos.pdf

Voyeurs e Caminhantes: reflexões acerca das apropriações do espaço urbano e do cotidiano na metrópole moderna. Anais do encontro nacional de recreação e lazer. **Sesc.** Serviço social do comércio. Disponível em: https://www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/712857d8-ff17-4f6d-ab48-f96d24187dea/07D_Voyeurs+e+Caminhantes.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=712857d8-ff17-4f6d-ab48-f96d24187dea. Acesso em: 12 mar. 2021.